

A Gramática do Léxico

Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

Alexandra Soares Rodrigues

Linguistics Edition

104

A Gramática do Léxico

Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

Alexandra Soares Rodrigues

full text research
abstracts of all titles
monthly updates

LINCOM webshop
www.lincom-europa.com

2015
LINCOM GmbH

| | |
|------------------------|----------|
| Preâmbulo | 5 |
|------------------------|----------|

| | |
|---|----------|
| Capítulo 0. Introdução..... | 7 |
| 0.1 Considerações prévias | 7 |
| 0.2 O léxico: contingências para o seu entendimento | 8 |
| 0.3 Organização do livro | 12 |

| | |
|--|-----------|
| Parte I: Em volta do léxico: teorizações..... | 15 |
|--|-----------|

| | |
|---|-----------|
| Capítulo 1. Problemática das conceptualizações acerca do léxico e da gramática | 17 |
|---|-----------|

| | |
|---|----|
| 1.1 O léxico e a gramática mentais | 23 |
| 1.2 O léxico mental: o léxico ou os léxicos?..... | 32 |
| 1.2.1 Os constituintes do léxico e suas características | 36 |

| | |
|---|-----------|
| Capítulo 2. Léxico vs. gramática ou a gramática do léxico? | 41 |
|---|-----------|

| | |
|--|----|
| 2.1 O léxico e a gramática na gramática generativa <i>standard</i> (léxico vs. gramática) | 43 |
| 2.1.1 A inércia do léxico vs. a produtividade da gramática..... | 44 |
| 2.2 A gramática do léxico: o léxico como uma dimensão produtiva da linguagem..... | 46 |
| 2.2.1 O léxico gerativo (Pustejovsky 1995) | 46 |
| 2.2.2 O léxico na morfologia lexicalista (o léxico na gramática)..... | 50 |
| 2.2.2.1 O léxico como uma rede de relações (Booij 2010a; 2010b) | 50 |
| 2.2.3 O léxico como interface (Jackendoff 2002) | 53 |
| 2.2.3.1 A interface com a fonologia | 56 |
| 2.2.3.2 A interface com a semântica | 57 |
| 2.2.3.2.1 Relações entre a unidade lexical e a estrutura conceptual: competência dicionarística vs. competência enciclopédica..... | 57 |
| 2.2.3.3 A interface com a sintaxe | 59 |
| 2.3 O léxico nos estudos do processamento da linguagem | 59 |
| 2.3.1 A organização do léxico nas teorias do processamento | 61 |
| 2.3.2 Armazenamento lexical..... | 63 |
| 2.3.3 Acesso lexical..... | 65 |
| 2.3.4 Desenvolvimento da linguagem | 67 |

| | |
|--|-----------|
| Capítulo 3. O lugar da morfologia derivacional nas estruturas da linguagem de acordo com diferentes concepções de linguagem | 71 |
|--|-----------|

| | |
|--|-----|
| 3.1 A formação de palavras como uma dimensão dinâmica da linguagem..... | 72 |
| 3.1.1 Integrada na sintaxe (da gramática generativa transformacional à morfologia distribuída) | 72 |
| 3.1.2 Os fundamentos da morfologia lexicalista: o lexicalismo..... | 76 |
| 3.1.3 Modelos <i>word-based</i> e <i>morpheme-based morphology</i> | 82 |
| 3.1.4 Como um domínio de intervenção das diferentes estruturas da linguagem | 90 |
| 3.1.4.1 Perspetivas orientadas para os processos (Regras de Formação de Palavras).... | 92 |
| 3.1.4.1.1 Modelo estratificado e associativo (Corbin 1987; 1991) | 92 |
| 3.1.4.1.2 O modelo polidimensional e interativo (Rio-Torto 1993; 1998)..... | 95 |
| 3.1.4.2 Perspetivas orientadas para os produtos (Plag 1999; 2004) | 97 |
| 3.1.4.3 O modelo de Regras de Formação de Palavras em Interface (Rodrigues 2008) . | 99 |
| 3.1.4.4 O modelo da Morfologia Construcional (Booij 2010a; 2010b) | 107 |

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

Parte II: A gramática do léxico..... 115

Capítulo 4. A gramática do léxico como organização dinâmica interna do léxico 117

| | |
|---|-----|
| 4.1 Produtividade e criatividade..... | 117 |
| 4.2 Organização em paradigmas mentais..... | 122 |
| 4.2.1 Flexão..... | 124 |
| 4.2.1.1 Flexão vs. derivação..... | 128 |
| 4.2.2 Alomorfia..... | 133 |
| 4.2.3 Gramaticalizações..... | 135 |
| 4.2.4 Formação de palavras: organização em paradigmas..... | 137 |
| 4.2.4.1 Processos formais concatenativos e não concatenativos..... | 138 |
| 4.2.4.2 Organização em paradigmas semântico-categoriais (Regras de Formação de Palavras)..... | 142 |
| 4.2.4.3 Restrições de seleção: constrangimentos e compatibilidades entre afixos e bases na formação de palavras por afixação e entre bases e processos na formação por conversão..... | 143 |

Capítulo 5. A gramática do léxico como dimensão de interação do léxico na atualização co-textual: o exemplo dos nomes deverbiais..... 145

| | |
|---|-----|
| 5.1 Variações decorrentes da polissemia: As nominalizações e as leituras de evento, resultado e produto. Fenômenos de co-textualização. A estrutura argumental..... | 145 |
| 5.2 Variações decorrentes da estrutura eventiva do verbal: co-textualização com verbos leves..... | 149 |

Capítulo 6. Constrangimentos e compatibilidades entre afixos e bases na formação de palavras..... 159

| | |
|---|-----|
| 6.1. Dados empíricos sobre o léxico dinâmico e os constrangimentos na formação de palavras..... | 160 |
| 6.1.1 Explicações para os dados empíricos..... | 161 |
| 6.1.1.1 Explicações processuais que não restringem a seleção afixal..... | 162 |
| 6.1.1.1.1 A hipótese do bloqueio..... | 162 |
| 6.1.1.1.2 Produtividade, frequência e comprimento da palavra..... | 165 |
| 6.1.2 Restrições à geração das palavras que atuam sobre a seleção afixal..... | 165 |
| 6.1.2.1 Restrições gerais: as restrições categoriais..... | 165 |
| 6.1.2.2 Restrições de subpadrões..... | 167 |
| 6.1.2.2.1 Restrições fonológicas..... | 167 |
| 6.1.2.2.2 Restrições semânticas..... | 168 |
| 6.1.2.2.3 Restrições morfológicas..... | 168 |
| 6.1.2.2.4 Restrições argumentais..... | 169 |
| 6.1.2.2.5 Restrições estratais/etimológicas..... | 170 |
| 6.1.2.2.6 Restrições paralelas..... | 170 |
| 6.1.2.3 Síntese das restrições..... | 172 |
| 6.1.3 Localização das restrições..... | 172 |
| 6.1.3.1 Nas entradas lexicais ou no padrão..... | 172 |
| 6.1.3.2 No input ou no output..... | 173 |
| 6.1.3.3 Na base ou no afixo..... | 173 |
| 6.2. Os não constrangimentos..... | 173 |
| 6.2.1 Dados empíricos sobre afixação múltipla paradigmática..... | 175 |
| 6.2.2 Uma proposta para a admissão múltipla de afixos..... | 179 |

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

| | |
|--|------------|
| 6.2.2.1 A cadeia de evento causativa..... | 180 |
| 6.2.2.1.1 Subevento 1: [x FAZER-ALGO] | 181 |
| 6.2.2.1.1.1 Deverbais em <i>-da</i> | 181 |
| 6.2.2.1.1.2 Deverbais em <i>-dela</i> | 181 |
| 6.2.2.1.1.3 Deverbais em <i>-ção</i> | 181 |
| 6.2.2.1.1.4 Deverbais em <i>-mento</i> | 182 |
| 6.2.2.1.2 Subevento 3: [y TORNAR-SE ESTADO] | 183 |
| 6.2.2.1.2.1 Deverbais em <i>-da</i> | 183 |
| 6.2.2.1.2.2 Deverbais em <i>-dela</i> | 183 |
| 6.2.2.1.2.3 Deverbais em <i>-ção</i> | 184 |
| 6.2.2.1.2.4 Deverbais em <i>-mento</i> | 184 |
| 6.2.2.1.3 Súmula..... | 185 |
| 6.2.2.2 Traços de ‘duração’ e ‘cuidado’ em relação ao evento | 186 |
| 6.2.2.3 Súmula..... | 187 |
| 6.3. Mecanismo de coindexação | 190 |
| 6.3.1 Por que motivo nomes de evento com diferentes sufixos apresentam diferenças semânticas entre si? | 191 |
| 6.3.2 Notação | 192 |
| 6.3.3 Rivalidade entre os afixos? | 193 |
| 6.4. Súmula..... | 195 |
| Capítulo 7. Lexicalizações: a formação de unidades multilexicais..... | 197 |
| 7.1 Propriedades das lexicalizações | 200 |
| 7.2 Lexicalizações: no léxico ou na sintaxe? | 205 |
| Capítulo 8. Conclusão | 211 |
| Bibliografia..... | 215 |

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

Preâmbulo

A estruturação da análise do léxico e da sua gramática que aqui se oferece germina das opções teóricas e conceptuais de quem a delineia.

Como ficará explícito ao longo deste trabalho, muitas e variadas têm sido as perspetivações acerca do léxico e da formação de palavras nas diferentes correntes da linguística. Se o objeto é um, se a objetividade deve permear a relação entre o observador e o objeto, como é possível a variação de propostas, muitas vezes contraditórias, de explicação para esse objeto?

O objeto é um; no entanto, ele não é uno, não é linear e a sua multiplicidade direciona o olhar de cada observador para diferentes estruturas e propriedades. A imparcialidade de que o observador se deve prover para observar o objeto é permeável a opções pessoais, ainda que objetivas, nutridas pelos próprios materiais que consolidam o edifício de conhecimento que o estudioso vai construindo, bem como pela conjuntura científica que serve de *habitat* à sua linha de pensamento. De outro modo, não se justificaria que o mesmo objeto fosse alvo de análises divergentes e de perspetivações teóricas opostas numa mesma época e ao longo do decurso temporal.

A nossa atividade de investigação e as nossas predileções gnosiológicas conduzem-nos para uma perspetivação do léxico que aqui sai espelhada: a contração nas áreas da morfologia derivacional, parte fundamental do léxico, que o nutre e atualiza, na relação da primeira com as dimensões sintática e semântica e na ancoragem daquela na linguagem.

A visão de morfologia derivacional que tem suportado a nossa investigação revela aquela como uma dimensão polidimensional e dinâmica da linguagem, concebida como um domínio mental organizado sob forças geratrizes explicáveis através de perspetivações que observam o léxico como a esfera de interação das três estruturas magnas da linguagem – a fonologia, a semântica e a sintaxe.

O estudo dos fenómenos da genolexia manifesta a necessidade de se observar a interação das diferentes estruturas da linguagem entre si, para atingir-se uma compreensão o mais completa e satisfatória possível daquela. Esta compreensão não dispensa o imperativo de se imbuir o estudo da genolexia – talvez uma das dimensões

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

que mais bem demonstram o funcionamento de interfaces dentro da linguagem – de reflexão em torno da própria linguagem.

À época em que laborávamos no estudo da *Formação de substantivos deverbais sufixados em Português*, tema da nossa tese de doutoramento, a mera descrição destes lexemas, não obstante a complexidade dos mecanismos semânticos, sintáticos e fonológicos em causa, não nos satisfazia. A sentida oquidão gnosiológica dessa descrição foi substituída por preenchimento medular no momento em que nos deparamos com o modelo de Jackendoff (2002) – Arquitetura Paralela –, a partir do qual, apesar de este não versar sobre morfologia derivacional, construímos um modelo teórico de genolexia – Modelo de Formação de Palavras em Interface. Como é característica de qualquer modelo teórico, este não representa a solução para todas as incongruências e incompletudes que o confronto entre os fenómenos empíricos e os modelos que os descrevem acarreta. No entanto, a satisfação obtida na construção deste modelo adveio do exercício de inserir os fenómenos da morfologia derivacional no seio de um modelo teórico acerca da linguagem, que não se restringisse apenas à genolexia em si mesma.

A preocupação relativamente às questões teóricas sobre a linguagem e a sua relação com outras faculdades cognitivas, *motus* que nos suscitou a elaboração do trabalho *Jackendoff e a arquitetura paralela: Apresentação e discussão de um modelo de linguagem*, pode encontrar porto de respostas no estudo do léxico, se este for concebido como uma área de confluência das diversas estruturas da linguagem em interação entre si e da dimensão processual daquela.

O texto que aqui se apresenta brota, ainda que não seja deles espelho absoluto, dos trabalhos apresentados para Provas de Agregação em Língua Portuguesa: Investigação e Ensino, realizadas pela autora na Universidade de Coimbra em julho de 2015.

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

Capítulo 0. Introdução

0.1 Considerações prévias

A nossa perspetiva concebe o léxico como um domínio dinâmico, estruturado em rede (Aitchison 2010), que perfaz a interface entre as estruturas fonológica, semântica e sintática da linguagem. Assentamos, assim, a visão do léxico e da sua gramática numa conceção de linguagem como uma arquitetura paralela, tal como definida em Jackendoff (2002). Essa arquitetura, faculdade cognitiva e, por isso, localizada no domínio da mente-funcional (para usar um termo de Jackendoff (2002)), é externalizável através da ação e possui implicações sociais que podem determinar o seu uso.

O dinamismo do léxico não se atém à simples renovação lexical, entendida como mero aparecimento e desaparecimento (em relação ao uso) de lexemas. Na verdade, esta capacidade revela-se no caráter gerativo da formação do léxico, assim compreendida quer por visões sintaticocêntricas, quer por visões lexicalistas, bem como na capacidade de o falante produzir e interpretar lexemas nunca antes produzidos ou recebidos (usando uma formulação chomskyana). Esse dinamismo revela-se, de modo mais agudo, por exemplo, nos matizes semânticos dos produtos, na variabilidade morfológica apreensível através de regras e inferências, ou nos constrangimentos e compatibilidades que regem a combinação de afixos e bases. Esse dinamismo intriga-nos, de modo que procuramos os seus mecanismos. As bases da produtividade que lhe subjazem localizam-se na própria conceção gerativa de linguagem e apoiam-se em evidências psicolinguísticas.

Sempre que pertinente, faremos uma reflexão acerca de matérias mais amplas, como são as de teoria de linguagem, de modo a ponderar as problemáticas teóricas e filosóficas da linguagem que se relacionam com o léxico. Um contínuo refletir acerca destes problemas providenciará uma alicerçagem dos instrumentos necessários a uma capacitação para a análise do léxico em geral, que passa, necessariamente, por uma capacitação para o correlacionamento das matérias de diferentes níveis (metafísico, prático, supra-linguístico, específico de cada língua, etc.).

0.2 O léxico: contingências para o seu entendimento

Para além das opções que cada investigador faz em relação ao entendimento teórico-conceitual que lhe permitem analisar o objeto, temos que reconhecer que estas opções se encontram balizadas pelas contingências contemporâneas da ciência. Atualmente, no âmbito da linguística, essas contingências podem resumir-se em três palavras-chave: neurociências, biolinguística e mentalismo.

Em oitocentos, as dimensões biológica e psicológica da linguagem encontravam-se separadas da dimensão descritiva e estrutural, *avant la lettre*, das línguas. Nessa época, verifica-se uma verdadeira oposição entre o estudo da linguagem, enquanto capacidade biológica, e o estudo das línguas. Mesmo ao nível da fonética, área propícia a servir de ponte entre as ciências médicas e naturais e as ciências humanas, se observa, ao longo do séc. XIX, esse hiato. É verdade que se registaram na época algumas incursões no domínio mentalista, por exemplo, por Boudouin de Courtenay. No entanto, a sua proposta revela-se demasiado avançada para os tempos, não tendo então atingido alcance profundo. Este viria apenas a consubstanciar-se em novecentos, altura em que se dá uma unificação das duas esferas que haviam construído dois objetos formais distintos com base no mesmo objeto material.

Hodiernamente, o mentalismo e a sua alicerçagem biológica são caracteres inegáveis da linguagem. Um outro aspeto incontestável da linguagem, alicerçado nos anteriores (cf. Rodrigues 2012b), é o seu carácter computacional, que nutre a combinatorialidade. Com esta se verifica a possibilidade de, através de combinatórias de recursos mentais, se gerarem instâncias infinitas.

Essa combinatorialidade e esse carácter gerativo estão, em Chomsky, adstritos à sintaxe. Chomsky, com Hauser & Fitch, concebe a linguagem *in lato sensu* e *in stricto sensu* (Hauser, Chomsky & Fitch (2002), Fitch, Hauser & Chomsky (2005)). Estes autores defendem que, *in lato sensu*, a linguagem consiste num sistema sensório-motor, num sistema concéptuo-intencional e num sistema computacional. De acordo com a sua perspetiva, apenas a sintaxe se encontra no sistema computacional. Para além de argumentos presos a conceções teóricas, os autores advogam esta posição alegando que a sintaxe é a única componente da linguagem exclusiva da espécie humana, enquanto as restantes (sistema sensório-motor (correlata da estrutura fonológica) e sistema

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

concéptuo-intencional (correlata da estrutura semântica)) são encontráveis em outras espécies animais.

Posição contrária é assumida por Jackendoff, para quem as três grandes estruturas da linguagem (fonologia, semântica e sintaxe) possuem carácter gerativo, recursivo e computacional.

Qual das duas perspetivas se evidencia como mais válida para a morfologia, para o léxico e especificamente para a formação de palavras?

Se observarmos que o léxico não é uma mera listagem de pares som-significado com carácter idiossincrático, então a perspetiva apoiada em Jackendoff parece-nos mais coerente. Porquê? Porque o léxico é a interface entre a fonologia, a semântica e a sintaxe, conforme ficará nítido ao longo dos vários capítulos que compõem este volume e, especificamente, no capítulo 6, onde trataremos os constrangimentos e as compatibilidades que regem a anexação de bases e afixos para a genolexia.

Esses constrangimentos e compatibilidades podem subsumir-se em padrões que são reconhecidos e construídos pela nossa mente-funcional (seguindo terminologia de Jackendoff), perfazendo um conhecimento implícito (seguindo terminologia de Chomsky).

O reconhecimento de padrões e a capacidade da sua aplicação verifica-se na geração de itens lexicais novos ou na produção de itens já existentes, mas que não têm que se encontrar obrigatoriamente na memória de longo prazo. Já no séc. XIX, quando Hermann Paul utiliza o termo *analogia*, se concebe que esta não opera em relação a itens particulares, mas em relação a padrões.

Como operam esses padrões?

Os padrões são constructos abstratos. Podemos questionar se eles são inatos, seguindo uma pista cartesiana, racionalista, ou se são aprendidos, seguindo uma pista lockiana, empirista. Inclina-mo-nos para a solução de Locke. Consideramos que aquilo que é inato deverão ser as capacidades para a construção dos padrões e não os padrões em si mesmos.

Aquilo que se verifica é que essa capacidade de edificação de constructos abstratos não se restringe aos fenómenos linguísticos, mas ocorre nas várias faculdades cognitivas, desde as capacidades de percepção às capacidades motoras. A aprendizagem motora depende de reconhecimento de padrões (O tipo de movimento, o ângulo de colocação dos membros em relação com o tipo de relevo requerem um treino, para que

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

os mecanismos neuronais responsáveis pela locomoção saibam como responder àquele tipo de mediação entre o solo e a propriocepção.). Ao mesmo nível, na aquisição da língua materna, por exemplo, os mecanismos neuromotores responsáveis pela fonação têm que aprender os padrões de articulação ao nível da região articulatória e da sua extensão. Basta recordar o clássico de Gleason em que reporta a aprendizagem da oposição entre /k/ e /t/ da sua filha Kate. Kate já conseguia distinguir perceptivamente a oposição entre estes segmentos; no entanto ainda não conseguia distinguir a sua região articulatória.

Ao cunharmos a capacidade de reconhecimento de padrões como não exclusiva da linguagem, mas extensível a qualquer atividade cognitiva, corremos o risco de fazer diluir a linguagem e negar, assim, o seu carácter identitário. Todavia, estamos a dizer que a linguagem opera sobre o reconhecimento de padrões, não apenas no processo de aquisição de línguas, mas também no processamento do discurso, em que a língua já está adquirida. Não estamos, pois, a afirmar que esse é o traço que constrói a identidade ‘linguagem’.

Chomsky defende que esse traço identitário da linguagem é a recursividade. No entanto, para Chomsky essa recursividade é equivalente a sintaxe. Se assim é, nada distinguiria a linguagem de uma concha de um caracol, de um bróculo, de um floco de neve, de uma folha de uma árvore, pois a sintaxe é a estrutura das formas. Pode alegar-se que a linguagem alia a recursividade sintática (formal) ao carácter comunicativo. Todavia, o padrão das listas de um felino também possui recursividade formal e também possui carácter comunicativo, ainda que não intencional. Contudo, isso não é linguagem.

Para nós, seguindo Jackendoff, essa recursividade reside na sintaxe, na fonologia e na semântica. O que faz da linguagem a linguagem é a interface entre as três estruturas, tendo todas elas carácter recursivo e gerativo. A recursividade e a geratividade operam através do reconhecimento/construção de padrões, o que se observa no léxico e, mais especificamente ainda, na formação de palavras.

Estabelecemos que a recursividade e a geratividade existem nas três estruturas da linguagem. Sendo o léxico a interface entre as três estruturas, é possível observar este como um fractal em que ocorrem repetições de padrões, gerativamente, salvaguardando a diferença que um fractal é uma forma, enquanto nós optamos por dimensionar não apenas a sintaxe, mas também a fonologia e a semântica como organizadas

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

fractalmente. Observe-se que não estamos a afirmar que existe repetição sintagmática de um padrão específico, ou seja, de uma instância particular. Aquilo que está em causa nesta imagem dos fractais não é a repetição da mesma instância, mas a repetição do uso de padrões, da própria operação de reconhecer e de construir padrões.

Se fizermos *zoom in* no léxico, observamos o reconhecimento e a construção de padrões. Na história da morfologia lexicalista, esses padrões começaram por ser identificados como Regras de Formação de Palavras, ou seja, como relações entre bases, operações e produtos. Porém, se fizermos *zoom in* nessas Regras de Formação de Palavras, verificamos que há subpadrões dentro desses padrões maiores, até descermos a partes cada vez mais pequenas e menos diretamente observáveis, como são aquelas que suportam os constrangimentos e as compatibilidades de anexação base/afixo.

O léxico, numa abordagem pouco atenta, é demasiado irregular para ser descrito por padrões. Curiosamente, essa também é uma das características do fractal: o ser uma estrutura rica em detalhes que vão assomando à conspeção à medida que se vai operando a ampliação do objeto. Essa irregularidade do fractal é-o apenas sob o olhar, ou metodologia, adstrito à geometria euclidiana. Recordemos a *theory of roughness* de Benoit Mandelbrot: há realidades euclidianamente irregulares que, sob outra perspetiva, se revelam, afinal como estruturas regulares, sendo possível descrevê-las matematicamente como tendo origem numa série de transformações de uma figura geométrica original.

Cabe, pois, ao linguista a tarefa de descobrir esses detalhes cada vez mais pequenos. Nesta tarefa, não se trata de saber cada vez mais de cada vez menos, porque a análise dessas partes mais pequenas está enquadrada na análise do todo e, sem esse enquadramento no todo, a análise não faz sentido. Vale a pena determo-nos em Aronoff (no prelo).

Aronoff (no prelo) apresenta uma crítica argutamente fundamentada às visões teórico-unicistas que rejeitam a separação entre a morfologia e a sintaxe e que criticam a sua fundamentação na análise da diversidade dos dados empíricos, recorrendo à oposição metafórica entre raposas e ouriços-cacheiros utilizada por Isaiah Berlin (*The hedgehog and the fox*, London; Weidenfeld and Nicholson, 1953.), baseada numa máxima de Arquíloco de Paros.

Defendendo a sua posição de morfólogo, Aronoff afirma que

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

«As morphologists, we are particularly interested in precisely these non-syntactic aspects of morphology. If not, we would have decided to become syntacticians. To a fox, trying to reduce morphology to syntax is a bit like trying to reduce biology to physics and chemistry.»

e que

«Foxes are flexible and versatile creatures who delight in contingency, new circumstances and surprises, because novelties allow them to show off all their tricks. Morphology, like life, is filled with contingencies, and so it is a happy hunting ground for the ever-adaptable fox.».

0.3 Organização do livro

Os conteúdos deste livro encontram-se organizados em duas partes distintas. A primeira parte versa sobre questões teóricas acerca do léxico e da sua gramática. Neste módulo problematizam-se as diversas conceptualizações de léxico e de gramática, refletindo-se acerca daquilo que diferentes correntes teóricas entendem por cada um destes domínios linguísticos e do modo como os correlacionam. A área da formação de palavras, constituindo-se como esfera de importância capital para o léxico, recebe destacada problematização nesta parte do livro, avaliando-se as diferentes propostas que, acerca do seu tratamento, as várias perspetivas teóricas da linguística têm tecido.

A partir da consolidação dos aspetos teóricos envolvidos na compreensão do léxico e da gramática, introduz-se, na segunda parte, a reflexão acerca da equação entre as problemáticas teóricas e a análise dos fenómenos empíricos concernentes ao nosso objeto de estudo. Nesta segunda parte, debruçamo-nos sobre a observação e a análise

i) da organização interna do léxico – a que podemos chamar *gramática* –, através da reflexão em torno do funcionamento de aspetos relacionados com a flexão, a alomorfia, a genolexia, fenómenos diacrónicos como a gramaticalização e, de modo mais aturado, dos constrangimentos que regem a seleção afixal, as construções formulaicas;

ii) do modo como os itens lexicais se comportam em co-texto.

Qualquer texto é também, e não apenas etimologicamente, um tecido. Como tal, as linhas que constituem os diferentes capítulos vão-se entrecruzando, de modo a

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

formarem uma orgânica coesa. A interpenetração das matérias é explicitamente orientada, com o objetivo de se revelar esse tecido.

O título que anuncia o livro – *A gramática do léxico: morfologia derivacional e o léxico mental* – atém-se a dois níveis diferentes:

- i) a organização interna do léxico;
- ii) a interação deste com os aspetos sintático-semânticos provenientes da sua contextualização.

Os dois níveis em causa são dimensionados sob o suporte da fundamentação teórica analisada nos capítulos da Primeira Parte.

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

Parte I: Em volta do léxico: teorizações

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

Capítulo 1. Problemática das conceptualizações acerca do léxico e da gramática

Num volume cujo título encerra uma formulação que pode suscitar interrogações e celeuma, por atribuir ao léxico o estatuto *gramatical*, ou seja, o estatuto de domínio organizado, é necessário dedicar espaço à problematização das diversas conceptualizações em torno de *léxico* e de *gramática*. Este espaço será ocupado inicialmente por aceções genéricas relativas a estes conceitos, de modo a que se obtenha a sua clarificação enquanto termos técnicos da linguística atual.

O termo *léxico* advém do grego *lexikon (biblion)* ‘(livro) de palavras’, derivado de *lexis* ‘palavra’, correlato do verbo *legein* ‘falar’. O termo *gramática* tem igualmente origem no grego, *grammatikē (tekhnē)* ‘(arte) das letras’, proveniente de *gramma*, *grammat-* ‘letra do alfabeto’.

A origem etimológica de ambas as palavras faz incidir escassa luz no significado /significados que tanto *léxico* quanto *gramática* foram adquirindo ao longo dos estudos linguísticos. Para ilustrarmos essa variação no significado dos dois termos, podemos recorrer ao *Vocabulario portuguez e latino* de Raphael Bluteau, publicado entre 1712 e 1728, e contrapor as informações aí colhidas às noções que hodiernamente a linguística tem de *léxico* e de *gramática*.

Assim, no *Vocabulario*, na entrada **grammatica**, podem obter-se as seguintes informações:

«Derivase do Grego Gramma, que quer dizer Letra; & a Grammatica das Lingoas, he o primeiro degrao das letras. He a porta, porque se entra a todas as sciencias, & o fundamento de todas as Artes Liberaes, & disciplinas nobres. Divide-se a Grammatica, em artificial, Historica, & Propria. A Grammatica artificial ensina o concerto, & disposição das letras, com que escrevemos, a Ortographia, & propriedade das palavras, que fallamos. A Grammatica Historica, & propria se occupaõ no conhecimento dos lugares, & obras dos Historiadores, & Poetas, & na explicação do que nelles por antiguidade, & differença da Lingoa està escuro, & duvidoso, principalmente nas tres Lingoas Hebraica, Grega, & Latina; & em humas, & outras, & na propria de cada hum ensina a Grammatica a pronunciação das letras, & declinação dos nomes, a conjugação dos verbos, a construção das partes da Oração, o som, & accento diverso das palavras,

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

a distinção das Vogaes, & consoantes, & a ordem de fallar com propriedade, pureza, & policia. Crates, Embaixador de Attalo foi o primeiro, que trouxe a Roma a Arte da Grammatica. Polemon a ensinou publicamente; por isso foi chamada Arte de Polemon. No seu Tratado da Vaidade das Sciencias diz Agrippa, que as regras da Grammatica, & do fallar correcto não tem outro fundamento, que a vontade dos Antigos; & que o mais erudito Grammatico se veria muito embaraçado se se achara obrigado a dizer a razão porque Jupiter faz Jovis no genitivo, & Iter, Itineris. O mais antigo livro de Grammatica em latim he o de Despauterio, em Grego o de Gaza, em Hebraico o de Kimhi. Grammatica, ae. Fem. Cic. Grammaticae, es. Fem. Quintil. Ars grammatica, artis grammaticae. Fem. Auct. Rhetoric. ad Herenn.§ Ensinar a grammatica. Elementa loquendi tradere. Cic.§ Que ensina os primeiros principios da grammatica. Grammatista, ae. Masc. Sueton.§ Livro da grammatica. Libri grammatici. Suetonio diz, Scripsit praeter grammaticos libellos, etiam poemata.»

No mesmo *Vocabulario*, a entrada **léxicon** encontra-se provida dos seguintes dados:

«Deriva-se do Grego Lexis, que quer dizer Dicção, & val tanto, como Diccionario, Vocabulario. Vid. Diccionario, & c.»

Podemos observar que o termo *gramática* é entendido por Bluteau como designando uma ou várias disciplinas de estudo, sendo que o lexicógrafo jesuíta apresenta três tipos de gramática (a artificial, a histórica e a própria). Em todas elas está implícita a noção de disciplina de estudo, pois, conforme destacamos a sublinhado,

«A Grammatica artificial ensina o concerto, & disposição das letras, com que escrevemos, a Ortographia, & propriedade das palavras, que fallamos. A Grammatica Historica, & propria se occupaõ no conhecimento dos lugares, & obras dos Historiadores [...] & na propria de cada hum ensina a Grammatica a pronunciação das letras, & declinação dos nomes, a conjugação dos verbos, a construção das partes da Oração, o som, & accento diverso das palavras, a distinção das Vogaes, & consoantes, & a ordem de fallar com propriedade, pureza, & policia.».

Estamos, pois, perante a aceção de que a gramática é uma disciplina que ensina a escrita e a oralidade de uma língua de modo prescritivo – como se destaca pelas

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

expressões «concerto» e «com propriedade, pureza, & policia», significando *polícia* ‘boa ordem’, como atestável pela entrada referente a este lexema no mesmo *Vocabulario* e pela abonação de Rodrigues Lobo, *A corte na aldeia*, “Diálogo V”, «policia no vestir», que a mesma entrada contém –, bem como as circunstâncias externas de realização dessa língua («conhecimento dos lugares e obras dos historiadores»).

Não encontramos nesta entrada dicionarística a aceção de gramática como ‘organização interna de uma língua nas estruturas que a constituem’. Não seria de esperar em Bluteau uma aceção mentalista de gramática, como conhecimento que o falante (*a la* Chomsky) ou, de modo social, o conjunto de falantes (*a la* Saussure) possui acerca da sua língua. No entanto, mesmo a dimensão de *gramática* como a organização da língua, que, afinal, se constitui como pressuposto para a própria conceção de gramática como disciplina de estudo dessa língua (Bluteau menciona a «propriedade das palavras», «a pronúncia das letras, & declinação dos nomes, a conjugação dos verbos, a construção das partes da Oração, o som, & accento diverso das palavras, a distinção das Vogaes, & consoantes»), não se encontra explícita na entrada sob foco.

Quanto à aceção de *léxico* apresentada em Bluteau, ainda que sucinta, parece igualmente ater-se à definição externa de ‘dicionário’. Ressalta-se que, em Bluteau, o termo *vocabulario*, também contido na definição que o autor constrói para *léxicon*, possui exclusivamente um significado externo, de livro ou obra que contém vocábulos, e não o de acervo abstrato de vocábulos pertencentes a uma língua ou de acervo mental desses vocábulos no falante ou conjunto de falantes.

Apesar de não se constituir objetivo deste volume oferecer uma história da lexicologia, da lexicografia, da gramática, nem mesmo dos termos linguísticos, com esta brevíssima reflexão em torno da distância conceptual que hiatiza as aceções pretéritas e atuais dos termos *léxico* e *gramática* semeia-se nos leitores uma consciencialização acerca do percurso diacrónico das aceções de *gramática* e *léxico* necessária para o seu entendimento nos vários quadros dos estudos acerca das línguas.

Estas noções externas de léxico e de gramática estão muito afastadas daquelas com que a linguística labora. Ainda que diferentes quadros teóricos conceptualizem gramática e léxico de modos diversos e divergentes, como veremos nas secções 2.1 e 2.2 deste livro, em todos eles está vigente a noção de *léxico* e de *gramática* como dimensões internas da língua. Por ‘internas’ queremos significar dois vetores:

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

i) O carácter mental do léxico e da gramática, assente no carácter intrínseco destes em relação à língua, no sentido de léxico e gramática serem duas estruturas que existem *dentro* da língua, porque a constituem. Pressupõe-se aqui a língua como conhecimento mental. Neste sentido, ‘interno’, paralelo de ‘mental’, opõe-se a ‘externo’ como ‘manual material’, como obra – manual –, que resulta de uma compilação de dados localizados na esfera interna ou mental.

ii) A dimensão verdadeiramente organizacional, ou exclusivamente organizacional, da língua, remontando à oposição apresentada por Saussure entre elementos externos e elementos internos daquela (Saussure [1916] 1995: 43):

«Pour la linguistique interne, il en va tout autrement : elle n’admet pas une disposition quelconque ; la langue est un système qui ne connaît que son ordre propre. Une comparaison avec le jeu d’échecs le fera mieux sentir. Là, il est relativement facile de distinguer ce qui est externe de ce qui est interne : le fait qu’il a passé de Perse en Europe est d’ordre externe ; interne, au contraire, tout ce qui concerne le système et les règles. Si je remplace des pièces de bois par des pièces d’ivoire, le changement est indifférent pour le système : mais si je diminue ou augmente le nombre des pièces, ce changement-là atteint profondément la « grammaire » du jeu. Il n’en est pas moins vrai qu’une certaine attention est nécessaire pour faire des distinctions de ce genre. Ainsi dans chaque cas on posera la question de la nature du phénomène, et pour la résoudre on observera cette règle : est interne tout ce qui change le système à un degré quelconque.».

Salientem-se neste excerto, agora convertido *ad hoc* para português, as passagens seguintes:

«Essa alteração atinge profundamente a «gramática» do jogo [...]»

e

«[...] é interno tudo o que altera o sistema em qualquer dos seus planos [...]».

Aqui o uso da palavra *gramática* não é coincidente com a aceção de Bluteau, tendo antes o carácter ‘interno’, ou seja, ‘mental’ de que falávamos anteriormente.

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

Igualmente, a implicação do sentido de ‘interno’ que focávamos no ponto ii) está bem patente neste excerto do texto de Saussure.

Evidentemente, as necessidades epistemológicas de Saussure ([1916] 1995) para a delimitação da linguística como ciência e, conseqüentemente, para a sua autonomização conduziram-no à laboração de um objeto formal radicalmente desprovido de interação com os níveis da pragmática e da diacronia. Não obstante, os exemplos que no *Cours de linguistique générale* (citados em cima) são oferecidos para que se compreendam as diferenças entre elementos externos e elementos internos da língua não alcançam essa radicalidade que caracteriza os capítulos respeitantes à lavra do conceito de *langue*. Assim, através do exemplo que menciona a origem persa do imagetivamente utilíssimo jogo de xadrez, Saussure aponta que são externos dados que hoje colocaríamos na designada *linguística histórica externa*, que compreende, de modo geral, a história dos povos relacionados com uma determinada língua, e não na história da organização interna da língua, estudada no âmbito da *linguística histórica interna*.

Estas considerações refletem que a linguística (mesmo aquela que não é nossa contemporânea) coloca léxico e gramática em esferas conceptualmente distantes daquelas representadas pelas entradas colhidas em Bluteau.

Tendo em conta *léxico* e *gramática* como

a) disciplinas de estudo acerca de um conhecimento

e como

b) esse conhecimento,

e focando-nos nesta última aceção, é necessário não olvidar que, em linguística, os termos *léxico* e *gramática* não são entendidos nem exclusiva nem principalmente como produtos materiais ou materializáveis (para termos em consideração os produtos digitais) externos à própria língua.

Várias reflexões podem ainda tecer-se em volta desta consideração: uma língua não tem léxico nem gramática se não houver um dicionário e/ou uma gramática materializados/áveis externamente à mente do(s) falante(s)? É evidente que a resposta é negativa.

Pode pôr-se ainda a questão: no caso de línguas mortas como o sânscrito ou o latim ou o grego antigo, o léxico e a gramática só existem porque existem manuais que os descrevem ou é possível conceber-se a sua existência para além da (in)existência desses manuais? A resposta será a seguinte: os léxicos e as gramáticas do sânscrito, do

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

latim e do grego clássico, bem como de qualquer língua morta, existiram internamente na mente dos falantes dessas línguas, independentemente de na sua sincronia terem existido, ou não, manuais. Repare-se que não é pelo facto de dispormos hoje desses manuais respeitantes a essas três línguas particulares que terão existido o léxico e a gramática internamente na mente dos seus falantes, nem que poderão vir a existir em falantes eventuais ou potenciais.

A questão é uma falsa questão que emerge do nosso cronocentrismo: a impressão, errónea, de que o nosso tempo, ou seja, o tempo de cada um, individualmente, é um tempo absoluto. Assim, não importa se a gramática e o léxico de uma língua já não existem na nossa contemporaneidade. Existiram na contemporaneidade de outros falantes e isso é suficiente para terem atingido o patamar da existência, ainda que esta tenha chegado ao fim. Neste ponto, até Saussure ([1916] 1995) se paradoxiza ao mencionar o caso das línguas mortas:

«Nous ne parlons plus les langues mortes, mais nous pouvons fort bien nous assimiler leur organisme linguistique.»

Pode inferir-se do excerto de Saussure que as línguas mortas não possuem *parole*, mas possuem *langue*. No entanto, se recorrermos à definição que o autor oferece de *langue*, compreenderemos que as línguas mortas também não têm *langue*, embora já a tivessem tido, ou só a têm como potencialidade, no caso de se dispor de um manual, (como para o latim, o grego clássico, o sânscrito) a partir do qual, através da prática, um conjunto de indivíduos pudesse reconstruir esse *thesaurus* mental de que fala Saussure. Este obstáculo prende-se com a condição de que para haver *langue* é preciso o conjunto dos cérebros dos falantes, onde aquela reside, e este já não existe para as línguas mortas. Como esclarece Saussure ([1916] 1995: 30),

«Si nous pouvions embrasser la somme des images verbales emmagasinées chez tous les individus, nous toucherions le lien social qui constitue la langue. C'est un trésor déposé à une même communauté, un système grammatical existant virtuellement dans chaque cerveau, ou plus exactement dans les cerveaux d'un ensemble d'individus ; car la langue n'est complète dans aucune; elle n'existe parfaitement que dans la masse.»

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

1.1 O léxico e a gramática mentais

O percurso acerca das aceções de léxico e gramática que temos vindo a explorar é um percurso desconstrutivo e, por isso, apoia-se num trajeto que tem início no léxico e na gramática externos (os manuais que compilam o conhecimento interno) e fim no léxico e na gramática internos (o conhecimento mental). No entanto, este não é o trajeto fenomenológico real, no caso das línguas maternas e também das línguas 2 adquiridas em contexto real e não artificial, ainda que muitas vezes os falantes escolarizados o tomem como verdadeiro. Como já implicámos através das referências a Saussure, um manual como um dicionário ou uma gramática não preexistem ao conhecimento interno da língua. Os manuais são antes o resultado desse conhecimento, compactado e sistematizado de um modo que pode até nem coincidir com a sua formatação mental.

Sob o ponto de vista fenomenológico, a formulação correta será, pois, o trajeto que vai do léxico e da gramática internos aos correspondentes externos. O trajeto inverso é aqui utilizado com um intuito desconstrutivista, como dissemos, para esclarecer que o objeto de estudo da linguística não é constituído pelo léxico e pela gramática externos, mas sim pelos internos. Se a linguagem é um fenómeno mental, é na mente que encontramos o léxico e a gramática primeiros. Os produtos externos que deles se possam construir são extensões, aqui necessariamente secundarizadas, daqueles.

O mais óbvio problema dos manuais (gramáticas ou dicionários) reside na sua extensão, sendo este problema de três tipos:

i) A extensão dos dicionários e das gramáticas, enquanto manuais, varia de acordo com o público-alvo visado pelas editoras e, por isso, não constituem o acervo perfeito do léxico, dos esquemas e das relações estruturais internas de uma língua.

ii) Os dicionários e as gramáticas, enquanto manuais, refletem uma norma ou um padrão e não o léxico e a gramática mentais individuais (Bauer 2001: 35).

iii) No caso dos dicionários, embora hoje seja exequível uma rápida dicionarização de lexemas através de processos e suportes digitais que permitem a constante atualização das obras, sem acarretamento de custos para o público, verifica-se um desfasamento entre a lexicografização dos lexemas e o seu uso real. Na verdade, a acareação entre os resultados obtidos através de uma pesquisa no *Google* e num dicionário em linha mostra que este último está muito longe de dar conta de muitos itens

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

lexicais amplamente usados pelos falantes (e.g. os lexemas *obamização*, *caretada*, *haitização*, *syrização*).

Apesar de os problemas dos manuais aqui apresentados serem já suficientes para compreendermos a sua imperfeição relativamente aos objetos mentais de que partem, refletiremos em seguida acerca de uma limitação ainda mais profunda dessas obras.

Uma obra lexicográfica ou gramatical, por muita qualidade que tenha, não atingirá nunca a completude nem organizacional nem extensional do conhecimento mental que pretende descrever. No caso dos dicionários, não se trata apenas do problema da extensão numérica de entradas e da extensão e qualidade dos dados contidos nas mesmas entradas, que já focámos. Trata-se sobretudo da complexidade de organização em rede que o conhecimento lexical mental constrói, que, mesmo com a hodierna capacidade de hipertextualização explícita digital, os atuais produtos lexicográficos não atingem. O mesmo se pode dizer acerca da gramática, *mutatis mutandis*.

Vimos, pois, que o léxico e a gramática que serão alvo de estudo neste livro são o léxico e a gramática mentais, internos. Neste ponto procuramos refletir sobre o seguinte:

Que implicações apresenta o facto de a gramática e o léxico, ou, em termos genéricos, a linguagem, residirem na mente? Se perguntarmos a um falante linguisticamente *naïve* o que é a linguagem, a resposta que obtemos quase invariavelmente é: a linguagem é um meio de comunicação, como se a linguagem fosse algo que circulasse no ar, desligada do homem – quando o que circula no ar são apenas sinais acústicos. (Recordamos aqui Benveniste (1966) que, refletindo acerca da linguagem, foca a incorreção de se caracterizar esta como um instrumento, como se nos pudéssemos desfazer dela quando não precisamos de a utilizar.). Quando finalmente clarificamos que a linguagem é uma aptidão cognitiva e que, como tal, reside num órgão biológico que é o cérebro, os indivíduos linguisticamente *naïve* estacam-se de admiração. Esta é a admiração da obviedade da resposta; admiração do absurdo de estarem tão afastados dessa obviedade.

Mas o que implica então essa residência mental da linguagem? E se a linguagem fosse algo externo que aprendêssemos num manual? Se pensarmos nas características que tornam a linguagem um objeto tão poderoso – a recursividade, ou combinatorialidade, a um nível sintagmático; as constelações em rede, a um nível

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

paradigmático (que focaremos na secção 4.1.2) –, compreenderemos que tais características apenas existem na linguagem porque o suporte material que está predisposto para essa aptidão cognitiva apresenta essas mesmas características ao nível da sua capacidade funcional. Quer isto dizer que a recursividade, a combinatorialidade, as constelações em rede da linguagem são o produto e o reflexo do modo de funcionamento do cérebro humano.

É para nós uma evidência que a linguagem só pode ter assento no cérebro, como qualquer aptidão cognitiva. Não obstante, recordemos que tal dado é para nós hoje uma evidência experimental inaugurada pelo pioneirismo dos estudos oitocentistas de Paul Broca e dos seus seguidores, como Karl Wernicke, ainda que as primeiras referências, que se conhecem, ao cérebro como assento da linguagem, constantes no chamado Papiro de Edwin Smith, datem já do séc. XVII a. C. e que em Platão, Galeno ou Hipócrates o cérebro seja já concebido como base material das funções cognitivas. Todavia, tenha-se em consideração que esta correlação não é universal em termos temporais, pois, por exemplo, para Aristóteles, o órgão do intelecto é o coração, sendo o cérebro o órgão que tem por funcionalidade a refrigeração do organismo (o que não é completamente excêntrico se pensarmos que faz parte das funções do hipotálamo, localizado no diencéfalo, o controle da temperatura do corpo). Para uma história da neurolinguística, pode consultar-se Ahlsén (2006).

Retomando o assunto em análise, a linguagem apenas possui as características que possui porque tem base num órgão que disponibiliza um modo de funcionamento com essas mesmas características. Que implicações são daqui acarretadas para os conceitos de léxico e de gramática que estamos a analisar? O léxico e a gramática mentais são dois domínios que operam de modo recursivo, gerativo combinatorio e em redes, como observaremos nas secções 2, 3 e 4 deste volume. A par dessa observação, serão equacionadas as diferentes concepções de léxico em alguns dos quadros teóricos que se afirmaram como marcos no domínio da linguística moderna, para compreendermos se todos esses quadros conferem as mesmas características aos dois domínios da linguagem ou se apenas a um deles.

Antes desse percurso pelos quadros teóricos, cabe-nos indagar ainda sobre a significação do termo *mental* que serve de qualificador a *léxico* e a *gramática*.

Clarificado que o léxico e a gramática sob estudo são aqueles que se situam na mente, novos problemas surgem desta elucidação. O léxico e a gramática são objetos

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

localizados na mente. No entanto, é necessário questionar: Localizados na mente de quem? Uma solução *a la* Saussure preconizaria a resposta «no conjunto dos cérebros dos falantes»; uma resposta *a la* Chomsky ditaria a resposta «no cérebro do falante ideal».

Se em relação à gramática a questão colocada tem resposta relativamente pronta, e aqui simplificada, enraizada na noção de que a gramática é uma abstração, sendo o conjunto de regras, ou padrões, no sentido de inferências, que o falante constrói acerca do funcionamento da língua, já no que diz respeito ao léxico a resposta não se oferece com a mesma facilidade.

Tal deve-se ao facto de o léxico ser entendido como o conjunto de palavras de uma língua. (Esta é uma definição simplista. Não estamos ainda a analisar detalhadamente o conceito de léxico, a tratar na secção 1.2 deste volume, onde questionaremos esta definição). Cada palavra é encarada como uma entidade particular e não como uma inferência geral, o que desmotiva a sua caracterização como algo que se situe no mesmo nível de abstração da gramática, não obstante o seu carácter mental.

Ainda que o significado encerrado por uma palavra seja uma abstração, ainda que o próprio significante, constituído por imagens acústicas ou, diríamos a partir da Escola de Praga, por fonemas, seja também uma abstração, torna-se mais difícil a compreensão da palavra ao mesmo nível de abstração dos padrões da gramática. Tal facto torna maior o problema da delimitação da intensão de ‘mental’ relativamente ao léxico do que relativamente à gramática. Contudo, as relações paradigmáticas construídas a partir dessas palavras são de abstração similar às dos padrões gramaticais, pelo que funcionam elas mesmas como padrões de gramática.

Reiterando a questão: De que mente falamos quando falamos de léxico mental?

A questão da delimitação da mente equaciona-se com a questão da delimitação do falante. Ao contrário do falante ideal, o falante real apresenta um léxico mental dependente de uma determinada geografia ou da paralelização de várias (Não obstante a homogeneização tendente que se vive atualmente devido aos meios de comunicação que consolidam a aldeia global, a variação dialetal representa uma forte fonte de formatação do léxico, não só nos seus constituintes particulares (os itens lexicais), mas também na sua organização em paradigmas (os paradigmas semânticos, genolexicais, alomórficos, etc., que estudaremos na secção 4.1.2).), de diastrias e diafias alimentadas pelo *modus uiuendi* de cada indivíduo.

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

Saussure ([1916] 1995: 30), deparando-se com as limitações do falante real, equaciona todo o conhecimento da língua na reunião dos cérebros dos falantes de uma sincronia, explicitando que

«[la langue] n'existe parfaitement que dans la masse.».

Chomsky amplifica a capacidade, ainda que não a real apreensão, da mente do falante. Se o falante real não conhece todos os itens lexicais de uma língua, possui, no entanto, os mecanismos necessários para conhecê-los, pelo que o facto real de que não os conheça deriva apenas de acidentes, no sentido de acasos (como os constrangimentos geográficos, distratais e diafásicos em cima mencionados por nós), que, na realidade, condicionam o conhecimento deste ou daquele item particulares.

Obviamente, Chomsky, ao equacionar o falante ideal, preocupa-se, sobretudo, com os mecanismos da linguagem que ele mesmo encara como gerativos, fulcro da sua conceção do fenómeno linguístico, e não propriamente com o léxico (cf. secção 2.1 deste livro), pois reside nesse domínio da linguagem – na gramática – a mais visível camada de idealização do conhecimento da mesma. Está aqui em causa o conceito platónico de *ideia*, sendo que a inferência de regras protagonizada pelo falante ideal ou, de outro modo, a construção da competência como a subsunção de dados recolhidos a partir de enunciados particulares reais num nível abstrato que tem assento na mente ilustra a dualidade do mundo platónico (Cf. Maat 2013).

Uma brevíssima incursão pelo universo de Platão far-nos-á compreender melhor este problema.

É no *Crátilo* que Platão disserta acerca da linguagem, mais especificamente acerca da correção dos nomes na sua relação com a realidade. Estão em causa duas visões opostas dessa relação:

- i) a visão naturalista, que defende que os nomes são corretos, na medida em que são representantes da natureza dos objetos designados;
- ii) a visão convencionalista, que suporta a arbitrariedade entre nome e objeto.

De acordo com Platão, o estudo da linguagem não é um método fidedigno para o estudo da realidade. Platão considera que o estudo da linguagem deve realizar-se no estudo das partes que a constituem, assim como o estudo da relação entre a linguagem e

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

o mundo real e a mente humana deve fazer-se através da análise daquilo que está por trás da superfície da linguagem.

Assim, neste diálogo, Platão centra-se na análise dos nomes e das suas partes (sílabas e letras), demonstrando que as palavras são constituídas por outras palavras. Sendo assim, o significado das palavras é o resultado dos significados das partes que as constituem. Atingido o nível em que não é possível proceder a este tipo de análise, Platão considera que as palavras retiram o seu carácter pictórico do simbolismo dos sons correlacionado com as letras que as constituem.

O problema da delimitação da correção dos nomes reside, consequentemente, na existência de várias línguas. Deste modo, como é possível que as palavras sejam um espelho da natureza da realidade se há uma variedade imensa nas palavras nas diversas línguas? Platão estipula que essa representação perfeita da natureza do mundo real cabe apenas ao nome ideal. O nome ideal pode realizar-se sob diversas materializações. Consequentemente, a procura do nome ideal pressupõe a renegação da variação existente ao nível superficial e a indagação daquilo que é universal e que está escondido por baixo dessa variação superficial. O método para esta indagação do nome ideal consiste na análise etimológica dos nomes.

Tal conceção apresenta paralelismos com aquela que potencia a procura dos Universais Linguísticos na linguística contemporânea (Maat: 2013).

Regressando ao problema do léxico mental equacionado enquanto ideal ou real, em termos reais, existirão tantos léxicos mentais quantos os falantes de uma língua. No entanto, é evidente que o léxico necessita de uma condição: ser partilhado por um conjunto de falantes. Na impossibilidade de haver, para a mesma língua, a partilha da globalidade do léxico, é necessário conceber este como uma rede macromacrocósmica constituída por sub-redes macrocósmicas, constituídas por subsub-redes microcósmicas, constituídas por subsubsub-redes micromicrocósmicas, consoante o universo de falantes que partilham determinado item lexical. Por exemplo, um casal constitui uma comunidade micromicrocósmica, integrada numa comunidade microcósmica (a família), que, por sua vez, se integra numa comunidade maior (a localidade), que se integra numa comunidade maior, e assim sucessivamente.

Note-se ainda que não existem comunidades fixas (em relação ao domínio do léxico de uma língua), pois os falantes de uma das comunidades existentes na língua

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

que partilham determinado léxico entre si não partilham todo o léxico. Conceba-se uma comunidade x com 3 falantes. Os falantes 1, 2 e 3 partilham, por exemplo, léxico relacionado com linguística. No entanto, esses falantes não constituem uma comunidade isolada. Cada falante contacta com outras comunidades (y, z e k) em que se insere. Por exemplo, o falante 1 tem interesse por aves, enquanto os falantes 2 e 3 não. Assim, o falante 1 vai dominar um léxico do campo das aves que partilha com a comunidade y. O falante 2 tem interesse por física quântica. Por conseguinte, vai partilhar léxico com a comunidade z. O falante 3 tem interesse por apicultura, pelo que vai partilhar léxico com a comunidade k. E assim infinitamente para cada um dos falantes e comunidades.

Existirão tantas comunidades de partilha de léxico quantos os contactos sociais entre os indivíduos. Obviamente, se se imaginar uma comunidade perfeitamente isolada de outras (E.g. uma aldeia preservadamente fechada ao resto do mundo, ou sob contactos reais ou virtuais, desde a sua origem, até à atualidade, de modo ininterrupto.), constituída por um número extremamente reduzido de falantes, é possível conceber-se uma língua que apresenta apenas um léxico mental (Neste caso, é indiferente a conceção de *langue* ou de competência, se todos os falantes reais cumprirem os requisitos de falante ideal.).

Os problemas acerca da intensão do léxico e do seu carácter mental não se esgotam nas considerações feitas até este ponto.

Como Bauer (2001: 35), podemos ainda interrogar-nos:

O léxico mental inclui apenas os lexemas existentes ou também os potenciais? De acordo com Bauer (2001: 35), o léxico mental do falante ideal conteria todas as palavras existentes e também as potenciais. Por lexemas potenciais deverá entender-se não apenas os itens que podem vir a ser gerados, mas também aqueles que se encontram pressupostos como forma derivante de uma forma derivada que efetivamente ocorre na língua.

Seria este o caso de °*eutrofizar*, forma potencial para a forma existente *eutrofização* (o mesmo que *eutrofização* ‘ECOLOGIA processo pelo qual as águas de um rio ou de um lago, à custa de elementos provenientes de campos fertilizados, se tornam extraordinariamente ricas em nutrientes minerais e orgânicos, provocando excesso de vida vegetal, que dificulta e aniquila a vida animal, por falta de oxigénio’ (*eutrofização* in Dicionário da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico [em linha]).

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

Porto: Porto Editora, 2003-2014. [consult. 2014-11-03 14:50:16]. Disponível na Internet: <http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/eutrofização>)).

Esta conceção encontra-se em acordo com o *Lexicality of the Input Principle*, estipulado por Gaeta (2015: 134), segundo o qual

«Lexeme formation is based both on Lex₁- and Lex₂- lexemes».

Lex₁ e Lex₂ referem-se às duas conceções de Léxico. O Léxico₁ corresponde à listagem de pares som-significado irregulares. O Léxico₂ corresponde ao conjunto de paradigmas que permitem a formação de lexemas, que podem, ou não, vir a integrar-se em Léxico₁.

Esta oposição formulada por Gaeta (2015) encontra eco em estudos de processamento da linguagem (cf. Ullman 2004), nos quais se propõe uma correlação entre o léxico como acervo de itens e a memória declarativa, por um lado, e, por outro, entre o léxico enquanto componente dinâmica da linguagem e a memória processual. Significa, pois, que um lexema pode ser gerado a partir de uma base potencial e não obrigatoriamente a partir de uma base real (e idiossincrática).

Poderemos questionar se o léxico mental do falante ideal também conterà as formações não existentes e impossíveis/ agramaticais de modo a rejeitá-las.¹ (Esta é uma questão que trabalharemos no Capítulo 6, dedicado às restrições de seleção e às compatibilidades entre bases e afixos e mecanismos genolexicais.)

¹ De modo a rejeitá-las ou a aceitá-las como Sigismundus Supergrammaticam, como Thomas Carlyle alcunhou o Imperador sacro-romano Sigismundo (1368-1417): «He is now (A.D. 1414) holding this Council of Constance, by way of healing the Church, which is sick of Three simultaneous Popes and of much else. He finds the problem difficult; finds he will have to run into Spain, to persuade a refractory Pope there, if eloquence can (as it cannot): all which requires money, money. At opening of the Council, he "officiated as deacon;" actually did some kind of litanying "with a surplice over him," [25th December, 1414 (Kohler, p. 340).] though Kaiser and King of the Romans. But this passage of his opening speech is what I recollect best of him there: "Right Reverend Fathers, *date operam ut illa nefanda schisma eradicetur*," exclaims Sigismund, intent on having the Bohemian Schism well dealt with,—which he reckons to be of the feminine gender. To which a Cardinal mildly remarking, "*Domine, schisma est generis neutrius* (*Schisma* is neuter, your Majesty),"—Sigismund loftily replies, "*Ego sum Rex Romanus et super grammaticam* (I am King of the Romans, and above Grammar)!" [Wolfgang Mentzel, *Geschichte der Deutschen*, i. 477.] For which reason I call him in my Note-books Sigismund SUPER GRAMMATICAM, to distinguish him in the imbroglio of Kaisers.». Thomas Carlyle, *History of Friedrich II of Prussia Frederick the Great*, 1858. (In: <http://www.gutenberg.org/files/2102/2102-h/2102-h.htm>).

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

A decisão da extensão daquilo que está integrado no léxico está dependente, evidentemente, da conceção de léxico, que observaremos na secção 1.2. Uma conceção maximizadora, como aquela que caracteriza os *full-entry models*, prevê um léxico infinitamente mais poderoso e extenso do que uma conceção minimizadora, como aquela que é cunhada pelos *impoverished-entry models*.

Um outro problema relacionado com a extensão do léxico relaciona-se com a perda de itens lexicais. Tal como a institucionalização – fator a considerar como aglomeradora dos itens lexicais – o seu oposto, a desinstitucionalização, é também revelador do dinamismo diacrónico do léxico. Fatores de ordem pragmática são apontados como os principais responsáveis pela institucionalização de um item lexical. A mesma ordem de fatores condiciona o desaparecimento de itens e as suas mutações semânticas.

Exemplificando, a palavra *troika* adquiriu nos últimos anos um sentido particular no português europeu. Certamente que no português de Moçambique, de Angola, etc. a mesma palavra não obteve essa alteração semântica.

Como pode observar-se, no dicionário da Porto Editora, o significado de *troika* é de

- 1.trenó puxado por três cavalos
 - 2.conjunto de três pessoas ou coisas; trio
 - 3.grupo de trabalho ou delegação composto por três membros
- (Do russo *troika*, «trio»)

(*troika* In Infopédia [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2014. [Consult. 2014-05-05].

Disponível na www: <URL: <http://www.infopedia.pt/lingua-portuguesa/troika>>.)

Nesta entrada não se encontra o significado que os falantes portugueses conhecem de ‘delegação composta por três membros do FMI com o objetivo de avaliar a situação financeira de Portugal e supervisionar programa de resgate financeiro’.

Uma inquirição pelos falantes devolverá este significado de *troika* e não aqueles que estão inscritos no dicionário consultado. Tal significa

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

i) que o termo *troika*, antes da vinda da troika para o resgate financeiro de Portugal, não se encontrava institucionalizado no léxico mental da maioria dos falantes, ainda que se encontrasse institucionalizado num produto lexicográfico;

ii) que o significado que os falantes atribuem ao termo se encontra institucionalizado no léxico mental dos falantes, ainda que não nos produtos lexicográficos.

O futuro que se pode prever em relação a este termo, no âmbito do léxico mental, é o do seu desaparecimento num relativamente curto espaço de tempo.

O mesmo ocorre com o item *escudo*, designando uma moeda que deixou de estar em vigor em Portugal a partir de 2002. Os falantes mais jovens não usaram nunca o termo em termos efetivos. Os falantes mais velhos que usaram o termo deixaram de o usar quotidianamente. Com a passagem do tempo, a palavra *escudo* não se encontrará no léxico mental dos falantes do português europeu inscrita com o valor de ‘moeda’, mesmo que os dicionários assim a registem, mas somente com o valor de ‘arma defensiva’.

No entanto, para os falantes de português de Cabo Verde, *escudo* manterá o valor semântico de moeda, tendo em conta que é essa atualmente a designação da unidade monetária daquele país. Uma palavra que perderá mais depressa o valor semântico monetário é *paus*. Este item era usado como equivalente a *escudos* num registo coloquial. Por esta condicionante, que representa uma institucionalização menor do item em causa do que a do item *escudos*, podemos prever que este semantismo monetário se perca totalmente em *paus*. Na verdade, podemos, através de produtos lexicográficos de períodos pretéritos do português europeu, observar os itens *coroa*, *reis*, *real* (este ainda em uso no Brasil, pois é esta a designação da unidade monetária atual) como denotando unidades monetárias em períodos passados de Portugal. Contudo, não teremos com tanta facilidade registo das designações que, certamente, os falantes vulgar e coloquialmente usariam para as mesmas realidades.

1.2 O léxico mental: o léxico ou os léxicos?

Após termos indagado alguns dos problemas que advêm da delimitação do léxico como um objeto mental, equacionamos outras questões relativas à extensão do léxico, desta vez concernentes a opções conceptuais de alguns quadros teóricos da

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

linguística. Já apontámos que uma das diferenças entre o léxico e a gramática reside no grau de abstração que algumas correntes, nomeadamente a gramática generativa *standard*, atribuem a um e a outro domínio. O grau de abstração da gramática é encarado como maior do que o grau de abstração do léxico. A gramática opera com regras ou padrões, que são abstrações por excelência, enquanto o léxico, não obstante o seu carácter abstrato advindo do carácter mental, é muitas vezes descrito como uma lista de itens, e não de regras ou padrões, inscrita na memória de longo prazo.

Indagaremos posteriormente se assim é de facto (secção 2.2). Todavia, é esta a visão da gramática generativa *standard*, segundo a qual o léxico é concebido como um domínio de fixação de itens na memória de longo prazo. Duas concepções clássicas de léxico opostas advêm desta noção:

i) A primeira representa um léxico maximalista, constituído por todas as formas existentes. Nesta concepção, todas as palavras estão listadas no léxico, independentemente de serem regulares ou não. Neste caso, o léxico mental seria aproximado a um produto lexicográfico muito extenso e conteria lexemas como *casa*, *gato*, *luz*, *cair*, *de*, *já*, *agora*, não construídas, mas também todas as construídas regularmente, como *admiravelmente*, *familiar*, *economização*, etc.

ii) A segunda exhibe um léxico minimalista, constituído apenas pelas palavras que não são regulares. De acordo com esta concepção, apenas as palavras irregulares estão listadas no léxico, nesse acervo da memória de longo prazo. Neste caso, apenas as palavras idiossincráticas, imprevisíveis, não explicáveis através de regras, estão no léxico. Por exemplo, as palavras *casa*, *gato*, *luz*, *cair*, *de*, *já*, *agora*, não construídas, estão no léxico. Também formas construídas não previsíveis como os compostos *bahuvrihi*, ou seja, exocêntricos, como *rabirruivo* ou *cara-metade* estão inscritas no léxico. Advogam esta visão Di Sciullo & Williams (1987). A favor desta visão estão não apenas as necessidades da elegância do modelo teórico, mas também o argumento psicolinguístico de que os falantes não podem sobrecarregar a memória de longo prazo com itens que são construíveis (Selkirk 1982: 127). No entanto, estudos psicolinguísticos contrariam esta visão, como veremos na secção 2.3 e 4.1.

Um outro obstáculo a colocar a esta visão tem que ver com os limites da própria análise operada pelo linguista. Quer isto dizer que, se o linguista não conseguir determinar regras que tornem o lexema previsível, vai considerar que este se encontra

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

inscrito no léxico. No entanto, se conseguir determinar regras explicativas, já o vai integrar na gramática.

A primeira conceção é designada por Jackendoff (1975) como *full-entry model* e a segunda como *impoverished-entry model*.

Uma conceção que se destaca das duas anteriores foi desenvolvida por Jackendoff (1997) e aperfeiçoada pelo autor em (2002). Trata-se do mecanismo de *tripartite lexical licensing*, que substitui o *late lexical insertion* proposto por Halle & Marantz (1993), em que o léxico é concebido como

«a collection of stored associations among fragments of disparate representations»

(Jackendoff 1997: 108).

Há ainda a considerar uma terceira conceção em torno do léxico: o léxico contém não apenas as formas existentes, mas também as formas potenciais, como pretende Bauer (2001:35). Esses lexemas potenciais apenas são possíveis se se conceber o léxico de acordo com um *full-entry model*, dado que os lexemas potenciais não são gerados na sintaxe.

Do exposto, conclui-se que o termo *léxico* pode ser entendido em aceções divergentes, reconhecidas por Aronoff (1994) e resgatadas por Gaeta (2015). Um léxico₁ apresenta-se como listagem dos itens irregulares *a la Bloomfield*; um léxico₂ emerge como domínio de lexemas potenciais, que, sendo potenciais, têm de ser construídos através de padrões ou paradigmas que, obviamente, não são irregulares. Regressaremos a esta distinção a propósito da formação de palavras (secção 3).

Dependente da aceção de léxico está, consequentemente, a aceção de lexicalização. Nas aceções observadas em cima, o léxico é conotado com uma listagem (gramática generativa *standard*, a analisar em 2.1) ou com uma organização paradigmática de palavras (Cf. *e.g.* Jackendoff, Pinker. A equacionar nas secções 2.2, 2.3 e no capítulo 4).

Consequentemente, o termo *lexicalização* denotará:

i) Processo de integração de unidades no léxico (Hohenhaus 2005: 356). O léxico é aqui encarado como domínio das palavras, independentemente de estarem inscritas na memória de longo prazo ou não. Desta definição advêm duas conceções possíveis:

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

i. a) processo de integração de unidades na memória de longo prazo. Neste sentido, integra-se aqui toda a formação de lexemas, desde que estes passem a estar integrados na memória de longo prazo;

i. b) formação de lexemas, incluindo daqueles que não se integrem na memória de longo prazo, como é o caso de palavras advindas de processos criativos (*Grexit*, *agreement*) e de *hapax legomena*. É este o sentido de *lexicalização* usado em Lyons (1977: 549).

ii) «[...] um processo gradual de fixação de sequências de palavras em grupos formal e semanticamente coesos, com um comportamento semelhante ao de uma unidade do léxico.» (Bacelar do Nascimento 2013: 215). Nesta aceção, estamos perante casos de idiomatização ou fórmulas (cf. capítulo 7 deste volume).

iii) Mutação de uma palavra gramatical em palavra lexical (sendo o oposto de gramaticaliza o).

iv) Processo pelo qual uma palavra morfologicamente complexa começa a ter um comportamento igual ao de uma palavra não derivada, pelo menos num aspeto (semântico, fonol gico², sintático, morfológico), tornando-se, assim, imprevisível ((The lexicon of linguistics (<http://www2.let.uu.nl/UiL-OTS/Lexicon/>) acedido em 29 de abril de 2014).

v) Processo de especializa o semântica de uma palavra (Downing 1977).

Estas ace es,   exce o daquela subsumida em (i.b), podem ser reduzidas a duas visões:

1. Lexicaliza o como processo diacr nico de mudança (ace es ii, iii, iv, v);
2. Lexicaliza o sob o ponto de vista sincr nico, listagem de itens no léxico como acervo de palavras inscritas na memória de longo prazo (ace o i.a) (Hohenhaus 2005: 352 e 356.).

A ace o apresentada em (i.b) mostra o léxico como domínio das palavras independentemente do seu processamento.

² Veja-se como exemplo da altera o fonológica o caso da redu o de vogais de [mín] para [mín] em *policeman* ou de [breik f :st] para [brekf st] (*breakfast*), em inglês. Como exemplo de altera o morfológica, veja-se o caso do inglês *pyjamas* que no composto perde a forma de plural (*pyjama top*). Como exemplo da altera o sintática, ocorre o nome *forget-me-not*, contrastando com a sintaxe *do not forget me*. Como exemplo da altera o semântica, que se cristaliza numa especializa o dos traços semânticos do termo, ocorre *transmission* como o termo técnico que designa ‘o mecanismo de um carro que transmite a energia do motor para as rodas’ (Aronoff 1976: 19,43). (Exemplos colhidos em Hohenhaus (2005: 354)). No caso da altera o semântica, são usados os termos *fossiliza o* (Lyons 1977: 547), *petrific o* (Leech 1974: 226) e, mais vulgarmente, *idiomatiza o*.

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

1.2.1 Os constituintes do léxico e suas características

Do exposto em cima advêm muitos problemas para a compreensão das unidades que cabem no léxico. Se é pacífica a decisão de integrar no léxico itens não construídos, já a integração, ou não, de itens construídos tem sido motivo de grande polémica e de nutrição de muita teorização linguística, como analisaremos nos capítulos 2 e 3 do presente volume.

Dentro dos itens não construídos, há ainda a decidir se apenas as palavras fazem parte do léxico ou se também os morfemas afixais se inserem naquele domínio. Em algumas propostas da morfologia lexicalista, que discutiremos nas secções 2.2.2 e 3.1.2, palavras e afixos têm lugar no léxico como entradas lexicais autónomas. É esta a posição de autores como Halle (1973), Lieber (1980) e Selkirk (1982). Os argumentos que fundamentam esta posição condensam-se a seguir:

a) Os afixos ostentam entre si as mesmas relações semânticas que são tecidas entre as palavras, tais como a sinonímia (*e.g.* os sufixos *-ment-* e *-ção* em *relaxamento* e *relaxação*, a antonímia (*e.g.* os prefixos *sub-* e *super-* em *substrato* e *superstrato* ou *en-* e *es-* em *empalhar* e *espalhar*), a hiponímia/hiperonímia (*e.g.* os próprios elementos *hiper-* e *hipo-* nos lexemas aqui usados) ou a polissemia (*e.g.* o afixo *-ão* que gera nomes agentivos, como *saltão*, e nomes eventivos, como *abanão*) (Lehrer 2000).

b) Tanto as palavras como os afixos possuem uma categoria lexical (*e.g.* o sufixo *-idade* possui a categoria lexical N, uma vez que a sua anexação a bases adjetivais gera nomes) e quadros de subcategorização responsáveis por constrangimentos na atualização co-textual (*e.g.* o sufixo *-idade* marca os nomes como de género feminino) (Lieber 1980, 1992; Williams 1981; Selkirk 1982).

c) Tanto as palavras como os afixos participam das estruturas X-barra. Selkirk (1982) aponta que os sufixos assumem propriedades de núcleos sintáticos em estruturas núcleo-complemento (*e.g.* *avaliador de exames*, em que *de exames* é o complemento do agentivo protagonizado pelo sufixo *-dor*).

Posição contrária, defendendo que apenas as palavras têm entrada no léxico, é sustentada por autores como Aronoff (1976) e por todos aqueles que se situam na esteira da *word-based morphology* (cf. secção 3.1.2). Neste caso, os afixos são

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

operadores das Regras de Formação de Palavras. Os argumentos a favor desta posição enunciam-se a seguir:

a) Muitos processos morfológicos não são explicáveis concatenativamente, como é o caso da alomorfia ou do *umlaut*. Neste caso estamos perante um processo fonológico através do qual uma vogal ou um ditongo posteriores são realizados como anteriores devido à existência de um segmento anterior ou de um constituinte morfológico. São exemplo disso a metafonía ocorrente no inglês *foot/feet* ou *strong/strenght* e a apofonia ocorrente em latim *facio/perfectus*.

b) Existe uma distinção entre afixação e composição que só pode ser explicada se se tiver em conta o diferente comportamento de afixos e palavras (Corbin 1987), pelo que os afixos não correspondem a entradas lexicais. Essa distinção apoia-se

- i) na autonomia semântica dos elementos de composição (e.g. *hidro* ‘água’ em *hidromassagem*, *piro-* ‘fogo’ em *pirobalística*) por oposição à não autonomia dos elementos afixais (*es-*, *-vel* não sustentam significação referencial);
- ii) na possibilidade de os elementos de composição se poderem agregar mutuamente (*hidro+logia*), enquanto os afixos não apontam tal possibilidade (*re+ler*; *rebenta+ção* vs. **re+ção*);
- iii) na possibilidade de os elementos de composição ocorrerem à esquerda (*potamografia*) ou à direita (*hipopótamo*), enquanto os afixos têm posição predeterminada (*branc+ura* vs. **ura+branco*, *in+moral* vs. **moral+in*).

Uma visão diversa é aquela preconizada pela Morfologia Distribuída. Para este programa, não existe um léxico, mas uma enciclopédia, onde se reservam todas as unidades idiossincráticas, independentemente de se tratar de palavras, de morfemas ou de fraseologias. A enciclopédia não tem, contudo, um carácter linguístico.

Mais uma vez, a questão que se levanta e que modela os conteúdos do léxico relaciona-se com o tipo de entidades que podem encerrar-se naquele.

Para agudizar a problemática da delimitação do léxico, há ainda a considerar as lexicalizações ou fórmulas, de que as idiomatizações são o extremo (cf. capítulo 7). Propositadamente, utilizaremos aqui o termo *fórmula* (Wray 2002; 2008) por *lexicalização*, enquanto constructo multilexical, uma vez que já observámos a polissemia do segundo termo, que, a bem da clareza expositiva, queremos evitar.

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

Se as fórmulas são unidades multilexicais armazenadas na memória de longo prazo, então devem estar no léxico, se o léxico consistir num acervo localizado na memória de longo prazo. Afinal, trata-se de unidades linguísticas, ainda que de extensão maior do que a palavra. Uma hipótese de resolução consistirá em conceber que a memória de longo prazo onde se guardam as fórmulas não é a mesma onde se guardam os lexemas. Para que assim se possa considerar, é necessário que haja evidências psico- e neurolinguísticas que o demonstrem (Wray 2002; 2008).

A gramática generativa *standard* obviou-se ao tratamento das fórmulas. Chomsky (1965) designa por *léxico* o acervo das palavras com propriedades não predizíveis. Contudo, deixa de lado unidades multilexicais igualmente não composicionais, presumivelmente devido aos problemas que estas acarretam para a elegância do modelo teórico. Entre a marginalidade a que as fórmulas foram devotadas pela gramática generativa *standard* e o seu real e frequente uso pelos falantes existe um hiato imenso. Os falantes usam as fórmulas frequentemente e com propriedade, denotando o conhecimento implícito acerca da sua utilização que caracteriza qualquer item linguístico. Não podem, por isso, relegar-se ao domínio da marginalidade descritiva.

Assim, fórmulas como aforismos (*a galinha da minha vizinha é mais gorda que a minha*), idiomatismos (*ter a pulga atrás da orelha*) ou colocações (*ideia peregrina*) levantam muitas questões sobre o entendimento do seu lugar na linguagem. Jackendoff (2002: 167-177) apresenta uma súpula dessas questões, que sintetizamos em seguida.

Numa primeira abordagem, parece haver mais razões para se considerarem as fórmulas como pertencentes ao léxico e não à gramática:

- a) As fórmulas encontram-se inscritas na memória de longo prazo, não sendo construídas em linha.
- b) O seu significado não é composicional, pelo que não é predizível por regras.
- c) Não admitem transformações sintáticas, como a passivização (*O homem esticou o pernil.* vs. **O pernil foi esticado pelo homem.*).

No entanto, outra razão apontaria as fórmulas como integráveis na gramática:

- a) Algumas fórmulas apresentam variações (*Fechar a porta na cara./ Bater com a porta na cara./ Dar com a porta na cara.*).

As mesmas motivações, apreciadas sob outros prismas, levariam à exclusão das fórmulas quer do léxico, quer da gramática:

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

a) Não estão sujeitas aos procedimentos de inserção lexical dos itens lexicais normais. Na gramática de Chomsky, as palavras são inseridas na sintaxe sob categorias lexicais (N, V, Det, etc.) que pressupõem a geração de sintagmas que dominam essas categorias (SN, SV, SDet, etc.). Após essa geração, os itens lexicais particulares são inseridos sob N, V, Det, etc. A interpretação semântica advém da combinação dos itens inseridos na sintaxe. Dois problemas advêm desta concepção:

i) a semântica das fórmulas, não sendo composicional, não pode ser construída na sintaxe, mas tem, antes, que provir do léxico;

ii) se, pretendendo estender-se o mecanismo de inserção lexical de Chomsky, é possível descrever-se uma fórmula como *esticar o pernil* como um V (Chomsky (1981: 146, nota 94) explica o idiomatismo *kick the bucket* como um verbo lexical, pois pode ser inserido como um todo como V na sintaxe e assim se obvia o problema da interpretação semântica.), o mesmo não é factível em relação a fórmulas descontínuas (*give SN the boot* ‘despedir alguém do emprego) ou a fórmulas como *o gato comeu-lhe a língua* e *sic transit gloria mundi*, que não têm a formatação própria de uma categoria lexical.

b) Algumas fórmulas são descontínuas, pelo que acarretam o problema mencionado no parágrafo anterior, não se coadunando com as características dos itens lexicais quer em si mesmos, quer na sua relação com a sintaxe.

Neste momento, pretendemos apenas questionar a noção de léxico fazendo intervir nesta problematização o caso das fórmulas. No capítulo 7 deste volume trataremos destes objetos linguísticos com mais atenção.

De todas estas considerações, é necessário revisitar as várias concepções de léxico e de gramática para observarmos qual ou quais delas poderão permitir uma análise dos fenómenos linguísticos, mesmo na sua heteróclise, com maior acuidade. Uma boa súmula destas questões encontra-se nos vários capítulos que constituem Cruse *et alii* (2002).

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

Capítulo 2. Léxico vs. gramática ou a gramática do léxico?

Nesta secção oferecer-se-ão concepções acerca do léxico e da sua relação com a gramática. Visões que focam a formação lexical serão objeto de reflexão no capítulo 3.

A gramática preconizada por Chomsky advoga a separação ontológica entre léxico e gramática. Outras concepções, no entanto, assumem que o léxico tem, ele próprio, qualidades gramaticais, no sentido de organizacionais ou de estruturação gerativa. Urge, pois, avaliar essas propostas.

Como introdução, podemos postular que a gramática tradicional concebe o léxico como uma parte de cada língua particular que representa um acervo de itens sem carácter gerativo regularizado por padrões mentais. Nesta perspetiva, verifica-se uma desfasagem entre aquilo que é a consciência (no sentido do inglês *awareness*) da língua e o seu domínio em termos de mente funcional (Jackendoff 2002). Se o eu consciente de um falante *naive* não correlaciona os lexemas entre si por não reconhecer conscientemente as relações paradigmáticas que entre esses lexemas se entrecruzam, a sua mente-funcional tem um conhecimento profundo dessas relações, de tal modo que, numa situação real de processamento, o falante *naive* pode interpretar formas nunca antes ouvidas e produzir formas nunca antes produzidas (para parafrasear uma fórmula estereotipada de Chomsky).

No domínio do léxico, um falante *naive* pode não saber explicar os mecanismos de formação de uma palavra como *desglobalização*.³ No entanto, é capaz de a interpretar à luz dos paradigmas que com ela se equacionam. Do mesmo modo, no momento da produção, é possível um falante ingénuo, até com um reduzido nível de escolarização, produzir uma forma como *vasaria* (*Já vem o tempo bom para pôr a vasaria toda na varanda*. (Enunciado ouvido a falante de 75 anos, feminino, não escolarizado)). O reconhecimento do item lexical depende não apenas do grau cultural, mas da área referencial que se constitui como o mundo de vivência do indivíduo. Vejam-se, por exemplo, os itens *despedrega*⁴ e *eutrofização*⁵. O primeiro é reconhecido por falantes não cultos, agricultores. O segundo é reconhecido por falantes cultos, ecologistas.

³ Veja-se o mesmo item em castelhano e o comentário que um falante faz ao seu uso: «Creo que ni Lobo Estepario, ni Rhaenys, ni yo hemos criticado la humanización de la loba, en todo caso nos ha sorprendido su desglobalización (toma patada al diccionario).» (<http://www.clandlan.net/foros/topic/39649-relato-del-iv-concurso-unos-ojos-a-los-que-mirar/>).

⁴ *Despedrega*: ‘Retirar pedra de um terreno para torná-lo arável’.

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

Assim, essa capacidade é suportada pela mente-funcional que constrói um conhecimento implícito sobre os mecanismos que possibilitam a construção das unidades lexicais da língua. Cabe ao linguista explicitar esses mecanismos de construção e de correlação do léxico.

Na nossa perspetiva, o léxico é composto por constituintes básicos (lexemas não construídos e morfemas) e pelas relações funcionais e dinâmicas que a mente-funcional estabelece entre esses constituintes. Esta visão não é nova e pode ser já encontrada em Paṇini, que, na sua obra *Aṣṭādhyāyī*, do séc. IV a. C., apresenta uma série de regras e meta-regras que regularizam a geração não só de frases, mas também do próprio léxico (cf. Scharf 2013: 233-251; Kiparsky 1993; Kiparsky 2009).

Na gramática gerativa *standard* (Chomsky 1965), o léxico é entendido como o domínio da língua em que se encontram os itens que carecem de carácter gerativo na sua génese, residindo na sintaxe a verdadeira força geratriz linguística. A gramática gerativa *standard* encara o léxico como o acervo dos itens que o falante recolhe para a geração das unidades sintáticas.

Nesta conceção, o léxico correlaciona-se com a memória declarativa; enquanto na primeira o léxico, entendido como complexo de relações dinâmicas, apresenta correlação com a memória processual (Ullman 2004).

Visão contrária é própria de teorizações que concebem o léxico como um domínio ele mesmo gerativo (Vejam-se os trabalhos de Pustejovsky (1995), Corbin (1987) e seus seguidores ou de Booij (2010a; 2010b), para referir clássicos.) e é sustentada por conceções de linguagem como aquela proposta por Jackendoff (2002).

Assim, a rejeição do léxico como um repositório de objetos passivos/inertes é própria de uma perspetiva que descreve o léxico como gerativo e dinâmico (a que chamaremos aqui “visão paralela”). Não significa isto que a visão contrária, a da gramática generativa *standard* (a que chamaremos “sintaticocêntrica”), não reconheça a formação de palavras como algo dinâmico. Pelo contrário. No entanto, esse dinamismo

⁵ *Eutrofização*: «processo pelo qual as águas de um rio ou de um lago, à custa de elementos provenientes de campos fertilizados, se tornam extraordinariamente ricas em nutrientes minerais e orgânicos, provocando excesso de vida vegetal, que dificulta e aniquila a vida animal, por falta de oxigénio.» (*eutrofização* in Dicionário da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2014. [consult. 2014-11-04 15:49:27]. Disponível na Internet: <http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/eutrofizacao>).

Reconhecem-se neste item os elementos gregos *eu* ‘bom, verdadeiro’ e *trophein* ‘nutrir’.

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

advém da estrutura em que a visão sintaticocêntrica a insere – a sintaxe –, continuando a encarar-se o léxico como um domínio à parte, esse sim, sem dinamismo.

A visão contrária à visão sintaticocêntrica da linguagem – apoiada na arquitetura paralela de Jackendoff – concebe uma externalização da formação de palavras em relação ao seio da sintaxe. Tal concepção não implica que se negue inteiramente a presença da componente sintática na formação de palavras. Antes implica a rejeição de que a formação de palavras faça parte da sintaxe.

Não quer isto dizer que as visões da formação de palavras como domínio autónomo em relação à sintaxe advenham da visão de Jackendoff, pois são bem anteriores a esta, apoiadas nos trabalhos seminais de Halle (1973) e Aronoff (1976), como estudaremos na secção 3.1.2.

No entanto, estas duas visões opostas consolidam-se, em termos de concepção de linguagem, na oposição entre as concepções sintaticocêntricas e paralelas da linguagem, defendidas, respetivamente, por Chomsky e Jackendoff. Uma súpula das duas concepções é apresentada em Rodrigues (2012a). A formação de palavras será, no entanto, tratada de modo particular no capítulo 3.

2.1 O léxico e a gramática na gramática generativa *standard* (léxico vs. gramática)

Chomsky (1957; 1965), seguindo Bloomfield (1933), utiliza o termo *léxico* para designar o repositório de pares som-significado irregulares, encarando-o como o continente das propriedades excecionais ou imprevisíveis da língua. O léxico não contém informações redundantes, pois estas são previsíveis. Neste sentido, o léxico não é entendido como uma componente autónoma da organização da linguagem, sendo que o interesse pelo seu estudo reside no fenómeno de inserção lexical na sintaxe.

Na mesma linha de pensamento situam-se Di Sciullo & Williams (1987), que designam os itens lexicais que se encontram no léxico por *listemas*. Para estes autores, os listemas não são alvo de interesse para o estudo da gramática, pois têm que ser armazenados na memória de longo prazo, não sendo, por isso, construídos gerativamente.

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

A visão tradicional de Chomsky advoga uma separação ontológica entre o léxico e a gramática.

2.1.1 A inércia do léxico vs. a produtividade da gramática

A capacidade derivacional da linguagem é devedora da componente sintática, como se verifica com a leitura dos seguintes excertos de Chomsky (1965: 231):

«[...] uma gramática compreende uma componente sintáctica, uma componente semântica e uma componente fonológica. As duas últimas são puramente interpretativas, não desempenhando qualquer papel na geração recursiva das estruturas das frases. A componente sintáctica é constituída por uma componente de base e por uma componente transformacional. A base, por seu turno, é constituída por uma subcomponente categorial e por um léxico. A base gera estruturas profundas. Uma estrutura profunda entra na componente semântica e recebe uma interpretação semântica; é convertida pelas regras transformacionais numa estrutura de superfície à qual as regras da componente fonológica dão então uma interpretação fonética. Assim, a gramática associa interpretações semânticas a sinais, sendo esta associação mediada pelas regras recursivas da componente sintáctica.».

«[...] a componente sintáctica será composta por uma base que gera as estruturas profundas e por uma parte transformacional que as converte em estruturas de superfície. A estrutura profunda de uma frase será submetida à componente semântica para a interpretação semântica e a sua estrutura de superfície entra na componente fonológica onde é sujeita a uma interpretação fonética. A finalidade última de uma gramática consiste, assim, em estabelecer uma relação entre uma interpretação semântica e uma representação fonética – isto é, em dizer como é que se interpreta uma frase. Essa relação é mediada pela componente sintáctica da gramática que constitui a sua única parte «criativa».».

Outras afirmações situadas na mesma esteira de conceção sintaticocêntrica da linguagem podem encontrar-se em Chomsky (1965: 97-99) e Katz & Postal (1964: 1 e 166), para citar textos clássicos. Todavia, a mesma conceção perdura no pensamento de Chomsky, como pode observar-se em trabalhos mais recentes do autor. Podem consultar-se, por exemplo, trabalhos como Hauser, Chomsky & Fitch (2002), Fitch,

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

Hauser & Chomsky (2005), ou Piattelli-Palmarini, Uriagereka & Salaburu (Eds.) (2009).

Para exemplificação, focamos Hauser, Chomsky & Fitch (2002) e Fitch, Hauser & Chomsky (2005). Para estes autores, a faculdade da linguagem deve ser entendida *in lato sensu* e *in stricto sensu*. *In lato sensu*, a linguagem compreende um sistema sensório-motor, um sistema concéptuo-intencional e um sistema computacional. *In stricto sensu*, a linguagem comporta apenas o sistema computacional, que coincide com a sintaxe. É este sistema computacional que é responsável pela recursividade da linguagem. A recursividade, ilustrável por enunciados teoricamente infinitizáveis como

(1) *O pelo do cão que vimos no jardim que fica ao pé do edifício que está à esquerda da casa da senhora que encontrámos no dia em que o nosso colega que viajou para aquele país de que falávamos no momento em que nos interrompeu a rapariga que tem o cabelo curto [...] é castanho.,*

já havia sido apontada em Chomsky & Miller (1963) como responsável pelo carácter gerativo da sintaxe.

No domínio da linguagem, a recursividade revela-se como uma estruturação de objetos linguísticos que labora com a inserção de um constituinte num constituinte do mesmo tipo, prevendo-se, assim, a geração infinita de objetos dentro do mesmo objeto.

Temos, assim, que os domínios que não são estritamente linguísticos estão localizados no exterior da linguagem *in stricto sensu*, onde tem lugar apenas a sintaxe, ou seja, a recursividade. Os autores sublinham que o sistema sensório-motor, com que se relaciona a fonologia, não é estritamente linguístico, assim como o sistema concéptuo-intencional, em que se insere a semântica, também o não é. Segundo Hauser, Chomsky & Fitch (2002: 1571), cabe ao sistema computacional – o da recursividade – gerar representações internas que posteriormente o mesmo sistema mapeia com o sistema sensório-motor (através da interface com a fonologia) e com o sistema concéptuo-intencional (através da interface com a semântica formal).

Este desenho da faculdade da linguagem não é novo em Chomsky. (De salientar que apenas Chomsky é linguista, enquanto Hauser e Fitch são biólogos evolucionistas.)

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

Na verdade, o mesmo esboço é destacado no Programa Minimalista (Chomsky 1995), em que se preconiza a existência de um mecanismo – *merge* ‘fundir, concatenar’ –, ao qual cabe a combinação de itens que possuem Forma Fonética e Forma Lógica.

A centralidade que a recursividade obtém na proposta de Hauser, Chomsky & Fitch – paralela à centralidade da sintaxe nos trabalhos do linguista deste grupo de investigadores – advém de estes considerarem que as restantes componentes da linguagem não são exclusivas do Homem, enquanto a recursividade o será.

De facto, mesmo em espécies de primatas muito inteligentes, como os bonobos, os chimpanzés, os gorilas e os orangotangos, é possível a identificação de componentes mentais similares aos da fonologia e da semântica (cf. Calvin & Bickerton (2000: 23-24)). Contudo, não se identificam componentes comparáveis à sintaxe.

No entanto, a oposição que Chomsky constrói entre a linguagem *in stricto sensu* e *in lato sensu* alicerça-se apenas na opção de o autor atribuir carácter recursivo, que proporciona a geratividade, exclusivamente à sintaxe e não às restantes componentes da linguagem. Autores como Jackendoff e Pinker consideram que a recursividade – que permite a geratividade – não é exclusiva da sintaxe, mas antes de todas as estruturas linguísticas. Assim sendo, a hiatização léxico *vs.* gramática da gramática generativa *standard* constitui-se como corolário teórico desta corrente, pelo que pode ser dissolvida noutras perspetivas que devolvam à fonologia e à semântica (componentes, a par da sintaxe, dos itens lexicais) o seu carácter gerativo, como focaremos em seguida.

2.2 A gramática do léxico: o léxico como uma dimensão produtiva da linguagem

2.2.1 O léxico gerativo (Pustejovsky 1995)

Contrariamente às vertentes chomskianas da gramática gerativa, Pustejovsky (1995) concebe o léxico como uma organização gerativa. Rejeitando a descrição do léxico como

«a static set of word senses, tagged with features for syntactic, morphological, and semantic information.»,

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

Pustejovsky (1995: 1) preocupa-se com a geração de sentidos composicionais através da interação de significados lexicais entre si. Como tal, o autor explicita que o léxico gerativo resulta de uma organização entre conteúdos semânticos de palavras com uma estrutura interna complexa que, combinados entre si, geram, em frases e sintagmas, um conjunto de sentidos mais extensos (Pustejovsky 1995: 2). Esses conteúdos semânticos deverão refletir estruturas conceptuais de carácter mais profundo, localizados no sistema cognitivo a um nível não linguístico (Pustejovsky 1995: 6).

Pustejovsky (1995: 2) advoga, ainda, que é necessário considerar o conceito de *semanticalidade* e não apenas o de *gramaticalidade* no que diz respeito à descrição do conhecimento acerca dos itens lexicais. A *semanticalidade* é análoga, no domínio da semântica, à *gramaticalidade* definida por Chomsky para as estruturas sintáticas, correspondendo à «semantic well-formedness of expressions in a grammar.» (Pustejovsky 1995: 40). Como exemplo, a semanticalidade está ausente de enunciados como (2a; 2b):

- (2) a. **O João está a barrar o iogurte.*
 b. **O gato está a ladrar.*

A sua principal preocupação direciona-se para a compreensão dos fenómenos de polissemia. A principal crítica que apresenta às visões que desenham os semantismos polissémicos de um item lexical como meras listagens adscritas a cada item enraíza-se em três argumentos (Pustejovsky 1995: 39):

i) o uso criativo das palavras: outros sentidos que não aqueles que se encontram listados no léxico são gerados nas palavras em conformidade com o contexto de utilização;

ii) a permeabilidade dos sentidos das palavras: os sentidos das palavras não são atómicos, antes apresentam relações de imbricação uns nos outros;

iii) a expressão através de múltiplas formas sintáticas: um único sentido de um mesmo item lexical pode sofrer realizações sintáticas diversas.

Consequentemente, o autor considera inadequada, para efeitos de compreensão do fenómeno da polissemia, a enumeração de sentidos como mera listagem.

Pustejovsky (1995: 61) parte da concepção de que existem diferentes níveis de organização dos dados concernentes aos itens lexicais, identificando-os como:

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

- a) estrutura argumental;
- b) estrutura eventiva;
- c) estrutura de qualia e
- d) estrutura de herança.

O léxico gerativo é, pois, um sistema computacional que contém pelo menos os quatro níveis de dados acima apontados.

A estrutura argumental especifica o número e o tipo de argumentos lógicos e o modo como estes se realizam na sintaxe. Fazem parte dos tipos de argumentos os argumentos verdadeiros (exemplo 3a), os argumentos por defeito (exemplo 3b) e os argumentos sombra (exemplo 3c).

- (3)
- a. *O João leu o livro.*
 - b. *O João fez o bolo com ovos.*
 - c. *Chorou lágrimas arrependidas.*

Para cada item definem-se os argumentos, especificando o seu preenchimento semântico. Por exemplo, para o verbo *ler*, o argumento que é realizado em sintaxe como sujeito é especificado semanticamente como [+humano].

A estrutura eventiva apresenta o tipo eventivo de um item lexical e de um sintagma. Os tipos de estrutura eventiva englobam estado, processo e transição. Um evento pode conter vários subeventos.

A estrutura de qualia, encarada por Pustejovsky (1995: 77) como aquela que mais bem define o significado de cada palavra, representa os seguintes aspetos relativos àquele:

- i) formal (o que distingue o objeto dentro de um domínio mais lato);
- ii) agentivo (condições relacionadas com a origem do objeto);
- iii) constitutivo (relação entre um objeto e os seus constituintes) e
- iv) télico (a funcionalidade do objeto).

Por exemplo, o nome *romance* apresenta como traço formal ‘livro’, como constitutivo ‘narrativa’, como télico ‘ser lido’ e como agentivo ‘escrito’.

A estrutura de herança lexical permite a identificação do modo como um item lexical se relaciona com outro(s) e como contribui para a organização global do léxico.

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

Estes quatro níveis estruturais são relacionáveis entre si através de mecanismos gerativos responsáveis pela formação dos sentidos composicionais (Pustejovsky 1995: cap. 7). A previsibilidade e o carácter gerativo do *modus operandi* desses mecanismos fazem que o léxico não se sobrecarregue com a explicitação de semantismos polissémicos que variam co-textualmente. Desses mecanismos destacam-se os mecanismos semânticos que são a *type-coercion*, a *selective binding* e a *co-composition*.

Type-coercion (coerção de tipo) compreende a operação semântica que converte um argumento no tipo que é expectável de modo a torná-lo semanticamente aceite. A coerção de tipo é a operação semântica operada sobre um dado item lexical por outro item que é o predador do primeiro, de maneira a que o primeiro obtenha uma dada interpretação semântica, sem que haja alteração no seu tipo sintático. Assim, esta operação faz que o SN *o livro* em *Começar um livro* obtenha a leitura de evento, visto que é o tipo eventivo que é exigido para argumento interno de *começar*. Deste modo, *Começar um livro* é interpretado como *Começar a ler um livro*. A estrutura que assoma à superfície SN não corresponderia às especificações do tipo de argumento como evento, pelo que a coerção de tipo soluciona essa contrariedade semântica.

Selective binding (ligação seletiva) (Pustejovsky 1995: 127-131) corresponde à operação de um item lexical ao nível da subestrutura do sintagma, sem que ocorra alteração no tipo de composicionalidade. Um item lexical, que pode ser um modificador de um núcleo, pode seleccionar ao nível da estrutura de qualia, ou seja, ao nível de subestruturas, um traço desse núcleo que se torna responsável por um determinado significado polissémico do item modificador. É este o caso ocorrente em *livro longo* ou *cabelo longo*. No primeiro caso, o adjetivo selecciona um traço do quale télico ‘ser lido’ de *livro*. No segundo, é seleccionado um traço do quale constitutivo.

Co-composition (co-composição) refere-se ao mecanismo que torna possível que uma estrutura admita à superfície mais do que uma aplicação de função. Este mecanismo reflete o comportamento de itens que, numa frase, ocasiona a geração de novos sentidos não lexicalizados nas palavras operadoras da composição. Neste caso, podemos observar a polissemia do verbo *colher* em *colher maçãs* e *colher informação*. Na primeira situação, o significado de ‘agarrar’ do verbo *colher* é determinado pelo facto de o SN manifestar um objeto tridimensional. Na segunda, o significado de ‘coligir’ advém do facto de o SN designar um objeto não palpável. Segundo

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

Pustejovsky, é o significado do sintagma predicador que é determinado pelo significado do sintagma argumento.

A existência destes mecanismos permite a redução da extensão do léxico ao se agruparem sob meta-entradas múltiplos sentidos regulares. Essas meta-entradas são designadas por *paradigmas léxico-conceptuais* (Pustejovsky 1995: 62). A intenção de Pustejovsky (1995: 105) é desenhar um modelo que

«[...] captures the means by which words can assume a potentially infinite number of senses in context, while limiting the number of senses actually stored in the lexicon.».

A proposta de Pustejovsky consolida a dimensão gerativa da semântica. Outras perspectivas em relação ao léxico, especificamente à formação deste, dotam de poder gerativo dimensões diversas da sintaxe, como passaremos a analisar.

2.2.2 O léxico na morfologia lexicalista (o léxico na gramática)

Em teorias generativas lexicalistas, divergentes da gramática generativa *standard*, como são as da *lexical-functional grammar* (Bresnan 2001; Hale & Keyser 1993), é no léxico que ocorre a combinação entre bases e afixos através de regras lexicais. Depois desta operação, ocorre a inserção da palavra na estrutura sintática (Jackendoff 2002: 155). A estas perspectivas atribui-se a designação de lexicalistas. Autores como Scalise, Aronoff, Anderson, Booij encontram-se naquelas integrados. Nesta secção, dedicada ao léxico em geral, especificaremos a visão de léxico oferecida por Booij (2010a; 2010b), na medida em que não se restringe aos lexemas construídos. Analisaremos com mais detalhe na secção 3.1.2 os modelos da morfologia lexicalista, por se aterem à formação de palavras.

2.2.2.1 O léxico como uma rede de relações (Booij 2010a; 2010b)

Em Booij (2010a: 8), o léxico é entendido como

«the repository of all simplex words and of all complex words that are idiosyncratic and/or conventionalized.».

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

Neste aspeto, não assomam grandes divergências na conceptualização do léxico comparativamente à perspetiva sintaticista (a focar na secção 3.1.1). Booij (2010b: 19) considera que o léxico contém ainda as unidades multilexicais com carácter idiomático, ou seja, aquelas que possuem propriedades imprevisíveis e que, necessariamente, têm de ser armazenadas na memória de longo prazo pelo falante.

A peculiaridade do léxico preconizado por Booij (2010b: 50) consiste no entendimento deste como um módulo da gramática constituído por uma rede tecida entre palavras, unidades multilexicais e esquemas morfológicos. Booij (2010b: 25) apresenta o léxico como uma rede de relações, sendo que essas relações tornam o léxico numa organização hierarquicamente construída. Exemplificando, em termos sintáticos, *cão* é uma palavra, um lexema, um nome, um nome contável. *Ler* é uma palavra, um lexema, um verbo, um verbo transitivo. Em termos semânticos, *cão* é um objeto, um animal, um mamífero, etc. *Ler* é um evento, causativo, etc. Na base da hierarquia encontram-se as unidades particulares. Cada nó da hierarquia herda as propriedades do nó dominante. Como tal, as palavras que partilham a mesma hierarquia apresentam as mesmas propriedades. Como vantagem deste desenho do léxico emerge a não necessidade de especificação para cada palavra individual dos traços que são partilhados na classe hierárquica. Consequentemente, cada palavra individual pode pertencer a hierarquias distintas.

No caso das palavras derivadas, estas são também dominadas pelos esquemas construcionais, que estudaremos na secção 3.1.4.4. Para simplesmente exemplificarmos estes dados, diremos que um nome como *justificação* é um constructo do esquema construcional $[[\text{PRED}]_V \text{ção}]_N \leftrightarrow \text{'evento de V'}$. O constructo herda os traços inerentes ao esquema construcional, ou seja, o semantismo de evento, bem como as potencialidades das estruturas léxico-semântica e argumental. A informação encapsulada no mecanismo de herança encontra-se explicitada em cada entrada lexical, comportando-se, pois, como redundante (Booij 2010b: 27). Esta perspetiva, designada por *full entry theory*, remonta a Jackendoff (1975).

Booij (2010b: 27) concebe ainda que a herança pode ser omissa (*default inheritance*), nas situações em que as propriedades de um nó mais baixo ultrapassam as propriedades de um nó mais alto. Esta modulação no desenho teórico permite explicar formações lexicais que estão em desacordo com os traços manifestados nos esquemas construcionais. Por exemplo, os adjetivos em *-vel* são gerados a partir de verbos.

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

Contudo, existe o adjetivo *papável* ‘que pode ser eleito Papa’, formado com base no nome *Papa*. Para a formação deste adjetivo particular, concorre a herança omissa, pois os traços que especificam o esquema construcional não são atualizados no lexema *papável*.

A mesma explicação de herança omissa poderá ser aplicada à explicação do derivado *antirrugas*. Este nome, de género masculino, não herda a marcação de género da base *ruga*, que é um nome feminino.

Igualmente, o caso da formação de verbos denominais e deadjetivais através dos prefixos *a-*, *es-* e *en-*, que acarreta uma recategorização da base, pode explicar-se, à luz do modelo de Booij (2010a; 2010b), através da herança por omissão. Assim, um esquema mais elevado/ abstrato especifica que a prefixação apresenta como uma das suas propriedades a preservação da categoria das bases. Um esquema localizado num nó mais baixo especificará que os prefixos *a-*, *es-* e *en-* alteram a categoria das bases, comprometendo, assim, a herança total da informação dos nós hierarquicamente superiores. Na secção 3.1.3, abordaremos novamente a formação de verbos através destes prefixos.

A questão que podemos colocar é se este tipo de herança omissa corresponderá realmente ao processamento real do léxico, carecendo de uma validação por parte de estudos psicolinguísticos. Em todo o caso, julgamos que neste ponto se surpreende um golpe na *lex parsimoniae*, ou lâmina de Ockham: pressupõe-se uma herança que tem que ser irrealizada em situações particulares. É como se no léxico existissem redes e algumas das linhas dessas redes estivessem cortadas. Sendo assim, o que se pergunta é se é teórica e empiricamente viável, sob o ponto de vista do léxico mental, que as linhas tivessem sido estabelecidas para de imediato serem cortadas, antes de serem utilizadas. Operará o cérebro a construção de redes abstratas que sabe que não vai utilizar? Que nos seja permitida a utilização de uma imagem: é como se construíssemos uma rede completa de estradas a unir todas as povoações às sedes de concelho e estas às sedes de distrito e estas à capital e, depois de a rede estar completa, fossem feitas obstruções em algumas dessas estradas, sem que nunca tivessem sido usadas.

Outro ponto negativo a apontar a esta conceção de léxico atém-se à restrição que o autor apresenta relativamente à cunhagem desse conceito. Em Booij (2010a; 2010b) não são feitas menções a outras relações entre os constituintes do léxico para além daquelas que perfazem a morfologia. Assim, parecem excluídas da rede do léxico as

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

relações meramente semânticas ou fonológicas, imagéticas, enciclopédicas, ou aquelas que se preveem na estrutura espacial explicitada por Jackendoff (2002), entre outras.

Os pontos positivos residem na abordagem do léxico não como um repositório inânime, oposto à gramática, como preconizado pela gramática generativa *standard* e pelos modelos *word syntax*. Parece-nos, no entanto, excessiva a glorificação que impende das palavras do próprio Booij (2010b: 257), segundo as quais

«[...] there is no longer a neat division between grammar and lexicon».

Outros modelos lexicalistas anteriores, como o de Corbin, por exemplo, lograram construir uma visão do léxico como um módulo dinâmico, não contraposto à gramática.

2.2.3 O léxico como interface (Jackendoff 2002)

Já observámos que Chomsky concebe os itens lexicais como associações, ao nível da memória de longo prazo, de traços semânticos, sintáticos e fonológicos. Neste sentido, a inserção lexical trabalha com o item lexical no seu conjunto fonológico, semântico e sintático (*e.g.* Chomsky 1965: 232). Esse todo é inserido na estrutura sintática. Contudo, os constituintes fonológico e semântico serão interpretados apenas posteriormente nos módulos fonológico e semântico, respetivamente. Esta conceção encontra raiz no sintatocentrismo que caracteriza os vários modelos de Chomsky, para quem a estrutura nuclear da linguagem é a sintaxe.

De acordo com Jackendoff (2002: 130-131), embora essa conceção seja possível em termos teóricos, é empírica e processualmente incompreensível que a sintaxe transporte traços semânticos e fonológicos, pois estes estão presentes no item lexical no momento da sua inserção na sintaxe, sem que esta tenha acesso à sua decodificação. Somente as componentes fonológica e semântica detêm a chave para a interpretação destas propriedades do item lexical. Para que transporta a sintaxe estes traços, se não os pode colher? Como refere Jackendoff (2002: 130), suportando-se numa comunicação pessoal de Ivan Sag,

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

«[...] it is as though the syntax has to carry around two locked suitcases that it turns over at a checkpoint to the components that have the right keys.».

Para Jackendoff (2002: 131) mesmo os modelos (*e.g.* Di Sciullo & Williams (1987) e Halle & Marantz (1993)) que concebem a “inserção lexical tardia” mantêm-se no mesmo nível de insatisfação explicativa, na medida em que seguem a assunção de que os itens lexicais são inseríveis ao nível da frase num domínio da gramática.

Jackendoff (2002) propõe uma conceção de léxico que é suporte de e suportada pelo modelo “arquitetura paralela”. Na proposta deste autor, um item lexical

«is as a small-scale three-way interface rule. It lists a small chunk of phonology, a small chunk of syntax, and a small chunk of semantics [...]».

O item lexical apresenta traços fonológicos, semânticos e sintáticos. Consequentemente, o léxico não é tratado como um domínio à parte do verdadeiro núcleo da linguagem (a sintaxe, a gramática, como quer Chomsky), mas antes como um domínio que protagoniza a interface entre as três estruturas da linguagem. Um item lexical não é, assim, inserido na sintaxe; é antes operador da interface entre a semântica, a sintaxe e a fonologia, que atuam em paralelo (Jackendoff 2002: 131).

A conceção de léxico advogada por Jackendoff suporta-se em estudos neurológicos. Jackendoff cita William Calvin, em Calvin & Bickerton (2000: 22-23), que explicita que a ativação na mente de um determinado item lexical estimula, a um nível neurológico, várias subestruturas. Referindo-se especificamente ao acesso lexical, o processamento, por exemplo, do item *gato* ativa uma representação visual ao nível do córtex visual, uma representação fonológica em subestruturas no córtex auditivo, uma produção fonética em componentes motores localizados no lobo frontal, etc. Isto significa que não é plausível conceber-se o léxico como um armazém localizado numa região específica do cérebro. Dependendo de cada item lexical e das representações mentais que este suscita, as diversas representações do mesmo item residirão em regiões diferentes do cérebro. Por exmplo, um item como *veludo* suscitará também representações tácteis; um item como *cereja* representações gustativas, desde que essas representações tenham correspondência com perceptos na mente do falante. Sendo assim, o léxico corresponderá à construção da interface entre essas estruturas (cf. Field

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

(2003: 10-17) e Garman (1990: 239-250)). Esta dimensão processual será tratada na secção 2.3 deste livro.

Evidentemente, esta opção teórica de Jackendoff acarreta uma negação do sintatocentrismo, defendido por Chomsky sem solução de continuidade ao longo dos seus trabalhos.

Para Jackendoff, a sintaxe não é a componente que detém com exclusividade a capacidade geratriz da linguagem. As outras duas estruturas – a semântica e a fonologia – têm igual funcionalidade. De outro modo, argumenta Jackendoff, não seria possível a compreensão de itens que estão desprovidos de sintaxe, ainda que possuam semântica e fonologia. Trata-se de itens onomatopaicos, como *ãõ-ãõ*, mas também de outros como *olá*, *adeus*, *psst*, *abracadabra*, etc. (Jackendoff apresenta exemplos em 2002: 132-133).

No entanto, não é apenas a sintaxe que está ausente de determinados itens lexicais. Jackendoff apresenta exemplos de itens com sintaxe e com fonologia, mas desprovidos de semântica. É este o caso dos sujeitos expletivos ou do auxiliar *to do* em inglês, usado nas negativas (Jackendoff 2002: 133). Itens lexicais que não apresentam fonologia, embora contenham semântica e sintaxe, são ilustrados pelo pronome vazio [PRO] estabelecido como sujeito das orações infinitivas. Há ainda itens que apenas apresentam estrutura fonológica. Nesta categoria, estão elencados itens que ocorrem em rimas infantis (*pimponeta*, na fórmula *Pimponeta pitá-pitá-pitucha pim!*). Para um comentário a estes tipos de itens, veja-se Rodrigues (2012: 71-72).

Estes tipos de itens são usados por Jackendoff para negar a exclusividade gerativa da sintaxe e, consequentemente, propor que a gramática é uma arquitetura de estruturas paralelas. A fonologia e a semântica operam em paralelo com a sintaxe, instituindo-se com verdadeiro poder gerativo. No modelo de Jackendoff, a fonologia e a semântica não são desenhadas como subservientes de uma estrutura nuclear, coincidente com a sintaxe, na visão de Chomsky, ou com a semântica, na Linguística Cognitiva de Lakoff ou Langacker, por exemplo.

Na perspetiva de Jackendoff, a oposição léxico vs. gramática não possui fundamento. Os itens lexicais constituem-se como regras de interface entre as três estruturas da linguagem. Tanto os itens lexicais quanto as regras estão inscritos na memória de longo prazo, dado comprovado pelos estudos do processamento da linguagem, que observaremos na secção 2.3.

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

2.2.3.1 A interface com a fonologia

A interface alicerçada pelo léxico tendo por base a fonologia é deveras conhecida. Já em Saussure se concebe que o signo linguístico contém uma face fonológica e uma face semântica. No entanto, a interface com a fonologia revela-se em tipos mais elaborados de consequências, como aquelas que constituem fenómenos da fonologia lexical.

No âmbito da formação de palavras, Booij (2010b: 8-9) apresenta a separação entre os *cohering* e os *non-cohering affixes*. *Cohering affixes* são aqueles que formam sílaba com o radical da base a que se anexam. É este o caso do sufixo *-ura*, na formação de nomes de qualidade (e.g. *tristura*, *quentura*, *fartura*). Os *non-cohering affixes* são aqueles que não formam sílaba com a base a que se agregam. Estes afixos são ilustráveis pelo sufixo *-mento* (*rodopiamento*, *estancamento*, *encriptamento*). Os afixos *non-cohering* apresentam, assim, um domínio próprio de silabificação.

Para Orgun & Inkelas (2002), existem assim dois subsistemas fonológicos ou duas co-fonologias. Um subsistema faz o tratamento dos afixos *cohering* e o outro subsistema o tratamento dos afixos *non-cohering*. No primeiro, a fronteira de afixo é ignorada pela fiada prosódica; no segundo, a prosódia reconhece a fronteira do afixo.

Também no campo das restrições de seleção entre bases e afixos pode observar-se esta laboração da fonologia na genolexia, muito para lá da simples associação de um significante a um significado. Para a formação de verbos em *-iz-* e *-ific-*, por exemplo, não são admitidas bases com acentuação oxítónica, como destacaremos na secção 6.2.2.2.1. Como tal, formas como **iãozar*, **lãificar* ou **pãoificar* não são permitidas. Como consequência, se o lexema que serve de base a estas formações apresentar um alomorfe que desimpeça essa restrição, ou seja, um alomorfe com acentuação não oxítónica, será esta a forma de atualização do lexema que será alvo de seleção para a formação destes verbos. Assim, são possíveis as formações *ionizar*, *lanificar* e *panificar*, em que a forma das bases se atualiza através de um alomorfe de padrão latinizante. Na secção 4.1.2.2, retomaremos o problema da alomorfia e as questões genolexicais que com ela se prendem.

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

2.2.3.2 A interface com a semântica

Tal como na interface com a fonologia, a interface que, no léxico, se estrutura com a semântica não se resume à simples associação entre um significante e um significado. A complexidade de relações que a própria estrutura semântica enfrenta, quer internamente, quer em relação a estruturas conceptuais não linguísticas, é responsável pela multiplicidade de interfaces. Não nos deteremos profundamente na descrição das estruturas semânticas. Apenas salientaremos as ligações que podem entretecer-se entre o complexo semântico de uma unidade lexical e as estruturas semânticas de nível linguístico e extralinguístico. Para uma visão atual destas questões, vejam-se Jackendoff (2009, 2010, 2012). Essas ligações revelam-se importantes aquando do entendimento do processamento lexical, que abordaremos na secção 2.3.

2.2.3.2.1 Relações entre a unidade lexical e a estrutura conceptual: competência dicionarística vs. competência enciclopédica

Começamos por questionar a oposição entre os significados dos itens *cão* e *gato*. Se nos ativermos a uma conceção estruturalista de semântica, elencaremos traços que permitem a distinção entre ambos. Assim, aduziremos traços partilhados pelos dois itens lexicais, como [animal], [mamífero], [doméstico], e trataremos posteriormente de encontrar traços que hiatizem os dois conceitos. Para *gato*, associaremos, por exemplo, os traços [miar], [bigodes longos], [caçar ratos], [ronronar], enquanto para *cão* associaremos, por exemplo, os traços [ladrar], [morder], [guardar a casa], [rosnar], [excelente olfato]. Neste exercício chegaremos à conclusão de que estamos a colocar traços estereotipados, como [guardar a casa] e [caçar ratos], ao lado de traços necessários, como [ladrar], [miar], e de traços dificilmente parametrizáveis, como [bigodes longos] e [excelente olfato].

Até este ponto encontrámos já problemas na própria estruturação da componente semântica, na medida em que colocámos em paralelo traços advindos de níveis diferentes. No entanto, esses problemas agudizam-se se pensarmos que muitos destes traços e outros, que não elencámos acima, mas que focaremos a seguir, não funcionam exatamente como traços linguísticos. Para que um indivíduo articule o traço

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

[mamífero] com ambos os itens em causa, é necessário que o indivíduo possua conhecimento, muito provavelmente de carácter escolar, sobre o que é um mamífero. Não obstante, o indivíduo não precisa de saber que existe a categoria *mamífero* para distinguir um gato de um cão. Se imaginarmos que o indivíduo observa na penumbra um animal em movimento, mesmo não havendo luz suficiente para que possa discernir com clareza e em pormenor todo o corpo do animal, o indivíduo consegue identificá-lo como cão ou gato, tomando como pistas de identificação o tipo de movimento que o animal faz.

Na observação de aves, existem espécies com plumagens e tamanhos muito semelhantes, cuja distinção assenta preferencialmente na observação do modo como o exemplar se move (por exemplo, se saltita ou caminha, quando no solo, como o pardal-comum (*Passer domesticus*), por oposição ao pardal francês (*Petronia petronia*)). É também relevante o caso de algumas espécies de aves limícolas. Algumas delas são invernantes em Portugal, facto que circunstancia a difícil distinção das suas plumagens. Assim, a distinção entre, por exemplo, o maçarico-das-rochas (*Actitis hypoleucos*), residente, e o maçarico-pintado (*Actitis macularius*), visitante, apoia-se na observação do seu comportamento coocorrente da locomoção. O primeiro abana a cauda de forma muito nítida, enquanto o segundo apenas apresenta um movimento muito subtil da mesma.

A questão que se coloca é a seguinte: podem esses traços transmutar-se em traços semânticos linguísticos? Obviamente que não. Esses traços pertencem à estrutura espacial, onde se encontram tratados caracteres como a cor, o formato, a textura, o tamanho, o som, o cheiro, em suma, as características apreendidas através da percepção por via de mecanismos sensoriais (Jackendoff 1992).

Uma estrutura semântica dicionarística é aquela que parte de taxonomias que se organizam em sucessivos ficheiros (ser vivo/animal/mamífero/felino/doméstico). Esta estrutura encontra barreiras perante caracteres pertencentes à estrutura espacial que não são rotuláveis linguisticamente de modo a estabelecerem-se como traços binários.

Estes caracteres localizam-se antes na chamada competência enciclopédica (veja-se Eco ([1997] 1999)), em que dados extralinguísticos são convocados para o complexo semântico de um item lexical.

Esta distinção entre dicionário e enciclopédia baseia-se na oposição entre semântica e pragmática (Jackendoff 2002: 285). No fundo, trata-se de conceber que

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

alguns constituintes do significado de uma palavra são do domínio linguístico e que outros pertencem ao chamado “conhecimento do mundo”. No entanto, se é possível estabelecer esta separação para delimitar aquilo que é a linguística semântica, enquanto disciplina que estuda a enformação linguística de conteúdos semânticos, na mente não deverá existir uma fronteira nítida entre ambas as esferas, como os exemplos acima propõem. Deverá antes haver um *continuum* entre as duas, ocorrendo intromissões de uma na outra.

Outro nível pertencente à estrutura semântica de um item é a sua estrutura léxico-conceptual, que mantém interface com a sintaxe através da estrutura argumental.

2.2.3.3 A interface com a sintaxe

A interface com a sintaxe operada no léxico é visível de forma especial na estrutura argumental dos itens lexicais. Esta estrutura é ela mesma uma interface entre as estruturas semântica e sintática, pois consiste na relação e especificação entre a estrutura léxico-semântica e a estrutura sintática de um item lexical. Não nos deteremos nessas relações por se localizarem fora do escopo deste volume.

No capítulo 5 exemplificar-se-ão estes aspetos numa perspectiva prática, uma vez que podem representar consequências de mecanismos genolexicais.

2.3 O léxico nos estudos do processamento da linguagem

Como súmula deste capítulo dedicado à oposição/conciliação entre léxico e gramática, observaremos brevemente estudos de carácter psicolinguístico que dão razão às perspectivas que equacionam o léxico como uma dimensão dinâmica da linguagem.

Os modelos que temos vindo a observar situam-se em perspectivas de estudo que se focalizam na competência, ou conhecimento abstrato que o falante possui da sua língua ou da linguagem. O modelo de Jackendoff (2002) propõe pontos de contacto com os estudos dedicados ao processamento da linguagem, mas não é em si mesmo espécimen desse tipo de estudos. Abordaremos nesta secção, de modo breve, alguns dados respeitantes ao modo como as áreas dedicadas ao processamento da linguagem observam o léxico. Ainda que esses estudos se desdobrem em perspectivas direccionadas

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

para o processamento, a aquisição e a perda do conhecimento lexical, esta última ocorrente em situações de afasia ou de perturbações advindas, por exemplo, de doenças geriátricas, ater-nos-emos à explicitação de conteúdos genéricos relacionados com o processamento.

Em estudos da competência, o léxico é concebido como uma estruturação das componentes sintática, semântica e fonológica, independentemente das variações advindas de cada modelo teórico. Em estudos psicolinguísticos, o léxico é encarado como um complexo dessas componentes, construído em rede, sendo que os aspetos concernentes mais valorizados são a sua produção, a sua perceção e a sua memorização.

Esses estudos caracterizam-se, contudo, por grande diversidade no modo como entendem o processamento do léxico. Por sua vez, verificam-se processamentos diferentes nas tarefas de leitura, de perceção auditiva, de produção escrita e de produção oral, o que demonstra que a(s) teoria(s) sobre o léxico apresenta(m) uma limitação inerente em relação ao entendimento daquele objeto, frente à diversidade funcional do processamento do mesmo, como destaca Baayen (2014: 100):

«First of all, it is worth noting that the processes of speaking, writing, reading and listening are very different. For instance, an experienced reader can process 5 words per second, whereas in auditory comprehension, 200 ms typically captures only part of a syllable. In production, one proceeds from the message to a carefully orchestrated sequence of articulatory gestures, whereas in auditory comprehension, the direction reverses, the task now being to map a highly variable speech signal onto meaning. Not only do speech production and auditory comprehension have very different time courses, they are also subject to different constraints. In auditory comprehension, the number of words compatible with the speech input (the competitors in the lexical cohort) reduces as the acoustic signal unfolds, whereas in speech production, the initial processing stages have to deal with semantically-driven competition (e.g., the selection between near-synonyms or between a hypernym and one of its hyponyms).»

Não obstante esta chamada de atenção para a variabilidade do processamento da linguagem, não nos deteremos nela, nem na diversidade dos modelos que o pretendem explicar. Antes procuraremos centrar-nos num modelo que possa, de forma conglomeradora, ainda que não pormenorizada, dar informações sobre o uso real do léxico.

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

Para além do clássico Garman (1990), autores como Pinker (1991) (1994) (1999) e (2007), Steinberg & Sciarini (2006), Field (2003) e Aitchison (2012) apresentam súmulas dedicadas a aspetos relacionados com o processamento lexical. Em relação ao papel da memória no léxico, pode analisar-se o conjunto de artigos contidos em Thorn & Page (2009).

Sobretudo em Pinker e Aitchison, salienta-se a perspetiva cognitivista, evidenciada na indagação sobre as relações entre o processamento da linguagem e outras capacidades cognitivas. O trabalho de Aitchison aqui referido corresponde à 4.^a edição da obra *Words in the mind*, publicada em 2012, que apresenta muitas alterações relativamente à 1.^a edição de 1987.

2.3.1 A organização do léxico nas teorias do processamento

Para seguirmos a distinção proposta por Aitchison (2012), podemos dizer que as teorias da competência observam o léxico na sua dimensão *offline*, enquanto as teorias do processamento encaram o léxico na sua vertente *online*.

Aitchison (2012) apresenta o léxico como um complexo em redes, em que cada item lexical mantém relações de carácter paradigmático com outros itens. Para a autora, cada palavra é constituída por material de dois módulos: o sintático-semântico e o fonológico. Estes dois módulos apresentam conexão com um terceiro módulo – o *lexical tool-kit* – que disponibiliza os processos para a formação de novas palavras. Este terceiro módulo mostra como é que as palavras são divisíveis em morfemas. Obviamente, deparamo-nos aqui com um problema respeitante aos processos não concatenatórios.

O que caracteriza estes módulos é a sua não estanquidade, uma vez que são concebidos como permeáveis a outros módulos cognitivos não linguísticos. Estamos longe, assim, dos módulos solipsistas concebidos por Fodor (1983). Para uma comparação desta visão encapsulada de módulos com uma visão de interface de Jackendoff (2002), pode ver-se Rodrigues (2012b).

Os itens de cada módulo estão em rede estreita entre si e em rede, mais lassa, com itens dos outros módulos. Dentro de cada módulo existem núcleos mais densos de sub-redes. Toda a estrutura da rede é fluida, para que se permita a construção de novas

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

ligações e a perda de outras. O modo de organização dentro de cada módulo deve corresponder ao seguinte: o módulo semântico-sintático deve estar organizado convenientemente para efeitos de produção. Significa que itens pertencentes ao mesmo campo semântico devem estar inseridos numa rede estreita. O modo como o módulo fonético-fonológico se encontra organizado deve permitir a identificação rápida dos segmentos fonológicos na percepção da fala, o que implica que as palavras que têm um significante semelhante deverão estar ligadas estreitamente.

Sob o ponto de vista do processamento, Aitchison (2012) propõe pontos de entrada para a rede. São esses pontos de entrada que ativam essa rede, processualmente. Na produção, os pontos de entrada localizam-se no módulo semântico, enquanto na receção se localizam no módulo fonético-fonológico. Todo o processamento de ativação deve ocorrer em paralelo e não em série. Essa ativação em paralelo tem como consequência a ativação de itens desnecessários ou mesmo errados (*e.g. lapsi linguae*, escolha lexical errada por via semântica ou sintática). Qualquer ponto ou nó da rede que tenha sido ativado desencadeia a ativação dos pontos dos quais é mais próximo. Enquanto ocorre o processamento, é possível que sobrevenham alterações na ativação, ocasionando-se novas excitações e inibições até que o acesso lexical se tenha conformado com o item adequado. Esse processamento do acesso lexical deve partir do varrimento de um campo mais vasto até um campo mais pequeno, cumprindo-se a ativação de itens com características cada vez mais próximas das pretendidas.

A ativação das ligações dentro da rede não tem limitações, podendo inclusivamente operar nos campos cognitivos adjacentes, para que a exploração continue até que o resultado pretendido seja alcançado. Para essa ativação concorre também a operabilidade do módulo *lexical tool-kit*, que permite a análise dos constituintes morfológicos das palavras, com o objetivo de auxiliar na compreensão de uma palavra desconhecida e na criação de novas palavras. Por último, a autora estipula que deve ser possível criar um número infinito de novas palavras através do módulo *lexical toll-kit* e da informação processada retrospectivamente usada na segmentação.

Para uma súmula do modelo, veja-se Aitchison (2012: 262-266), onde pode ler-se (pág. 265) que

«The mental lexicon is therefore concerned above all with links and interactions. Above all, the term “mental lexicon” must be regarded as a metaphor: the seething lexical

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

connections in the mind are far from what we normally imagine a dictionary or lexicon to be.».

Essas ligações e interações são estabelecidas em paralelo quer na produção, quer na compreensão da fala, como demonstram diversos estudos sobre o acesso e o armazenamento lexicais.

2.3.2 Armazenamento lexical

O armazenamento lexical relaciona-se com o modo como os itens lexicais se encontram armazenados na memória de longo prazo. O armazenamento do léxico tem uma especial importância no acesso lexical. Se tivermos em consideração a organização em rede do léxico, como explicitado na secção 2.3.1, compreendemos que as palavras não se encontram listadas na memória de longo prazo de forma isolada, antes perfazendo constelações em rede de acordo com paradigmas de ordem vária que permitem a sua associação.

Esses paradigmas podem ilustrar-se pela associação de palavras

a) cujos significantes são semelhantes, porque têm

i) os mesmos segmentos silábicos iniciais (*abalizar, abanar, abanamar, abater*, etc.);

ii) os mesmos segmentos fonológicos finais (*coração, avião, cão, avaliação*, etc.);

iii) agrupamentos semelhantes de segmentos que constituem pares mínimos (*mata, lata, pata, bata*);

iv) simetria total dos segmentos fonológicos (homonímia, homofonia) (*carta/ carta, porto/ porto, assento/ acento*, etc.);

b) cujos significantes e significados são associáveis por terem

i) os mesmos componentes morfemáticos, cuja associação atua de modo fonológico e semântico (*transparência, transporte, transpirar, transpassar*, etc.);

c) cujos significados são associáveis por

i) partilharem o mesmo campo semântico (*livro, linha, estudo, raciocínio, notas, escrever*, etc.);

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

- ii) partilharem o mesmo feixe de traços semânticos centrais (sinonímia) (*lindo, belo, maravilhoso, bonito*);
- iii) se oporem por traços semânticos centrais contrapostos (antonímia) (*lindo /feio, morrer/ viver, etc.*);
- iv) se relacionarem taxonomicamente (hiperonímia/hiponímia) (*animal/cão/podengo, vegetal/árvore/carvalho, etc.*)
- g) se relacionarem como parte/ todo (meronímia/holonímia) (*olhos/face/cabeça, linha/página/livro, etc.*)
- d) que partilham a mesma estrutura argumental (*escrever, redigir, ler, contar, etc.*);
- e) etc.

A listagem anterior não pretende dar conta de todos os parâmetros que permitem a constelação de itens lexicais. Na verdade, para além dos parâmetros genéricos, partilhados por todos os falantes, esses parâmetros podem variar de acordo com as estruturas da língua em questão (por exemplo, se a língua admite construções inacusativas ou não, se a língua possui caso morfológico ou não, etc.), a condição de a língua possuir escrita ou não – uma vez que, ainda que não nos estejamos a dedicar à vertente escrita da língua, é inegável que esta constitui uma forma de moldagem do próprio armazenamento e do acesso lexicais – e do tipo de escrita em causa (alfabética, silabária ou lolográfica), mas também de acordo com o indivíduo. Um indivíduo que passe férias na montanha associa o item *férias* a *montanha, florestas*, eventualmente *ursos*, dependendo da localização da montanha; mas um indivíduo que passe as férias na praia associa o item *férias* aos clássicos *mar, praia, ondas, areia, etc.*

De tudo isto se depreende que, como afirma Aitchison, as redes do léxico são fluidas e variáveis.

Para além de parâmetros de carácter linguístico, ainda que alguns deles perfectíveis através de conteúdos conceptuais, deveremos ter em consideração que os itens se podem encontrar associados através de relações situadas no domínio da estrutura conceptual espacial. Caracteres como tamanhos, cheiros, cores, texturas podem servir de substrato para o armazenamento de itens lexicais. Por exemplo, a distinção entre um ganso e um pato reside no tamanho do pescoço, entre outros. Como refere Jackendoff (1992: 43-44), este carácter não pode ser subsumido em traços linguísticos, mas deverá ater-se a caracteres de ordem espacial que preservamos na memória, não linguística, mas espacialmente, como observado na secção 2.2.3.2.1.

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

Também aqui são visíveis as variações que o léxico mental de cada indivíduo apresenta. Um indivíduo que trabalha numa produção de seda natural com bichos-da-seda associará o item *bicho-da-seda* aos itens *suave* e *mole*. Se nunca teve a experiência de tocar numa processionária, poderá alargar a associação dos itens *suave* e *mole* ao hiperónimo *lagarta*. No entanto, se já teve essa experiência, associará o item *processionária* aos itens *urticante*, *doloroso*, pelo que não construirá a constelação *suave/mole/lagarta*.

Assim, a aquisição de itens lexicais não se restringe à memorização de um item enquanto associação de uma estrutura fonológica a uma estrutura semântica e a uma estrutura sintática, contendo nestas as subestruturas correspondentes. Na verdade, a aquisição de um novo item lexical excita uma série de constelações em rede em que se pode integrar esse item. Armazenar um item lexical implica, assim, correlacioná-lo com outros itens paralelamente em paradigmas diversos.

A organização em redes dos itens, e não como mera listagem de cada item individual, está bem patente nas situações de ‘ponta da língua’. O indivíduo sofre um bloqueio momentâneo no acesso lexical e dados relacionados ou com o significante ou com a estrutura conceptual associados a esse item ocorrem ao indivíduo. Por vezes, itens associados são acedidos, embora o indivíduo considere que ‘não era bem aquela palavra que pretendia escolher, mas uma muito próxima’.

2.3.3 Acesso lexical

O acesso lexical diz respeito ao modo como o indivíduo, quer na produção, quer na compreensão da fala, escolhe a palavra necessária. As situações de ‘ponta da língua’ expressas em cima permitem observar que o acesso lexical labora em paralelo com dados distintos, recorrendo-se ao varrimento dos traços conceptuais e fonológicos em simultâneo e havendo um cruzamento desses dados de modo a operar-se uma realimentação das informações que conduzem à escolha do item adequado.

Como mencionado a propósito do modelo de Aitchison (2012), na secção 2.3.1, durante a produção, a porta de entrada para o acesso lexical situar-se-á no domínio conceptual, enquanto durante a receção da fala a porta de entrada situar-se-á no campo fonético-fonológico. Todavia, esta é uma visão demasiado simplista de ambos os

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

processos. Na verdade, essa simplicidade estaria de acordo com o acesso lexical realizado item-por-item, ou seja, palavra a palavra isoladamente.

Contudo, numerosos estudos de percepção da fala (*e.g.* Kazanina; Phillips & Idsardi (2006); Dehaene-Lambertz et alii (2005)) demonstram que não é necessário trabalhar-se num percurso *bottom-up* (ou *data-driven*) linear para se conseguir a descodificação do texto e perfazer-se o acesso lexical de todos os itens do enunciado. O procedimento pode ser *top-down* (ou *knowledge-driven*), ou seja, pode usar informação de níveis mais elevados, como o co-texto, o contexto ou palavras, para suportar a descodificação dos níveis inferiores, ou seja, o do reconhecimento de segmentos fonológicos. Durante a receção, o acesso a um item pode ter como porta de entrada o campo conceptual, por via das informações semânticas já construídas de outros itens escolhidos para o enunciado, ou até o campo sintático, por via da associação sintagmática frequente de dois itens lexicais, como ocorre nas colocações, que abordaremos no capítulo 7.

No processamento da produção, também a porta de entrada pode ser a estrutura fonológica ou sintática, até porque a escolha dos itens lexicais não é impermeável a opções idiossincráticas de carácter estético ou axiológico, que se nutrem das estruturas sintáticas e fonológicas dos itens lexicais.

Em todo o caso, tem de haver um processo de reconhecimento de padrões, partindo das informações recebidas, ou construídas pela própria mente na ausência de estímulos advindos do mundo exterior (Bakker et alii 2014), em que o item potencial ativado deve encasar com uma representação armazenada na memória de longo prazo. Para esse reconhecimento, tem de haver a segmentação do *input* em partes, a sua comparação, enquanto todo, com representações armazenadas a partir de experiências prévias e a alocação de uma identidade ou categoria para esse *input* (Field 2003: 18).

Numa primeira fase, encontra-se ativada a memória sensorial (icónica ou ecoica, dependendo de o *input* ser escrito ou oral), que permite a retenção do sinal por breves períodos de tempo (0,5 segundos para a icónica; 0,25 a 3 segundos para a ecoica) (Field 2003: 18). Segue-se a memória de trabalho, ou de curto prazo, que mantém acessíveis os dados que estão a ser processados enquanto se opera a busca lexical, e, finalmente, a memória de longo prazo, a que se recorre para a extração de informação lexical. Este é o processo da percepção de sinais. Field (2003: 18-19) apresenta uma súmula deste processo.

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

O acesso lexical pode operar-se através da *spreading activation*, ou seja, um conjunto de itens é ativado porque o indivíduo teve acesso a um determinado item àqueles associado (e.g. o indivíduo lê a palavra *circo* e de imediato lhe ocorrem outros itens, como *leões*, *palhaços*, *acrobatas*, etc.), ou através do *conhecimento do mundo*, ou seja, se o indivíduo antecipar que o texto é sobre circos, irá criar expectativas sobre os itens emergentes no texto (Field 2003: 16). Para vários aspetos relacionados com processamento morfológico, pode estudar-se Baayen & Schreuder (2003).

2.3.4 Desenvolvimento da linguagem

Através do desenvolvimento da morfologia derivacional, é visível o tipo de operação de construção de paradigmas acarretado pela edificação do léxico mental.

Clark (2014) anota que não é pelo facto de a criança utilizar lexemas construídos nos seus discursos que a mesma denota conhecimento da analisabilidade dos itens lexicais. Assim, o indivíduo produz em simultâneo, nas fases mais temporãs, palavras construídas e não construídas, indistintamente. De acordo com Clark (2014: 424), para se pressupor um conhecimento morfológico dos lexemas, é necessário que o indivíduo demonstre capacidade de análise espontânea dos constituintes do lexema e de correlação, através de glosas, desses constituintes e dos seus significados e que produza espontaneamente novos lexemas que contenham esses constituintes.

Significa isto que uma criança que disponha de um lexema como *passarada* no seu discurso não tem necessariamente de conhecer implicitamente que esta palavra contém um morfema *-ada* que gera nomes de quantidade. Obviamente, estamos a falar de um conhecimento implícito e inconsciente. Para que se possa entender a produção de *passarada* como o resultado desse conhecimento, é necessário, então, que a criança produza espontaneamente glosas como *passarada são muitos pássaros*; *um passarinho é um pássaro pequenino* ou ainda a produção de enunciados comparativos como *passarada são muitos pássaros e coelhada são muitos coelhos*; *um passarinho é um pássaro pequenino e um gatinho é um gato pequenino* (Clark 1978; Slobin 1978).

É, no entanto, necessário que haja um correlacionamento entre a forma segmentada e um determinado semantismo, como verificável nos exemplos acima fornecidos. Contudo, nem sempre é fácil que a criança produza uma glosa, estando isto dependente de constrangimentos momentâneos, mas também de factores como o

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

próprio domínio linguístico do indivíduo. Note-se que não é imprescindível que as formas produzidas sejam institucionalizadas, até porque a criança tende a produzir muitos itens não coincidentes com aqueles que são usados pelo adulto. Aliás, essa produção, fortemente reveladora do domínio derivacional detido pela criança, emerge da necessidade de esta se referir a realidades para as quais não possui designação convencional (Clark 2014: 428).

Para além dessa metodologia, Clark & Hecht (1982), num estudo respeitante aos agentivos e instrumentativos deverbais, propõem que se aceda ao conhecimento morfológico da criança confrontando-a com palavras novas e pedindo-lhe que identifique o seu significado. Por exemplo, pergunta-se-lhe *O que é um rodador?* Se a criança responder *É uma coisa que roda* demonstra capacidade de segmentação do afixo *-dor* em relação ao todo do item *rodador*, bem como identificação da base verbal *roda-*. Para além disso, esse conhecimento é evidenciado se a criança usar esse afixo para gerar novas palavras.

A aquisição do conhecimento derivacional de uma língua está dependente de vários factores. Dentre eles, Clark (2014) destaca a tipologia da língua específica e a produtividade dos afixos. Assim, em línguas em que a afixação possui um peso maior do que a composição, como é o caso do português e das línguas românicas em geral, a produção de palavras afixadas é adquirida mais cedo do que a de palavras compostas. Por sua vez, a produtividade dos afixos, relacionada com a sua frequência, providencia um maior contacto com uns afixos do que com outros, facilitando e antepondo a aquisição dos primeiros em relação à dos segundos. Deste modo, podemos prever que, para o português, os afixos diminutivos sejam adquiridos mais cedo e, mesmo dentro do mesmo paradigma genolexical, um afixo como *-ção* e *-mento*, geradores de nomes eventivos deverbais, sejam adquiridos mais cedo do que afixos como *-dura* e *-ncia*, igualmente operadores naquele paradigma.

Clark (2014) anota ainda a importância da transparência semântica e a simplicidade formal na facilitação da aquisição derivacional. Essa transparência semântica é mais corrente na derivação afixal do que na composicional. Quanto à simplicidade formal, esta encontra-se no fundamento da preferência que as crianças falantes nativas de inglês demonstram em relação a verbos denominais conversos, como demonstrado no estudo clássico de Clark & Clark (1979), por estes não necessitarem de alterações formais (no caso do inglês, cf. Bauer; Lieber & Plag 2013: 277-280) ou de

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

apenas alterações formais mínimas (no caso do português, que aliás, não são derivacionais, mas resultam da necessidade de atualização lexical na sintaxe (Cf. Rodrigues 2001; Rodrigues 2009; Rodrigues 2013a; Rodrigues 2013c).

Capítulo 3. O lugar da morfologia derivacional nas estruturas da linguagem de acordo com diferentes concepções de linguagem

Ainda que as palavras sejam constituintes prototípicos do léxico, é necessário ter em mente os diferentes tipos de palavras, pois destes dependem as soluções divergentes dos vários modelos de linguagem relativamente à concepção de léxico. Assim, se em relação às palavras não construídas, os vários modelos são unânimes em considerá-las como pertencentes ao léxico, no que diz respeito às palavras construídas, a unanimidade é inexistente. Nesta secção, afinaremos o leque de focalização, para nos determos num tipo de entidades lexicais analisáveis pela morfologia derivacional – as palavras construídas.

Ao longo da história da linguística, a morfologia em geral e a morfologia derivacional em particular têm recebido um aquartelamento distinto, de acordo com o modelo teórico adotado pelos investigadores. De um lugar de destaque na obra *Aṣṭādhyāyī* de Paṇini (séc. IV a. C), ou, mais perto de nós cultural e temporalmente, nos trabalhos historicistas de oitocentos, particularmente em Bopp (1816) ou Meyer-Lübke (1895), e naqueles que fundamentaram os estudos linguísticos nos Estados Unidos da América, como Bloomfield (1933) ou Sapir (1921), até à sua absorção pela sintaxe (Chomsky 1965) e, de novo, ao seu ressurgimento como componente autónoma da linguagem (*e.g.* Corbin (1987), Scalise (1984), Aronoff (1976)), diversos têm sido os entendimentos em relação à morfologia derivacional.

Por todos esses entendimentos, porém, perpassa uma ideia constante: a de que a formação de palavras, aqui sinónimo de morfologia derivacional, é um domínio dinâmico da linguagem. Observe-se, pois, que formação de palavras não é sinónimo de léxico. Dependendo da própria conceptualização de linguagem, a formação de palavras pode, inclusivamente, ser desenhada nos antípodas do léxico. Isto se o léxico for entendido como o acervo de itens idiossincráticos, não predizíveis e/ou não geráveis predizivelmente, como já estudámos na secção 2.1. Pode, contrariamente, localizar-se dentro do léxico, se este for dimensionado como uma esfera dinâmica e construcionalmente organizada, como vimos na secção 2.2.

Após termos analisado diferentes concepções em torno do léxico e da gramática, nesta secção, avaliaremos a castrametação da morfologia derivacional. Trata-se de uma área que lida com palavras, mas com um teor gerativo muito forte. As palavras

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

construídas sustêm boas razões para serem enquadradas no foro da sintaxe, mas também arvoram bons motivos para serem inseridas no domínio do léxico, qualquer que seja o semantismo que a este termo se empreste.

3.1 A formação de palavras como uma dimensão dinâmica da linguagem

Os nomes deverbais designadores de ‘evento’, bem como os lexemas compostos são, talvez, os lexemas derivados que mais têm ocupado quer sintaticistas (*e.g.* Lees (1960), Chomsky (1970), Grimshaw (1990), Brito (2005), Brito & Oliveira (1997)), quer morfologistas (qualquer obra lexicalista sobre formação de palavras de uma dada língua inclui um capítulo sobre estas formações, como Bauer; Lieber & Plag (2013), Rio-Torto et alii (2013), Rainer (1993), Corbin (1987)).

No que diz respeito aos nomes deverbais, o interesse por estes produtos lexicais encontra especial fundamento no facto de apresentarem um comportamento sintático-semântico similar ao dos verbos dos quais derivam, nomeadamente no que diz respeito à estrutura argumental e à estrutura eventiva. Como tal, para além de se sustentarem como objetos a analisar pela morfologia, evidenciam-se também como fenómenos com material de interesse para a sintaxe (cf. Rodrigues 2013d).

No que toca aos itens compostos, a relação que as bases que os constituem tecem entre si pode ser subsumida em descrições do mesmo teor daquelas que explicitam as relações sintagmáticas numa frase, especificamente a relação entre núcleo e modificador, elementos coordenados, predador e argumento, entre outras (cf. Rio-Torto e Ribeiro 2013).

3.1.1 Integrada na sintaxe (da gramática generativa transformacional à morfologia distribuída)

Como já explicitado na secção 2.1, em Chomsky (1965) pretende-se que o léxico seja o acervo de itens idiossincráticos, não construídos, onde não cabem as palavras construídas. Estas são geradas na sintaxe por regras transformacionais. Assim, os nomes deverbais designadores de ‘evento’ são, de acordo com esta perspetiva, entendidos como o resultado de transformações sintáticas, que têm o poder, nesse modelo teórico, de interferir com morfemas e palavras diretamente. As variações alomórficas são

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

descritas em termos de transformações fonológicas. Como tal, a distância morfológica que medeia o verbo *destroy* e o nome *destruction*, para usar o célebre exemplo de Chomsky, é, em *Aspects of a theory of syntax*, descrita como advinda de regras fonológicas. Regras sintáticas operam a correlação semântica e sintática entre as duas formas.

Nos primórdios da gramática generativa, na sua versão transformacional, destaca-se, de igual modo, a proposta de Lees (1960) acerca da composição. Profundamente transformacionalista, a proposta de Lees (1960) determina que os compostos sejam gerados na sintaxe, transformacionalmente. Esta proposta assenta em argumentação sintática e semântica. Segundo Lees (1960), os compostos nominais podem ser descritos como geráveis transformacionalmente a partir de estruturas frásicas profundas. Nessas estruturas profundas, as relações sintáticas entre os componentes é explícita, enquanto na estrutura de superfície correspondente ao composto essas relações são implícitas. A eventual ambiguidade na leitura semântica do composto emerge do facto de existirem na estrutura profunda várias frases a partir das quais é possível gerar o composto. Um composto como *snake poison* pode advir das frases *X extracts poison from the snake; The snake has the poison; The poison is for the snake* (exemplos de Lees (1960: 122-123)). Finalmente, o recurso ao mecanismo transformacional explica por que motivo dois compostos superficialmente iguais, como *windmill* e *flourmill*, espelham relações sintáticas diferentes entre os seus constituintes. Tal dever-se-á à sua proveniência distinta ao nível da estrutura profunda, correspondendo a *Wind powers the mill* e *The mill grinds the flour*, respetivamente.

Segundo este posicionamento teórico de Lees (1960), as palavras derivadas não possuem lugar em entradas lexicais autónomas, ao contrário das palavras não construídas, pois resultam da aplicação de regras transformacionais ao nível de estruturas frásicas profundas.

Em Dubois (1968: 35), evidencia-se de modo explícito a pendência transformacionalista em relação à formação de palavras. De acordo com Dubois (1968: 35),

«On ne considérera pas la dérivation comme une procédure visant à la création d'unités lexicales nouvelles, mais comme une étape dans un processus syntaxique menant des phrases simples à la phrase complexe.».

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

Sendo assim, para a explicação das nominalizações do francês, em que atuam sufixos como *-age*, *-ment*, *-tion*, *-ure*, *-is*, *-at*, proceder-se-á a uma etapa de passivização. Essa etapa prevê que a fórmula do item derivado ocorrente na estrutura de superfície encontre como forma intermédia na estrutura profunda o particípio passado do verbo derivante (Dubois 1968: 41).

Esta proposta acarreta uma desvantagem notória ao nível da necessidade de se conceberem vários processos de elisão no decurso da transformação da estrutura sintática profunda para a estrutura de superfície, conforme apontado por Scalise (1984) e Allen (1978). Para além disso, dado que é possível prever diferentes estruturas profundas para um mesmo produto, mesmo não existindo neste ambiguidade semântica, a escolha dessas estruturas torna-se aleatória e conduz a uma prolixidade de regras de elisão nada coerente com um modelo que pretende descrever uma língua natural.

No domínio da afixação, as diferenças entre o funcionamento das frases e o funcionamento das palavras são ostensivas. As palavras não são tão regulares como as frases nem na forma, nem no significado. Como tal, Chomsky (1970) propõe que determinados aspetos das palavras devem ser explicados através de regras lexicais.

Neste sentido, o trabalho de Chomsky (1970) apresenta um passo de distanciamento em relação à versão transformacional e absolutamente sintaticista da formação de palavras preconizado por Lees (1960) ou Chomsky (1965) rumo ao designado lexicalismo, que analisaremos na secção 3.1.2 deste volume.

Após um percurso da linguística em direção ao lexicalismo, surgem novamente teorizações no caminho oposto em direção à integração da morfologia na sintaxe.

Essas teorizações no polo oposto do lexicalismo defendem que todos os fenómenos morfológicos são tratados na sintaxe. Como argutamente comentam Scalise & Guevara (2005: 176), uma abordagem localizada neste polo oposto ao lexicalismo e fundamentada na sintaxe encontra arquitrave na *lex parsimoniae* ou seja, na célebre lâmina de Ockham. Se é possível explicar todos os fenómenos de morfologia através de processos sintáticos, então é escusado complexificar o modelo de linguagem com outros domínios e mecanismos que tornam o modelo teórico pesado. Um *caueat* importante devemos colocar a esta nota: não deve sacrificar-se a acuidade explicativa dos dados empíricos, incluindo nestes aqueles que advêm do processamento da linguagem, à elegância do modelo teórico.

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

Observemos, no entanto, algumas das correntes que seguiram a unicidade teórica.

Dentro das principais correntes que seguiram a *lex parsimoniae* destacam-se a Hipótese de Incorporação Sintática e a Morfologia Distribuída.

A Hipótese de Incorporação Sintática focaliza-se no fenómeno de incorporação. Este fenómeno, que é um processo morfológico formal, acarreta consequências sintáticas. Trata-se de um mecanismo em que um argumento de um núcleo, por exemplo de um verbo, surge morfológicamente incorporado ao derivado. Esta Hipótese serve a explicação de fenómenos em línguas como o nahuatl (Baker 1988), mas também é utilizada para a demonstração da formação de verbos denominais do inglês (Hale & Keyser 1993) e, por extensão, do mesmo tipo de verbos em outras línguas, como o português (*e.g. pôr óleo em – olear; pôr açúcar em – açucarar*).

Através da referida hipótese, Baker (1985: 177) formula o *The mirror principle*, segundo o qual as derivações morfológicas devem refletir diretamente as derivações sintáticas. Este princípio baseia-se na assunção de que as inter-relações entre os afixos são equivalentes àquelas que existem entre um núcleo e o seu complemento, tal como as relações entre os constituintes sintáticos.

As desvantagens desta hipótese rendem-se aos fenómenos não concatenativos da morfologia (*e.g.* Anderson 1992).

A Morfologia Distribuída, proposta por Halle & Marantz (1993), representa uma visão inovadora relativamente às restantes propostas sintaticistas da morfologia derivacional. De acordo com a Morfologia Distribuída, as diferentes operações atribuídas à morfologia encontram-se distribuídas por vários componentes da linguagem, não estando, assim, restringidas a um único componente. A formação de palavras e a formação de frases têm lugar no mesmo domínio computacional. As duas formações, ou essa formação, situando-nos sob esta perspetiva, resulta da combinação sintática de núcleos.

Na visão desta teoria, não existe um léxico como uma componente específica da linguagem. O que existe são três tipos de listagens que irão inserir-se na computação em diferentes pontos derivacionais (Harley & Noyer 1999). A primeira listagem, de carácter pré-sintático, encerra os radicais e os conjuntos de traços funcionais, tais como [plural], [passado], etc. A segunda listagem, de carácter pós-sintático, consiste num Vocabulário que provê de representações fonológicas os nós terminais na estrutura derivacional.

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

Uma terceira listagem é integrada pela Enciclopédia, ou seja, um acervo de significações idiossincráticas dos itens do Vocabulário. A Enciclopédia não é considerada de teor linguístico, pois apenas os significados estruturais, não idiossincráticos, são compostos na sintaxe; aqueles que são idiossincráticos, independentemente da categoria que os encerra (palavras, morfemas, frases), pertencem à Enciclopédia. Note-se que estudos sobre o processamento textual (Kuperman; Bertram & Baayen (2010)) contrariam a visão da Morfologia Distribuída, bem como a de outras correntes que negam o papel semântico dos morfemas em si mesmos, ao evidenciarem a importância da análise morfossemântica no processamento lexical.

A figura 1 representa a concepção sintaticista da formação de palavras.



Figura 1. Visão sintaticocêntrica da formação de palavras

Visão oposta é advogada por todos os que apoiam uma visão lexicalista da genolexia, que observaremos a seguir.

3.1.2 Os fundamentos da morfologia lexicalista: o lexicalismo

Se a gramática generativa da década de 50 e 60 e parte da de 70 se ocupa maiormente de estudos sintáticos e fonológicos, a partir de meados de 1970, começam a emergir trabalhos de morfologia. Veja-se Scalise (2005: 148-149), para esta visão da história da linguística. Os trabalhos no âmbito da morfologia brotam de um princípio

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

teórico – o lexicalismo – que encontra raízes em Chomsky (1970) e Halle (1973) e que é expandido em textos fulcrais, que surgem pouco depois dos antecessores, como Siegel ([1974] 1979), Jackendoff (1975) e, sobretudo, Aronoff (1976).

O termo *lexicalismo* designa o princípio teórico postulado pela gramática gerativa moderna, posterior ao transformacionalismo, segundo o qual os processos de formação de palavras são explicáveis através de regras lexicais. Estas regras lexicais não se confundem com as regras sintáticas, pois são autónomas em relação a elas. O domínio onde operam essas regras lexicais é o léxico, que é mantido como um domínio anterior à sintaxe (Scalise & Guevara 2005: 147).

Chomsky (1970) propõe que as palavras complexas têm assento no léxico e não são explicáveis através de transformações sintáticas, possuindo, pois, autonomia em relação a estas. Neste sentido, as transformações sintáticas não são detentoras de poder de intervenção (apagar, inserir, permutar, no sentido de alterar a ordem, substituir) sobre unidades mais pequenas do que a palavra. Como consequência, a mesma entrada no léxico serve um derivante e os seus derivados, uma vez que a entrada não se encontra marcada quanto à categoria sintática.

De acordo com esta hipótese, cabe a regras morfológicas idiossincráticas a determinação das formas fonológicas dos itens lexicais, quando estes se inserem na sintaxe. Assim, no léxico residirá uma entrada, como *refuse*, que não se encontra marcada nem como verbo, nem como nome. As formas *refusal* (N) e *refuse* (V) resultam da aplicação das mencionadas regras morfológicas idiossincráticas. Para cada entrada lexical está prevista a especificação de traços co-textuais que explicitam informações atinentes à estrutura argumental dos lexemas. Como explica Chomsky (1970: 21):

«We can enter *refuse* in the lexicon as strict subcategorization features, which is free with respect to the categorial features [noun] and [verb]. Fairly idiosyncratic morphological rules will determine the phonological form of *refuse*, *destroy*, etc., when these items appear in the noun position.».

Numerosas desvantagens são apontáveis a esta proposta. Desde logo, é visível a inoperância da partilha da mesma entrada lexical por itens que se revelam co-textualmente díspares, quer na sua atualização argumental, quer na sua amplitude

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

semântica. Se imaginarmos um verbo como *moer* e um deverbal como *moagem*, observamos que a co-textualização do derivado não acarreta simplesmente diferenças advindas da categoria nominal ou verbal, tais como a necessidade de haver uma preposição a mediar o nome e os seus argumentos. Na verdade, o semantismo do nome encaixa várias significações, explicáveis gerativamente, assim como consequências sintáticas paralelas, não partilhadas com a base verbal.

À incompletude da proposta de Chomsky responde a teorização de Jackendoff (1975). Nesse trabalho, procuram obviar-se as desvantagens da proposta anterior através da separação das entradas lexicais de derivante e derivado. Enquanto em Chomsky (1970) existia apenas uma entrada lexical de que se partiria para a realização sintática quer do verbo, quer do nome, em Jackendoff (1975) cada um dos itens encontra sede lexical numa entrada específica. Esta inovação permite manter a especificidade de cada item lexical. Ambas as entradas se encontram ligadas através de regras de redundância, que manipulam as informações partilhadas pelos dois itens.

De ambas as propostas, contudo, está ausente a especificação da direcionalidade entre derivante e derivado, por se acreditar tratar-se de uma questão diacrónica e não síncronica. No entanto, a análise deste fenómeno evidencia que esta questão é do foro da sincronia e não apenas da diacronia (Rodrigues 2001).

Halle (1973) é o primeiro generativista a conceber um domínio específico para a morfologia. A assunção de Halle parte do seguinte postulado: se a gramática representa o conhecimento que o falante possui acerca da sua língua, se o falante sabe distinguir as palavras bem formadas daquelas que são mal formadas e ainda que muitas palavras resultam da composicionalidade entre morfemas e que esta obedece a uma ordem de concatenação, então deve existir na gramática um domínio autónomo que trate estes dados.

Para Halle (1973), o léxico contém itens básicos que são os morfemas. Esses morfemas, que constituem o primeiro módulo do léxico, funcionam como *input* às Regras de Formação de Palavras. A alimentação destas faz-se a partir de palavras ou de radicais. As Regras de Formação de Palavras, segundo módulo do léxico, geram itens complexos e potenciais, podendo alterar a categoria lexical da base e inclusivamente as suas realizações sintáticas.

Este programa é aplicável tanto à morfologia derivacional quanto à flexional, visto que a flexão manifesta o mesmo tipo de idiosincrasias e de combinações

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

morfofonológicas próprias da derivação. Após o módulo das Regras de Formação de Palavras, existe o módulo do Filtro. Este tem como funcionalidades a idiosincratização de cada produto lexical, bem como a obstaculização da inserção lexical na sintaxe de itens possíveis não existentes. O Dicionário constitui a fase final do modelo. No Dicionário estão contidas todas as formas existentes, incluindo as variações de flexão de cada lexema.

Como pode observar-se, a proposta de Halle (1973) advoga um domínio específico – o léxico – para a geração de palavras, sendo que este é delineado como dinâmico e regido por regras próprias, que não se restringem à concatenação de itens, mas estendem-se a níveis de abstração consideráveis. Funda-se neste trabalho a distinção entre sintaxe e morfologia, no âmbito da gramática generativa. Muitas críticas, no entanto, foram formuladas em relação a este trabalho, como de resto a qualquer um, pois qualquer explicação se dissolve em incompletude se visualizada sob um escopo divergente. No entanto, são exatamente essas incompletudes que fazem progredir a ciência.

Uma das respostas a Halle (1973) é o trabalho de Aronoff (1976) situado extensivamente no domínio da morfologia. Através da cunhagem de uma proposta alcunhada como *word-based morphology*, Aronoff (1976) destaca-se de Halle (1973) ao estabelecer que apenas as palavras, e não os morfemas, fazem parte do *input* das Regras de Formação de Palavras. Colhendo as palavras de Aronoff (1976: 21),

«All regular word-formation processes are word-based. A new word is formed by applying a regular rule to a single already existing word. Both the new word and the existing one are members of major lexical categories.».

Para esta exclusão dos morfemas como bases dos processos genolexicais contribui a análise das chamadas *berry words*. Estas e todas as palavras que não são explicáveis através de processos regulares encontram-se inscritas no léxico, mas não são geráveis nele. Ademais, o léxico não contém os elementos afixais, na medida em que estes não são descritos como itens lexicais, mas antes como constituintes das próprias regras.

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

Aronoff (1976) estabelece, ainda, os princípios operatórios dessas Regras, tais como a sua produtividade e as restrições que impedem uma sobregeração de produtos lexicais. Para Aronoff (1976), as Regras de Formação de Palavras têm acesso a qualquer género de informação relacionado com cada item lexical, nomeadamente fonológica, morfológica, categorial e semântica. Essas regras laboram a um nível formal e a um nível semântico, gerando novas palavras, mas também analisando as palavras já existentes. Através destas regras, é possível alterar profundamente as características da palavra base (categorização, traços da estrutura argumental, traços semânticos, entre outros).

Para evitar a sobregeração de produtos, Aronoff concebe restrições específicas de cada língua que atingem a categoria sintática, a fonologia, a morfologia, a semântica ou a dimensão estratal das bases. Concebe ainda o mecanismo de bloqueio, que impede a formação de sinónimos. A par das restrições específicas de cada língua, o autor prevê um conjunto de condições que se situam ao nível da Gramática Universal, tais como a *Unitary Base Hypothesis*, a *Binary Branching Hypothesis* e o *No Phrase constraint* (cf. 4.1.2.3.3 deste volume). Por tudo isto, Aronoff (1976) revelou-se um trabalho central para o lexicalismo.

Na esteira deste modelo, desenvolveram-se trabalhos como os de Booij (1977), Allen (1978), Pesetsky (1979), Lieber (1980), Williams (1981), Anderson (1982), Selkirk (1982), Scalise (1984) ou Corbin (1987), entre outros. Para o português, destaca-se o trabalho inovador de Rio-Torto (1993). Muitas modificações foram sendo impressas ao modelo lexicalista original. No entanto, em todos eles se prevê o mesmo princípio de funcionamento da linguagem: a morfologia é um domínio autónomo da sintaxe, regido por regras particulares.

Como é evidente, a reformulação da morfologia derivacional é arada em paralelo com o processo de revisão da noção de léxico, já focado no capítulo 2. Do léxico como listagem de pares irregulares de som-significado, próprio do generativismo *standard* e do distribucionalismo (Recorde-se Bloomfield (1933: 274):

«The lexicon is really an appendix of the grammar, a list of basic irregularities.»),

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

passa-se ao léxico como domínio onde operam regras autónomas em relação às regras da sintaxe.

Note-se, contudo, que o ponto de chegada deste percurso não é destino para todos os generativistas. Ainda que Chomsky (1970) tenha introduzido inovações no seu modelo em direção ao lexicalismo, na verdade, Chomsky sustenta até à atualidade a noção de léxico como listagem idiossincrática, que se opõe à gramática (Recorde-se o que foi explanado na secção 2.1 deste volume.). O lexicalismo de Chomsky não arvora a geratividade da morfologia, como domínio em que laboram regras, antes sustém que existe um domínio diferente da sintaxe, contrário ao carácter regular e gerativo desta, onde residem as entradas que são comuns quer às palavras básicas, quer às suas derivadas.

O postulado de Chomsky (1970) de que não cabe à sintaxe a derivação de palavras semanticamente irregulares deu origem a uma bifurcação no percurso do lexicalismo. Essa bifurcação foi lavrada por duas soluções teóricas:

a) a *Strong Lexicalism Hypothesis*

e

b) a *Weak Lexicalism Hypothesis*.

A versão forte do lexicalismo advoga que tanto a morfologia derivacional como a flexional são construídas no léxico, em fase anterior à sintaxe. Tendo fonte na proposta de Halle (1973), o lexicalismo forte é adotado por correntes linguísticas relevantes que se dedicam ao estudo da sintaxe, como a *Lexical-Functional Grammar*, a *Generalized Phrase Structure Grammar*, a *Head-Driven Phrase Structure Grammar*.

Qual é o pressuposto do lexicalismo forte? Aquele que evidencia que a interioridade das palavras não pode ser modificada pelas regras sintáticas. Este pressuposto recebe a designação de *Principle of Lexical Integrity*. O lexicalismo forte acarreta a desvantagem do isolamento do léxico em relação às outras componentes da linguagem. O ponto de contacto do léxico com a sintaxe dá-se na inserção lexical. Este processo determina que os nós das estruturas sintáticas sejam preenchidos por palavras. Até o Programa Minimalista de Chomsky (1995) é lexicalista forte, na medida em que teoriza que o item lexical é inserido na frase com as suas informações semântica e fonológica. No entanto, estes dois níveis de informação serão apenas interpretados pelas respetivas componentes, após o tratamento sintático (cf. secção 2.2.3 deste livro).

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

Esta desvantagem é colmatada pelo lexicalismo fraco, que defende que a morfologia derivacional é tratada no léxico, enquanto a morfologia flexional é tratada na sintaxe, já que é evidente a interação entre a flexão e a sintaxe. São defensores desta proposta Aronoff (1976), Scalise (1984) e Anderson (1982, 1992).

3.1.3 Modelos *word-based* e *morpheme-based morphology*

Os modelos lexicalistas da morfologia espriam-se em princípios oponentes da formação de palavras que dependem da própria conceção dos limites ontológicos das entidades que cumprem a genolexia. Assim, algumas propostas alicerçam-se na visão de que as entidades laboradoras no domínio genolexical são constituídas por palavras, ou seja, morfemas livres, enquanto outras propostas se sedimentam no advogar de que os morfemas presos também se instituem como unidades lexicais com que a formação de palavras trabalha.

A primeira proposta pode ser colhida em Aronoff (1976), sob a designação *word-based morphology*. Para uma versão atual da proposta, veja-se Aronoff (2007). A formulação da *word-based morphology* fez brotar muita celeuma por parte de vários morfólogos, que defenderam, em contraponto, uma *morpheme-based morphology*. A *morpheme-based morphology* pode ser também designada por *Item and Arrangement morphology* e a *word-based morphology* por *Item and Process morphology*, utilizando as designações cunhadas por Hockett (1954) para a descrição da gramática das línguas. Com a *Item and Process morphology* relaciona-se o *Word and Paradigm Model* ou *Realizational Model* (cf. Lieber (2010: 180-183) acerca destas designações).

Como pode ler-se em Blevins (2013), ambas as teorias se enraízam em tradições gramaticais milenares. A *word-based morphology* encontra alicerces na tradição gramatical greco-latina. Fundando-se em Aristóteles, na obra *De interpretatione (Peri Hermeneias)*, em que se estipula que a unidade mínima com significado da linguagem é a palavra e que a analogia é o processo usado para a organização de paradigmas, especificamente na flexão, esta teoria assenta numa visão paradigmática das variações formais da palavra.

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

De acordo com Blevins (2013), a visão aristotélica tem continuidade na *Technē grammatikē*, de Dionísio, o Trácio, (circa 100 a.C.) e nas *Institutiones grammaticae* de Prisciano (circa 500 d.C.).

Por sua vez, a teoria *morpheme-based morphology* tem fundamento na gramática de Paṇini, *Aṣṭādhyāyī* (séc. IV a.C.), que preconiza a existência de unidades com significado mais pequenas do que a palavra.

Utilizando a exemplificação de Plag (2003: 179-180), a distinção entre as duas visões da morfologia poder-se-á paralelizar a uma organização paradigmática vs. sintagmática da formação de palavras. Na *word-based morphology*, as palavras que partilham sufixos derivacionais são encaradas como pertencendo ao mesmo paradigma. É este o caso de *manhood*, *childhood*, *brotherhood*.

Atendendo apenas ao carácter paradigmático das relações entre os itens, seria este o caso de adjetivos como *orgulhoso*, *rancoroso*, *gasoso*, *famoso*, *montanhoso*, gerados a partir de uma base nominal à qual se adiciona o sufixo *-os*.

Contudo, em português, ao contrário do inglês, a base não corresponde a uma palavra. Como é evidente, o modelo *word-based*, equacionado ao modo de Aronoff (1976), que defende que as regras genolexicais operam sobre palavras e não sobre morfemas presos, encontra problemas na explicação do domínio de formação de palavras de línguas que não o inglês, como o são as línguas românicas, nas quais se encontram disponíveis formas de palavras, como o radical e o tema, não coincidentes obrigatoriamente com uma das formas de palavra ocorrentes em co-texto.

Neste modelo, os afixos não são itens lexicais, mas meros operadores ao serviço de regras paradigmáticas, e apenas os segmentos morfológicos autónomos podem figurar como componentes lexicais para a geração de lexemas.

Na *morpheme-based morphology*, parte-se do princípio explicativo de que ocorre uma concatenação de morfemas ao nível sintagmático. Este modelo é herdeiro do pensamento bloomfieldiano, segundo o qual uma palavra complexa resulta da concatenação entre morfemas. Deste modo, ao radical *montanh-* anexa-se *-os*.

Podemos questionar se não se trata do mesmo modo de funcionamento num e noutro caso, apenas vislumbrando-se na primeira fórmula explicativa que existe uma rede paradigmática entre lexemas gerados através do mesmo formato sintagmático.

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

Na *morpheme-based morphology*, o *modus operandi* genolexical é equiparável àquele da combinação de palavras para a formação de frases. Esta formatação acarreta um desequilíbrio na explicação dos fenómenos empíricos, uma vez que existem muitos processos de geração lexical não concatenativos. Esta proposta posiciona-se na direção da integração dos fenómenos morfológicos no domínio da sintaxe, pois os princípios ou regras de combinação de morfemas são equiparados àqueles da formação de frases. Como tal, esta proposta sofre a designação de *word syntax*.

Para autores como Selkirk (1982) e Lieber (1992), como já vimos a propósito da oposição entre a morfologia lexicalista e a sintaticista (secções 3.1.1 e 3.1.2 deste volume), esta é uma vantagem teórica que permeia a economia do sistema linguístico.

Para que esta formatação seja exequível, os afixos têm que ser considerados como itens lexicais, ao lado das palavras, ou seja, têm de possuir, por exemplo, um semantismo próprio, uma especificação fonológica, uma especificação quanto à categoria sintática. Exemplificando, se uma palavra como *perturbar* apresenta lexicalmente a especificação semântica de $[[x \text{ FAZER-ALGO}] \text{ CAUSAR } [y \text{ TORNAR-SE PERTURBADO}]]$, a especificação fonológica /pertur'bar/ e a especificação sintática da necessidade de um SN como complemento, também para um afixo como -os- se encontram os dados semântico [relativo a base], fonológico /oz/, bem como a informação de que emerge à direita de um radical.

Consequentemente, a diferença entre palavra e afixo reside no facto de a primeira ser um item lexical livre e o segundo um item lexical preso.

Segue-se ainda que, a haver equiparações entre a formação de palavras e a formação de frases, na primeira, tal como ocorre na segunda, tem de haver núcleos. Este é um ponto controverso desta visão, ao lado daquele que deixa por explicar os fenómenos não concatenativos genolexicais.

Nas frases, existem núcleos. Assim, um SN tem como núcleo um N; um SV um V, etc. O estatuto de núcleo acarreta que sejam as características daquela forma, que é o núcleo, a determinar as características da frase. Este pressuposto pode ser estirado a derivados lexicais como *reparação*, *visionamento*, *bebível*, *barrigudo*, pois a categoria sintática do produto é determinada pela categoria sintática dos sufixos respetivos e não pela categoria da base. Assim, temos as bases e respetivos produtos *repara-v* →

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

*reparação*_N, *visiona*-_V → *visionamento*_N, *bebi*-_V⁶ → *bebível*_{ADJ}, *barrig*-_N → *barrigudo*_{ADJ}.

Um contra-argumento relativo à postulação dos afixos como núcleos reside na observação de que alguns deles não apresentam essa capacidade. Por exemplo, alguns prefixos, como os prefixos *in-*, *re-*, *des-*, não alteram a categoria lexical da base, como observável em *possível*_{ADJ} → *impossível*_{ADJ}, *possibilidade*_N → *impossibilidade*_N, *possibilitar*_V → *impossibilitar*_V, *ler*_V → *reler*_V, *ver*_V → *rever*_V, *agir*_V → *reagir*_V, *amor*_N → *desamor*_N, *honra*_N → *desonra*_N, *construir*_V → *desconstruir*_V.

Uma solução para este problema consiste na chamada *right-hand head rule* (Williams 1981). Segundo esta regra, na formação de palavras, o núcleo situa-se à direita. No entanto, muitos problemas são apontáveis a esta regra. Desde logo, em português existem prefixos cuja capacidade de recategorização da base à qual se anexam desvincula a formação de palavras da *right-hand head rule*.

Prefixos do português passíveis de serem descritos como núcleos são os afixos *en-*, *a-* e *es-*, que produzem a recategorização para verbos de bases nominais e adjetivais, em lexemas como *entrançar*, *alourar* ou *espalhar*. Em Pereira (2008; 2013) descrevem-se estes processos de formação de verbos.

Segundo Plag (2003: 180-184), outro ponto frágil desta equiparação entre a formação de palavras e a formação de frases reside no facto de, em muitas línguas, como é o caso do português, do inglês, do francês, do castelhano, entre outras, o núcleo das frases se situar à esquerda, enquanto se estipula para as palavras um núcleo à direita. Este desfazamento implica que não haja paralelismo entre a formação de palavras e a formação de frases, ao contrário do pretendido pelas visões *word syntax*.

Plag (2003: 184) aponta ainda outra fragilidade a esta paralelização: geralmente, o sintagma comporta-se como hipónimo do núcleo. Como tal, o sintagma nominal *o gato com pelo cinzento* é um hipónimo do núcleo *gato*. Se é possível encontrar na composição relações de hiperonímia/ hiponímia entre o núcleo do composto e o seu complemento, como ocorre no caso dos compostos endocêntricos, ilustrável por *andorinha-dos-beirais*, que designa um hipónimo de *andorinha*, o mesmo não se verifica no produtos sufixados ou mesmo nos compostos exocêntricos ou *bahuvrihi*. Assim, não é plausível estabelecer que o nome verbal *compensação* é um hipónimo

⁶ A base de *bebível* é o tema que origina paradigmaticamente o particípio passado. Veja-se Rodrigues (2013b).

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

de *-ção*. A mesma dificuldade se encontra no composto *trepadeira-dos-muros*, que designa uma ave, ou *caravela-portuguesa*, que designa uma colónia de animais do grupo dos cnidários.

Os modelos *word-based-morphology* seguem uma estruturação em paradigmas da formação de palavras. O fundador deste tipo de perspectiva foi, como já referimos, Aronoff (1976), que defende que os morfemas não têm entrada no léxico, uma vez que não têm uma existência enquanto entidades lexicais. Trata-se de elementos que operam em regras, ou esquemas, estando, por isso, destas/destes dependentes. Essas regras esquematizam a relação existente entre as várias palavras que partilham traços genolexicais, nomeadamente fonológicos, semânticos e de categoria lexical. Como esclarece Plag (2003: 186),

«The crucial difference between a schema and a morpheme-based word-formation rule is [...] that the schema does not make reference to individual morphemes, but only to whole words, to the effect that in such a model, morphemes are superfluous, and in fact inexistent. The word-based lexicon contains only words, no morphemes.».

Tal significa que aquilo que na *morpheme-based morphology* é analisado como morfema, na *word-based morphology* é tido como uma variável de um esquema integrada no conjunto de produtos derivacionais, enquanto parte da sua descrição fonológica e semântica.

Uma vantagem desta perspetivação da morfologia reside no tratamento igualitário de fenómenos genolexicais concatenatórios e não concatenatórios, incluindo aqueles que não recorrem a alterações formais, como é o caso da conversão ou da formação cruzada (em inglês, *cross-formation*), ou o caso dos *bracketing paradoxes*.

A estipulação de esquemas permite a exclusão da direcionalidade entre derivante e derivado enquanto modulação genolexical. Esta é uma desvantagem nas derivações concatenatórias, como ilustrável por *solver* → *solvência*, em que a direcionalidade visualizável pela seta é uma evidência formal e semântica. No entanto, também no caso da conversão, em que a direcionalidade entre base e produto se manifesta semanticamente, ainda que não formalmente, os esquemas não direcionais assomam como desvantajosos (cf. Rodrigues 2001).

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

O mesmo fator é, no entanto, uma vantagem no caso da formação cruzada ou *cross-formation*. Nestes casos, que podemos ilustrar com os pares *elegância-elegante*; *pesporrência-pesporrente*, entre outros, não existe uma base a partir da qual pudessem ter sido gerados os derivados nominal e adjetival. Assim, a geração destas formas é descrita como operada paradigmaticamente, através da ativação dos paradigmas de formação de derivados em *-nte* (*desmaquilhar* → *desmaquilhante*; *solver* → *solvente*; *dissolver* → *dissolvente*) e em *-ncia* (*arrogar* → *arrogância*; *solver* → *solvência*; *dissolver* → *dissolvência*).

Os dois produtos – nominal e adjetival – correlacionam-se entre si através da partilha de uma base hipotética, que é possível equacionar justamente pela ativação dos dois paradigmas genolexicais mencionados. Neste sentido, não é a base que suscita a geração do produto, integrando-se como *input* numa regra de formação de palavras. Pelo contrário, é a ativação de uma regra/esquema que faz emergir como hipotética uma base ao nível do léxico mental. Note-se, contudo, que não se trata de uma base potencial, visto não ser selecionada pelos falantes como base de outras formações ou ainda como lexema suscetível de ocorrer em co-texto sob a forma de forma de palavra. Assim, no caso da hipotética base de *elegância-elegante*, não se supõe **elegar* como base de, por exemplo, **elegável*. Da mesma maneira, não se aceita a flexão de **elegar*, como ilustrado no enunciado (4).

(4) **A Ana elegou-se muito nos últimos tempos.*

A propósito da formação cruzada, vejam-se Rodrigues (2013c: 86-87) e Becker (1993: 8-18).

Na formação cruzada ocorre, então, uma correlação paradigmática entre pares de lexemas que se relacionam, por sua vez, com esquemas genolexicais. Esses pares não são mediados por nenhuma relação direcional nem formal, nem semanticamente. Em português, muitos pares contendo o sufixo *-ismo* e o sufixo *-ista* situam-se neste tipo de formação (e.g. *hedonismo-hedonista*; *anglicismo-anglicista*; *autismo-autista*; *batismo-batista*; *bolchevismo-bolchevista*).

A *morpheme-based morphology* assoma igualmente com incongruências na ocasião de se explicarem os designados *bracketing paradoxes* (Spencer 1991: 397-422;

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

Becker 1993; Haspelmath 2002: 175-176). Trata-se de lexemas cuja parentetização semântica não coincide com a parentetização formal.

É este o caso de, por exemplo, *transiberiano*. A parentetização formal seria $[[trans-] [sibéri- -ano]]$. No entanto, a parentetização semântica seria $[[trans- sibéria] [-ano]]$. Na verdade, o transiberiano não é um comboio que atravessa o ‘siberiano’, mas a Sibéria. Daí que ocorra a parentetização $[[trans- sibéria] [-ano]]$ na dimensão semântica do produto. Pelo contrário, em termos sintáticos, o prefixo *trans-* não pôde ter-se anexado ao nome *Sibéria*, processo que teria gerado **Transibéria*, o que não se verifica. Como tal a parentetização sintática tem como resultado a notação $[[trans-] [sibéri- -ano]]$.

A *word-based morphology* resolve o paradoxo através da estipulação de duas séries de regras que se relacionam, ou seja, através de uma regra quadrangular. Uma regra resolve a relação semântica entre os elementos de derivação, enquanto a outra regra estabelece a sua relação semântica. As duas regras encontram-se ligadas através de regras de correlação.

Em Booij & Masini (2015), o paradoxo é solucionado através da estipulação de esquemas de segunda ordem, ou seja, de conjuntos de dois ou mais esquemas construcionais paradigmaticamente relacionados. Os mesmos esquemas são usados igualmente na descrição de pares como *hedonista-hedonismo*, ou ainda naqueles que, não obstante possuírem uma base formal definida, não se correlacionam com ela semanticamente. Assim é o caso de *marxismo-marxista*. De acordo com Booij & Masini (2015: 50-51), um *marxista* não é aquele que possui propriedades relativas a Marx, mas que é apologista do *marxismo*. Como tal, Booij & Masini (2015: 50) propõem o seguinte esquema de segunda ordem que correlacionará ambos os derivados:

$$< [x-ism]_{Ni} \leftrightarrow SEM_i > \approx < [x-ist]_{Nj} \leftrightarrow \text{person with property Y related to } SEM_i]_j >$$

Se uma abordagem *word-based* traz as vantagens de explicar os fenómenos não direcionais, esta perspetiva não sai, no entanto, sem pontos negativos. Na verdade, esta não explica os fenómenos de alomorfia ocorridos num afixo de acordo com a formação fonológica da base, como aquele que se observa no prefixo *in-* em *ilegível*, *irrepreensível*, *impossível*, ou ainda aquele que se manifesta na formação de deverbais em inglês, em que bases verbais contendo o sufixo *-ate* selecionam o alomorfe *-ion* (*congregate* → *congregation*), bases verbais com o sufixo *-ize* optam pelo alomorfe -

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

ation (*ionize* → *ionization*), enquanto as bases em *-ify* elegem o alomorfe *-ication* (*solidify* → *solidification*) (Bauer; Lieber & Plag 2013:201-202). Tais fenómenos pressupõem que haja acesso de informação entre a estrutura morfológica da base e a do produto, o que renegaria a *word-based morphology*.

Outra evidência contra a *word-based morphology* reside no facto de alguns segmentos fonológicos não ocorrerem dentro de morfemas, embora ocorram na fronteira entre morfemas. Por exemplo, em inglês a combinatória fonotática /pf/ não ocorre no interior de nenhum morfema, mas na fronteira deste (*e.g. helpful*) (Plag 2003: 189). Para o português, a combinação fonotática /ɲp/ também não aparece no seio de nenhum morfema, mas brota apenas da fronteira de um morfema com outro (*e.g. impossível*).

Uma das perspetivas da *word-based morphology* mais radicalistas é representada pela *A-morphous morphology*, de Anderson (1992). Uma perspetiva atual é a de Booij (2010a; 2010b), que tem a designação de Morfologia Construcional, que analisaremos na secção 3.1.4.4 deste livro.

Aquilo que se pode concluir da oposição entre as duas perspetivas é que estas não deveriam ser instauradas como exclusivas e rivais, mas antes como complementares. (Podem consultar-se Spencer (1993), Haspelmath (2002: 44-51), Lieber (2010: 180-183) e Booij (2010b: 1-2) para sínteses críticas das duas visões.) Estudos sobre o processamento lexical advogam que a mente pode processar e armazenar informações acerca do léxico quer tomando os itens lexicais como um todo, quer na sua segmentação morfológica (cf. Plag (2003: 189); McQueen & Cutler (1998); Burani & Thornton (2003)).

Para além disso, nada obsta a que a mente não possa operar paradigmaticamente com itens outros que não aqueles que correspondem a uma forma de palavra. Significa que a adjunção de afixos a bases não implica necessariamente que este mecanismo se encontre arreigado a um procedimento concatenatório entre esses elementos, enquanto unidades particulares não sujeitas a um esquema mental. Parece-nos antes que essa adjunção pode operar-se a partir de esquemas paradigmáticos, que são válidos quer para a morfologia derivacional, quer para a morfologia flexional. Esses esquemas não invalidam que os afixos sejam eles mesmos acarretadores de significado. Aliás, essa dimensão plural dos afixos é ela mesma construtora dos esquemas mentais, uma vez que estes, para existirem, terão de se alimentar do reconhecimento de padrões. Ora, esses

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

padrões só são reconhecidos através da análise de entidades particulares e não de constructos abstratos, pois são os padrões que correspondem a abstrações construídas a partir de itens particulares e não o inverso.

3.1.4 Como um domínio de intervenção das diferentes estruturas da linguagem

Nesta secção observam-se os modelos genolexicais que visionam a formação de palavras como uma área em que intervêm as diferentes estruturas da linguagem. Serão focados os modelos de Corbin (1987; 1991), Rio-Torto (1993; 1998), Plag (1999; 2004) Rodrigues (2008) e Booij (2010a; 2010b), sendo perspectivados segundo a sua orientação para os processos, para os produtos, para ambos, ou para as construções.

Estes modelos podem ilustrar-se através da figura 2.

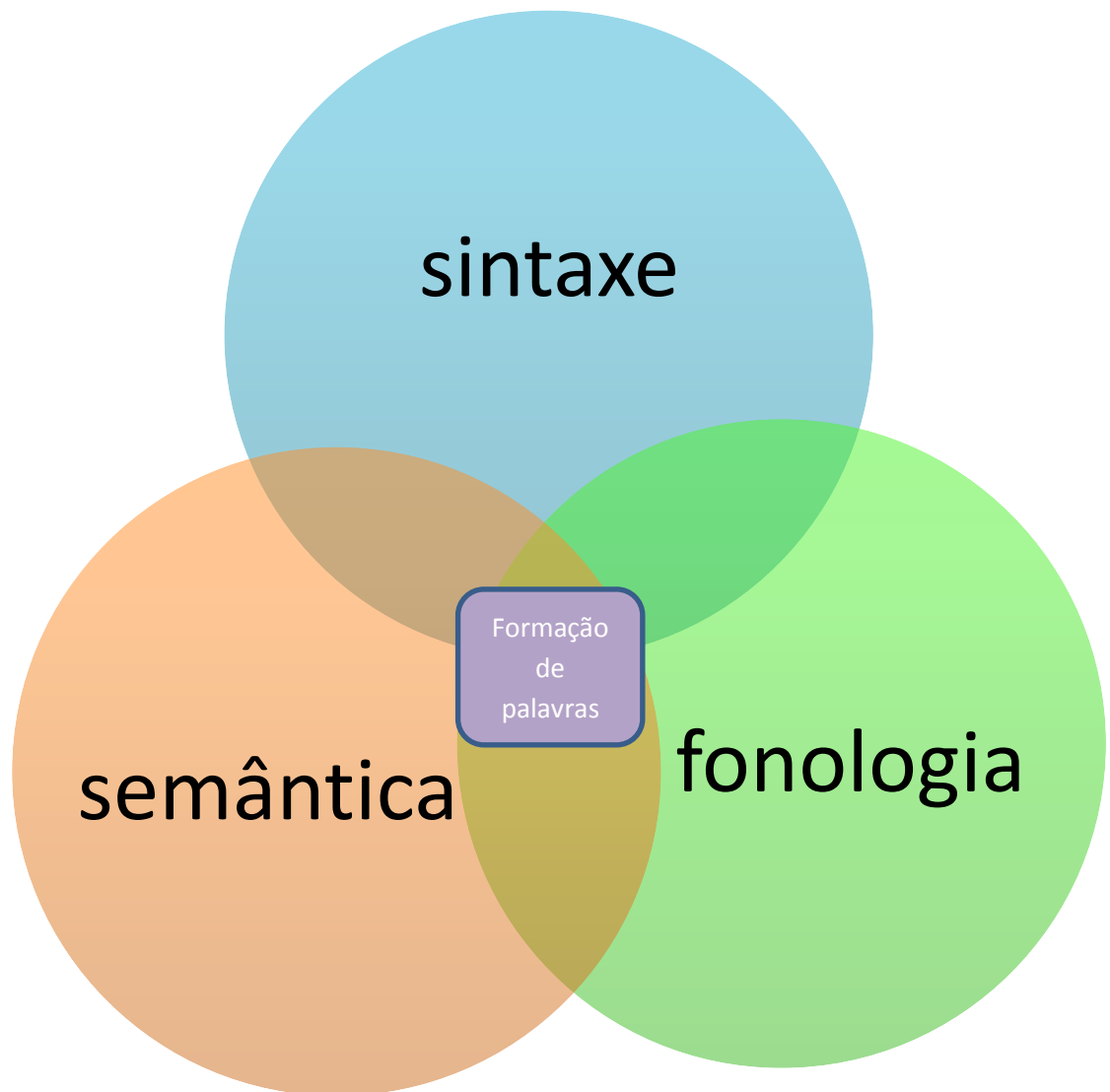


Figura 2. Visão da formação de palavras como ponto de confluência das diferentes estruturas da linguagem

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

3.1.4.1. Perspetivas orientadas para os processos (*Regras de Formação de Palavras*)

A herança dos modelos seminais da morfologia lexicalista (Halle 1973; Aronoff 1976) é de cunho orientado para os processos, ou seja, para a uniformidade das bases que constituem a componente base das Regras de Formação de Palavras. Observaremos em seguida dois dos principais modelos subsequentes desses trabalhos primordiais.

3.1.4.1.1 Modelo estratificado e associativo (Corbin 1987; 1991)

Um dos modelos mais relevantes no seio da morfologia lexicalista é o de Corbin (1987; 1991). A sua relevância advém da coerência que caracteriza um modelo dotado de capacidade de descrição sincrónica dos mecanismos regulares e semi-regulares genolexicais de uma língua. Corbin aplica o seu modelo teórico à análise do francês. No entanto, a aplicação do modelo revela-se extensível a qualquer língua.

Partindo do pressuposto da autonomia do léxico inerente às visões lexicalistas (já observadas nas secções 3.1.2 e 3.1.3 deste volume), Corbin estipula uma organização estratificada do mesmo, sendo de tipo associativo os processos que geram as suas unidades. Para Corbin, o léxico não é apenas o armazém dos itens lexicais, mas também a sede de geração lexical. Neste sentido, Corbin (1987) desenha o léxico como constituído por várias componentes. Essas componentes são a componente de base, a componente derivacional e a componente pós-derivacional e/ou convencional. A interação entre as componentes é responsável pela produção das palavras. Cada componente representa uma fase diferente da geração das unidades lexicais.

Uma vantagem deste modelo enraíza-se na negação do pressuposto da *word-based morphology*, que preconiza que apenas as palavras, e não os morfemas inferiores à palavra, têm lugar no léxico. Esta negação não esbarra, no entanto, nas conceptualizações redutoras da *morpheme-based morphology*, uma vez que Corbin não reduz a formação de palavras a meros processos concatenatórios, como advogado pelas teorias *Item and arrangement* (cf. secção 3.1.3 deste livro). Outra vantagem do modelo de Corbin consiste na explicitação da distinção entre léxico potencial e léxico existente. A previsão desta distinção encontra arquitrave teórica na estratificação das componentes que descreveremos em seguida.

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

A componente de base é constituída pelas unidades lexicais que são sujeitas aos processos derivacionais, assim como pelas regras ou mecanismos genolexicais de base. As unidades lexicais da componente de base correspondem não apenas a lexemas que não sejam gerados através das regras de construção de palavras, mas também a afixos (Corbin 1987: 415-416; 425-467). Assim, nessa componente, cabem palavras simples não construídas (*e.g. mar, cão, azul, ver*), constituintes lexicais presos (*e.g. bio-, hidro-, crio-*), palavras complexas não construídas (*e.g. conceber, aduzir, conduzir*), palavras resultantes de transcategorização, como adjetivos transcategorizados de participípios passados (*e.g. amarelado, mumificado*) e nomes conversos de infinitivos verbais (*e.g. olhar*), e afixos (*e.g. -ific-, -ção, -it-*).

Essas entradas de base que funcionam como matéria-prima à construção de outras unidades encontram-se definidas quanto às suas estrutura fonológica, estrutura semântica, formatação categorial, estrutura argumental e traços idiossincráticos. Esses traços idiossincráticos consistem em formações lexicais não previsíveis, ao nível formal e/ou semântico (Corbin 1987: 454; 457-458). No caso de a entrada coincidir com um afixo, encontra-se ainda especificada quanto à regra de construção de palavras na qual aquele serve como operador (Corbin 1987: 454).

Na componente derivacional residem as regras de construção de palavras específicas de uma língua. Essas regras laboram com as entradas da componente de base, dando origem às palavras potenciais. As regras de construção de palavras são definidas de acordo com a inter-relação categorial entre os itens de base e os produtos, a inter-relação semântica e com uma série de operações morfológicas que permitem a construção dos produtos (Corbin 1987: 476-486). Assim, na formação de *nomina actionis*, a componente de base consiste em verbos. Estes geram nomes, através de operadores afixais como *-ção, -dura, -mento*, etc., que laboram nas operações morfológicas. Uma paráfrase como ‘ação de V’ especifica a operação semântica ocorrida na geração desses nomes a partir das bases verbais, com recurso a essas operações morfológicas. As bases que servem de matéria-prima à formação em cada regra de construção de palavras detêm informação relativa às restrições categoriais e semânticas que as especificam. (Observaremos detidamente essas restrições no capítulo 6.)

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

A visão oferecida por Corbin é subsumível naquelas perspetivas orientadas para o *input*, ou seja para os processos, ao contrário de outras, como a de Plag (1999), definível como orientada para o *output*, ou produtos.

A componente derivacional é responsável pela construção de palavras virtuais, regulares da língua. Uma vez que o léxico não apresenta muitas vezes esse carácter regular e previsível, o modelo de Corbin preconiza uma componente convencional (versão de 1987) ou pós-derivacional e convencional (versão de 1991).

Nesta última versão, Corbin ramifica a componente convencional desenhada na versão de 1987 nas componentes pós-derivacional e convencional. Na componente pós-derivacional operam regras de alomorfia, truncação, assim como o mecanismo de integração paradigmática. A componente derivacional, na versão de 1991, encerra um dispositivo de aplicação de idiossincrasias e um selecionador.

As regras de alomorfia e truncação da componente pós-derivacional caracterizam-se pela sua aplicação semiprevisível, em contraste com as regras abrangidas pela componente derivacional. Localiza-se neste âmbito a alomorfia *-vel/-bil-* observável em *amável/amabilidade*, *previsível/previsibilidade*, etc. Quanto à truncação, Corbin (1988: 63-76) dedica-lhe reflexão aturada a propósito dos sufixos do francês *-ism*, *-ist*, e *-ique* (e.g. *absentéiste/absentéisme*; *analytisme/analytique*), existentes em produtos formados por processos que já aqui equacionámos como formação cruzada (secção 3.1.3). Para o português podem aduzir-se exemplos como *britanismo/ britanista/ britânico*.

A integração paradigmática revela-se como um mecanismo que permite explicar a ocorrência de sufixoides sem os quais a interpretação semântica não sairia prejudicada. Rio-Torto (1993: 121) oferece, no propósito de ilustrar este mecanismo do modelo de Corbin, o exemplo do elemento *-al* em *antigripal*. Segundo Rio-Torto, *antigripal* é similar a *antigripe*, não sendo o sufixo *-al* necessário à interpretação do produto.

Da componente pós-derivacional ficam excluídas as regras de semântica não estritamente lexicais, como aquelas que operam metonimicamente (e.g. passagem de abstrato a concreto (*caça* ‘evento’ vs. *caça* ‘aquilo que é caçado’), da ação ao agente (*presidência* ‘evento de presidir’ vs. *presidência* ‘entidade humana’), da ação ao locativo (*moagem* ‘evento’ vs. *moagem* ‘fábrica’), etc.).

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

Da componente convencional preconizada na versão de 1991 constam um aplicador de idiossincrasias e um selecionador. O primeiro mecanismo tem por função a aplicação de propriedades imprevisíveis, semânticas e/ou formais, ao produto lexical, enquanto palavra real. Digamos que se trata de um mecanismo que explicita informações empiricamente observadas no léxico real que não são explicáveis regular ou semi-regularmente. São abrangidas neste campo as peculiaridades semânticas que advêm de uma utilização técnica do léxico (*E.g.* o termo *derivação* em linguística por contraste com o seu significado genérico no uso comum ou ainda o termo *voador* que designa um aparelho com rodas onde se colocam as crianças quando começam a andar.).

Quanto ao selecionador, este tem a função de filtrar os lexemas que são efetivamente utilizados convencionalmente, destacando estes do conjunto daqueles que, ainda que gerados pelos mecanismos genolexicais, não são convencionalmente utilizados numa dada sincronia (*e.g.* *gargantoíce*, *tristura*, *enfadar*).

Em suma, o modelo de Corbin incorpora os aspetos irregulares e idiossincráticos no domínio da genolexia que é descrito como organizado de modo hierárquico. Esses aspetos irregulares não são, pois, relegados para fora do âmbito da geratividade lexical, como ocorre em modelos prévios (Cf. não só a teoria *standard* da gramática generativa, mas também outros modelos lexicalistas analisados ao longo do capítulo 3.). Esta é uma vantagem que se associa ainda a outras vantagens já colhidas em outros modelos da morfologia lexicalista, como são a não subjugação da formação de palavras à sintaxe e a visão do léxico como um domínio dinâmico.

Uma principal desvantagem pode, no entanto, apontar-se a este modelo: ao delinear cada regra de construção de palavras como uma inter-relação categorialmente unívoca entre bases e produtos, pois cada regra é definida pelo seu carácter de unicidade semântica e categorial, o modelo torna o sistema de regras genolexicais oneroso, uma vez que abre espaço à homonimização. Para uma visão crítica do modelo, veja-se Rio-Torto (1993: 106-127).

3.1.4.1.2 O modelo polidimensional e interativo (Rio-Torto 1993; 1998)

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

Herdeiro do pensamento de Corbin encontra-se, no panorama português dos estudos consagrados à genolexia, o trabalho fundamental, porque pioneiro e influente, de Rio-Torto (1993; 1998). Rio-Torto (1993; 1998) propõe uma teoria polidimensional e interativa da formação de palavras, apresentando soluções para os problemas levantados pelo desenho do modelo de Corbin. Especificamente, a autora delineia um modelo que permite a não homonimização acarretada pela unicidade semântico-categorial prevista no modelo de Corbin. Rio-Torto prevê a existência de um módulo de base, um módulo gerativo e um módulo convencional como componentes para a genolexia. O módulo de base é constituído por bases lexicais e afixos; o módulo gerativo compreende os processos formais de formação de palavras e as regras de formação de palavras (Rio-Torto 1993: 142-143). Segundo Rio-Torto (1993: 144), o módulo convencional

«[...] demarca o que, sendo possível, não é normal, explicitando as propriedades que distanciam o léxico real do léxico potencial, tal como se apresenta à saída do módulo gerativo; de certo modo ele desempenha o papel de filtro (M. Halle), pois através dele se distingue a estrutura potencial das palavras construídas e a sua estrutura real (atestada).».

O carácter polidimensional do modelo de Rio-Torto advém da visão de que a formação lexical é a confluência das diversas estruturas da linguagem e ainda da sua dimensão pragmática e semiótica (Rio-Torto 1993: 230). Rio-Torto (1993: 231) não olvida que

«A língua está, pois, estruturada com base tanto numa dimensão de homogeneidade sistémica, quanto numa dimensão de heterogeneidade e de convencionalidade.».

O modelo da autora tem ainda a mais-valia de ultrapassar a homonimização inerente à proposta de Corbin. Rio-Torto (1993: 231) define cada regra de formação de palavras como formatada

«[...] por uma só operação semântico-categorial, unitária, isocategorial, mas não necessariamente unicategorial. Desta forma, consigna-se a possibilidade de uma mesma

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

regra se aplicar a diferentes categorias de base, mas activando o mesmo tipo de relação semântica. [...] Ao mesmo tempo postula-se que a operação semântica de cada RFP deve ser suficientemente ampla e abrangente para poder albergar diferentes modulações, determinadas pela base e/ou pelo operador.».

Esta capacidade de uma mesma RFP operar com variantes sobressai como aspeto inovador no modelo de Rio-Torto em relação às propostas anteriores. Explicam-se, assim, de modo coerente, quer sob o ponto de vista empírico, quer sob o ponto de vista teórico, as situações em que o mesmo afixo, identificável pela sua homogeneidade semântica, se agrega a bases categorialmente marcadas como distintas. É o caso da formação de avaliativos, como os nomes denominais *gatito*, *carrito*, os adjetivos deadjetivais *branquito*, *novito* e os verbos deverbais *saltitar*, *dormitar* (Rio-Torto 1993: 343).

Para além de inovador sob o ponto de vista teórico, o trabalho de Rio-Torto destaca-se pelo seu carácter seminal, no âmbito dos estudos dedicados à formação de palavras do português, pelo facto de se tratar do primeiro estudo sistematizante do conjunto de processos e paradigmas genolexicais da língua portuguesa à luz de um quadro teórico coeso.

3.1.4.2 Perspetivas orientadas para os produtos (Plag 1999; 2004)

Em posição oposta àquela que é advogada pelos seguidores da morfologia lexicalista iniciada por Halle (1973) e Aronoff (1976), analisados na secção 3.1.4.1, emerge a proposta de Plag (1999; 2004), que observa os afixos, e não as bases, como estimuladores da homogeneidade dos produtos lexicais.

A proposta de Plag insurge-se contra uma posição extremista das versões orientadas para os processos, ou *input*, da formação lexical que é a de Beard (1995). Sumariamente, diremos que o modelo de Beard considera os operadores afixais laborantes numa mesma Regra de Formação de Palavras como perfeitos sinónimos, porque contendo apenas uma funcionalidade fonológica de atualização da regra (Beard 1995: 78), retirando-lhes similitude com os lexemas.

Plag (1999) refuta esta observância teórica ao partir da análise empírica dos afixos que geram verbos em inglês. Assim, focando a sua análise nos constrangimentos

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

reguladores da formação de verbos, Plag (1999) demonstra que existem convergências semânticas mais fortes entre os verbos que partilham o mesmo afixo (-ize, -ify, -ate, -en) do que aquelas que se observam entre todos os verbos independentemente do afixo que contêm, o que evidencia prevalecer sobre a ação das Regras de Formação de Palavras o peso semântico de cada afixo particular.

Para Plag (199: 237; 240), os afixos não correspondem a sinónimos absolutos, mas meramente aproximados. Como tal, os afixos possuem uma estrutura semântica similar à dos lexemas. Explica-se, assim, a inserção do sintagma *sign-based* na designação *sign-based output-oriented model* para o modelo de Plag, que rejeita os modelos separacionistas, ilustrados aqui por Beard (1995). Para além destes, Plag rejeita as perspetivas orientadas para os processos (*input*). Assim, Plag nega a importância da formação das Regras de Formação de Palavras, enquanto domínios definidos pela univocidade das bases.

O argumento de Plag consolida-se em dados empíricos, que podemos ilustrar com a formação hipergerativa, de acordo com o autor, de produtos malformados como seriam os nomes em -ity gerados a partir de adjetivos em -ous do inglês. Plag (1999: 6) alerta para a seguinte incorreção: a Regra de Formação de Palavras que gera o nome *curiosity* com base em *curious* permitiria a geração das formas agramaticais **gloriosity* e **furiousity*, a partir de *glorious* e de *furious*, respetivamente.

Apoiando-se ainda em argumentação oposta, Plag menciona que, paralelamente à sobregeração, as Regras de Formação de Palavras podem ser motivo de subgeração, uma vez que se encontram atestados produtos que não são geráveis através das Regras de Formação de Palavras.

Como vimos, modelos mais refinados que assentam em Regras de Formação de Palavras, como o de Corbin (1987; 1991) e o de Rio-Torto (1993; 1998), evitam estes problemas apontados por Plag às visões orientadas para o processo.

Ao rejeitar as Regras de Formação de Palavras, o modelo de Plag lança-se em fragilidades teóricas e empíricas, apesar de o autor, com a perspetiva sugerida, pretender exatamente contornar debilidades das perspetivas orientadas para os processos em relação à capacidade de explicação de dados reais das línguas. A principal debilidade deste modelo reside no olvido das simetrias semânticas e sintáticas prevalecentes entre os produtos geráveis a partir de bases uniformemente desenhadas.

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

Um modelo que concilia as duas perspetivas opostas – orientadas para os produtos (*output*) e orientadas para os processos (*input*) – é estudado a seguir.

3.1.4.3 O modelo de Regras de Formação de Palavras em Interface (Rodrigues 2008)

Um modelo inspirado na polidimensionalidade da proposta de Rio-Torto foi concebido por Rodrigues (2008). No entanto, ao contrário do modelo de Rio-Torto, ancorado nas perspetivas orientadas para o *input*, Rodrigues (2008) tece um modelo que concilia aquelas perspetivas com as suas contrárias, ou seja, com aquelas orientadas para o *output*. Atracado na visão de linguagem delineada por Jackendoff (2002) e, especificamente, na conceção que este autor apresenta sobre o léxico como uma interface das estruturas semântica, fonológica e sintática (cf. secção 2.2.3 deste volume), Rodrigues (2008) constrói o modelo de Regras de Formação de Palavras em Interface.

Este modelo pretende explicitar as relações genolexicais de uma língua através da resolução de problemas de insatisfatória solução empírica e teórica de modelos anteriores, tais como a formatação teoricamente sustentada da correlação verificada empiricamente entre afixos que, pelo seu conteúdo semântico, laboram em Regras de Formação de Palavras díspares. Os modelos anteriores pretendiam solucionar este problema ou através da homonimização (cf. Corbin 1987) ou através de aqui-regras (Rio-Torto (1993); Rio-Torto & Anastácio (2004)).

O problema empírico pode ser descrito da seguinte forma:

As Regras de Formação de Palavras, concebidas como correlações marcadas por uma única operação semântico-categorial – seja ela unicategorial, como define Corbin (1987), ou multicategorial, como delineou Rio-Torto (1993) –, não permitem explicar as similaridades semânticas que são surpreendidas entre produtos de diferentes regras. Observemos os produtos elencados em Rodrigues (2008: 33-34):

«A. Produtos denominais: *contaria* (> *conta*) ‘estabelecimento onde se fazem ou vendem contas; enfiada de contas’, *feitiçaria* (> *feitiço*) ‘bruxedo; emprego de feitiços; sortilégio’, *laçaria* (> *laço*) ‘ornatos que representam objectos atados com laços de fitas; fitas enlaçadas; porção de laços’, *galhofaria* (> *galhofa*) ‘galhofada; vida de galhofeiro’, *lisonjaria* (> *lisonja*) ‘acto ou hábito de lisonjear; lisonja’;

B. Produtos deverbais: *zurraria* (> *zurrar*) ‘muitos zurros simultâneos’, *vozearia* (> *vozear*) ‘acto de vozear; clamor de muitas vozes juntas; gritaria; berreiro; ruído;

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

barulho’, *voaria* (> *voar*) ‘conjunto de aves, especialmente as empregadas na caça de altanaria; caçada feita às aves com falcões e outras aves de rapina; volataria; altanaria’, *refinaria* (> *refinar*) ‘oficina ou casa de refinação’, *pescaria* (> *pescar*) ‘arte ou indústria de pescar; pesca; grande quantidade de peixe’, *palraria* (> *palrar*) ‘vozearia; falatório; tagarelice’, *gritaria* (> *gritar*) ‘conjunto de gritos; alarido; berreiro’, *farfalharia* (> *farfalhar*) ‘farfalhada’, *estalaria* (> *estalar*) ‘ruído de estalos sucessivos’, *destilaria* (> *destilar*) ‘instalação fabril para destilação’, *caçoaria* (> *caçoar*) ‘grande caçoada’, *barbearia* (> *barbear*) ‘loja ou ofício de barbeiro’, *amassaria* (> *amassar*) ‘casa ou lugar próprio onde se amassa a farinha; trabalho de amassar’.

C. Produtos deprecicativos (deadjectivais e denominais): *calmaria* (> *calmo*) ‘calma, serenidade, sossego’, *algozaria* (> *algoz*) ‘acção própria de algoz’, *velharia* (> *velho*) ‘acto ou dito próprio de pessoa velha; objecto antigo a que se atribui pouco valor; costume antiquado; palavra caída em desuso; conjunto de velhos’, *porcaria* (> *porco*) ‘estado do que é porco ou de quem é sujo; estado do que está sujo, imundície, sujidade; coisa mal feita; obra mal acabada; coisa sem valor’, *selvajaria* (> *selvagem*) ‘qualidade, dito ou acções de selvagem; grosseria, rusticidade’.»

Cada conjunto dos produtos explicitados resulta da operação de uma Regra de Formação de Palavras. No conjunto A, a regra operadora é a de nomes de quantidade, sendo as bases nomes e os produtos nomes com o semantismo de ‘quantidade, conjunto de N[ome]b[ase]’. No conjunto B, os produtos resultam da regra de nomes de acção. As suas bases são verbos e os nomes daí resultantes possuem o semantismo genérico de ‘evento de V[erbo]b[ase]’. Por último, os derivados apresentados no conjunto C são produtos da RFP de nomes de qualidade. Nesta regra constam da componente de base nomes e adjetivos predicativos. Os produtos são nomes com o semantismo de ‘qualidade/ facto de ser Pred[icativo]b[ase]’.

As diferenças nas marcações categoriais e semânticas das bases tornam-se num obstáculo à consideração de uma única Regra de Formação de Palavras como geratriz destes três tipos de produtos. No entanto, destaca-se como inegável a uniformidade semântica partilhada entre os produtos destas três regras. Na verdade, não obstante as diferenças advindas da base e da componente convencional dos mecanismos genolexicais, salienta-se a homogeneidade entre os vários produtos. Essa homogeneidade assenta no traço semântico [composto por indivíduos] próprio do afixo

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

-aria, que pode, consoante os traços semânticos da base, perfazer-se numa semântica de ‘coletividade’. Conforme esclarece Rodrigues (2008: 35),

«Deste modo, se a base é um substantivo com os traços semânticos [+concreto, -dinâmico], o colectivo daí resultante terá também cariz [+concreto, -dinâmico], significando, por exemplo, o ‘conjunto de objectos concretos designados em Nb’ (*contaria*). Se a base for um substantivo com os traços [+concreto, +dinâmico], então o lexema produzido pode significar, por exemplo, o ‘conjunto de atitudes próprias de Nb’, como em *algozaria*.

A mesma aplicação é possível nos produtos deverbais. Se a base for um verbo inergativo, consubstanciado nos traços [+dinâmico, -causa(tivo)] como *zurrar*, o produto apresentará uma significação de [+dinâmico, -causa(do)], o que resulta em semantismos de que estão ausentes valores como ‘local’ ou ‘conjunto de objectos concretos’. Nestes está presente o significado de ‘quantidade de Vb’. Pelo contrário, se a base for um verbo causativo transitivo com os traços [+dinâmico, +causa(tivo)], a significação do produto pode consubstanciar-se em ‘local onde (se) V’ (*amassaria*) ou ‘conjunto dos objectos concretos que sofrem V’ (*pescaria* ‘grande quantidade de peixe’).».

As dimensões teóricas que brotam da sistematização destes dados conglobam-se numa conceção das Regras de Formação de Palavras em interface umas com as outras. O modelo de Rodrigues (2008) não prevê a anulação das regras concebidas como orientadas para o *input*, uma vez que são inegáveis as similaridades entre os produtos gerados a partir de bases igualitárias. Contudo, paraleliza os modelos orientados para o *input* (e.g. Aronoff (1976), Corbin (1987; 1991), Rio-Torto (1993; 1998)) com aqueles orientados para o *output* (e.g. Plag (1999; 2004)).

Assim, no modelo de Rodrigues (2008), as especificidades de cada RFP são preservadas, ocorrendo a explicitação dos pontos de comunhão estabelecidos através dos operadores afixais que laboram em cada uma das Regras de Formação de Palavras. É de salientar que os pontos de contacto não coincidem com a totalidade das regras em si mesmas, mas somente se perfazem através de subcomponentes dessas regras, especificamente, através dos afixos. Como define Rodrigues (2008: 42),

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

«Essa solução passa por conceber bidireccionalmente o campo de alimentação genollexical e, assim, definir tanto Regras de Formação de Palavras como operadores afixais aí actuantes como pontos de convergência de aportações semânticas.

O modelo de Regras de Formação de Palavras em interfaces possui a capacidade de relacionar qualquer RFP independentemente do carácter semântico do seu produto. É assim que são relacionáveis em interface produtos abstractos e produtos de indivíduo, desde que haja actuação do mesmo operador. A actuação deste é estipulável através da análise semântica dos produtos.»

Em Rodrigues (2008: 43) apresenta-se uma figura (figura 5 nesse trabalho), que aqui reproduzimos (Figura 3), por nos parecer que é ilustradora do modelo em causa.

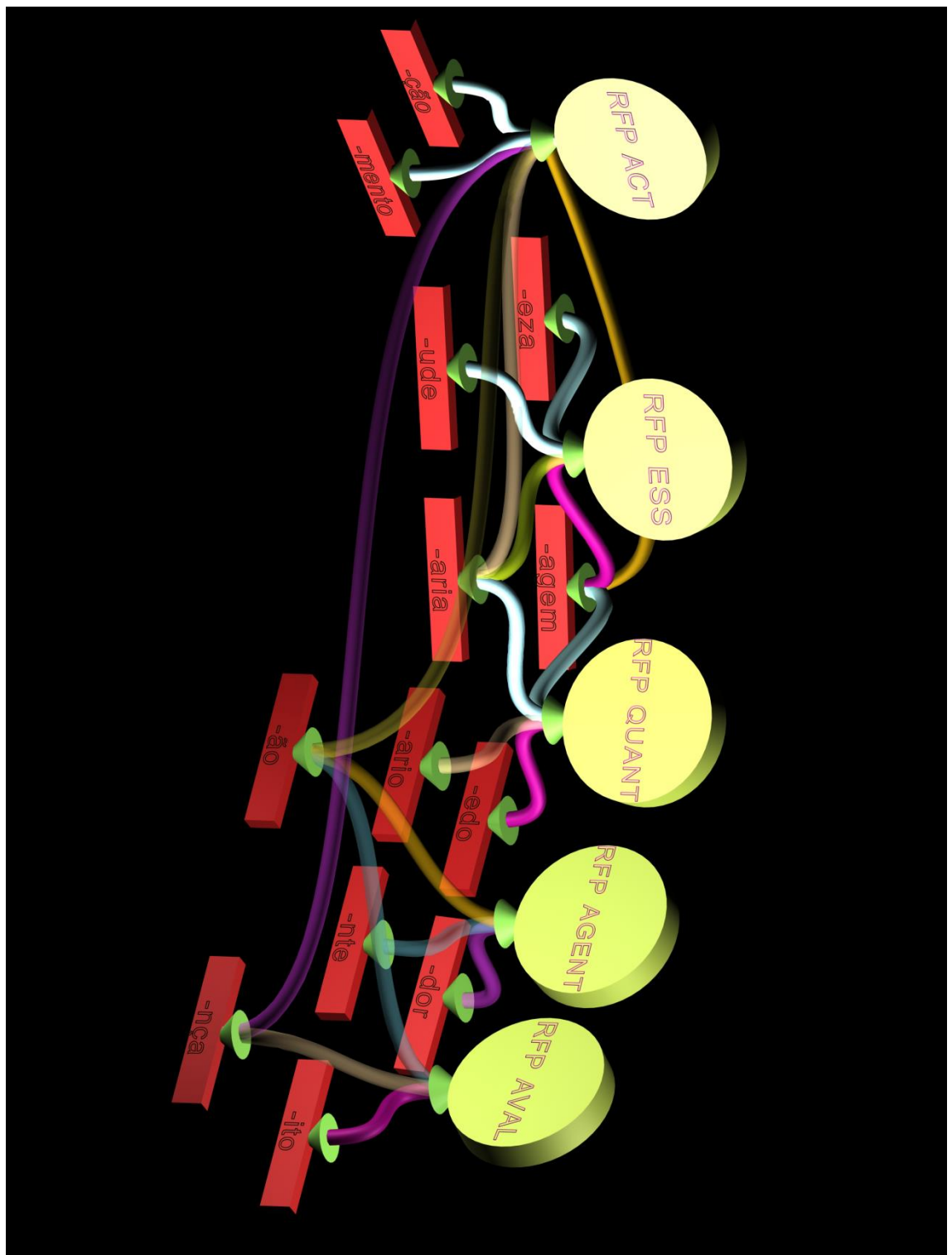


Figura 3: Regras de Formação de Palavras em Interface (Rodrigues 2008: 43)

A figura em cima ilustra a rede de interfaces estabelecidas entre várias Regras de Formação de Palavras por via de operadores afixais. Por exemplo, a RFP de nomes de ação apresenta interface com a RFP de nomes essivos e com a RFP de nomes de

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

quantidade, através dos afixos *-aria* e *-agem*. A mesma RFP de nomes de ação possui igualmente interface com a RFP de avaliativos por via dos afixos *-ão* e *-nça*, por exemplo. A RFP de nomes de ação encontra igualmente interface com a RFP de agentivos, através do sufixo *-ão*. Por sua vez, o sufixo *-ão* é responsável pela interface entre a RFP de avaliativos e a RFP de agentivos.

O facto de as bases das Regras de Formação de Palavras de avaliativos em *-ão* e as bases das Regras de Formação de Palavras de nomes de ação ou de agentivos serem diferentes não funciona como obstáculo ao estabelecimento das interfaces. Do mesmo modo, também não é entrave que os produtos da RFP de agentivos e os produtos da RFP de nomes de ação disponham de significados divergentes, como são aqueles que se consolidam através dos traços [abstrato] e [concreto], por exemplo.

A similitude observável entre os produtos das diferentes Regras de Formação de Palavras em interface, representadas na figura, é da responsabilidade da semântica do operador afixal. Consequentemente, as Regras de Formação de Palavras não coincidem com categorias taxonómicas de objetos (produtos, bases, operadores afixais e operações). Pelo contrário, as Regras de Formação de Palavras dimensionam-se neste modelo como domínios dinâmicos cujas interfaces provêm da ação dos semantismos dos afixos que nelas laboram.

Das mais-valias deste modelo contam-se, resumidamente, a capacidade de explicação do funcionamento transRFP (trans-Regras de Formação de Palavras) de muitos afixos e a manutenção das Regras de Formação de Palavras como mecanismos nos quais convergem bases semântica e categorialmente uniformes. Estes afixos, ainda que agregados a bases categorialmente distintas, enformam produtos com semantismos confluentes.

Tal solução suporta-se na visão de que a mente pode construir diferentes tipos de paradigmas a partir do mesmo material, desde que esse material assome como determinante na construção de cada um dos paradigmas. Esses paradigmas de diferente tipo podem entrecruzar-se, como verificável no Quadro 1.

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

| Afixos | RFP <i>nomina qualitatis</i> | RFP <i>nomina quantitatis</i> | RFP <i>nomina actionis</i> |
|---|------------------------------|----------------------------------|----------------------------------|
| Paradigma 1: Afixos | ADJ-N 'qualidade de Adjb' | N-N 'quantidade, conjunto de Nb' | V-N 'evento de Vb' |
| Paradigma 2: Relação semântico-categorial | | | |
| -agem | <i>bandido-bandidagem</i> | <i>pelo-pelagem</i> | <i>moer-moagem</i> |
| -aria | <i>calmo-calmaria</i> | <i>escada-escadaria</i> | <i>destilar-destilaria</i> |
| -eira | <i>maluco-maluqueira</i> | <i>brasa-braseira</i> | <i>cansar-canseira</i> |
| -ismo | <i>castiço-casticismo</i> | <i>sigilo-sigilismo</i> | <i>bisbilhotar-bisbilhotismo</i> |

Quadro1. Paradigmas cruzados no modelo de Regras de Formação de Palavras em Interface

Assim, um tipo de paradigma é estruturado através do afixo que conglomerar todos os produtos que são gerados através da sua ação, independentemente da base a que se anexa (-agem: *bandidagem, pelagem, moagem*, etc.; -aria: *calmaria, escadaria, destilaria*, etc.; -eira: *maluqueira, braseira, canseira*, etc., -ismo: *casticismo, sigilismo, bisbilhotismo*). Outro paradigma é sedimentado através da relação semântico-categorial entre base e produto, independentemente do afixo que age na geração do produto (ADJ-N 'qualidade de Adjb': *bandidagem, calmaria, maluqueira, casticismo*, etc.; N-N 'quantidade, conjunto de Nb': *pelagem, escadaria, braseira, sigilismo*, etc.; V-N 'evento de Vb': *moagem, destilaria, canseira, bisbilhotismo*, etc.). Os dois tipos de paradigmas entrecruzam-se, uma vez que material de um participa também do material do outro.

Para além desta conceção das Regras de Formação de Palavras como redes em interface operadas pelos afixos, o modelo explicita o modo como os afixos são objeto/sujeito de seleção pelas/das bases. Essa seleção encontra-se a cargo de um mecanismo semântico de coindexação, cujas raízes teóricas remontam a Lieber (2004). Esse mecanismo de coindexação parte da interação entre os traços semânticos do afixo e os traços semânticos da base, resultante do grau máximo de compatibilidade semântica entre ambos os tipos de traços. O conceito de coindexação encontra-se explicitado em Rodrigues (2008; 2012a) e Rodrigues & Rio-Torto (2013).

Apenas sob uma perspetivação das estruturas da linguagem em fiadas autónomas se permite o cumprimento do mecanismo de coindexação, tal como desenhado em Rodrigues (2008). A coindexação delimitada como operação semântica não é ocasionadora de uma sobregeração de produtos lexicais. Na verdade, a coindexação não procede livremente na mente-funcional, estando, antes, sujeita a

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

constrangimentos regularizadores dos pontos de contacto entre os traços semânticos envolvidos no mecanismo.

Para além do mais, urge não deixar no olvido que, sendo um item lexical, como crê Rodrigues, com Jackendoff (2002), uma interface das estruturas que compõem a linguagem, para a obtenção de um determinado derivado lexical interagem constrangimentos advindos dessas várias estruturas em interface. Com isto, salientamos que, não obstante a coindexação operar semanticamente, a estrutura semântica não é, obviamente, a única que possui intervenção na genolexia, como ficará claro no capítulo 6.

Salvaguardadas estas ressalvas, a coindexação é o resultado da conciliabilidade ou compatibilidade entre traços semânticos, que pode ocorrer sob a forma de simetria perfeita ou imperfeita. Se o traço do afixo apresentar coincidência absoluta com o traço da base, está-se perante simetria perfeita; se, pelo contrário, apenas um traço ou uma parte dos componentes do traço do afixo coincidir com um ou uma parte dos componentes do traço da base, está-se perante simetria imperfeita.

A simetria imperfeita é explicável num quadro teórico que encare os traços semânticos não como primitivos indecomponíveis, mas sim como arquiteturas decomponíveis (Rodrigues 2008: 69). Esta decomponibilidade explica que o mesmo afixo possa gerar diferentes semantismos em produtos oriundos da mesma Regra de Formação de Palavras, de acordo com as particularidades de cada base, e ainda que o mesmo afixo se mostre disponível para se agregar a bases semântica e categorialmente dissemelhantes, operando em diferentes Regras de Formação de Palavras. Por conseguinte, o afixo que atua na interface entre várias Regras de Formação de Palavras consegue a convergência semântica dos produtos obtidos a partir de bases distintas através de Regras de Formação de Palavras distintas.

Em suma, o modelo de Rodrigues (2008) permite a sistematização teórica de dados empíricos não explicáveis à luz de modelos anteriores, tais como a convergência de semantismos nos produtos que as visões orientadas para o *input*, por um lado, e aquelas orientadas para o *output*, por outro, mantinham em compartimentos estanques.

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

3.1.4.4 O modelo da Morfologia Construcional (Booij 2010a; 2010b)

Dentro da morfologia *word-based*, Booij (2010a; 2010b) formulou a *Constructional Morphology*, baseada na *Constructional Grammar* de Goldberg (1995). Recordemos que a morfologia *word-based* encara a formação de palavras como uma organização mental operada em paradigmas. Assim, entre as formas *avaliador*, *aspirador*, *carburador*, *restaurador*, *descobridor* existe uma relação paradigmática que pode subsumir-se num esquema mental representado por $[[x]_V \text{dor}]_N$ ‘aquele que V’. O esquema é definível por Rumelhart (1980: 34) como

«[...] a data structure for representing the generic concepts stored in memory».

Rumelhart (1980: 40-41) aponta que os esquemas possuem variáveis, podem encaixar-se uns nos outros, representam conhecimento de diferentes níveis de abstração e são processos ativos.

Booij (2010b: 7) anota que o termo ‘esquema’ é mais abrangente do que a terminologia ‘esquema construcional’ ou ‘construção’, na medida em que estes últimos apontam para um par esquemático de forma e significado, enquanto o primeiro não apresenta estas restrições denotativas. De acordo com Booij (2010b: 2), um esquema construcional, no âmbito da morfologia, representa uma generalização acerca da forma e do significado dos produtos que partilham o mesmo afixo. Para além disso, esse esquema funciona como ponto de partida para a formação de outros produtos similares àqueles. Booij (2010b: 3) recorda que esta conceção se encontra já presente em Paul (1880). Isto significa que os novos produtos não são geráveis por analogia com um derivado particular, mas que são antes cunhados com base no esquema abstrato.

Deste modo, para formarmos o nome *desaranhador*, a variável X contida no esquema é substituída pelo verbo particular *desaranhar*, ocorrendo assim a operação de *unificação* (Booij 2010b: 2). *Desaranhador* é, assim, um constructo, ou seja, uma instanciação individual do esquema construcional ou construção (Booij 2010b: 12).

Este modelo (Booij 2010b: 43-47) prevê que não seja necessário estabelecer concatenativamente os seguintes procedimentos genolexicais:

aranh- aranh- desaranhar- desaranhador.

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

Na verdade, não se prevê o verbo °*aranhar*. Contudo, tal não é obstáculo ao entendimento empírico e à descrição linguística do produto *desaranhador*. A concepção de esquemas prevê que estes possam ocorrer em união, em termos abstratos. Assim, para a formação de *desaranhador*, pressupõem-se os esquemas construcionais que antecedem a formação *desaranhar*. O facto de não existir o lexema particular °*aranhar* não obstaculiza a explicação para *desaranhador*, pois aquilo que condiciona essa formação não é a existência de lexemas particulares, mas antes a existência de esquemas mentais que possam servir de padrão quer à geração do lexema final em jogo, quer à pressuposição geratriz de constructos potenciais antecedentes na hierarquia lexical.

Evidentemente, a psicolinguística exerce sobre esta perspetiva um peso importante, pois esta tem em conta que a aquisição de uma língua particular parte do armazenamento ao nível mental de representações de fenómenos linguísticos concretos (Tomasello 2000: 238), que irão sofrer gradualmente um processo de abstração que culmina na construção de esquemas.

Os esquemas assim construídos estão dependentes de relações entre as palavras, constituindo-se o léxico como uma rede. Por este motivo, Bybee (1995) designa este modelo por modelo em rede (*network model*). Já Blevins (2006) utiliza o epíteto *abstractive* para nomear o mesmo modelo, pois a formação de palavras assenta na abstração de padrões formalizados a partir da análise de palavras existentes no léxico mental.

De acordo com Booij (2010b: 3), é com base num esquema que uma palavra é cunhada. Essa mesma palavra passará a estar inscrita no léxico da língua, enquanto memória de longo prazo, apenas se se tratar de uma palavra com traços idiossincráticos ou se sofrer um processo de convencionação. Por ‘convencionação’ Booij (2010b: 3) entende o facto de uma palavra particular possuir um significado não compósito. Como explicita Booij (2010b: 3), a *Constructional Morphology* assume uma posição lexicalista, ou seja, aquela que defende que a morfologia é independente da sintaxe. Para além disso, pressupõe que algumas palavras possam estar incrustadas no léxico, como armazenamento de longo prazo.

Os esquemas morfológicos possuem como funcionalidade a predição de propriedades pertencentes a palavras complexas, a indicação do modo como novas palavras podem ser forjadas, bem como a estruturação do próprio léxico. Esta última funcionalidade radica-se na assunção de Booij (2010b: 4) de que

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

«[...] complex words do not form an unstructured list but are grouped into subsets.».

Como aponta Booij (2010b: 4), a principal vantagem desta perspetiva consiste na conceção de léxico como um domínio organizado e não como uma mera listagem de itens desligados uns dos outros, própria de modelos que concebem uma oposição excludente entre regras (sintaxe) e listagem (léxico). Nesta dimensionação de linguagem, os elementos construídos através de regras podem ser alvo de listagem na memória de longo prazo. Os afixos não têm lugar no léxico como itens autónomos (Booij 2010b: 4). Como tal, a sua existência encontra-se circunscrita à sua ocorrência em esquemas.

Regressando ao exemplo do esquema mencionado anteriormente – $[[x]_V \text{dor}]_N$ ‘aquele que V’ –, o sufixo *-dor* não tem, então, inscrição no léxico, apenas existe no esquema em causa. Assim, o signo linguístico mínimo considerado pela *Constructional Grammar* é a palavra. Os morfemas presos apenas fazem parte de esquemas construcionais, sendo que o seu significado apenas é tangível através do significado da construção morfológica em que os morfemas se inscrevem (Booij 2010b: 15).

Desta súmula que elaborámos com respeito à Morfologia Construcional ressaltam as similitudes em relação aos modelos *word-based*, como aquele advogado por Aronoff (1976). Nos dois modelos estamos perante conceções que rejeitam os afixos como itens lexicais e que delineiam o domínio da formação de palavras como um domínio que labora com padrões de abstração construídos com base em palavras existentes.

Contudo, existe uma diferença essencial entre o modelo da *Constructional Morphology* e aquele primordial desenhado por Aronoff e outros dele herdeiros. Essa diferença reside na direcionalidade orientada para o *input*, pré-estabelecida nas regras dos modelos *a la* Aronoff, por oposição à variabilidade da orientação no modelo da *Constructional Morphology*. Neste último, a orientação pode direccionar-se quer para o *input*, quer para o *output*. Esta permissividade apresenta-se vantajosa em relação aos modelos que estipulam regras direcionais rígidas e não esquemas. Nos casos, como aqueles da formação cruzada (*cross-formation*) (cf. secção 3.1.3 deste volume), em que não existe uma base, ou seja, um *input* para a geração dos produtos, os esquemas revelam-se mais valiosos do que as regras.

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

Para a estruturação do seu modelo, Booij apoia-se na arquitetura paralela concebida por Jackendoff (2002). Como já analisado na secção 2.2.3 do nosso trabalho, Jackendoff propõe que cada item lexical é uma interface das três estruturas da linguagem – a semântica, a fonologia e a sintaxe. Booij acentua que, sendo uma palavra constituída por estas três dimensões e tendo a morfologia efeitos sobre essas três dimensões, então é particularmente visível, na estrutura da palavra, a arquitetura tripartida da linguagem preconizada por Jackendoff. De acordo com Culicover & Jackendoff (2005: 19), a morfologia é uma

«[...] extension of the parallel architecture below the word level [...]».

Jackendoff serve-se do termo ‘interface’ para designar as inter-relações estabelecidas entre a semântica, a fonologia e a sintaxe. Booij (2010b: 7) opta pelo termo ‘correspondência’ para designar essas relações num item particular, reservando ‘interface’ para o nível sistémico dessas inter-relações.

A notação que representa a correspondência entre as estruturas semântica, fonológica e sintática aplicada ao esquema $[[X]_V \text{dor}]_N$ ‘aquele que V’ é a seguinte:

$$\begin{array}{ccccc} \omega_i & \leftrightarrow & N_i & \leftrightarrow & [\text{aquele que PRED}_j]_i \\ | & & | \backslash & & \\ []_j [\text{dor}]_k & & V_j & & Af_k \end{array}$$

(esquema adaptado de Booij (2010b: 8)).

Pode observar-se no esquema acima o sistema de notação de coindexação a representar as correspondências entre cada estrutura em jogo. Essas correspondências fundamentam-se em interfaces que, em Jackendoff (2002), são desenhadas como módulos.

Para Booij (2010b: 11), na esteira da morfologia lexicalista, a morfologia

«[...] is not a module of grammar on a par with the phonological or the syntactic module that deals with one aspect of linguistic structure only. Morphology is word grammar and similar to sentence grammar in its dealing with the relationships between three kinds of information. It is only with respect to the domain of linguistic entities that morphology

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

is different from sentence grammar since morphology has the word domain as its focus.».

Neste sentido, o modelo de Booij partilha traços com os modelos de Corbin, Rio-Torto e Rodrigues: a morfologia é um domínio autónomo em relação à sintaxe, que resulta da interface entre as diferentes estruturas da linguagem. Como salienta Booij (2010b: 11), esta assunção não é sinónima de se considerar que o único ponto de contacto entre a morfologia e a sintaxe resida somente no fenómeno de inserção lexical, como creem Ackema & Neeleman (2004). Outras pontes existem, tais como aquelas que estão previstas no fenómeno da estrutura argumental de nomes provenientes de verbos. Em todo o caso, a imagnetização destas relações depende da perspetiva teórica seguida. No caso de Booij, Rio-Torto, Rodrigues e Corbin, os componentes com que labora a genolexia morfológica, sendo constituintes lexicais, são constructos de sintaxe, semântica e fonologia, tal como explicitado por Jackendoff (2002) na sua conceção de léxico.

Um ponto negativo podemos apontar ao modelo de Booij (2010a; 2010b). Ao desprover o morfema preso de identidade semântica, uma vez que esta provém do esquema em que o morfema está inserido, o autor concebe que, por exemplo, o segmento morfológico *-er* que gera nomes deverbais em inglês é o mesmo que constrói o grau comparativo dos adjetivos, quando a variável do esquema se encontra preenchida por um adjetivo. Leiamos as palavras de Booij (2010b: 17):

«The meaning of the constructional idiom is also specified. This meaning is a holistic property of the construction as a whole: the agent meaning cannot be derived from the suffix *-er* as such, since this meaning is only invoked when this suffix forms a noun together with a verbal base. In combination with an adjective, the bound morpheme *-er* evokes a completely different meaning, that of the comparative.».

A conceção de que o significado da construção seja holístico é facilmente validável. No que concerne a desprover-se o morfema preso de dimensão semântica, acarretando-se a identificação de morfemas apenas pela sua estrutura fonológica, parece um retrocesso descritivo da morfologia. É evidente que o autor pretende destacar-se da *word syntax*. Com este intuito, desvia-se da identificação dos morfemas presos como

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

entidades lexicais, colocando-os ao serviço dos esquemas construcionais. Contudo, observemos que, no caso do português, como das restantes línguas românicas, a própria base, sobretudo se no formato de radical, também só adquire identidade semântica quando inserida num constructo. É este o caso de *ole-*, cuja identificação processual só ocorre quando inserida numa construção, como *olear* ou *óleo*.

Assim, queremos com isto dizer que a restrição de carácter lexical às unidades com significação referencial põe em causa a própria dimensão paradigmática, dinâmica e mentalmente construcional da morfologia. A mente do falante pode extrair os traços semânticos de radicais lexicais, como *gat-*, *rod-*, *lenç-*, porque abstrai das ocorrências em constructos os padrões semânticos correlacionados com os padrões fonológicos. Nada implica que essa capacidade não se estenda igualmente à construção de padrões para os morfemas presos. Se estes, de modo mais evidente, não possuem autonomia funcional, nem sob o ponto de vista formal, nem sob o ponto de vista semântico, também no caso dos radicais, em línguas como as românicas, a mesma limitação se verifica.

Defender-se que, isoladamente, não é possível determinar o significado do afixo *-er* não é argumento que beneficie a exclusão dos morfemas presos das unidades lexicais, ou seja, das unidades com assento no léxico. Da mesma forma, não é possível determinar isoladamente a identidade de qualquer unidade que teça com outra(s) uma relação de homonímia. Assim, não é possível identificar qual dos lexemas é o segmento *canto* se este não estiver inserido num co-texto. Significa isto que as unidades homónimas apenas adquirem formatação semântica no momento em que fazem parte de um esquema? A resposta negativa parece ser evidente em relação a *canto*, ou *porto*, por exemplo.

Nada obsta a que o léxico mental, enquanto domínio de processamento dinâmico, labore com os vários morfemas em diferentes graus de abstração. Perante os morfemas, a mente extrai padrões tanto para os morfemas com significação lexical, quanto para aqueles que apresentam funcionalidade gramatical. Os afixos derivacionais parecem situar-se entre estes dois polos. Não equivale este postulado a infletir no sentido da *word syntax* e a um desvio em relação aos modelos *Item and paradigm*. No limiar desta conceção, que descrê da identidade semântica dos afixos derivacionais, estaria a própria anulação, enquanto unidades, dos itens lexicais com significação

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

referencial. Os paradigmas podem ser construídos a partir de morfemas presos, como comprovado pela morfologia flexional.

Parte II: A gramática do léxico

Capítulo 4. A gramática do léxico como organização dinâmica interna do léxico

Ao longo da exposição crítica das diferentes teorizações acerca do léxico e, especificamente, da formação de palavras, foi sendo construída uma visão acerca destas áreas como uma organização dinâmica, ativa e fluida, constituída por estruturas e subestruturas diversas que agem em interface. O carácter mental do léxico conduz a que este se organize em redes de constelações baseadas em associações de carácter fonológico, morfológico, semântico e sintático. Nesta secção observaremos mais de perto algumas peculiaridades da organização interna do léxico, tais como as propriedades de produtividade e de criatividade, bem como fenómenos como a flexão e a alomorfia.

A produtividade, propriedade do léxico que analisaremos em seguida, advém do reconhecimento de padrões e da sua aplicação à formação de novas unidades. Faremos uma contraposição da produtividade e da criatividade para se observarem duas possibilidades distintas de geração de palavras.

4.1 Produtividade e criatividade

Dado que o léxico é retratável como uma organização edificada sobre o reconhecimento de padrões extraídos pelo falante, o léxico é ele mesmo caracterizado pela produtividade, ou seja, pela geração de novas unidades através de matéria-prima pré-existente. Dessa matéria-prima fazem parte quer unidades morfológicas, quer paradigmas abstratos, como são os processos formais e as regras de formação do léxico. A produtividade do léxico ancora-se na análise dos lexemas já existentes na língua e dos mecanismos que as geram, a cujo reconhecimento de padrões a mente procede.

Como salienta Rodrigues (2008: 131), a conceção do léxico como um domínio dinamicamente organizado acarreta consequências para a própria determinação do carácter construído ou não construído dos lexemas. Desde que ocorram na língua matérias das quais se possam extrair padrões, é viável considerarem-se os lexemas como construídos, mesmo que se encontrem na língua-mãe ou em línguas sincronicamente paralelas àquela os lexemas correspondentes. Por exemplo, um lexema como *declaração*, para o qual pode apontar-se o correlato latino DECLARATIONE-, não

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

deve excluir-se das unidades geradas em português, uma vez que, não obstante apresentar congêneres latinos, as suas características, quer formais, quer semânticas, obedecem aos padrões genolexicais ativos em português.

Ao nível do léxico, a produtividade caracteriza-se pela gradatividade, variável ao longo da história de uma língua. Se atentarmos em nomes deverbais, podemos constatar que sufixos como *-mento* e *-ção* são extremamente produtivos no português hodierno. Outros sufixos nominalizadores, como os sufixos *-or* e *-ume*, são mínima ou nulamente produtivos. A existência de nomes como *queimor*, *ardume*, *corrume*, *curtume*, *queixume*, *tapume* e *urdume* são determinantes para delimitar estes dois sufixos como derivacionais. Contudo, a agramaticalidade dos eventuais nomes **adoror*, **ustor*, **detestor*, **odior*, com base em verbos (*adorar*, *ustir*, *detestar*, *odiar*) que partilham as mesmas características semânticas e argumentais com as bases verbais de *ardor*, *amor*, *queimor*, evidencia que *-or* não oferece disponibilidade genolexical. O mesmo se verifica em relação ao sufixo *-ume*.

Na verdade, o falante que pretenda gerar um nome deverbal, seleciona outros sufixos que sejam produtivos, como *-mento*, *-ção*, *-ão*, entre outros (Rodrigues 2013: 73-75). Em suma, a produtividade tem assento na disponibilidade dos mecanismos genolexicais (Bauer 2001: 206). Se estes não estiverem disponíveis, não se verifica produtividade.

Como menciona Rodrigues (2013: 73),

«A produtividade é um mecanismo inconsciente. O falante põe em prática a competência morfológica que possui, ou seja, os padrões morfológicos e gera um lexema ou uma forma de palavra, no caso da morfologia flexional, sem que tenha consciência de que está a produzir uma forma nova.».

Como tal, como define Bauer (2001: 20),

«[...] the productivity of a morphological process is its potential for repetitive non-creative morphological coining.».

Por oposição à produtividade, a criatividade é um mecanismo consciente, através do qual o falante gera uma nova palavra recorrendo a padrões da língua ou mesmo a

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

mecanismos não padronizados. O que está por detrás da criatividade é o exercício consciente e pragmaticamente orientado para um determinado efeito no interlocutor. Muitas das vezes, um lexema gerado criativamente emerge apenas como *hapax legomenon*. Outras vezes, o lexema apresenta um efeito considerável na comunidade, o que ocasiona o seu uso durante um período de tempo condicionador da conjuntura que sustentou a sua criação. Comparem-se os termos *eduquês*, cujo autor – Marçal Grilo – não se perdeu na memória, *Cavaquistão* ‘território de intensa base eleitoral de Cavaco’, criado no período em que este foi primeiro ministro de Portugal (1985-95), com *Kadafistão* (<http://blasfemias.net/2011/03/12/a-democracia-libia-nao-tarda/>, Posted 12 Março, 2011) ou *Lulistão* (<http://www1.ionline.pt/conteudo/85764-serra-e-o-candidato-da-burguesia-dilma-e-versao-feminina-lula=>), citados em Rodrigues (2013: 74).

Comparando a produtividade com a criatividade, ambas podem admitir a institucionalização do termo gerado (Hohenhaus 2005: 363). No entanto, em nenhum dos processos a institucionalização é obrigatória. Por exemplo, o termo *eduquês*, formado criativamente, encontra-se plenamente institucionalizado, enquanto o termo *intrinsecidade*, gerado através de produtividade, não se encontra institucionalizado.

Ao contrário da produtividade, a criatividade não tem aplicação na flexão, mas apenas na derivação.

A criatividade pode gerar itens semântica e formalmente opacos, como é o caso do composto *ciência cri-cri* (João Miguel Tavares, “Espanha e a ciência cri-cri”, *Público*, 23/04/2015), formado a partir de *ciência crítica e criativa* cuja significação apenas é apreendida através da leitura da explicação elaborada pelo próprio autor:

«É a tal ciência cri-cri - crítica e criativa e desejosa de impor “cientificamente” uma determinada visão do mundo. Em vez de se investigar porque é que a maçã caiu na cabeça, investiga-se a melhor forma de atirar a maçã à cabeça para que ela comece a acreditar na nossa *weltanschauung*.».

Outra característica que separa a produtividade da criatividade reside na possibilidade que a criatividade ostenta de operar termos cujas estruturas são contrárias a um padrão genolexical. Hohenhaus (2005: 363-364) apresenta como exemplo o termo *oid-y* resultante de criatividade, contido no seguinte excerto:

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

«It's an oid-y world out there. Tabloids run factoids about humanoids on steroids. In a world gone synthetic, why should movies offer something as organic as a hero? Welcome, then, to the age of the heroid. In the old days, a - hero like Bogart had brains and guts but also a nagging heart and the seductive scowl of obsession. Often he failed; sometimes he died. He was real: us, with muscles. A heroid, though, is just the muscles. He owes more to comic strips than to romantic or detective fiction. Never really alive, a heroid cannot die; he must be...»

(In: Richard Corliss Monday, “Cinema: We Don't Need Another Heroid. The good guys are cyborgs in a pair of summer sequels”, *Time*, 24 de julho de 1989.)

O texto completo pode ser colhido em:

(<http://content.time.com/time/magazine/article/0,9171,958214,00.html> (acedido em 5 de maio de 2014)).

Por que motivo Hohenhaus considera *oidy* como exemplo de criatividade alteradora de regras? Conforme salienta Hohenhaus (2005: 363-364), a construção sufixo + sufixo não é regular, pelo que *oidy* não advém da extração de padrões reconhecidos, mas antes da não submissão a esses padrões. Em inglês o sufixo -y anexa-se a nomes, verbos e adjetivos para gerar adjetivos, como *mousy*, *milky*, *moderny* e *sticky* (cf. Bauer; Lieber & Plag (2013: 304)).

O termo *eduquês*, em português, é representativo deste tipo de formações, uma vez que o sufixo -ês se anexa regularmente a bases nominais (*França* → *francês*, *Leão* → *leonês*) e não a bases verbais (*educar* no formato do radical *eduqu-* + -ês).

Situação diversa ocorre em *heroid*. Segundo Hohenhaus (363-364), trata-se de uma formação de palavras regular criada para uma situação especial (*regulate nonce word-formation*), não enraizada no léxico da comunidade. Se ocorrer um avanço no sentido da institucionalização, está-se no domínio da neologia. Se a institucionalização for completa, o termo perde o carácter inovador ou estranho que o qualificava (Hohenhaus (2005: 364). Veja-se em português o exemplo de *neoeduquês*.

Regressando à produtividade, na esteira desta, a formação de palavras compreende-se como:

(i) A produção dinâmica *online*, na mente do indivíduo, de palavras já institucionalizadas. Se seguirmos a visão de léxico dinâmico, é neste sentido que se entende a construção mental de lexemas já institucionalizados, como *reiteração*,

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

plausibilidade, *desglobalizar*, que, caracterizando-se por um uso pouco frequente, podem não se encontrar disponíveis na memória de longo prazo, na mente de um determinado indivíduo, como objetos já estabelecidos. (Cf. os vários artigos que compõem Thorn & Page (2009) sobre as relações entre os vários tipos de memória e o léxico.) Neste caso, o indivíduo serve-se dos mecanismos existentes na língua, gerando através deles o lexema que não é novo nessa língua.

(ii) A produção de novos lexemas que ainda não existem na língua. É o caso de *contratabilidade*, *pranizar*, *pranização*, formados por nós *ad hoc*.

Em ambos os casos, o falante utiliza os padrões linguísticos disponíveis na sua língua para formar os lexemas.

As motivações para a produção de novas palavras apresentada na alínea ii) anterior atêm-se a fatores referenciais, sintáticos e pragmáticos.

Ao nível dos fatores referenciais, situa-se a necessidade de nomeação de um novo objeto da realidade. Mesmo tratando-se de um objeto que sempre existiu no real, o tempo anterior à sua descoberta fá-lo-á deslocar-se para fora da realidade, uma vez que esta é uma construção mental do observador. Rodrigues (2013: 75) apresenta o exemplo de *antibiótico*, não existente antes da descoberta da penicilina por Alexander Flemming.

Por sua vez, para a formação de *bebé-medicamento* (*Público*, 30/04/2015) concorre o redimensionamento funcional do objeto, como se atesta pelo significado do composto “embrião geneticamente selecionado para curar doença de um irmão”. Esse redimensionamento passa por matizações de perspetiva implicadas nas formações *bebé-salvador*, que mostra uma visão positiva em relação ao fenómeno em causa, e *bebé-segurança*, que significa «criança para ter de reserva como potencial dador caso o filho voltasse a adoecer» (*Público*, 25/05/2015, p. 10).

Ao nível dos fatores sintáticos, situa-se a necessidade de combinatoriedade sintática. Para esses efeitos, pode produzir-se o verbo *antibiotizar* com a significação de ‘ministrar antibiótico’.

Ao nível de efeitos pragmáticos, a geração de novos lexemas representa uma atitude, um juízo de valor do locutor face ao referente, visível por exemplo em *iogurtaria*, se, imaginemos, alguém vê um frigorífico de outrem cheio de iogurtes, diante do qual poderá proferir o enunciado (5).

(5) *Para que é esta iogurtaria toda?*

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

Situação equivalente ocorre na construção de compostos dêiticos.

O autor a quem se deve a expressão *compostos dêiticos* é Downing (1977: 819). Trata-se de compostos gerados numa situação discursiva particular e que não são repetíveis. É o caso de situações em que um locutor se refere a um indivíduo utilizando traços exteriores desse indivíduo. Por exemplo, numa aula, se o professor se dirige a um aluno como *O senhor da camiseta verde*.

Estes compostos não são facilmente lexicalizáveis, no sentido de inseríveis na memória de longo prazo, ou institucionalizáveis, devido à sua extrema dependência em relação à situação de enunciação. Por esse motivo, os compostos dêiticos representam palavras possíveis, mas não listemas potenciais. Para além disso, nestas situações, ocorre temporariamente uma reificação, mas não ocorre categorização. Como menciona Hohenhaus (2005: 366),

«Nonce word-formation [...] can fulfil a range of functions quite different from naming, including purely fortuitously deictic and meta-communicative ones that have nothing to do with permanent categories and are thus much more syntactic in function.».

A este propósito Kastovsky (1982) tece a distinção entre ‘naming’ e ‘syntactic recategorization’.

Também os compostos com repetição de constituintes que ocorrem em contexto específico, como *livro-livro* (*Mas eu digo livro-livro, não livro virtual.*) se encontram na mesma situação dos compostos dêiticos, uma vez que, tal como estes, possuem função metacomunicativa, despertando uma interpretação de protótipo.

Como se deduz, estas produções levantam problemas na sua categorização como produtos do léxico, uma vez que, estando presos a uma situação de enunciação específica, dificilmente são inseríveis na memória de longo prazo ou geráveis produtivamente segundo um padrão.

4.2 Organização em paradigmas mentais

Uma conceção maximizadora de léxico encara este como um domínio onde não se encontram apenas armazenados itens lexicais particulares, mas também padrões de

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

lexemas. Nesse sentido, Bauer (1983) e Lipka (2002) usam os termos *type-familiar* e *item-familiar*, já introduzidos por Meys (1975). Um lexema *item-familiar* é um lexema reconhecido pelo falante individual, enquanto um lexema *type-familiar* não faz parte, enquanto item particular, do conjunto de listemas do léxico mental do falante, sendo, no entanto, reconhecido por este pelo padrão geracional que o enforma.

No primeiro caso, inserem-se exemplos como os nomes *avaliação*, *conhecimento*, que, pela sua frequência de uso, estão inscritos na memória de longo prazo do falante, que os reconhece.

Para a ilustração do segundo caso, podemos oferecer itens como *obamização* e *syrização*, nos enunciados (6).

- (6) a. *Assistimos a uma obamização da conceção dos serviços de saúde dos EUA.*
b. «A “syrização” da crise» (Paulo Rangel, *Público*, 30/06/2015, p. 46)

O falante não possui no léxico mental os itens *obamização* e *syrização*, pois estes não ocorrem com frequência. Contudo, dispõe do padrão que lhe permite interpretar os itens à luz da geração de nomes em *-ção* a partir de verbos em *-iz-*. Neste caso, também as bases *obamizar* e *syrizar* têm de ser interpretadas recorrendo ao reconhecimento de um padrão e não de itens particulares. Recorde-se aquilo que dissemos acerca do modo de funcionamento de esquemas construcionais propostos por Booij (2010) na secção 3.1.4.4.

Assim, estamos perante uma conceção de léxico maximizadora que encara este como um domínio dinâmico não só de itens, mas também de padrões. A identificação de um item particular como operável por um padrão implica assumir-se que o léxico é dinâmico, pois um padrão apenas pode ser mantido na memória de longo prazo através da permanente avaliação ou reconhecimento (*Reconhecimento* é aqui usado na aceção de evento e não de resultado desse evento.) de relações entre itens e abstrações desses itens que constroem esse padrão.

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

4.2.1 Flexão

A organização do léxico mental é operada através da inferência de regras que comprovam o dinamismo da linguagem ao nível lexical. Esse dinamismo não caracteriza apenas a formação de palavras, o domínio designado por derivação, mas também a variação formal que cada palavra sofre de acordo com imperativos contextuais, ou seja, a flexão.

Em 1958, a psicolinguista Jean Berko Gleason desenvolveu o chamado *Wug-test*. Este consistia em mostrar a crianças pertencentes à faixa etária de 4 a 7 anos uma figura com uma indicação verbal. Reproduzimos aqui essa figura (Figura 4):

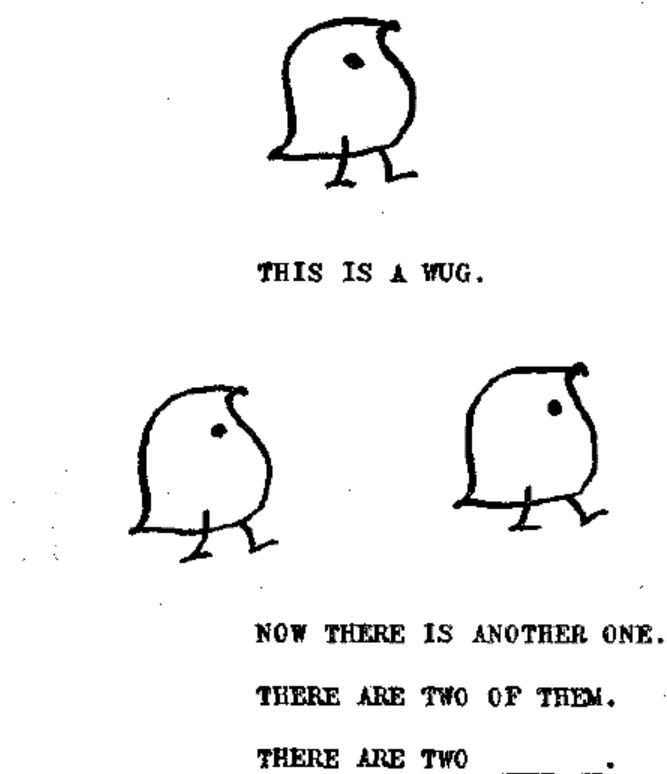


Figura 4: Wug-test (Berko 1958)

(Imagem colhida em Berko (1958) versão online em <http://anthropology.uwo.ca/faculty/creider/027/wugs.pdf> (acedido a 22/07/2014))

O teste pretendia demonstrar que, apesar de nenhuma criança possuir no seu léxico mental a palavra *wug*, todas elas sabiam formar o plural *wugs*, servindo-se da

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

regra por defeito da formação do plural em -s do inglês. Uma série de testes similares testavam a aquisição de outros padrões morfológicos regulares, tais como aqueles que formalizam tempos verbais, nomes agentivos, possessivos, etc.

O alcance dos resultados deste teste conflui numa visão dinâmica e gerativa da linguagem: se a criança consegue formar o plural regular de uma pseudo-palavra, isto significa que as regras morfológicas são inferidas de modo independente das próprias palavras. No entanto, a autora estabelece que crianças muito novas (em idade pré-escolar) apenas são capazes de operar com regras morfológicas com palavras conhecidas, o que indicia que numa primeira fase as crianças armazenam as palavras em si mesmas e só mais tarde extraem generalizações com base nesses dados armazenados (Berko 1958). Este dado corrobora a nossa perspetiva que defende que os padrões só podem existir na mente porque resultantes da observação de itens particulares (Recorde-se o que dissemos no final da secção 3.1.3.).

As generalizações que as crianças constroem conduzem-nas a formações erróneas, ilustradas por exemplo pelas fórmulas *fazi*, *trazi*, à luz do paradigma regular dos verbos de tema em -e.

O falante vai inferindo padrões de carácter arqui-regular ou semi-regular com base na análise da informação armazenada no léxico mental (Pinker 1999).

As línguas semitas, como o árabe e o hebraico, ou as línguas altaicas, como o turco, podem apontar-se como contendo complexos processos flexionais das línguas naturais.

Por exemplo, o árabe *standard* moderno possui, na flexão verbal, um sistema de pronomes dependentes e pronomes presos ou afixais com formas para o singular, o plural e o dual (Ryding 2005). Na segunda e na terceira pessoas do singular e do plural, ocorre variação de género masculino e feminino. A variação do sujeito ocorre segundo o número, o género e a pessoa. Também flexionalmente, os verbos apresentam variação quanto ao tempo-aspeto (perfeito e imperfeito), modo (indicativo, jussivo e conjuntivo) e voz (passiva e ativa). Visto que para a primeira pessoa não existe marcação de dual, o sistema flexional atinente a pessoa é perfeito por 14 formas em cada tempo/modo/voz. Frente a este número, as 6 formas para as pessoas da flexão verbal do português são afinal um número reduzido de variação morfológica. O Quadro 2, destacado de Ryding (2005: 441), ilustra essa variação flexional, mostrando a conjugação do verbo que significa ‘escrever’ no presente do indicativo.

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

| Presente do indicativo (radical -ktub- ‘escrever’) | | | |
|--|---------------------|---------------------|---------------------|
| | singular | dual | plural |
| 1. ^a | <i>a-ktub-u</i> | - | <i>na-ktub-u</i> |
| 2. ^a | | | |
| Masculino | <i>ta-ktub-u</i> | <i>ta-ktub-aani</i> | <i>ta-ktub-uuna</i> |
| Feminino | <i>ta-ktub-iina</i> | <i>ta-ktub-aani</i> | <i>ta-ktub-na</i> |
| 3. ^a | | | |
| Masculino | <i>ya-ktub-u</i> | <i>ya-ktub-aani</i> | <i>ya-ktub-uuna</i> |
| Feminino | <i>ta-ktub-u</i> | <i>ta-ktub-aani</i> | <i>ya-ktub-na</i> |

Quadro 2. Conjugação de um verbo árabe no presente do indicativo (Ryding 2005: 441)

Podemos interrogar-nos se o falante possui armazenada para cada verbo cada uma das formas flexionadas, ou formas de palavra, ou se aquilo que possui são padrões através dos quais consegue construir a flexão de qualquer verbo, ainda que seja um verbo desconhecido, ou uma pseudo-palavra, como *wug*.

O teste-*wug* demonstra que no léxico mental não se encontram obrigatoriamente armazenadas todas as formas de palavra de um lexema. No entanto, deverá ter-se em consideração o uso do advérbio *obrigatoriamente* no período anterior. Estudos do processamento da linguagem evidenciam que, quanto mais frequente é o uso de uma palavra, mais provável é a sua inserção na memória de longo prazo. (Vejam-se, por exemplo, os diferentes artigos que compõem Baayen & Schreuder (2003).) Se encararmos um domínio do léxico mental como um armazenamento na memória de longo prazo, certamente que é razoável estabelecer que as formas flexionais das palavras *comer* e *falar* mais usadas por um determinado falante se encontram no seu léxico mental enquanto formas já estabelecidas.

Regressamos, todavia, ao tópico discutido na secção 1.2: a delimitação da informação incrustada no léxico mental depende de cada falante. Assim, um falante que possua como traço sinfásico o uso muito frequente do verbo *eutrofizar* nos seus atos de fala, certamente que deterá no seu léxico mental, aqui sinónimo de memória de longo prazo, as formas desse verbo. Em contrapartida, o falante vulgar não deverá ter essas formas armazenadas.

Todavia, a questão que verdadeiramente importa aqui indagar é se as formas flexionais têm que estar obrigatoriamente preservadas na memória de longo prazo, sob pena de o falante não ter a capacidade de as utilizar, ou se o conhecimento que o falante tem que possuir não é das formas em si mesmas, mas antes dos padrões que lhe

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

permitem a construção dessas formas. A questão não é, pois, se algumas formas flexionais não podem estar armazenadas na memória de longo prazo.

Verifica-se um distanciamento entre palavras básicas como *pão* ou *céu* e palavras como *reorganização* ou *arrefecimento*. As primeiras têm obrigatoriamente de estar inscritas na memória de longo prazo, uma vez que não é possível a sua formação, pois estes lexemas não são decomponíveis em morfemas cuja combinatoriedade seja exequível. Pelo contrário, a segunda série de palavras não tem que estar na memória de longo prazo, tendo em conta que se trata de palavras compósitas, decomponíveis em unidades mais pequenas que são combináveis através de mecanismos ativos em português.

Em relação às formas flexionais da mesma palavra, elas não têm que estar memorizadas na memória de longo prazo, desde que se cumpra uma condição já enunciada no parágrafo anterior: essas formas flexionais têm que resultar de esquemas, que poderão operar a partir da combinatoriedade de morfemas, ou da atuação de outros mecanismos que poderão inclusivamente ser suprasegmentais. Por exemplo, a ocorrência de [i] ou [i] nas formas do presente do indicativo dos verbos de tema em *-i-* advém de fatores prosódicos, especificamente da presença ou não de acento na sílaba que contém a vogal fonológica /i/ (*partir/partimos/partes*).

Significa que haverá formas flexionais que têm que estar inscritas na memória de longo prazo: aquelas que não são construíveis por inferência de regras ou construção de padrões. Estes casos podem ilustrar-se em português através dos plurais dos nomes em *-ão*. Sabemos que aquilo que é irregular, sob um ponto de vista diacrónico, são os singulares uniformizados em *-ão* (solução já definitiva em 1500 (cf. Maia [1986] 1997: 586 e 603-604)) e não, ainda diacronicamente, a variação das formas do plural em *-ãos*, *-ães* e *-ões*, como comprovam os dados comparativos constantes no Quadro 3.

| Singular | | Plural | |
|-------------------|-------------|-------------------|--------------|
| Latim (acusativo) | Português | Latim (acusativo) | Português |
| CANEM | <i>cão</i> | CANES | <i>cães</i> |
| LEONEM | <i>leão</i> | LEONES | <i>leões</i> |
| MANUM | <i>mão</i> | MANUS | <i>mãos</i> |

Quadro 3. Comparação das formas do singular e do plural dos nomes em *-ão* do português e dos seus congêneres latinos

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

É facilmente observável que é frequente os falantes, mesmo os falantes cultos, hesitarem frente à forma do plural ou empregarem os plurais de nomes em *-ão* marginalizados pela norma. Em relação a nomes em *-ão* de acentuação paroxítona, como *órgão* ou *órfão*, tal não se verifica. Do mesmo modo, tal também não se verifica em relação aos lexemas apresentados na tabela. Todavia, as motivações para uma e outra inexistências de hesitações/desvios enraízam-se em razões distintas. No caso de nomes como *cão*, *leão*, *mão*, trata-se de palavras muito frequentes, cujos plurais devem estar inscritos na memória de longo prazo. No caso de nomes como *órfão* e *órgão*, a mente extrai um padrão que torna a produção do plural infalivelmente correta. Tratando-se de palavras paroxítonas, a mente encontra um dado regular que pode aplicar para o reconhecimento do processamento do plural.

Se observarmos uma palavra como *afegão*, verificamos que os falantes hesitam na formação do plural. Não é atualmente, embora na década anterior o tivesse sido por razões infelizes, uma palavra frequente no léxico quotidiano, pelo que o seu plural apresenta poucas probabilidades de se encontrar armazenado na memória de longo prazo. Por outro lado, não existe nenhum traço formal que a mente possa colher de modo a construir o seu plural sem hesitações. Uma pesquisa no Google é suficiente para se perceber a hesitação entre as formas *afegões*, *afegãos* e *afegães*.

O que o teste-*wug* comprova é que o conhecimento da linguagem não se circunscreve a uma listagem de palavras e das suas formas. Antes se processa como um sistema de padrões/esquemas que são como uma chave para que, *online*, o falante possa construir essas formas (Jackendoff 2002: cap. 6). Esses padrões/esquemas são edificadas com base em dados formais das palavras. É essa a função de morfemas como as vogais temáticas que, apesar de desprovidas de carga semântica, se revelam essenciais na operacionalidade da morfologia das línguas românicas (cf. Aronoff 1994).

4.2.1.1 Flexão vs. derivação

Estipular que tanto a derivação como a flexão operam com base na construção e reconhecimento de padrões/esquemas não equivale a unificá-las ontologicamente.

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

São amplamente conhecidas as distinções entre ambas, remontando-se a Varrão a separação entre a *deriuatio uoluntaria* e a *deriuatio naturalis*.

A flexão corresponde à *deriuatio naturalis*, uma vez que a sua ocorrência decorre naturalmente das circunstâncias de co-textualização de um dado lexema. A derivação corresponde à *deriuatio uoluntaria*, dado que esta advém de uma livre escolha pelo falante da categoria lexical que deseja utilizar num enunciado.

Digamos que o falante pode escolher entre o uso de *feliz* e *felicidade*, bastando optar por uma construção frásica como *Um tigre saberá o que é sentir-se feliz?* ou *Um tigre saberá o que é sentir felicidade?*. No entanto, o falante não tem opção entre *saberá* e *saberão* nas mesmas frases, já que o sujeito 3.^a pessoa do singular obriga, através do controlo da concordância verbal, à forma *saberá*.

Não nos deteremos aqui em todas as linhas separadoras da flexão e da derivação. Gostaríamos apenas de destacar aquela que apresenta relação com a instanciação lexical e genolexical de uma e outra.

Assim, entre os esquemas ou padrões de flexão e de derivação ocorre uma distinção não apenas ao nível do seu comportamento sintático, mas também ao nível do próprio léxico. Tal distinção consiste na alimentação que a derivação faz em relação à flexão e na inexistência dessa alimentação da flexão em relação à derivação. Queremos com isto dizer que as unidades geradas na derivação sofrem processos de flexão, pois são alvo de mutação formal em várias formas de palavras, como manifestado na Figura 5.

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

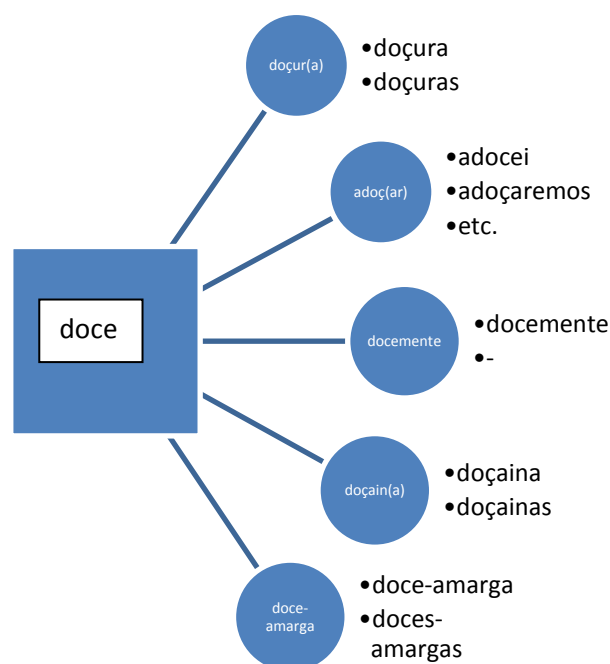


Figura 5. Gramaticalidade na derivação a partir de formas não geradas na flexão e geração de flexão a partir de formas derivadas

Contudo, as unidades geradas na flexão não servem de alimento à derivação, conforme exemplificado pelas figuras 7 e 8, por contraste com a figura 6. De resto, por esse motivo, as formas citacionais verbais, que, no caso do português, coincidem com o infinitivo impessoal, não se constituem como bases da derivação deverbal, sendo para esse efeito operadores o radical ou o tema (cf. Rodrigues 2013c).

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

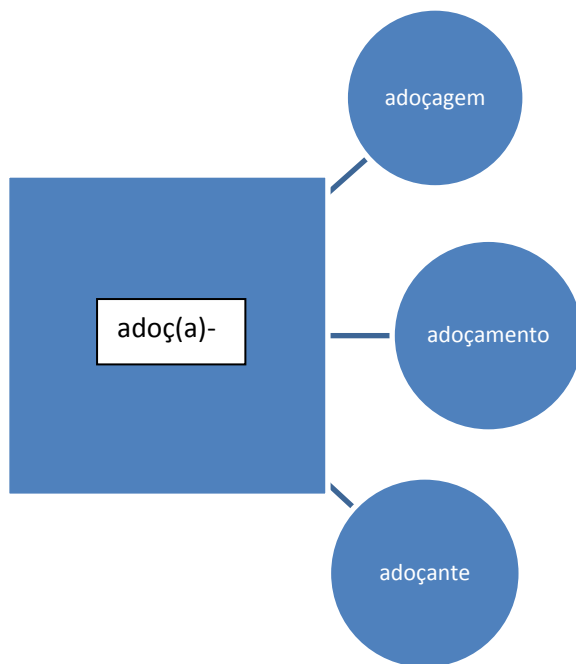


Figura 6. Gramaticalidade na derivação a partir de formas não geradas na flexão

Vs.

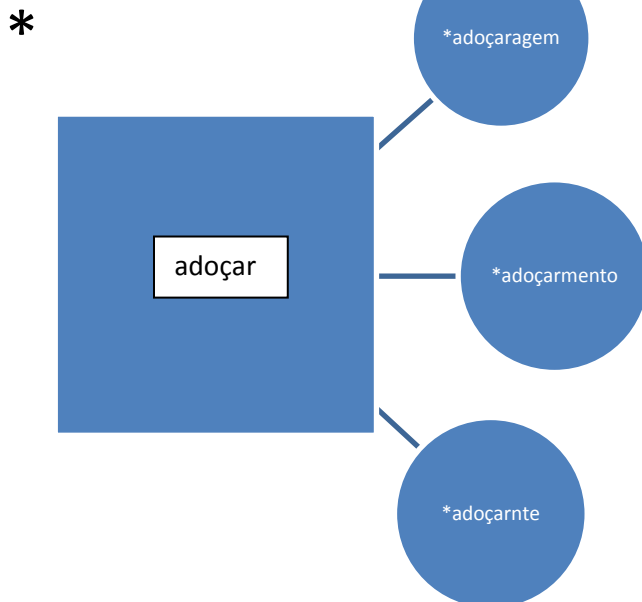


Figura 7. Agramaticalidade na derivação a partir de formas geradas na flexão 1

Ou

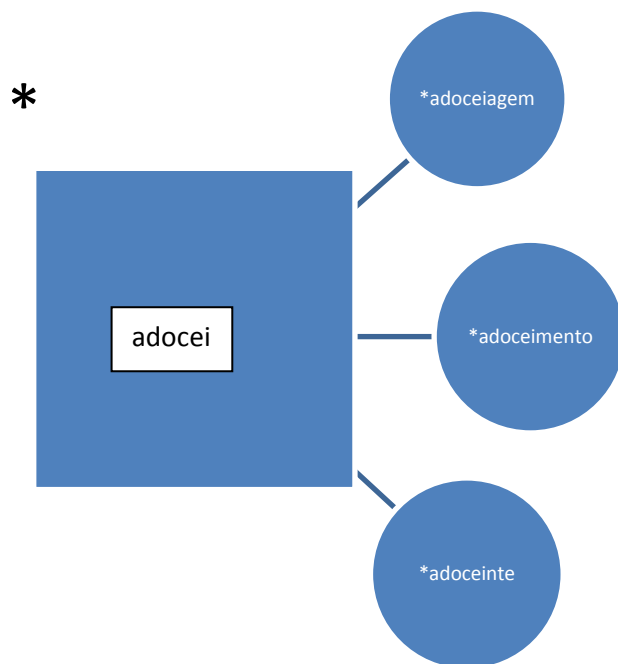


Figura 8. Agramaticalidade na derivação a partir de formas geradas na flexão 2

Quer isto dizer que a organização em paradigmas mentais dos fenómenos linguísticos de flexão e de derivação parece perfazer-se dentro de fronteiras definidas uma em relação à outra. Essas fronteiras não dependem apenas da relação com a sintaxe, antes estando definidas internamente à morfologia.

Deduzimos pela exposição referente à flexão que a morfologia flexional acarreta que a cada lexema estejam associadas esquemas ou padrões morfológicos, com interface com a sintaxe e a fonologia, que ocasionam a atualização sob a forma de palavra do lexema no enunciado. Desde que existam padrões no lexema em causa, a mente reconhece esses padrões e constrói *online* a forma de palavra que se adequa ao co-texto. Significa que a um mesmo lexema se encontram associados padrões de flexão extraídos pelo falante ou ainda formas particulares que, pela ausência de padrões, se encontram associadas àquele lexema particular na mente, como é o caso dos plurais dos nomes oxítonos em *-ão*.

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

4.2.2 Alomorfia

A alomorfia (Matthews 1974: 107; Luschützky 2000) é um dos fenómenos que comprovam a organização em rede do léxico mental, as constelações em paradigmas e o carácter multiforme de cada unidade lexical.

A alomorfia apresenta-se como a variação formal de um morfema, seja este lexical ou gramatical. A alomorfia evidencia a interface que se opera dentro do léxico com a fonologia e com a sintaxe (chamemos-lhe aqui alomorfia extralexema), mas também da interface destas estruturas enquanto componentes internas à morfologia (chamemos-lhe aqui alomorfia intralexema). A alomorfia de gramemas, como a que se verifica no morfema de plural *-s*, está dependente da interface entre a fonologia e a sintaxe, ao nível do eixo sintagmático (alomorfia extralexema). A alomorfia de lexemas, em que o radical de uma base apresenta variações formais, ocorre dentro do domínio da genolexia, se tomarmos como cenário de trabalho a morfologia lexicalista (alomorfia intralexema).

Focar-nos-emos na alomorfia intralexema, ou seja, naquela que afeta as bases e os afixos derivacionais, operando dentro da própria morfologia e não decorrendo da contextualização.

Pode colocar-se a seguinte questão: Como é possível que uma unidade que é tradicionalmente encarada como a união entre um significante e um significado possa possuir mais do que um significante, sem que se quebre essa unidade?

Depois dos vários tópicos explicitados ao longo deste livro, torna-se evidente que o léxico mental é caracterizado pela propriedade de associar paradigmaticamente várias formas – para além de vários semantismos e possibilidades de realização sintática – em torno de uma mesma unidade lexical.

Em termos de alomorfia dos operadores de derivação, quer sejam bases, quer sejam afixos, a seleção do alomorfe está dependente das condicionantes morfofonológicas envolvidas na formação do produto derivacional. Por exemplo, o morfema *-VEL-* possui dois alomorfes – *-vel* e *-bil-*.

O primeiro alomorfe é ativado quando o morfema possui um carácter ativo na derivação, ou seja, quando é esse mesmo morfema a funcionar como operador na geração do produto. Acontece assim na formação de adjetivos deverbais como *palpável*, *considerável*, *concebível*, *desmontável*.

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

O segundo está disponível na base quando o morfema em causa não possui carácter derivacional naquele lexema. Assim, para a geração de nomes de qualidade através do sufixo *-idade*, podem ocorrer como bases adjetivos em *-vel* (e.g. *comparabilidade*, *desmontabilidade*, *palpabilidade*). Este sufixo *-vel* não está ativo nestas formações, no sentido de não reservar para si a faculdade de derivação do próprio nome de qualidade, pois faz parte da base.

Este é um padrão que se pode inferir em relação à seleção do alomorfe. Outro padrão poderá ser a posição do morfema na palavra. Se o morfema ocorrer no fim da palavra, excetuada a relação com os morfemas de flexão, o alomorfe selecionado será *-vel*; se ocorrer no meio da palavra, o alomorfe será *-bil-*. Um padrão não exclui o outro padrão. Quer isto dizer que a mente pode construir vários padrões e reconhecê-los, o que tornará o esquema de uma unidade lexical ainda mais coeso.

Outra questão que se levanta em relação à alomorfia prende-se com o carácter latino *vs.* autóctone do alomorfe. Os alomorfes de *-vel* focados ilustram esta questão, assim como outros fenómenos de alomorfia, como aqueles que se evidenciam nos pares *deceção/dececionar*, *pão/panificar*, *são/sanificar* e que decorrem de fatores diacrónicos de teor fonético-fonológico.

Assim, poderá questionar-se se é passível de explicação sincrónica a formação dos verbos *dececionar*, *panificar* ou *sanificar*, tendo em conta que as bases destes verbos emergem sob uma roupagem fonológica anacrónica, correspondente a formas latinas que contêm a nasal intervocálica, em contraste com o resultado fonético advindo da síncope desse segmento nasal.

O problema reside no seguinte: se as formas com a nasal intervocálica não têm carácter autóctone, como pode o falante gerar palavras com essas formas? Significa que essas palavras não são construídas em português? Alguns cuidados têm que se ter nestas considerações. As formas com a consoante nasal (*dececion-*, *pan-*, *san-*) não são coincidentes com as formas citacionais dos lexemas de que são alomorfes (*deceção*, *pão*, *são*) e não estão disponíveis para a flexão desses lexemas (**decepciones*, **panes*, **sanos*).

Contudo, tal não implica que essas formas (*dececion-*, *pan-*, *san-*) não estejam disponíveis na mente do falante enquanto material para a morfologia derivacional. A pesquisa da história de lexemas como *dececionar*, *panificar* ou *sanificar* demonstra que estes lexemas não existiam no latim, o que equivale a negar o seu eventual carácter

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

herdado em português. Como tal, estas palavras tiveram que ser geradas em português, excluída igualmente a hipótese de empréstimo.

À luz da perspetiva que encara o léxico como uma interface, como um domínio dinâmico e fluido, a alomorfia é apresentada com uma explicação gerativa. Assim, concebe-se que para o item lexical DECEÇÃO estão disponíveis mentalmente duas estruturas fonológicas possíveis. Uma das estruturas é ativada nas correspondências com a estrutura sintática Nome, equivalente ao nome *deceção* ocorrente em sintagmas nominais. A outra estrutura sofre ativação nas correspondências com a base morfológica Nome, não atualizada na sintaxe enquanto tal, ou seja, quando o Nome funciona como base de outra unidade lexical, tal como um Verbo. Como pode colher-se em Rodrigues (2008: 131), a propósito de verbos como *ambicionar*, *solucionar*, *coleccionar*, *emocionar*:

«Na concepção que enforma a alomorfia aqui defendida, as bases nominais que estão na origem destes verbos não são os substantivos latinos, mas sim os alomorfes com formatação identificável como mais próxima do latim, mas não deste exclusiva, visto emergirem em lexemas construídos em português. A operação que labora nestas construções é a conversão denominal, pelo que deverá ser a responsável pela activação deste formato do radical.».

A alomorfia é explicável através da hipótese de reconhecimento de padrões operável pelo léxico e que é em simultâneo construtor deste.

4.2.3 Gramaticalizações

A gramaticalização corresponde à transmutação de unidades de categoria lexical para a categoria gramatical ou de uma categoria menos gramatical para outra mais gramatical (Mendes (2013); Hopper & Traugott (1993); Narrog & Heine (2011); Lima (2014)). Neste sentido, ‘gramatical’ corresponde ao uso desta palavra na oposição clássica entre *lexical vs. grammatical*, *lexema vs. gramema* ou ainda *classes abertas vs. classes fechadas*. O carácter gramatical é gradativo e não binário. O processo pode esquematizar-se na fórmula

palavra lexical > palavra gramatical > clítico > afixo flexional

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

proposta por Hopper & Traugott (1993).

Estes fenómenos são demonstrativos da organização em paradigmas mentais sofrida pelos itens que constituem o léxico.

Assim, a gramaticalização pode ter raiz em processos de reanálise e de analogia. Os processos de reanálise correspondem a alterações na interpretação, segmentação, identificação de morfemas ou de unidades lexicais, como aquele que é visível no português contemporâneo, através do qual os falantes, vulgarmente e desobedecendo à norma prescrita do português, colocam o clítico em ênclise, em vez de em mesóclise, nas formas verbais do condicional e do futuro imperfeito do indicativo. (Cf. Rodrigues (2013: 112-113) para mais exemplos e Marquilhas (2013) para uma explanação detalhada sobre a reanálise.) Os processos de analogia conduzem à reinterpretação de uma unidade com base na comparação com padrões existentes noutra unidade semelhante à primeira (Mendes 2013: 250).

Segundo Mendes, a gramaticalização pode acarretar alterações morfofonológicas na unidade em causa ou não. No primeiro caso, ocorre por exemplo o processo de reinterpretação do verbo latino HABERE, enquanto auxiliar dos tempos compostos de futuro, como morfema flexional (*comer+ei* em vez de *comer hei*), ou o do nome latino MENTE- como sufixo adverbializador. No segundo caso, podemos encontrar a mutação do advérbio *assim* em conector consecutivo, como nos exemplos (6a; 6b).

- (6) a. *A chave roda-se assim.*
b. *As boas livrarias estão a fechar no país. Assim, já não é possível encontrar os clássicos facilmente.*

No processo de gramaticalização, opera-se uma dessemantização, ou seja, uma perda de traços semânticos próprios de unidades com significação lexical ou referencial. Tal é visível na mutação do verbo pleno *ter* em verbo auxiliar ou na dos verbos plenos *fazer* e *dar* em verbos leves. Essa dessemantização é acompanhada de uma aquisição de funcionalidade gramatical.

Mendes (2013: 251) aponta ainda que a gramaticalização pode acompanhar-se de uma discursivização ou pragmatização. Neste caso, a transmutação da unidade opera-se através de um enriquecimento ao nível pragmático, como acontece nos designados

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

bordões linguísticos. Mendes (2013: 251) oferece os exemplos de *bem* e *não é*. Podemos ilustrar com o enunciado (7):

(7) ***Bem***, eu acho que é melhor a segunda parte do *Ivan o Terrível* do Eisenstein do que a primeira, porque a segunda tem aquelas cenas do assassinio na catedral que fazem um efeito fotográfico incrível, ***não é?***

O processo inverso de passagem de uma unidade de tipo gramatical para uma categoria lexical é designado por *desgramaticalização* (Mendes 2013: 253). Tal acontece nas transmutações dos afixos *ex-* e *-ismo* em nomes (exemplos 8a e 8b).

- (8) a. *A ex do Paulo vai casar-se novamente.*
b. *Vivemos numa época saturada de ismos.*

Atente-se que o afixo *ex-* em português é ele mesmo um resultado de gramaticalização que tivera como ponto de partida a preposição latina *EX*. Veja-se a secção 1.2.1 a propósito da distinção entre composição e prefixação.

Segundo Kiparsky (2012), a gramaticalização é um fenómeno de otimização do léxico. Esta visão adequa-se à nossa perspectiva do léxico construído paradigmaticamente, uma vez que os objetos linguísticos gramaticalizados sofrem uma paradigmatisação. Ora, a construção de paradigmas e de constelações que possuem como linha de entrelaçamento um paradigma é uma forma de otimização da língua.

4.2.4 Formação de palavras: organização em paradigmas

Nesta secção, equacionam-se algumas problemáticas advindas de perspetivas que não consideram a genolexia como organizada em paradigmas mentais (modelo *Item and Arrangement*) ou que têm apenas em consideração um eixo organizador desses paradigmas (e.g. Modelos *input-oriented*), explicitadas no capítulo 3. Estas problemáticas são aqui analisadas de forma breve, pois a sua inclusão serve o propósito de enfatizar a acuidade de um modelo que visiona a genolexia como um domínio organizado em diferentes tipos de paradigmas que se entrecruzam. Esses paradigmas

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

situam-se em escalas mais largas até escalas mais estreitas, como estudaremos no capítulo 6.

4.2.4.1 Processos formais concatenativos e não concatenativos

Por processos formais entendem-se os procedimentos que ostentam alterações morfológicas de uma base de modo a ocorrer formação de outro lexema (Mel'čuk 2000; Rio-Torto 1998; Rodrigues 2013c: 88). Por vezes, essas alterações formais não são visíveis enquanto procedimento genolexical, como acontece nos processos de conversão, mas essas alterações assomam como consequências da recategorização do lexema.

Os processos que se manifestam na genolexia do português categorizam-se em:

I- Processos concatenativos

a) afixação

- i) prefixação
- ii) sufixação
- iii) circunfixação
- iv) infixação
- v) interfixação

b) composição

- i) morfológica
- ii) morfossintática
- iii) sintática

II- Processos não concatenativos com alterações fonológicas

- a) cruzamento (*blending*)
- b) truncação
- c) reduplicação
- d) acronímia
- e) siglação

III- Processos não concatenativos sem alterações fonológicas

- f) conversão

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

Não sendo nosso objetivo a explicitação destes processos, remete-se para os seguintes autores, a fim de se obter uma caracterização dos diferentes mecanismos genolexicais: Para uma definição global dos processos supramencionados, veja-se Rodrigues (2013: 88-109); para a afixação, Hall (2000); para a prefixação em particular Rio-Torto (2013d); para a sufixação Rodrigues (2013a), Rio-Torto (2013a; 2013 b; 2013 c); para a circunfixação em particular Mel'čuk (1982: 84; 2000: 528); para a infixação Plag (2003: 11), Haspelmath (2002: 19), Bauer (2004), Mel'čuk (2000: 528), Moravcsik (2000); para a interfixação Haspelmath (2002: 86), Bauer (2004), Mel'čuk (2000: 528); para a composição Fabb (1998), Olsen (2000: 898), Rio-Torto & Ribeiro (2013), ten Hacken (2000: 355); para a conversão Bauer (2005), Kastovsky (2005), Rodrigues (2001; 2002; 2004a; 2004b; 2009; 2013a; 2013b); para o cruzamento Plag (2003: 121-126), Aronoff & Fudeman (2005: 113-114), Cannon (2000); para a truncção Plag (2003: 116-121), Aronoff & Fudeman (2005: 115); para a reduplicação Rio-Torto (1998), Wiltshire & Marantz (2000); para os processos não concatenativos com alterações na estrutura fonológica em geral Pereira (2013).

Nesta secção gostaríamos de indicar vias de exploração da oposição entre processos que podem ser descritos como concatenatórios, ainda que não assentes exclusivamente num procedimento deste tipo, uma vez que a estruturação paradigmática mental se encontra por detrás da adjunção de elementos genolexicais entre si, e aqueles que excluem completamente uma descrição desse tipo.

A categorização dos diversos mecanismos genolexicais usando como fio categorial exclusivo o carácter concatenativo ou não concatenativo dos mesmos, bem como a especificação dos subtipos concatenativos pode ser interpretada como um exercício de morfologia *Item and arrangement* (cf. secção 3.1.3). De facto, a estipulação de operações de adjunção de afixos ou de bases a outras bases é, em aparência, uma interpretação do modo como, no eixo *in præsentia*, ocorre a combinação dos materiais genolexicais. Contudo, é necessário ter em atenção que uma descrição exclusivamente imbuída do espírito *Item and Arrangement* não teria a capacidade de discernir processos concatenativos daqueles que são não concatenativos.

Contudo, um quadro completo dos fenómenos de formação lexical de uma língua não pode esquecer a descrição/explicação das operações de carácter formal

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

utilizadas nesse domínio, ainda que uma perspectiva *Item and Arrangement* não lhe sirva de âncora metodológico-explicativa.

Na verdade, muitas propostas de abordagem da formação de palavras preocupadas com o carácter concatenativo da genolexia alicerçaram toda a sua explicitação em fundamentos e instrumentos de concatenação. É assim que se justificam artefactos conceptuais como o de morfema zero proposto por visões *morpheme-based* (e.g. Bloomfield 1933; Kastovsky 1968; Kiparsky 1982), que excluímos da nossa conceção. Estão em causa, na discussão deste artefacto, a delimitação conceptual do que é um morfema, a sua distinção face ao lexema, a sua identidade semântica e formal.

O morfema zero suscita um conflito teórico *vs.* empírico. O morfema zero, necessário para a coerência teórica de uma explicação concatenativa da formação de palavras, revela-se um imbróglio empírico, se se tiver em atenção a multiplicidade de morfemas zero que o falante teria que construir mentalmente para conseguir operar com todas as regras morfológicas da sua língua.

Desde logo, na morfologia flexional, na flexão de nomes e adjetivos, o singular, não marcado morfológicamente, seria representado mentalmente por um morfema zero em contraste com o morfema *-s* de plural. Na flexão dos verbos regulares, a 3.^a pessoa do singular apenas é representada morfológicamente no pretérito perfeito do indicativo (*cogitou*) e a 1.^a do singular apenas neste mesmo tempo/modo (*cogitei*), no futuro imperfeito do indicativo (*cogitarei*) e no presente do indicativo (*cogito*). Teria de haver representações zero para cada uma das pessoas nos tempos/modos em que não se verifica um morfema real (*cogita*, *cogitava*_{1.^a}, *cogitava*_{3.^a}, *cogitará*, *cogitara*_{1.^a}, *cogitara*_{3.^a}, etc.).

No âmbito da morfologia derivacional, sustentar operações concatenatórias com base em morfemas zero acarretaria duas desvantagens:

- i) a proliferação de morfemas zero que não coincidem com formulações reais, a partir das quais pudessem construir-se as respetivas abstrações mentais;
- ii) a multiplicação de operações de adição com base nessas entidades empiricamente inexistentes.

Para além desta desvantagem emanada da estipulação do morfema zero, recordamos que na secção 3.1.3 apontámos outras inadequações das teorias *Item and arrangement* ou *morpheme-based morphology* face aos processos não concatenativos.

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

Uma vez que a delimitação dos diferentes tipos de processos genolexicais está dependente da fronteirização conceptual da tipologia de constituintes com que cada processo labora, emergem outras questões concernentes ao conceito de morfema. Essas questões são as seguintes:

Questão A: O problema da distinção entre elementos afixais e elementos lexicais quando determinados constituintes não possuem todos os traços prototípicos de gramemas ou de lexemas. Por exemplo, elementos como *circum-*, *micro-*, *ante-* ou *contra-* possuem traços que os inseririam no conjunto dos elementos de prefixação e outros no conjunto de elementos de composição.

Como já mencionado na secção 1.2.1, como traços prototípicos dos prefixos podem elencar-se a posição fixa do elemento em relação à base (*re+ver* vs. **ver+re*); a não autonomia sintática (**o re*, **o des*, **o en*) (exclui-se obviamente o uso metalinguístico do prefixo); a não determinação da categoria do produto (*im+possível*; *im+possibilidade*; *im+possibilitar*); a flexibilidade em relação à categoria lexical a que se acoplam (*im+possível*; *im+possibilidade*; *im+possibilitar*).

Como traços prototípicos dos elementos de composição apontam-se a posição livre em relação à base (*hidrofobia/ mini-hidrica*; *fonologia/ lusófono*); a marcação categorial (*hidro_{RN}*); a significação lexical ou referencial (*hidro-* ‘água’) (cf. Rio-Torto 2013: 342-351).

A fronteira entre composição e prefixação tem vindo a sofrer alterações conceptuais, como pode observar-se através do confronto entre obras oitocentistas como Diez (1874) e Meyer-Lübke (1895), em que os elementos hoje considerados como operadores de prefixação são estudados no capítulo da composição. Também na gramática paniniana, se verifica que os elementos hoje apontados como prefixos são tratados como compostos (Kiparsky 2009). Tal oscilação temporal na enformação desses elementos de genolexia não é alheia à própria metodologia de delimitação dos objetos em foco.

Questão B: A demarcação do processo de conversão como um processo sintático ou lexical, ou seja, a sua ocorrência no seio da sintaxe ou no domínio do léxico. Esta é uma questão paralela à oposição entre teorias *Item and Arrangement* e *Item and Paradigm*. Remetemos para Rodrigues (2013d) para a sua análise.

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

4.2.4.2 Organização em paradigmas semântico-categoriais (*Regras de Formação de Palavras*)

Como ficou explícito na secção 3.1.4, vários problemas relacionados com as várias concepções de Regras de Formação de Palavras se levantam se estas forem definidas como o único tipo de padrão a erigir paradigmas genolexicais. Como resposta a esses problemas, Rodrigues (2008) formula um modelo em que dois tipos de paradigmas se entrecruzam: um baseado na relação semântico-categorial entre bases e produtos e outro baseado na relação entre afixos operadores. Esse modelo recebe a designação de Modelo de Regras de Formação de Palavras em Interface, já analisado na secção 3.1.4.3.

Como exemplificação da necessidade de um modelo deste tipo, podemos observar o comportamento do sufixo *-al*.

O sufixo *-al* anexa-se a nomes na geração de nomes locativos (*pinhal*, *roseiral*, *ginjal*, *carvalhal*, etc.). No entanto, verifica-se que o mesmo sufixo também se agrega a verbos para a formação de nomes com o mesmo semantismo locativo, como *estendal*, *tremedal*, *tendal*. Dado que as bases são categorialmente marcadas de modo distinto, não é possível encasar estas formações no âmbito da mesma Regra de Formação de Palavras. Contudo, é inegável a parentalidade entre os produtos deverbais de *-al* e os seus produtos denominais, subsumida sob a identidade semântica de ‘locativo’, para além da categorial.

A solução advogada por Rodrigues (2008) consiste na estipulação de interfaces entre Regras de Formação de Palavras estabelecidas pelos afixos que operam em mais do que uma regra, conforme estudado na secção 3.1.4.3 deste volume. Os afixos que assim operam deverão ser sensíveis a traços semânticos das várias séries de bases. Outros exemplos de afixos com o mesmo tipo de comportamento podem encontrar-se em Rodrigues (2008: 33-34), já citado na secção 3.1.4.3.

No fundo, pretende-se observar que a organização em constelações em rede do léxico mental não se atém apenas a um modo de organização, mesmo dentro de uma estrutura dessa organização. Queremos com isto dizer que, por exemplo, ao nível da estrutura de constelação semântica, os mesmos materiais lexicais podem organizar-se consoante diferentes estratos, perfazendo, por conseguinte, arquiteturas volumétricas.

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

Assim, o sufixo *-al* aglomera constelações de nomes que contêm como eixo agregador bases nominais e enfeixa outras constelações de nomes cujo ponto de simetria é constituído por bases verbais. Da interface entre essas duas séries de constelações estabelecem-se constelações maiores e em rede.

4.2.4.3 Restrições de seleção: constrangimentos e compatibilidades entre afixos e bases na formação de palavras por afixação e entre bases e processos na formação por conversão

Os padrões atualizados em regras e processos formais de formação de palavras apresentam-se regulados por restrições de seleção. Essas restrições de seleção realizam-se como constrangimentos e compatibilidades que medeiam a seleção entre afixos e bases, mas também a geração lexical através de processos não afixais, como a conversão. As restrições de seleção demonstram que os padrões reguladores da formação do léxico se encontram organizados em estruturas, subestruturas e fiadas, em níveis que vão do mais lato ao mais estreito, situados nas diversas estruturas da linguagem – fonologia, semântica e sintaxe.

Um mecanismo não afixal como é a conversão de verbos em nomes apresenta vários constrangimentos advenientes do próprio processo e não de restrições entre elementos morfológicos, uma vez que o processo carece de afixação. Em Rodrigues (2009) estabelecem-se esses constrangimentos de modo detalhado.

Quanto às restrições de seleção dos processos de afixação (cf. Rodrigues 2014), dedicar-lhe-emos o capítulo 6 deste volume.

Por agora, diremos apenas que nos primórdios da conceção gerativa da formação de palavras, diferentes condições sobre Regras de Formação de Palavras foram concebidas. No entanto, essas condições possuíam maior validade teórica do que empírica.

Referimo-nos a condições tais como a *Word Based Hypothesis* (Aronoff 1976), o *No Phrase Constraint*⁷ (Aronoff 1976), a *Binary Branching Condition* (Aronoff 1976), a *Unitary Base Hypothesis* (Aronoff 1976), a *Unitary Output Hypothesis* (Scalise 1984), a *Adjacency Condition* (Siegel 1977), a *Atom Condition* (Williams 1981).

Estas condições situavam-se ao nível da Gramática Universal e tinham por objetivo impedir a sobregeração de palavras no modelo teórico. Devido à grande

⁷ Como anota Rainer (2005: 335), a própria designação contraria a condição.

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

preocupação de elegância do modelo teórico, estas condições apresentavam a desvantagem de terem escasso suporte empírico. Outro problema destas concepções da formação de palavras reside na sua fraca relação com o processamento real, quer sob o ponto de vista da produção, quer sob o ponto de vista da receção da linguagem. Veja-se Baayen & Schreuder (2003) para um estudo do processamento do léxico.

O capítulo 6 será dedicado a uma análise detalhada dos constrangimentos e das compatibilidades que enformam a combinatorialidade entre bases e afixos, à luz do modelo desenvolvido em Rodrigues (2008).

Antes disso é ainda necessário tecer considerações acerca da atualização em contexto dos lexemas construídos, de modo a compreendermos análises que serão desenvolvidas no capítulo 6.

Capítulo 5. A gramática do léxico como dimensão de interação do léxico na atualização co-textual: o exemplo dos nomes deverbais

Nesta secção dar-se-ão alguns exemplos das implicações co-textuais de determinadas unidades lexicais – os nomes deverbais – como efeito das suas estruturas semânticas e sintáticas. Não se pretende construir aqui uma análise aturada destes fenómenos, mas simplesmente a estruturação de pistas que possam auxiliar na compreensão da análise que se apresenta no capítulo 6.

5.1 Variações decorrentes da polissemia: As nominalizações e as leituras de evento, resultado e produto. Fenómenos de co-textualização. A estrutura argumental

Nesta secção observar-se-á a variação de co-textualização que a mesma unidade lexical pode apresentar em consonância com o significado atualizado contido na sua carga polissémica. Deter-nos-emos nos nomes deverbais, observando as circunstâncias estruturais semânticas que proporcionam as variadas realizações sintáticas destes nomes. (Para este tópico, vejam-se sobretudo Brito & Oliveira (1997), Rodrigues (2001; 2008), Anastácio & Rio-Torto (2004), Brito (2005) e Brito & Raposo (2013)).

É constatável que as significações dos nomes deverbais se localizam numa escala polissémica cujos extremos são o abstrato e o concreto. Apoiando-nos em Defrancq & Willems (1996: 222), observamos um formato analógico, contínuo, em vez de discreto, da oposição abstrato *vs.* concreto. Defrancq & Willems (1996: 228) propõem as seguintes significações como potenciais nos nomes deverbais:

- deverbal de ação – situado no mais alto grau de abstração, corresponde a uma leitura eventiva do deverbal, parafraseável por ‘evento de Vb’ como assinalável no enunciado (9).

(9) *O processamento da imagem pelo computador decorre com normalidade.*

- deverbal de ação concretizável – corresponde a uma leitura eventiva resultativa do deverbal, ou seja, ao ponto de culminação do evento, parafraseável por ‘resultado do evento de Vb’, como ilustrável em (10).

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

(10) *O processamento da imagem pelo computador terminou às 15:00 horas.*

Nesta construção, o deverbal mantém a capacidade argumental que o caracteriza na leitura eventiva de deverbal de ação. Nesta situação, o deverbal ainda não atingiu a capacidade de referenciação concreta prototípica dos nomes.

- deverbal concretizado coletivo – corresponde a uma significação tendente ao abstrato, por designar uma coletividade, mas que já não manifesta eventividade, pelo que não pode realizar-se com estrutura argumental. É este significado que ocorre, por exemplo, no enunciado (11).

(11) *A gritaria era tanta que o lobo se assustou.*

- deverbal concretizado individual – realiza a passagem do coletivo para o individual, que representa um passo na direção da concreção. É exemplificável pelo enunciado (12).

(12) *Num dado momento da gritaria, o lobo fugiu.*

- deverbal concreto – manifesta a concretude máxima, ilustrável no enunciado (13).

(13) *A barbearia fechou às 17:00 horas.*

Nem todos os semantismos são encontráveis em cada um dos deverbais simultaneamente.

O primeiro semantismo mencionado corresponde à significação de ‘evento’, o segundo à de ‘resultado’ e os restantes conglomeram-se sob o termo genérico ‘produto’.

Se nos ativermos a estes três tipos de significações – ‘evento’, ‘resultado’ e ‘produto’ –, constatamos que é possível determinar um conjunto de co-textualizações que auferem o tipo de significação do deverbal. Em Rodrigues (2001: cap. 4), faz-se a análise de uma série de critérios co-textuais providenciados por vários autores, como Flaux (1996), Brito & Oliveira (1997), Bartning (1996), Van de Velde (1996), Willmet (1996), Flament-Boistrancourt (1996), concluindo-se que os únicos critérios

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

verdadeiramente eficazes para a validação da distinção entre os semantismos abstratos e concretos dos deverbais são:

i) a colocação da negativa antes do deverbal (exemplos 14):

- (14) a. *A não avaliação dos alunos conduz a situações injustas.*
b. **A não avaliação positiva obtida nas finais fez chorar o atleta.*

ii) as expressões adverbiais durativas (exemplos 15):

- (15) a. *A avaliação dos candidatos demorou duas horas.*
b. **A avaliação positiva obtida nas finais demorou duas horas.*

iii) o funcionamento do deverbal como objeto de verbos de perceção com uma noção progressiva (exemplos 16):

- (16) a. *Estamos a assistir à avaliação dos candidatos.*
b. **Estamos a assistir à avaliação positiva obtida nas finais.*

A ocorrência de estrutura argumental no deverbal, critério extremamente importante para a determinação do carácter deverbal dos deverbais conversos (Rodrigues 2001), está ausente da leitura de ‘produto’, permitindo destacar este semantismo dos de ‘evento’ e ‘resultado’. Contudo, a estrutura argumental não destrinça entre si as leituras de ‘evento’ e de ‘resultado’, como se constata através dos exemplos (17).

- (17) a. *A avaliação dos candidatos pelo júri está a decorrer sem sobressaltos.*
b. *A avaliação dos candidatos pelo júri terminou às 17:00 horas.*
c. *A avaliação dos candidatos pelo júri obtida nas finais está publicada na net.*

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

Os nomes deverbais apenas apresentam estrutura argumental nas significações de ‘evento’ e de ‘resultado’. Focaremos agora essa capacidade argumental dos deverbais.

Em contraste com os verbos, os nomes apenas podem realizar a subcategorização de complementos indiretamente por via de preposições (Grimshaw 1990: 6). A preposição escolhida está dependente dos próprios argumentos a atualizar e da relação que o núcleo mantém com eles.

Assim, um deverbal advindo de um verbo transitivo direto perfará a sua estrutura argumental através da realização do argumento Agente através da preposição *por* e o Tema através da preposição *de* (Brito & Oliveira (1997: 69); Rodrigues (2001: 117-118)). O elemento introduzido por *por* não possui carácter obrigatório na atualização sob o escopo de um nome, pelo que esse sintagma pode classificar-se como argumento-adjunto, de acordo com Grimshaw (1990:118), conforme mostram os exemplos (18).

- (18) a. *A lavagem da roupa (pela Antónia) demorou pouco tempo.*
b. *A verificação do enunciado (pelo João) demorou muito tempo.*

O facto de o sintagma em causa bloquear o surgimento de um Agente conduz a que não se coadune totalmente com a identidade de adjunto, embora a sua elisão assim o ditasse.

De acordo com Rodrigues (2001), uma solução para este dilema consiste na classificação deste tipo de argumento como argumento por defeito, pois enquadra-se na classificação de Pustejovsky (1998: 63), segundo a qual o *default argument* corresponde a

«Parameters which participate in the logical expressions in the qualia, but which are not necessarily expressed syntactically [...]».

A preposição *de* pode introduzir o argumento correspondente ao argumento interno dos verbos transitivos e dos verbos inacusativos (exemplos 19) ou ao argumento externo dos verbos inergativos (exemplo 20).

- (19) a. *A derrota do inimigo por Ivan, o Terrível, foi fabulosa.*

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

b. *O nascimento do filho de Ivan, o Terrível, foi comovente.*

(20) *Estamos a assistir ao voo das aves migratórias.*

Para além dos deverbais com base em verbos inergativos, também aqueles que provêm de verbos transitivos com objeto oblíquo realizam o argumento que corresponde no verbo ao argumento externo através da preposição *de* (exemplo 21).

(21) *O aceno do João ao amigo deu-se prolongadamente.*

Estas notações breves servem o propósito de despertar no leitor questões emergentes destes fenómenos de co-textualização, nomeadamente aquelas que advêm da interação entre as estruturas semântica e sintática dos lexemas construídos. Como tal, não se instituem em si mesmas como objetivo último de conhecimento, mas antes como veículo para a indagação de problemas situados a um nível mais profundo, como aqueles que se expõem no capítulo 6.

5.2 Variações decorrentes da estrutura eventiva do deverbal: co-textualização com verbos leves

Como explicitado na secção 3.1.4.3 deste trabalho, em Rodrigues (2008) faz-se um estudo aturado da formação de nomes deverbais do português, propondo-se que a sua formação se encontra ancorada num processo de coindexação. Desse processo de coindexação, que é alvo de enfoque no capítulo 6 do presente volume, decorrem resultados semânticos refletidos na estrutura eventiva do nome deverbal.

Esses resultados semânticos demonstram ter efeitos ao nível das possíveis construções dos deverbais com verbos leves (cf. Duarte 2009; Duarte & Gonçalves 2005; Oliveira et alii 2009; Rodrigues 2014).

Uma chamada de atenção urge fazer: a referência ao sufixo *-da* ao longo deste capítulo e do capítulo 6 restringe-se ao uso que deste operador se faz hodiernamente no português do Brasil (PB) e não no português europeu (PE), sendo assim paralelo ao uso do afixo *-dela* em PE.

Assim, são possíveis enunciados como (22):

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

- (22) a. *O João deu uma tosquiada/dela nas ovelhas.*
b. *O João deu uma varrida/dela na sala.*
c. *O João deu uma abatida/dela na dívida.*
d. *O João deu uma envernizada/dela na porta.*

Por contraste, enunciados como (23) são menos comuns, de acordo com os resultados numa pesquisa no Google:

- (23) a. *??O João deu um tosquiamento nas ovelhas.*
b. *?O João deu um varrimento na sala.*
c. *O João deu um abatimento na dívida.*
d. *??O João deu um envernizamento na porta.*

De acordo com Scher (2005: 35), atividades, semelfactivos, processos culminados que não sejam resultativos (sejam resultativos com objetos construídos, sejam resultativos com objetos consumidos) e culminações sem telicidade intrínseca podem ocorrer em construções com o verbo leve *dar*. As restrições apresentadas pela autora são justificadas e justificam a não aceitação de exemplos como os enunciados apresentados em (24). Os exemplos (24) mostram casos de culminações com telicidade intrínseca (os exemplos são de Scher (2005: 32)).

- (24) a. **O João deu uma matada no bandido.*
b. **A Maria deu uma perdida na oportunidade.*
c. **O João deu uma encontrada no relógio.*
d. **A Maria deu uma chegada a São Paulo.*

Por telicidade intrínseca, Scher entende eventos que não admitem a sua partição, denotada em co-textos com os verbos semiauxiliares *começar a* e *parar de*. Trata-se de eventos não repetíveis, não reversíveis, portanto, e não segmentáveis em partes. Os exemplos são construídos a partir dos enunciados de Scher expostos em (25).

- (25) a. **O João começou a matar o bandido.*

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

- b. **O João parou de matar o bandido.*
- c. **A Maria começou a perder a oportunidade.*
- d. **A Maria parou de perder a oportunidade.*

Neste sentido, Scher (2005: 33) mostra que, por essas características, é possível o enunciado (26a), mas não o enunciado (26b):

- (26) a. *Meu carro deu uma morrida ontem à noite.*
b. **O João deu uma morrida ontem à noite.*

Os exemplos (27) mostram casos de processos culminados com objetos construídos ou consumidos (os exemplos são de Scher (2005: 29)).

- (27) a. ?*A Maria deu uma construída na casa.*
b. ?*A Maria deu uma destruída na casa.*

No entanto, a explicação de Scher não prevê que deverbais como *tosquiamento*, *envernizamento* não sejam os preferidos para a construção com o verbo leve *dar*, enquanto os deverbais em *-da* e *-dela* dos mesmos verbos admitem claramente essa construção (exemplos (22) e (23) agora repetidos em (28) e (29)).

- (28) a. *O João deu uma tosquiada/dela nas ovelhas.*
b. *O João deu uma varrida/dela na sala.*
c. *O João deu uma abatida/dela na dívida.*
d. *O João deu uma envernizada/dela na porta.*
- (29) a. ??*O João deu um tosquiamento nas ovelhas.*
b. ?*O João deu um varrimento na sala.*
c. *O João deu um abatimento no carro.*
d. ?*O João deu um envernizamento na porta.*

Esta preferência em relação ao sufixo mostra que o sufixo transmite uma carga semântica muito forte ao deverbal, pelo que não se trata de um mero nominalizador

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

sintático. Já Duarte (2009) alerta contra a *Aspectual Preserving Hypothesis* de Marín & McNally (2009). Em Rodrigues (2008), já se havia estipulado que os afixos nominalizadores possuem uma semântica de modelização eventiva responsável por matizes semânticos aspetuais dos nomes eventivos.

Como podem explicar-se estas restrições de atualização sintática com o verbo *leve*?

É possível estabelecer uma conexão entre os traços dos derivados e os traços aspetuais que Smith (1991) propõe em correlação com os traços de Vendler (1967), de modo a explicar determinadas construções com verbos leves.

Smith propõe os seguintes traços para a descrição dos estados-de-coisas:

[estático] vs. [dinâmico]; [instantâneo] vs. [durativo]; [télico] vs. [atélico]

Assim, os processos são [dinâmicos, durativos, atélicos]; os processos culminados são [dinâmicos, durativos, télicos]; as culminações são [dinâmicas, instantâneas, télicas]; os semelfactivos são [dinâmicos, instantâneos, atélicos]. Os estados, naturalmente, são [estáticos, durativos, atélicos].

O verbo *tosquiar* é um processo culminado, logo, [dinâmico, durativo, télico], pelo que aceita as construções apresentadas em (30a, 30b), compatíveis, respetivamente, com a leitura durativa e com a leitura que inclui uma culminação, e em (30c), compatível com leitura durativa.

- (30) a. *O João tosquiou as ovelhas durante 2 horas.*
b. *O João tosquiou as ovelhas em 2 horas.*
c. *O João parou de tosquiar as ovelhas.*

O deverbal em *-mento* deste verbo é suscetível de ocorrer nas seguintes construções (31):⁸

- (31) a. *O João dedicou-se ao tosquiamento das ovelhas durante 2 horas.*
b. *O João conseguiu o tosquiamento das ovelhas em duas horas.*

⁸ Propositadamente não usamos aqui co-textos como *proceder a*, *assistir a*, que poderão influir uma leitura durativa.

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

- c. *O João parou o tosquiamento das ovelhas.*

As construções apresentadas em (31) estão de acordo com as construções do verbo, apresentadas em (30).

Os deverbais em *-da/-dela* do mesmo verbo não são passíveis de ocorrer nas construções disponíveis para a leitura durativa do evento (exemplo 32):

- (32) a. *?O João dedicou-se à tosquiadela das ovelhas durante duas horas.*
b. **O João parou a tosquiadela das ovelhas.*

Já a ocorrência com a preposição *em* + tempo pode ser aceite, pois implica uma culminação (exemplo 33):

- (33) c. *O João deu a tosquiadela às ovelhas em duas horas.*

Repare-se que os sufixos nominalizadores *-mento* e *-dela*, assim como os restantes, não apresentam restrições em relação à *aktionsart* do verbo base, como demonstrado em Rodrigues (2008). Contudo, têm a capacidade de focalizar esse evento modelizando-o aspetualmente (Rodrigues 2008).

Os derivados em *-da* e *-dela* modelizam o evento como instantâneo, devido aos traços [-lento, -cuidado] de ambos os sufixos, fazendo com que um evento durativo seja modelizado como instantâneo (Rodrigues 2014). Repare-se que não é necessário um verbo [instantâneo] para que haja sufixação por um afixo com este traço. Nada obsta a que um item lexical modelize o evento como durativo e outro item o modelize como instantâneo. Recorde-se que tais processos de reformatação aspetual ocorrem normalmente em co-texto, com expressões adverbiais, objetos contáveis ou massivos, etc., como analisado em trabalhos já clássicos de Verkuyl (1972, 1993), Dowty (1979, 1991) ou Tenny (1994).

Pelo contrário, os derivados em *-mento* modelizam o evento no seu processamento, o que pode prover o deverbal de uma leitura durativa. (Cf. Rodrigues (2008: 239) para a relação entre os traços [processo] e [durativo].)

Regressemos à compatibilidade dos deverbais com os verbos leves. De acordo com Scher (2005: 12-15), o verbo leve *dar* associado a um deverbal em *-da* acarreta o

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

semantismo de ‘um pouco’, ‘parte’ do evento, não coincidente com a leitura da construção com verbo pleno (exemplos 34) (os exemplos são de Scher 2005: 14).

- (34) a. *A flor deu uma murçada.*
b. *A flor murçou.*
c. *A Ana deu uma emagrecida.*
d. *A Ana emagreceu.*

A leitura de parcialidade ou diminutivização (Scher 2005: 16) ocorre por exemplo em (35a), mas não em (35b) (exemplos adaptados de Scher 2005: 13):

- (35) a. *O João fez uma caminhada/um estudo/um passeio.*
b. *O João deu uma caminhada/uma estudada/deu um passeio.*⁹

Duarte et alia (2009: 4) advogam que

«the light verb is sensitive to the *aktionsart* of the deverbal noun it combines with».

No entanto, está implícito nesse trabalho que os nomes deverbais herdam a *aktionsart* do verbo base sem haver questionamento sobre a modelização que os deverbais operam sobre a aspetualidade do verbo base.

O verbo leve *dar* encontra-se mais apto semanticamente para a construção de uma leitura diminutivizadora do que o verbo *fazer*.

Assim, compreende-se a restrição em (36),

- (36) **O João deu um varrimento na/à sala.*

por oposição à aceitação de (37):

- (37) *O João deu uma varridela na/à sala.*

⁹ Scher apresenta *deu uma passeada*, mas, como é possível a expressão *dar um passeio*, mantemos o converso, para comparar com a construção com *dar* e *fazer*.

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

Aliás, verifica-se que o dicionário da Porto Editora oferece o seguinte significado de *varrimento*: «deslocação manual, mecânica ou elétrica de um sistema com que se explora, com grande pormenor, todo um campo ou toda uma zona.» (In Infopédia [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2014. [Consult. 2014-04-07]. Disponível na www: <URL: <http://www.infopedia.pt/pesquisa-global/varrimento>>.)

O semantismo de ‘com grande pormenor’ não é compatível com a leitura diminutivizadora de que fala Scher (2005).

Comportamento contrário obtém-se com os mesmos deverbais com o verbo leve *fazer* (38) e (39):

- (38) a. **O João fez uma tosquiada/dela nas ovelhas.*
b. **O João fez uma varrida/dela na sala.*
c. **O João fez uma congelada/dela na sopa.*
d. **O João fez uma envernizada/dela na porta.*
- (39) a. *O João fez um tosquiamento nas ovelhas.*
b. *O João fez um varrimento na sala.*
c. *O João fez um congelamento da dívida.*
d. *O João fez o envernizamento da porta.*

Tenha-se em atenção que a possibilidade da construção *fazer uma chamada* não contradiz o acima exposto, pois *chamada* implica um resultativo, com objeto construído, que não preexiste ao evento, logo, não poderia ocorrer com o verbo leve *dar*.

Esta correlação entre *fazer* e os deverbais em *-mento* pode explicar-se tendo em conta que o verbo leve *fazer* apresenta o traço [-instantâneo] (Duarte 2009), o que está de acordo com a caracterização semântica dos deverbais em *-mento* (Rodrigues 2008), enquanto o verbo leve *dar* é caracterizado pelo traço [instantâneo] (Duarte 2009).

Outro aspeto interessante a analisar nas construções de verbo leve + verbal consiste na alternância das preposições *a* e *em* introdutoras do objeto oblíquo dependente da construção. Por vezes, e de modo não alheio às variedades geográficas do português, o oblíquo ocorre introduzido pela preposição *a* e outras pela preposição *em*, como exemplificado em (40).

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

- (40) a. *Deu uma mexedela à sopa.*
b. *Deu uma mexedela na sopa.*

O uso da preposição *a* é própria do português europeu, enquanto o uso da preposição *em* é mais vulgar no português do Brasil. Contudo, outras implicações de carácter sintático-semântico parecem advir desta alternância.

Se fizermos a comparação de enunciados com o mesmo verbo e o mesmo deverbal, mas com preposições distintas, como nos exemplos (41), verificamos que a ocorrência da preposição *de* manifesta uma construção do verbo *fazer* como verbo pleno e não como verbo leve.

- (41) a. *O João fez a tosquia das ovelhas.*
b. *O João fez uma tosquia nas ovelhas.*
c. *O João fez a tosquia às ovelhas.*

Tal se verifica porque nestas situações de complemento introduzido pela preposição *de* o verbo *fazer* pode ser comutado por outro verbo pleno (exemplo 42a)¹⁰, possibilidade não verificada quando o complemento é introduzido pelas preposições *em* e *a* (42b, 42c).

- (42) a. *O João realizou a tosquia das ovelhas.*
b. **O João realizou a tosquia nas ovelhas.*

¹⁰ Comparem-se as construções com verbos plenos (exemplos a; b) e leves (exemplos c que não admitem d):

- (43) a. *O João deu um Botticelli falso à Maria.*
b. *O João ofereceu Botticelli falso à Maria.*
c. *O João deu uma olhadela ao Nascimento de Vénus.*
d. **O João ofereceu uma olhadela ao Nascimento de Vénus.*
- (44) a. *O João tinha um podengo português.*
b. *O João possuía um podengo português.*
c. *O João teve uma viagem magnífica.*
d. **O João possuiu uma viagem magnífica.*
- (45) a. *O João fez um quadro com azul da Pérsia.*
b. *O João realizou um quadro com azul da Pérsia.*
c. *O João fez uma ameaça ao inimigo.*
d. **O João realizou uma ameaça ao inimigo.*

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

- c. **O João efetuou a tosquia às ovelhas.*

Seguindo Duarte; Gonçalves & Miguel (2006: 321) e Gonçalves et alii (2009), o verbo leve apenas emerge com a interpretação de ‘evento’ do deverbal e não com a leitura de ‘indivíduo’. Todavia, uma contrariedade em relação às características sintáticas que soem acompanhar os deverbais com leitura eventiva é manifestada nas construções com verbo leve. Se a construção com verbo leve parte da interpretação de evento do deverbal, seria expectável que este preservasse, nestas construções, a atualização sintática que apresenta enquanto deverbal eventivo, servindo-se da preposição *de* para a introdução do argumento interno (cf. secção 5.1). A contrariedade reside no facto de esta preposição estar excluída das construções com verbo leve, mas ser aceite com verbo pleno (exemplos 46 e 47):

- (46) a. *O João fez/realizou o congelamento da dívida.*
 b. *O João fez/realizou o envernizamento da porta.*
 c. *O João fez/efetuou o remendo das calças durante duas horas.*
(47) a. *O João fez um congelamento na dívida.*
 b. *O João fez o envernizamento à/na porta.*
 c. *O João fez o remendo às calças.*

Observe-se que, nos enunciados (48), a construção *estar a assistir a*, apontada como compatível com o deverbal na sua leitura eventiva, como mencionado em 5.1 deste trabalho, não aceita a preposição *em* (48b), mas apenas a preposição *de* (48a).

- (48) a. *Estamos a assistir ao congelamento progressivo da dívida.*
 b. **Estamos a assistir ao congelamento progressivo na dívida.*

Para além destes aspetos, é de destacar que é inconsistente sob o ponto de vista gramatical a construção com negativa apontada tipicamente como reveladora da leitura eventiva com o verbo leve (cf. secção 5.1), como demonstrado nos enunciados (49).

- (49) a. *O João fez o não congelamento da dívida.*
 b. **O João fez o não congelamento na dívida.*

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

Aparentemente, a preposição *em* manifesta uma alteração na segmentação do evento no eixo do tempo. Tal é visível na oposição entre os exemplos (50):

- (50) a. *O João fez um congelamento progressivo da dívida.*
b. *?O João fez um congelamento progressivo na dívida.*

A construção fazer + deverbal +SP *em* parece influir uma leitura [+ pontual] do evento, em vez de uma leitura [+ contínua].

Para além de se constituírem em si mesmos como objetos de análise, estes dados de co-textualização podem servir de auxílio na análise de aspetos estruturais da genolexia, como se explicitará no próximo capítulo.

Capítulo 6. Constrangimentos e compatibilidades entre afixos e bases na formação de palavras

Este capítulo visa compreender e colocar questões sobre as restrições que se colocam no domínio da formação de palavras, ao nível da seleção entre afixos e bases, bem como sobre as compatibilidades entre afixos e bases que permitem, assim, que ocorram produtos gerados a partir da mesma base com diferentes afixos operadores do mesmo paradigma.

Não esqueçamos que ancoramos a nossa perspetiva no modelo de linguagem ‘arquitetura paralela’ de Ray Jackendoff. Esta ancoragem permite-nos compreender o alcance que o problema das restrições e das compatibilidades entre bases e afixos tem no domínio da teoria da linguagem. Em seguida, questionaremos especificamente as restrições e as compatibilidades entre bases e afixos através de dados empíricos. Procederemos, em primeiro lugar, à análise das restrições e, em segundo lugar, das compatibilidades entre bases e afixos. Em terceiro lugar, avançaremos uma explicação teoricamente fundada para esse tipo de fenómenos que afetam a genolexia. Por último, colocaremos questões advindas da matéria aqui explanada.

A conceção de genolexia que impregna o nosso estudo modela-se de acordo com a visão jackendoffiana de léxico e de linguagem, já explanada na secção 2.2.3. Trata-se de uma visão que concebe a linguagem como uma arquitetura paralela, constituída por três grandes estruturas em interface - a fonologia, a semântica e a sintaxe. Com base nessa arquitetura, situamos a nossa análise da formação de palavras numa tradição lexicalista, e mais especificamente que concebe o léxico como um domínio dinâmico de interface entre várias estruturas e fiadas dessas estruturas.

É justamente essa interface entre fiadas e estruturas que se faz prevalecer na atuação de constrangimentos e compatibilidades entre bases e afixos nos mecanismos genolexicais, nomeadamente através do processo de coindexação, que analisaremos neste capítulo.

Uma vez que os dados empíricos são essenciais para a formulação de uma explicação teórica coerente e coesa, não só em relação aos seus próprios princípios internos, mas também em relação aos fenómenos que pretende descrever, apresentaremos dados empíricos dos quais partiremos para o seu entendimento teórico.

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

Propositadamente escolhemos, na sua maioria, lexemas pouco usuais, para despistar aceitação devido a localização da forma na memória de longo prazo.

6.1. Dados empíricos sobre o léxico dinâmico e os constrangimentos na formação de palavras

A observação de dados empíricos pode conduzir à formulação de questões que apresentamos em seguida:

i) por que motivo em processamento real o falante produz naturalmente o lexema *carnavalização* e não *carnavalizamento*, em enunciados como (51a,b)?

- (51) a. **A população procedeu ao *carnavalizamento da conjuntura do país.*
b. *A população procedeu à carnavalização da conjuntura do país.*

ii) por que motivo em processamento real o falante rejeita uma forma como **cafemente* e aceita o lexema *cafeinadamente* num enunciado como (52)?

- (52) a. **A Ana reagiu cafemente de manhã.*
b. *A Ana reagiu cafeinadamente.*

iii) por que motivo em processamento real o falante rejeita **jacareizar*, mas aceita *crocodilizar* em enunciados como (53a,b)?

- (53) a. **A Ana jacareizou-se no Carnaval.*
b. *A Ana crocodilizou-se no Carnaval.*

iv) por que motivo em processamento real o falante rejeita a forma **desrasgar*, mas aceita *desmumificar* em enunciados como (54a,b)?

- (54) a. **A Ana desrasgou o papel que estava em pedaços.*
b. *A Ana desmumificou-se depois do desfile de Carnaval.*

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

v) por que motivo em processamento real o falante rejeita a forma **belicosamente* e aceita *belicosamente* (cf. enunciados 55a,b)?

- (55) a. **O Mário agiu *belicosamente.*
b. *O Mário agiu belicosamente.*

vi) por que motivo em processamento real o falante rejeita a forma **transpiraria* e aceita *destilaria* (cf. enunciados 56a, b)?

- (56) a. **Aquela sala é uma *transpiraria.*
b. *Aquela sala é uma destilaria.*

vii) por que motivo em processamento real o falante rejeita a forma **shrekizão* e aceita *shrekização* (cf. enunciados 57a, b)?

- (57) a. **A Ana optou por um *shrekizão para o desfile.*
b. *A Ana optou por uma shrekização para o desfile.*

6.1.1 Explicações para os dados empíricos

Perante estes exemplos (51-57), quais são as hipóteses explicativas para a aceitação de umas formas e rejeição de outras? Note-se que está em causa uma visão processual da formação de palavras.

Rainer (2005: 335-336) faz a distinção entre constrangimentos universais e constrangimentos específicos de uma língua. Dentro dos universais, existem constrangimentos processuais, tais como i) o bloqueio e ii) a produtividade, a frequência e o comprimento da palavra), que vamos analisar, e constrangimentos supostamente localizados na Gramática Universal, ao nível da competência, (que são aqueles mencionados na secção 4.2.4.3 e que remontam a Aronoff (1976), Scalise (1984), Williams (1981), Siegel (1977)). De acordo com Rainer, os constrangimentos universais não restringem a seleção afixal, pois esta é específica de cada língua.

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

6.1.1.1 Explicações processuais que não restringem a seleção afixal

6.1.1.1.1 A hipótese do bloqueio

No caso das formas com relação de sinonímia, uma explicação tradicionalmente sugerida é a do bloqueio (Rainer 1988). A noção de bloqueio remonta a uma conceção de Bloomfield (1935:145), baseada na formulação de que não podem ocorrer sinónimos nas línguas e, por isso, um deles vai desaparecer (Sturtevant (1917: 99); Ullmann (1957: 112); Paul ([1880] 1983: 267-269)¹¹). Trata-se de uma noção *à la* estruturalismo, em que cada elemento encerra uma função. O bloqueio é definido como um mecanismo que impede a formação de lexemas devido à pré-existência de lexemas com o mesmo significado. O bloqueio evitaria assim a formação de sinónimos. Trata-se de uma explicação utilizada perante casos de formas que obedecem a todos os constrangimentos estruturais.

Rainer (1988) faz a distinção entre *type blocking* e *token blocking*. *Token blocking* refere-se ao bloqueio de uma forma por outra forma sinónima (e.g. **stealer* vs. *thief*). *Type blocking* refere-se ao bloqueio de um sufixo por outro sufixo operante na mesma RFP, mesmo que não exista uma forma sinónima. No *type blocking*, é o padrão que bloqueia a formação de uma palavra (Rainer 2005: 337-339). Plag (2003: 66-67) exemplifica esta noção com o par e.g. *decentness* vs. *decency*. O segundo bloqueia o primeiro. Plag (2003: 66-67) apresenta uma série de problemas advindos da noção de *type blocking* e que têm que ver com

- i) não haver sinonímia perfeita entre os afixos,
- ii) a efetiva consideração da agramaticalidade das formas,
- iii) o facto de os exemplos apontados para o *type-blocking* serem analisáveis como *token-blocking*.

Vários entraves se colocam à hipótese do bloqueio como verdadeiro obstáculo à criação de sinónimos.

Conforme demonstrado por estudos psicolinguísticos (e.g. Plank (1981); Rainer (1988), comentados por Plag (1999: 51-2) e Plag (2003: 65-6), o fenómeno de bloqueio

¹¹ Paul ([1880] 1983: 267-269): «Mas o aparecimento de uma tal abundância [formação de uma pluralidade de palavras, formas e construções equivalentes], se é inevitável, é também incapaz de se manter por muito tempo. *A língua não tende para o luxo*. [...] Na remoção do luxo temos naturalmente, que pôr de lado a ideia de qualquer intenção consciente. O remédio encontra-se já na sobrecarga desnecessária da memória.».

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

está dependente da frequência de uso dos lexemas. Apenas um lexema muito frequente se encontra acessível na memória de longo prazo de modo a obstaculizar o uso de uma forma que lhe seja concorrente.

Relativamente às formas aqui propostas para análise (Quadro 4), apenas *destilaria* obedece às condicionantes de frequência e implantação na memória de longo prazo. *Carnavalização* e *belicosamente* situar-se-iam numa escala de frequência como pouco frequentes. As restantes formas (*cafeinadamente*, *crocodilizar*, *shrekização*) situam-se num polo negativo de frequência.

| Forma hipotética rejeitada | Forma aceite |
|----------------------------|-----------------------|
| * <i>carnavalizamento</i> | <i>carnavalização</i> |
| * <i>cafemente</i> | <i>cafeinadamente</i> |
| * <i>jacareizar</i> | <i>crocodilizar</i> |
| * <i>desrasgar</i> | <i>desmumificar</i> |
| * <i>belicosamente</i> | <i>belicosamente</i> |
| * <i>transpiraria</i> | <i>destilaria</i> |
| * <i>shrekização</i> | <i>shrekização</i> |

Quadro 4. Formas não aceites e formas aceites dos enunciados (51-57)

Contudo, gostaríamos de salientar que, mesmo nas situações em que uma forma é frequente, a explicação do bloqueio não é muito fidedigna. Como exemplos tradicionais de bloqueio para o inglês são dados o caso de *thief* ‘ladrão’, que bloquearia °*stealer*. No entanto, em português, o lexema *ladrão* não bloqueou as formas *assaltante* ou *salteador*, assim como *ver* não bloqueou *visualizar*.

A questão fundamental em relação ao bloqueio por motivos de sinonímia reside na observação de que a sinonímia é um fenómeno natural e frequente em todas as línguas. Como tal, não se vislumbra verosímil que um fenómeno natural e frequente das línguas naturais possa surgir como inválido no domínio da formação de palavras.

Por último, o bloqueio é uma hipótese que apenas se pode colocar diante de formas que obedecem a todos os constrangimentos estruturais e pragmáticos. Assim, é mais adequado esgotar todas as hipóteses de restrições estruturais para só depois se

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

admitir a hipótese de bloqueio. Como veremos em seguida, em nenhuma das formas dos enunciados (51) a (57) se pode colocar a hipótese do bloqueio, pois todas elas, como veremos, são explicáveis estruturalmente.

Significa isto que o bloqueio põe em confronto um lexema frequente que, como tal, se inscreve na memória de longo prazo do falante (e não do conjunto dos falantes, como diria Saussure), numa determinada sincronia, e um lexema potencial (Corbin 1987), sinónimo do primeiro, e, como aquele, obedecendo a todas as condicionantes genolexicais estruturais. Assim sendo, mesmo admitindo-se a hipótese de ocorrer bloqueio, este fenómeno não impede a formação da palavra, mas sim o seu uso numa determinada sincronia. Não significa, pois, que essa mesma forma potencial não venha a adquirir uso real e/ou frequente.

Vejam-se os exemplos de *ver* e *visualizar*. Em edições mais antigas de dicionários do português, não ocorria o verbo *visualizar*. Em *corpora* como Davies, Mark & Michael Ferreira (2006-), o verbo *visualizar* não apresenta entradas no séc. XIX. Nessa altura o sufixo *-iz-*, que o forma, não é produtivo. No entanto, a partir do momento em que o sufixo se torna produtivo em português, estão criadas as condições para a formação desse verbo. A sua utilização não está dependente de condições estruturais, mas de condições por vezes casuais. Em todo o caso, nada obsta a que o lexema potencial¹² (Corbin 1987, 1997) não venha a ser usado ou que não seja efetivamente usado em momentos em que o falante particular tem um problema momentâneo de acesso lexical à forma frequente ou na situação de que ainda não possui essa forma frequente inscrita na memória de longo prazo. Este é o caso das crianças, que tendem, por exemplo, a produzir nomes deverbais conversos em vez de nomes sufixados (Rodrigues 2009: 87-88). O mesmo é anotado para a preferência por verbos conversos em inglês por parte das crianças (Clark 1993).¹³

Escrito isto, ocorreu-nos procurar nos dicionários *online* do inglês e deparámo-nos com *stealer*, o que comprova a nossa hipótese de que é uma questão de tempo (<http://www.thefreedictionary.com/Stealer> (acesso a 18 de março de 2014)). Aliás,

¹² Cf. Corbin (1987, 1997) que faz a distinção entre *mots possibles* e *mots existants*.

¹³ Rainer (2005: 337-339) distingue palavras potenciais de possíveis. Diz que as palavras potenciais não podem funcionar como bases de outras palavras, enquanto as possíveis sim. Julgamos que se trata antes de uma questão de sincronia, uma vez que não conseguimos ver para além da nossa época. Rainer oferece o exemplo de *stealer* que, segundo o autor, não pode servir como base, por exemplo, de *stealerless*. Todavia, menciona que é possível *rainerian* + *ism*.

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

Rainer (2005) refere que não é possível *stealer* como base de compostos e, no entanto, no Oxford aparece *sheep-stealer*.

Como tal, o bloqueio não é uma restrição à geração genolexical em si mesma. Veja-se Bauer, Lieber & Plag (2013: 575:578) para uma crítica à noção de bloqueio.

6.1.1.1.2 Produtividade, frequência e comprimento da palavra

Para além do bloqueio, condições como a produtividade, a frequência e o comprimento da palavra são também fatores tidos em conta na descrição dos constrangimentos à geração de palavras (Krott, Schreuder & Baayen 1999; Baayen & Schreuder 2003). Estes fatores encontram-se por detrás, por exemplo, de fenómenos de ordenação afixal, ou seja, em que um lexema contém vários afixos cuja ordem não é arbitrária (cf. Plag 2002; Plag & Baayen 2009; Manova & Aronoff 2010; Saarinen & Hay (2014); vários artigos de *Morphology* 20). Este tema, contudo, não se constitui como centro deste capítulo.

6.1.2 Restrições à geração das palavras que atuam sobre a seleção afixal

Colocadas as considerações em relação às hipóteses de bloqueio e de frequência, produtividade e comprimento da palavra, sistematizaremos os tipos de restrições que tornam determinadas formas como inaceitáveis pelo próprio falante. Trata-se de restrições específicas de cada língua.

6.1.2.1 Restrições gerais: as restrições categoriais

No domínio da formação de palavras, existem restrições que estão dependentes de padrões gerais, que podem ser descritos como se vê no Quadro 5.

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

| |
|---------------------------------|
| Nomes a partir de verbos |
| Nomes a partir de adjetivos |
| Nomes a partir de nomes |
| Verbos a partir de adjetivos |
| Verbos a partir de verbos |
| Verbos a partir de nomes |
| Adjetivos a partir de nomes |
| Adjetivos a partir de adjetivos |
| Adjetivos a partir de verbos |
| Advérbios a partir de adjetivos |

Quadro 5. Padrão geral de formação de palavras em português: restrições categoriais

O padrão geral equaciona as categorias lexicais das bases com as categorias lexicais dos produtos. Não se observam, por exemplo, advérbios gerados a partir de nomes. Por este motivo de desobediência ao padrão geral genolexical que rege as relações categoriais entre bases e produtos, a forma *cafemente* (enunciado 52a) é rejeitada, enquanto a forma *cafeinadamente* é aceite (enunciado 52b), tendo em conta que **cafemente* seria criado a partir do nome *café*, enquanto *cafeinadamente* é criado com base no adjetivo *cafeinado*.

As restrições categoriais assim dimensionadas apenas têm cabimento em teorias que aceitam que os radicais lexicais se encontram marcados categorialmente. Assim, na Morfologia Distribuída (Halle & Marantz 1993), a seleção da base consoante a sua categoria sintática, por parte do afixo, não tem cabimento. Contudo, tal conceção deixa por explicar a combinação restritiva entre bases e afixos.

Como defende Lieber (2006), não é estritamente necessário que haja marcação categorial das bases para que os afixos as selecionem. No entanto, é necessário que as bases se encontrem marcadas semanticamente. Assim sendo, havendo esta marcação semântica, o afixo seleciona a base pelos seus traços semânticos e não pela sua categoria sintática, que, conseqüentemente, pode, assim, conceber-se como resultante da atualização na sintaxe. Devido aos constrangimentos dimensionais deste trabalho, não

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

nos deteremos aqui na explicitação da hipótese de Lieber (2006), que, todavia, emergirá explícita na secção 6.2 deste trabalho.¹⁴

6.1.2.2 Restrições de subpadrões

Para além das restrições gerais categoriais, existem restrições mais específicas, que podemos designar por “subpadrões”, que obedecem a diversos níveis e estruturas da linguagem. São elas de tipo fonológico, etimológico, semântico, argumental ou paralelo. Equivalem ao que Rainer (2005: 341) designa por restrições específicas de afixos.

6.1.2.2.1 Restrições fonológicas

Perante as formas **jacareizar* e *crocodilizar*, os falantes rejeitam a primeira. O motivo que está por detrás desta opção localiza-se na estrutura fonológica. O subpadrão que permite a geração de verbos com o sufixo *-iz-* rejeita bases com acentuação oxítona. Bauer, Lieber & Plag (2013:573), apontam que *-ise*, na formação de verbos do inglês, requer que a sílaba precedente seja não-acentuada.

Também em português, não são gramaticais formas como *romãizar*, (vs. *bananizar*), **caféizar* (vs. *xaropizar*), **rapéizar* (vs. *tabaquizar*), na medida em que a sílaba finalizante da base é acentuada. A formação de avaliativos nominais serve-se do interfixo *-z-* para resolver este problema fonológico (Rio-Torto 2013: §8.3). Contudo, a interfixação não é muito frequente ou sistemática na formação de verbos. Pereira (2013: 152) anota o caso de *padejar*, com base em *pá*, em que o interfixo *-d-* desfaz o problema do hiato entre *pá* e *-ej-*.

Também a haplologia, omissão de uma sílaba que seria igual a outra constante numa construção, é apontada por Rainer (2005) como exemplo de restrição fonológica.

¹⁴ Para além da Morfologia Distribuída, também o modelo exo-skeletal de Borer (2003) e a Morfologia Assimétrica de DiSciullo (2005) negam a marcação categorial sintática dos radicais. No entanto, sem qualquer marcação, não é explicável que, por exemplo, o sufixo *-ção* não se agregue a qualquer radical, mas apenas a verbos ou que o prefixo *en-* não se agregue a qualquer radical, mas somente a nomes e a adjetivos. A hipótese de Borer (2003) não é solidamente suportada e cai na tautologia, ao estipular que, por exemplo, um lexema como *destruição* resulta da operação *merge* entre afixo e base não marcada categorialmente. É a fusão (*merge*) que faz que o afixo coarte o radical a ser um verbo. Lieber (2006) desconstrói habilmente estes modelos e, relativamente a este último aspeto de Borer, questiona o motivo pelo qual afijos como *-ation* não coagem um radical como *disc* a ser um verbo.

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

O autor aponta o exemplo de *feminise*, ‘feminizar’, por **femininise*, ‘*femininizar’. Contudo, neste exemplo podemos observar que a base pode ser o alomorfe culto da forma *fêmea*, *femin-*, tal como ocorre em *hominizar*, cuja base é o alomorfe culto de *homem* *homin-*. Por outro lado, ocorrem *meninizar* (*google*) e *destaninizar*, em que a repetição da sílaba não obstaculizou a formação das palavras.

6.1.2.2.2 Restrições semânticas

No caso de **desrasgar*, a não aceitação desta forma prende-se com a incompatibilidade semântica entre a carga semântica do prefixo *des-* e o semantismo da base. O prefixo *des-* implica semanticamente o traço de ‘reversibilidade’ (Rio-Torto 2013: 357-358). O evento designado pela base verbal *rasgar* não admite reversão.

São também de carácter semântico as restrições que condicionam que um afixo como *-edo* se anexe a nomes que designam entidades concretas e não abstratas na formação de nomes de quantidade (*e.g. folhedo, arvoredado* vs. **teoriedado, *fantasiedado, *favoredo*).

6.1.2.2.3 Restrições morfológicas

Restrições de ordem morfológica impedem a formação de advérbios em *-mente* a partir da forma masculina da base, como ocorreria em **belicosamente*. Em termos estruturais, a restrição morfológica que caracteriza a formação de advérbios em *-mente* é estritamente morfológica, ou seja, depende do formato morfológico dos elementos da formação e não de outras estruturas implicadas nesta (semântica, argumental, por exemplo), como veremos posteriormente.

Aqui pode ser inserida a condição designada por *complexity based ordering* (Plag 2002, Hay 2002, Hay & Plag 2004). De acordo com Hay (2002: 528),

«an affix that can be easily parsed out should not occur inside an affix that cannot.».

Esta condição explica restrições propostas pela fonologia lexical ao nível da ordenação de níveis (cf. Siegel 1979). Esta condição aplica-se sobretudo à ordem dos

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

afixos, que não focaremos aqui (Vejam-se Plag (2002); Plag & Baayen (2009); Aronoff & Fuhrop (2002); Manova & Aronoff (2010); Saarinen & Hay (2014); vários artigos de *Morphology* 20). Ressalve-se, no entanto, que a ordenação de afixos por níveis ou *strata*, proposta por Siegel (1979) e integrada na Fonologia lexical de Kiparsky (1982), está sujeita a demasiadas exceções empíricas, pelo que foi abandonada (Goldsmith 1990) ou profundamente revista (Giegerich 1999).¹⁵

6.1.2.2.4 Restrições argumentais

O impedimento de uma forma como **transpiraria* assenta em motivações argumentais. Propositadamente colocámos lado a lado **transpiraria* e *destilaria*. As duas bases verbais (*transpirar* e *destilar*) pertencem ao mesmo domínio semântico de ‘expelir gotas’. No entanto, as estruturas argumentais desses verbos são divergentes. Enquanto base de *destilaria*, *destilar* é um verbo causativo, enquanto na base de **transpiraria* estaria *transpirar* como verbo inacusativo.¹⁶ Aquilo que se verifica é que na formação de nomes em *-aria* não ocorrem bases verbais inacusativas (Rodrigues 2008). Porque desobedece a este subpadrão, a forma **transpiraria* é rejeitada.

Note-se que, ainda que o verbo *transpirar* não obedeça ao critério vulgarmente apontado para a identificação de verbos inacusativos, uma vez que não admite o particípio absoluto (**Transpirado o Rui, foi tomar banho.*), é classificável como inacusativo tendo em conta que admite uma construção passiva com verbo *estar* (*O Rui está transpirado.*), o que o localiza na família das construções inacusativas (cf. Duarte 2003).

Observe-se que tal construção se encontra excluída dos verbos inergativos (**O Rui está rido. *O Rui está dançado.*)

¹⁵ A proposta da ordenação de afixos por *strata* implicava que, por exemplo, em inglês, os sufixos [+ Latinos] ocorressem dentro de afixos [+ nativos], como em *persuas-ive-ness*, e não no seu exterior, como na forma agramatical *care-less-ity*. No entanto, esta regra é demasiado restritiva e demasiado permissiva em simultâneo. São permitidas formas em que afixos [+ nativos] ocorrem dentro de morfemas [+ latinos] ([*un-grammatical-ity*]) (exemplo de Rainer 2005: 341. O elemento *un-* é [+ nativo] e ocorre dentro de *-ity* que é [+latino]). Por outro lado, a regra é sobregerativa, pois há impossibilidades empíricas que a ela desobedecem.

¹⁶ O verbo *destilar* é um verbo basicamente transitivo causativo. A construção inacusativa é derivada da primeira. O verbo *transpirar* é basicamente inacusativo, sendo a construção transitiva derivada da inacusativa. Em termos de formação de palavras, é a construção básica que sói ocorrer como base de derivação (Rodrigues 2009: 96-97). Para a relação entre as construções básica e derivada, vejam-se Levin & Rappaport Hovav (1995: 83) e Davis & Demirdache (2000: 97).

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

6.1.2.2.5 Restrições estratais/etimológicas

Diante de **shrekizão e shrekização*, os falantes optam pela segunda e rejeitam a primeira. Por detrás desta escolha está o carácter [+Latino] do sufixo *-iz-* (presente na base *shrequizar*) em confronto com o carácter [-Latino] do sufixo *-ão*. Na verdade, o sufixo nominalizador *-ão* não se anexa a bases marcadas como [+ Latinas] (Rodrigues 2008: 151).

Por [+ Latino] entende-se o carácter de um morfema marcado como provindo das línguas grega e latina (Spencer 1991: 188; Plag 2003: 84-85) através de fenómenos de importação (vulgarmente designados como empréstimos). As formas [+ Latinas] apresentam carácter morfofonológico próprio do Latim/Grego ou carácter pragmático erudito. As formas nativas, mesmo que provenientes do latim, apresentam uma estrutura morfofonológica própria do sistema morfofonológico do português.

Em termos sumários, as formas nativas são maioritariamente paroxítonas, (*lindo*, *limpo*), enquanto as formas [+ Latinas] podem ser proparoxítonas (*límpido*). As formas [+ nativas] podem ter ditongos decrescentes (*arquivo*), enquanto as formas [+ Latinas] têm no mesmo lugar do ditongo nativo uma vogal acentuada e duas vogais na sílaba seguinte (*armário*). As formas [+Nativas] mostram consoantes oclusivas vozeadas na posição intervocálica (*abelha*), no mesmo lugar em que as formas [+ Latinas] apresentam oclusivas não vozeadas (*apicultor*). Formas [+Latinas] apresentam /n/ intervocálico (*lunático*), enquanto nas formas [+ nativas] esse segmento sincopou (*lua*) (Rodrigues 2009: 80-81). Para um elenco de diferenças entre formas nativas e latinas do inglês, veja-se Plag (2003: 85).

6.1.2.2.6 Restrições paralelas

Para o fim, deixámos o confronto entre *carnavalização* e **carnavalizamento*. À superfície, a restrição que impede a segunda forma é de carácter morfológico, ou seja, os verbos em *-iz-* seleccionam como sufixo nominalizador o sufixo *-ção* e não o sufixo *-mento*. No entanto, motivações de carácter semântico e argumental estão por detrás da

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

motivação superficial de tipo morfológico. Como anotado em Rodrigues (2014)¹⁷, o sufixo *-iz-* possui um traço semântico de causatividade que encerra uma cadeia de evento causativa constituída por três subeventos. O sufixo *-ção* é compatível com essa cadeia como um todo. Por seu lado, o sufixo *-mento* não é compatível com essa cadeia como um todo, mas com o subevento n.º 2. Voltaremos a esta questão posteriormente.

Que a atração entre *-ção* e *-iz-* não é apenas fonológica é visível pelo facto de verbos terminados fonologicamente em /izar/ não coincidente com os morfemas *-iz-* (+a+r) não serem atraídos pelo nominalizador *-ção* (Quadro 6). Assim, *analisar* não forma **análisação*. Não faz sentido recorrer ao argumento do bloqueio por sinonímia, porque formas como *hidrolisação*, *catalisação* são construídas, não obstante a existência de *hidrólise*, *catálise*, etc.

| Verbo | Deverbal em <i>-ção</i> | Outro nome correlato do verbo |
|-------------------|-------------------------|-------------------------------|
| <i>analisar</i> | - | <i>análise</i> |
| <i>paralisar</i> | <i>paralisação</i> | <i>paralisia</i> |
| <i>cisar</i> | - | <i>cisão</i> |
| <i>precisar</i> | - | <i>Precisão [de preciso]</i> |
| <i>incisar</i> | - | <i>incisão</i> |
| <i>narcisar</i> | - | - |
| <i>excisar</i> | - | <i>excisão</i> |
| <i>alisar</i> | - | <i>alisamento</i> |
| <i>dialisar</i> | - | <i>diálise</i> |
| <i>catalisar</i> | <i>catalisação</i> | <i>catálise</i> |
| <i>hidrolisar</i> | <i>hidrolisação</i> | <i>hidrólise</i> |
| <i>enraizar</i> | - | <i>enraizamento</i> |

Quadro 6. Verbos terminados fonologicamente em /izar/ e seus correlatos nominais

¹⁷ Em Rodrigues (2008: 293), anotava-se que o sufixo *-iz-* possui carga semântica de modelização do evento como de ‘efetuação’.

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

6.1.2.3 Síntese das restrições

Sintetizando os dados, relacionamos no Quadro 7 os exemplos de lexemas apresentados nos enunciados (51) a (57) com as possíveis restrições de seleção afixal.

| Forma hipotética rejeitada | Forma aceite | Restrição |
|-------------------------------|-----------------------|---|
| * <i>carnavalizamento</i> | <i>carnavalização</i> | Paralela (morfológica, argumental, semântica) |
| * <i>cafemente</i> | <i>cafeinadamente</i> | categorial |
| * <i>jacareizar</i> | <i>crocodilizar</i> | fonológica |
| * <i>desrasgar</i> | <i>desmumificar</i> | semântica |
| * <i>belicosamente</i> | <i>belicosamente</i> | morfológica |
| * <i>transpiraria</i> | <i>destilaria</i> | argumental |
| * <i>shrekização</i> | <i>shrekização</i> | Estratal/etimológica |

Quadro 7. Classificação das restrições exemplificadas através das formas dos enunciados (51) a (57)

6.1.3 Localização das restrições

6.1.3.1 Nas entradas lexicais ou no padrão

A localização das restrições é variável de acordo com cada modelo de formação de palavras. Em modelos *rule-based* (Aronoff 1976), as restrições estão localizadas ao nível do *input*. Em modelos em que os afixos se encontram inscritos em entradas lexicais (e.g. Lieber 1981), é nessas entradas que se estabelecem os quadros de subcategorização. Assim, no primeiro, a regra de formação de palavras contém a informação de que apenas verbos causativos e inergativos admitem o sufixo *-aria*. No segundo, o sufixo *-aria*, enquanto entrada lexical, está marcado como admitindo verbos causativos e inergativos. Em termos empíricos, o resultado de uma ou de outra solução é o mesmo. A questão de se saber se é o afixo que seleciona a base ou se é a base que

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

seleciona o afixo é teórica e não tem consequências para a explicação dos dados empíricos.

No entanto, há padrões genolexicais em que essa opção teórica não é indiferente aos dados empíricos. Isto é sobretudo visível nos compostos. Rainer (2005: 342) oferece o exemplo em castelhano de *pelirrojo*, em que a forma do adjetivo *rojo* tem que estar no masculino, para concordar com o nome *pelo*. Ora, segundo o autor, esta marcação não pode estar ao nível dos itens lexicais, mas sim do padrão genolexical.

6.1.3.2 No input ou no output

Plag (1999: 145-194) determinou que em inglês o sufixo *-ize* só pode gerar verbos dactílicos (*rándomise*, *dándyise*). Assim, a restrição parece operar sobre o *output*. No entanto, podemos ver o fenómeno sob outro ponto de vista. Só determinadas bases, com uma determinada estrutura prosódica, é que podem gerar verbos dactílicos. Assim, é possível, pelo menos neste caso, colocar a restrição ao nível da base. No entanto, em casos de interfixação como os que ocorrem em *chaleira* e *cafeteira*, a restrição é concebível como operável ao nível do *output* para que o resultado não seja cacofónico (cf. Rainer 2005: 342).

6.1.3.3 Na base ou no afixo

Tradicionalmente, as restrições são localizadas na regra (Aronoff 1976) ou no afixo (Lieber 1981). Plag (1999) sugeriu que se localizassem na base e não no afixo. Assim, em vez de dizermos que *-ção* seleciona *-iz-*, devemos dizer *-iz-* seleciona *-ção*. Desta forma, está a obviar-se a questão de *-iz-* apenas ocorrer com *-ção* e não com outros sufixos rivais. No entanto, esta também é uma questão teórica, dado que é possível determinar que *-ção* é o único sufixo que seleciona *-iz-*.

6.2. Os não constrangimentos

Os dados apresentados até agora equacionam que nem todo o afixo possa anexar-se a todas as bases, mesmo dentro da restrição geral da categoria lexical entre

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

bases e produtos. Assim, um afixo como *-ção* opera na RFP de nomes de ação (não vamos questionar aqui o modelo desenhado desta forma) e, como tal, apenas se anexa a verbos. Esta é a restrição geral, que condiciona as categorias da base e do produto. Dentro desta restrição geral, observámos que existem outras restrições particulares, a que chamámos subpadrões. No modelo de RFPs, uma série de afixos opera dentro de cada RFP. Cada um desses afixos não pode anexar-se a todas as bases possíveis, mas a multiplicidade de afixos assegura que pelo menos um afixo possa anexar-se a pelo menos uma base. Isto teoricamente, porque, na verdade, seria interessante verificar, por exemplo, quantas e quais das bases eventuais de uma RFP ficam, efetivamente, sem afixação e, logo, sem gerar nenhum produto (Isto, ressalvando ainda a hipótese da conversão). O verbo *ser*, por exemplo, não gera nomes de evento, talvez por designar um estado. A grande preocupação por parte dos estudiosos tem sido explicar as restrições afixais (por que motivo um afixo não se anexa a uma base, mesmo dentro daquelas que estão previstas no input da RFP em que o afixo opera).

No entanto, a questão oposta surge igualmente com o mesmo nível ou até num nível superior de perturbação indagatória. Por que motivo ocorrem afixos, dentro da mesma RFP, que se anexam às mesmas bases, como observável nos Quadros 8, 9 e 10? Esta é uma questão escassamente estudada (Rodrigues 2008; Rodrigues & Rio-Torto 2013, Trips 2008). Vejam-se, no entanto, Plag (2000), Lindsay (2012), Lindsay & Aronoff (2013), Grabar et alii (2006), Fradin (2012), Fábregas (2010), Martin (2010), Arndt-Lappe (2014), a propósito da especialização afixal, e Bauer (2006), Arndt-Lappe (2014) e Hegedüs (2014), a propósito da competição entre afixos sob uma perspectiva diacrónica.

| |
|--|
| Nomes deverbais |
| <i>lavação, lavagem, lavada, lavadela, lavamento, lavadura, lava</i> |
| <i>tosquiação, tosquiamento, tosquiada, tosquiadela, tosquia</i> |
| <i>moição, moimento, moagem, moidela, móida, moedura</i> |

Quadro 8. Multiplicidade afixal em nomes deverbais

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

| |
|--|
| Verbos deadjetivais |
| <i>amarelecer, amarelejar</i> ¹⁸ |
| <i>mancar, manquejar</i> |
| <i>branquear, embranquecer, esbranquiçar</i> |
| <i>doidejar, endoidecer, adoidar, endoidar</i> |

Quadro 9. Multiplicidade afixal em verbos deadjetivais

| |
|------------------------------------|
| Nomes deadjetivais |
| <i>tristeza, tristura</i> |
| <i>fineza, finura</i> |
| <i>alteza, altura</i> |
| <i>magridade, magreza, magrura</i> |
| <i>pretura, pretidão</i> |
| <i>negrume, negrura, negridão</i> |

Quadro 10. Multiplicidade afixal em nomes deadjetivais

6.2.1 Dados empíricos sobre afixação múltipla paradigmática

Esta questão não é intrigante se tomarmos, por exemplo, a prefixação locativa. Prefixos como *sub-*, *sobre-*, *circum-*, *ante-*, *pós-* podem anexar-se à mesma base, como em *sub-escolar*, *sobre-escolar*, *circum-escolar*, *ante-escolar*, *pós-escolar*.¹⁹

A razão destas múltiplas possibilidades reside na forte carga semântica que cada um destes prefixos possui, a que não deverá ser alheia a sua origem preposicional. Nestes casos, não é semanticamente indiferente a opção por um ou outro prefixo.

Contudo, no caso da sufixação, em que os afixos não revelam uma carga semântica tão saliente quanto os prefixos, a visão tradicional tem consistido em observá-los como operadores ao serviço de cada RFP. Embora se lhes reconheça carga semântica, essa carga não é tão nítida como nos prefixos e parece estar ao serviço do próprio semantismo da RFP. Isto é mantível, independentemente de considerarmos que

¹⁸ O primeiro é inacusativo com alternância transitiva; o segundo é inergativo.

¹⁹ Todas as formas foram encontradas através do motor de pesquisa *google*.

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

a RFP preexiste aos seus produtos ou que a RFP é ela mesma um produto de uma série de produtos lexicais. Neste caso, aparentemente, em termos de resultados semânticos parece indiferente o sufixo particular por que se opta para formar nomes de evento, ou verbos deadjetivais, ou nomes de qualidade, dado que todos eles servem o propósito de gerar nomes que designam ‘evento’, ‘verbos de mudança’ e ‘qualidade’, respetivamente. Excluimos as restrições estruturais que aqui observámos, evidentemente.

Em suma, para gerar um nome de evento, por exemplo, seria suficiente optar por um e apenas um sufixo operador naquela RFP, desde que aquele não infringisse nenhuma das restrições estruturais.

Os dados empíricos, no entanto, não corroboram essa hipótese, como observável nos exemplos apresentados nos Quadros 8, 9 e 10, todos dicionarizados, mas também em exemplos colhidos no Google (enunciados 58 a-i; k-w) ou em enunciados orais (enunciado 58j). Assim, a par dos institucionalizados *processamento*, *descongelação*, *descongelamento*, *sofrimento*, *matança*, *matação*, *matadura*, *desmatamento*, *forração*, *detalhamento* podem encontrar-se deverbais como aqueles assinalados nos seguintes enunciados (58):

- (58) a. «INF e escolha instalar! Clique para expandir... ha tá. fiz isso e deu uma **processada** bem rapido isso quer dizer q ja instalou neh?»²⁰
- b. «Como diminuir a distancia entre a processagem, a armazenagem e o uso da informação? É que a definição de aprendizagem envolve estas três etapas:processar, armazenar e usar a informação [...]. Ah , bão. Pensei que o sr. também ia dizer "informagem". Mas os processos de armazenamento nos informam que no fim dá tudo certo.»²¹
- c. «Foi assim que meu coração deu uma **descongelada** e eu resolvi dar mais uma chance para o amor»²²
- d. «O ideal é descongelar a comida num copinho e depois dar-lhe descongelada e lavada. Vantagens: Agua suja da **descongelagem** não vai»²³
- e. «como não descongelar mais de 5 bifés por dia e deixar a porta aberta 15 minutos depois de cada **descongeladela**.»²⁴

²⁰ www.hardware.com.br/comunidade/cirrus-logic/752829/

²¹ <https://br.answers.yahoo.com/question/index?qid.>

²² <https://sobrecoisanenhuma.wordpress.com/>

²³ www.aquariofilia.net › ... › CICLIDEOS ANÕES

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

- f. «E não apenas eu, toda a staff deu uma **sofrida** nas últimas semanas. Por esse e vários outros motivos, decidimos entrar “de férias” este mês.»²⁵
- g. «A graminha do Bob deu uma **sofrida** com o fim da seca»²⁶
- h. «é uma coisa complicada , mas nem nessa altura fiquei tão ansioso como agora para ter um telemovel , isto é uma **sofridela** que vai la vai»²⁷
- i. «13/06/2012 - A **sofridela** volta para o nosso lado contra os Checos que chega...já... já a seguir.»²⁸
- j. «Que **sofrença**...»²⁹
- k. «Então o Brasil tá com dois problemas na Amazônia: desmatamento e **matamento**! E querem dividir o Pará em dois Estados.»³⁰
- l. «Sobre a Operação **Matamento**, desfechada ontem pela Polícia Federal em Marabá, e motivo de dois pedidos de esclarecimentos aqui no blog»³¹
- m. «É que o Facebook deu uma **matada** boa nos blogs»³²
- n. «**Desmatação** e decapagem do terreno com arbustos, até uma profundidade mínima de 25 cm, com meios mecânicos»³³
- o. «1 - A desarborização e a **desmatagem** consistem em retirar as árvores, arbustos, mato e folhagens dos terrenos da albufeira de modo a preservar a qualidade»³⁴
- p. «O barbeiro deu uma **desmatada** bem maior em um lado do cabelo»³⁵
- q. «Inibir a penetração de íons metálicos das restaurações de amálgama para a ... de suspensão é suficiente para um **forramento** adequado»³⁶
- r. «Aprenda a fazer o **Detalhamento** de Crédito do INSS.»³⁷
- s. «**detalhação** do percurso e da obra, a relação com a Junta de Salvação Nacional.»³⁸

²⁴ forum.autohoje.com > Autohoje Fórum > Boxes

²⁵ lightnovelproject.com.br/tag/mimizuku

²⁶ comalaemcasa.com.br/2014/10/nossa-pequena-hortinha/

²⁷ forums.oneplus.net > Language > Português

²⁸ florbytesemmemoria.blogs.sapo.pt/328515.html

²⁹ Ouvido regularmente a falante culto, masculino, 38 anos, Porto.

³⁰ avaranda.blogspot.com/.../jose-simao-socuerro-matamento-no-para.html

³¹ quintaemenda.blogspot.com/2007/06/**matamento**.html

³² www.motozoo.com.br/index.php/author/mario/page/5/

³³ www.geradordeprecos.info/.../**terreno**/.../**Desmatacao**.../ADL010_**Desmata**

³⁴ bdjur.almedina.net/citem.php?field=item_id&value=1124832

³⁵ bitroad.net/l/aeroporto-internacional-de-manaus-eduardo-gomes.../3/

³⁶ www.forp.usp.br/restauradora/dentistica/temas/prot.../prot_pulpar.html

³⁷ www.dataprev-inss.com > Benefícios

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

- t. «E o pessoal da F-Secure deu uma **detalhada** maior na forma como funciona.»³⁹
- u. «Eu que por norma gosto de ter o capot aberto para apreciar o lindo K-series ou para dar uma **detalhada** no motor»⁴⁰
- v. «Após a decapagem, seguiu-se a **detalhagem** do modelo. Alguns dos detalhes consistiram na execução de peças em resina»⁴¹
- w. «A fase da **detalhagem** interior: As camas e bancos foram pintados de roxo»⁴²

Para mais fácil observação dos deverbais, apresentamo-los no Quadro 11:

| Deverbal dicionarizado | Deverbal encontrado no google ou em enunciados orais |
|---------------------------------------|---|
| <i>processamento</i> | <i>processada, processagem</i> |
| <i>descongelamento, descongelação</i> | <i>descongelada, descongeladela, descongelagem</i> |
| <i>sofrimento</i> | <i>sofrença, sofrida, sofridela</i> |
| <i>matança, matação, matadura</i> | <i>matada, matamento</i> |
| <i>desmatamento</i> | <i>desmatada, desmatação, desmatagem</i> |
| <i>forração</i> | <i>forramento</i> |
| <i>detalhamento</i> | <i>detalhagem, detalhadela, detalhada, detalhação</i> |

Quadro 11. Multiplicidade afixal em deverbais eventivos

O que é intrigante é que a mesma base opte por vários sufixos e gere, assim, vários nomes eventivos. Todos eles designam ‘evento’. Para quê? Porquê? Trata-se de sinónimos que corroboram a nossa crítica em relação à hipótese de bloqueio?

Será que os dados constantes nestes Quadros mostram que os falantes andam distraídos e não memorizaram uma certa forma e desatam a construir outras? Observe-

³⁸ anabelamotaribeirol.pt/jacinto-nunes-98826

³⁹ www.hertzonegs.com/#!/Bot-ladrão-de-carteiras-é-visto-nos

⁴⁰ forum.autohoje.com > Autohoje Fórum > Road-book

⁴¹ <https://sites.google.com/site/...cp.../osmeusmodelos-cp-loco-1225>

⁴² <https://sites.google.com/site/carrilhocomboios/...cp.../u-hansasimples>

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

se que estas formas estão, inclusivamente, dicionarizadas, pelo que não são meramente esporádicas. É verdade que o léxico é dinâmico, mas tanto? Ou isto mostra que esse dinamismo é, afinal, caótico? Que, afinal, teorizámos tantas restrições, mas estas são em número tão limitado que não servem para organizar a geração de palavras? Ou mostram afinal exatamente essa organização?

Frente a estes dados empíricos, cabe-nos, pois, questionar se esta multiplicidade afixal paradigmática gera sinónimos puros e como é possível a operacionalização dessa afixação múltipla paradigmática. Aparentemente são meros sinónimos, mas há matizes entre eles que não são verificáveis facilmente.

Socorrer-nos-emos de explicações teóricas para a compreensão destes dados. Saliente-se que uma explicação excludente apenas faz sentido diante das restrições de seleção observadas na secção 6.1 e não perante a multiplicidade afixal.

As restrições analisadas na secção 6.1 são fenómenos excludentes, no sentido de existir uma característica numa base que exclui a adjunção de um determinado afixo. No entanto, dado existirem bases que admitem vários afixos, não é adequado conceber que o princípio da exclusão seja totalitário no domínio da formação de palavras, como demonstrado em Rodrigues (2014).

6.2.2 Uma proposta para a admissão múltipla de afixos

A solução está em observarmos as bases e compreender a riqueza semântica que elas oferecem à seleção afixal, baseando-nos em Rodrigues (2008, 2014) e Rodrigues & Rio-Torto (2013). Partimos do pressuposto de que a estrutura conceptual de um item lexical é uma estrutura composicional, constituída por primitivos semânticos, seguindo Lieber (2004, 2014) e de que os afixos selecionam traços semânticos das bases, apoiando-nos em Lieber (2006) e nos trabalhos de Rodrigues (e Rio-Torto) supramencionados.

Em primeiro lugar, é de salientar que as bases que mais se prestam à multiplicidade afixal são bases verbais e, dentro destas, as transitivas (cf. Rodrigues

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

2008), ainda que as restantes bases não excluam a multiplicidade afixal.⁴³ Porquê este desfasamento entre os tipos de verbos? Porque a estrutura léxico-semântica dos verbos transitivos é mais complexa, ou seja, tem mais material de atração para cada afixo, do que a de outros verbos. Digamos que tem mais matéria-prima com que se possam produzir derivados.

Observaremos em seguida a constituição dessa matéria-prima disponibilizada pelos verbos transitivos.

6.2.2.1 A cadeia de evento causativa

A importância da extensão da cadeia de evento causativo para a seleção afixal foi já apontada por Martin (2010) para o francês, no seu estudo acerca da formação de deverbais em *-ion*, *-age* e *-ment*. De acordo com Martin (2010: 118-119), em francês, o sufixo *-ment* apenas seleciona o subevento que indica a mudança de estado do evento, enquanto *-age* seleciona toda a cadeia de causação.

Observando as bases de verbos causativos, estipulamos que a sua estrutura léxico-semântica pode ser descrita da seguinte forma, seguindo a proposta de Levin & Rappaport Hovav (1995: 94) corroborada por Lieber (2014: 57-58):

[[x FAZER-ALGO] CAUSAR [y TORNAR-SE *ESTADO*]].

A nossa proposta (Rodrigues 2014) sugere que cada sufixo seja semanticamente mais compatível com um determinado subevento da cadeia causativa, pelo que irá coindexar-se com essa componente semântica. Assim sendo, daqui decorrerão efeitos semânticos no produto eventivo que se refletem na construção do enunciado.

Assim, o afixo pode indexar-se com o primeiro subevento, com o segundo, com o terceiro ou com o conjunto da cadeia eventiva.

Para captar qual ou quais das componentes é passível de ser adotada pelo afixo propomos os seguintes critérios (Rodrigues 2014):

-aceitação do complemento da passiva reflete adoção do subevento instigador da mudança de estado [x FAZER-ALGO], correspondente ao 1.º subevento;

-aceitação da construção ‘*não + ficar + particípio passado*’ reflete exclusão do 3.º subevento que corresponde a [y TORNAR-SE *ESTADO*]; e vice-versa.

⁴³ No caso dos verbos de emissão de som, parece haver tendência para a multiplicidade afixal ser de tipo avaliativo (e.g. *gritaria*, *berraria*, *grunhideira*, *guinchadeira*, *chieira*, *ronqueira*).

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

Por razões de espaço temporal, restringiremos a demonstração da nossa análise aos sufixos *-mento*, *-ção*, *-da* e *-dela* (veja-se Rodrigues (2014)).

Note-se que o comportamento do sufixo *-da* aqui analisado pertence ao português do Brasil, correspondendo a construções como *olhada*, *averiguada*, paralela à do português *olhadela* e *averiguadela*, e não ao sufixo *-da* enquanto ocorrente em nomes como *chamada*, *tomada*, *corrida*, etc.

Dados acerca do modo de funcionamento dos restantes sufixos deverbalizadores de evento podem ser observados em Rodrigues (2008).

6.2.2.1.1 Subevento 1: [x FAZER-ALGO]

6.2.2.1.1.1 Deverbais em *-da*

Os deverbais em *-da* rejeitam o complemento da passiva:

- (59)
- a. **A cozinhada da massa pela Ana demorou dois segundos.*
 - b. **A lida do Bhagavad Gita pela Ana foi demasiado rápida.*
 - c. **A fritada das maçãs pela Ana demorou dois segundos.*
 - d. **A decantada do vinho pela Maria demorou dois segundos.*
 - e. **A fulminada do pretendente pela imperatriz deu-se rapidamente.*

6.2.2.1.1.2 Deverbais em *-dela*

Os deverbais em *-dela* também rejeitam o complemento da passiva:

- (60)
- a. **A aquecedela da sopa pelo João demorou dois segundos.*
 - b. **A averiguadela do crime pelo inspetor demorou dois minutos.*
 - c. **A engraxadela das botas pelo Rui demorou dois segundos.*
 - d. **A coloradela das bactérias por Hans Gram demorou dois minutos.*

6.2.2.1.1.3 Deverbais em *-ção*

Os deverbais em *-ção* aceitam este complemento (exemplos 61):

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

- (61) a. *A averiguação do crime pelo inspetor demorou dois minutos.*
b. *A coloração das bactérias por Hans Gram demorou dois minutos.*
c. *A decantação do vinho pela Maria demorou dois segundos.*
d. *A fulminação do pretendente pela imperatriz deu-se rapidamente.*
e. *A refinação do cobre pelo operário demorou duas horas.*
f. *A congelação das amoras pela Helena demorou dois minutos.*

6.2.2.1.1.4 Deverbais em *-mento*

Os deverbais em *-mento* mostram comportamento ambivalente em relação ao complemento da passiva. São possíveis enunciados com complemento da passiva, como atestam os exemplos (62), colhidos na Linguateca:

- (62) a. *par=ext57981-clt-92a-1: «A apresentação à comunicação social destes dados foi feita, por António-Pedro Vasconcelos, no decorrer de uma recepção oferecida aos membros do SCALE pela Câmara do Porto, e no momento para que estava prevista a assinatura dum protocolo entre a autarquia portuense e o SNA para a recuperação dos cinemas da cidade, cujo súbito **cancelamento pelo Secretário de Estado da Cultura**, provocou a crise, por nós noticiada na edição do passado sábado, entre António-Pedro Vasconcelos e o gabinete de Santana Lopes.»*
b. *par=ext187489-pol-96b-2: «Essa mensagem foi (e é) a de que o custo do **congelamento** unilateral, **por Israel**, do processo de Oslo, será enorme.»*

No entanto, revela-se difícil encontrar em *corpora* estas ocorrências. Para além disso, nos casos de deverbais em *-mento* cuja base admite alternância inacusativa, o deverbais apenas aceita a leitura inacusativa, realizando-se a causa externa não como argumento, mas como adjunto (exemplos 63).

- (63) a. **O amarelecimento do coqueiro por um fitoplasma demorou dois meses.*
b. *O amarelecimento do coqueiro por causa do fitoplasma demorou dois meses.*
c. **O secamento dos damascos pelo sol demorou duas semanas.*

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

- d. *O secamento dos damascos ao sol demorou duas semanas.*
- e. **O enlouquecimento do investigador pelas várias hipóteses demorou dois minutos.*
- f. *O enlouquecimento do investigador por causa das várias hipóteses demorou dois minutos.*

Tal facto parece indicar que o sufixo *-mento* prefere a não inclusão do subevento 1 instigador do evento, embora não o rejeite completamente.

6.2.2.1.2 Subevento 3: [y *TORNAR-SE ESTADO*]

A não adoção do subevento 3 pelo afixo nominalizador mostra-se na aceitação da construção ‘*não+ficar+particípio passado*’ (Jackendoff 1990: 133).⁴⁴

6.2.2.1.2.1 Deverbais em *-da*

Os deverbais com o sufixo *-da* admitem a construção em análise, revelando que este sufixo não implica o subevento 3, que corresponde ao subevento final da cadeia causativa.

- (64)
- a. *A Ana deu uma cozinhada na massa, mas não ficou cozinhada.*
 - b. *A Ana deu uma lida no Bhagavad Gita, mas não ficou lido.*
 - c. *A Ana deu uma fritada nas maçãs, mas não ficaram fritas.*
 - d. *A Ana deu uma decantada no vinho, mas não ficou decantado.*
 - e. *A imperatriz deu uma fulminada no pretendente, mas não ficou fulminado.*

6.2.2.1.2.2 Deverbais em *-dela*

⁴⁴ Note-se que a (não) aceitação desta construção não depende, nos casos aqui apresentados, do semantismo do verbo, pois são usados deverbais a partir das mesmas bases.

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

Igual comportamento revelam os nomes em *-dela*, que também admitem a construção de ‘não + *ficar* ‘to get’ + particípio passado’:

- (65) a. *O João deu uma aquecedela na sopa, mas não ficou aquecida/quente.*
b. *O inspetor fez uma averiguadela do crime, mas não ficou averiguado.*
c. *O Rui deu uma engraxadela às botas, mas não ficaram engraxadas.*
d. *Hans Gram deu uma coloradela às bactérias, mas não ficaram coloradas.*

6.2.2.1.2.3 Deverbais em *-ção*

Comportamento diferente exibem os deverbais em *-ção*, que não admitem a construção de ‘não+*ficar*+particípio passado’. Tal rejeição é justificada pela inclusão pelo sufixo *-ção* do 3.º subevento no semantismo do verbal.

- (66) a. **O inspetor procedeu à averiguação do crime, mas não ficou averiguado.*
b. **Hans Gram procedeu à coloração das bactérias, mas não ficaram coloradas.*
c. **A Maria procedeu à decantação do vinho, mas não ficou decantado.*
d. **O pretendente sofreu a fulminação pela imperatriz, mas não ficou fulminado.*

6.2.2.1.2.4 Deverbais em *-mento*

No que diz respeito aos deverbais em *-mento*, estes aceitam a construção em análise, pois não implicam no seu semantismo o 3.º subevento como obrigatório.

- (67) a. *O metal passou por um processo de derretimento, mas não ficou derretido.*
b. *Os damascos passaram por um processo de secamento ao sol, mas não ficaram secos.*

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

c. *O investigador passou por um processo de enlouquecimento, mas não ficou enlouquecido/louco.*

6.2.2.1.3 Súmula

O Quadro 12 apresenta uma súmula dos dados até aqui apresentados.

| Sufixo | Complemento da passiva | Implicação obrigatória do subevento 3 (y TORNAR-SE <i>ESTADO</i>) ('não + <i>ficar</i> + particípio passado) |
|---------------|------------------------|---|
| <i>-da</i> | Não | Não |
| <i>-dela</i> | Não | Não |
| <i>-ção</i> | Sim | Sim |
| <i>-mento</i> | Não/Sim | Não |

Quadro 12. Súmula do comportamento dos sufixos nominalizadores em co-texto de complemento da passiva e da construção 'não + *ficar* + particípio passado'

Até aqui conseguimos distinguir as implicações semânticas do sufixo *-ção* por oposição a *-mento*. De resto, trata-se da tarefa mais difícil. Essa oposição explica, por exemplo, intuições em relação aos mesmos sufixos avançadas em Rodrigues (2008), mas que não puderam então ser demonstradas através de critérios de construções co-textuais. Vejam-se os exemplos de *salvação* e *salvamento* e de outros pares apontados em Rodrigues (2008: 297-298).

«[...] a unitariedade temporal da efectuação do evento em *-ção*, contraposta à distributividade ou dispersão temporal do processamento acarretado por *-mento*, visível em pares como *salvamento/salvação*, *afloração/afloramento*, *compartimento/compartição*, *despovoamento/despovoação*, *ordenamento/*

ordenação, *estancamento/estancamento*, *desencantamento/descantamento*, *povoamento/povoação*, *rendimento/rendição*, *congelamento/congelação*, *apuramento/apuração*, *isolamento/isolação*, *embarcamento/embarcação*, *escoamento/escoação*, *estragamento/estragação*, *estrangulamento/estrangulação*, *ligamento/ligação*, *reportamento/reportação*, *reptamento/reptação*, *arrecadação/arrecadamento*.

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

[...]

Nestes co-textos ressalta o carácter inconclusivo de *salvamento*, dado enformar o *evento* de *salvar* como o decurso processual do mesmo e não a obtenção imediata do efeito do evento como acontece em *salvação*. *Salvamento* designa, assim, o evento em construção, pelo que é seleccionado para co-textos cujo objecto implique actuação espalhada temporalmente sem indicação de ponto de completude, como o são o de *salvamento de Bracara Augusta* ou *salvamento de narcissus*.

Se colocássemos *salvação* em referência a plantas ou espaços arqueológicos ou ainda a indivíduos humanos, obter-se-ia uma leitura de *salvar* atingido de modo completo e definitivo. Enunciados reconstruídos como *salvação de Bracara Augusta* ou *salvação de narcissus* ou ainda *salvação do homem* implicam que os objectos de cada enunciado estejam definitivamente salvos. Como tal, apenas com *salvação* e não com *salvamento* ocorre o verbo *atingir*. A agramaticalidade de **atingir o salvamento* deve-se ao carácter inconclusivo de *salvamento*, pelo que não pode ser desenhado como alvo, ou seja, como esfera unitariamente simples para que se possa ‘atingir’, ou seja, ‘conseguir de um só acto’.

É este carácter de acção una e definitiva, no sentido de não dimensionar o evento como gradativo, que sobressai nos co-textos que a seguir apresentamos relativamente a *salvação*. Destes co-textos destacamos aqueles que dizem respeito à dimensão religiosa. É que o evento *salvar*, tal como concebido teologicamente, apenas pode ser enformado através do sufixo *-ção*, devido ao seu carácter definitivo e temporalmente uno. A mesma moldagem ocorre num título de Camilo Castelo Branco - *Amor de salvação* - onde não caberia *salvamento* (**amor de salvamento*).»

A distinção entre *-mento* e *-da* e *-dela* far-se-á em seguida.

6.2.2.2 Traços de ‘duração’ e ‘cuidado’ em relação ao evento

Os sufixos *-da* e *-dela* apresentam semanticamente os traços [-lento] e [-cuidado]. Assim sendo, os seus produtos rejeitam os modificadores *cuidadoso*, *meticuloso*, *lento*, *demorado*. Pelo contrário, aceitam modificadores como *negligente*, *descuidado*, bem como *rápido* e *apressado*.

(68) a. A Ana deu uma cozinhada rápida e descuidada na massa.

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

- b. **A Ana deu uma cozinhada lenta e cuidadosa na massa.*
 - c. *A Ana deu uma fritada apressada e descuidada nas maçãs.*
 - d. **A Ana deu uma fritada meticulosa e demorada nas maçãs.*
- (69)
- a. *O João deu uma aquecedela rápida e descuidada à sopa.*
 - b. **O João deu uma aquecedela demorada e meticulosa à sopa.*
 - e. *O Rui deu uma engraxadela rápida e descuidada às botas.*
 - f. **O Rui deu uma engraxadela demorada e cuidadosa às botas.*
 - g. *Hans Gram deu uma coloradela apressada e descuidada às bactérias.*
 - h. **Hans Gram deu uma coloradela meticulosa e lenta às bactérias.*

Os sufixos *-ção* e *-mento* aceitam ambas as séries de modificadores, pois não incluem nos seus semantismos os traços em causa, nem negativa nem positivamente.

- (70)
- a. *A Ana procedeu ao amarelecimento lento e cuidadoso das folhas.*
 - b. *A Ana procedeu ao amarelecimento rápido e descuidado das folhas.*
 - c. *A Ana procedeu ao secamento meticuloso e lento dos damascos.*
 - d. *Os damascos passaram por um processo de secamento rápido e descuidado.*
 - e. *O operário procedeu ao derretimento demorado e cuidadoso do metal.*
 - f. *O metal passou por um processo de derretimento rápido e negligente.*
- (71)
- a. *O inspetor procedeu à averiguação rápida e descuidada do crime.*
 - b. *O inspetor procedeu à averiguação demorada e meticulosa do crime.*
 - c. *Hans Gram procedeu à coloração lenta e cuidadosa das bactérias.*
 - d. *A Maria procedeu à decantação lenta e cuidadosa do vinho.*
 - e. *A Maria procedeu à decantação rápida e descuidada do vinho.*

6.2.2.3 Súmula

No Quadro 13 apresentamos uma súmula do comportamento co-textual dos sufixos nominalizadores.

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

| Sufixo | Complemento <i>da passiva</i> | Implicação obrigatória do subevento 3 (y) TORNAR-SE ESTADO ('não + <i>ficar</i> + particípio passado) | Modificadores <i>lento, cuidadoso</i> |
|---------------|-------------------------------|--|---------------------------------------|
| <i>-da</i> | Não | Não | Não |
| <i>-dela</i> | Não | Não | Não |
| <i>-ção</i> | Sim | Sim | Sim |
| <i>-mento</i> | Não/Sim | Não | Sim |

Quadro 13. Súmula dos comportamentos co-textuais dos sufixos nominalizadores com complemento *da passiva*, construção ‘não + *ficar* + particípio passado’ e dos modificadores *lento* e *cuidadoso*

Os sufixos *-da* e *-dela* partilham os mesmos traços semânticos. A sua distinção é dialetal. Ainda que ambos ocorram no português europeu e no português do Brasil, o sufixo *-dela* é mais produtivo no português europeu, enquanto o sufixo *-da* é mais produtivo no português brasileiro, enquanto constructo que acompanha o verbo leve *dar*. Uma pesquisa no *Google* devolve quase qualquer deverbis em *-da* em coocorrência com este verbo leve (exemplos 72).

(72) a. «Se souber algo te aviso, vou **dar uma pesquisada**, amanhã colo aqui»⁴⁵

b. «07/11/2014 - Será que compensa fazer o OC? -> Estive a **dar uma pesquisadela** e vi que fazer OC estraga/reduz o tempo de vida do sistema, será verdade?»⁴⁶

c. «Também temos que repensar a estrutura, vamos **dar uma enxugada** para diminuir custos»⁴⁷

d. «Precisando **dar uma enxugada** na barriga? Dê uma olhada nesses 8 passos»⁴⁸

⁴⁵ kanato_.ask.fm/tomeicafe/answer/112063721863

⁴⁶ www.pcdiga.net › ... › Ajuda/Configurações PCDIGA – Desktops

⁴⁷ pioneiro.clicrbs.com.br › Pioneiro › Esportes

⁴⁸ https://ptbr.facebook.com/BrasilFitnessCascavel/posts/556304504384850

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

- e. «Até agora, o apetrecho mais eficiente foi a toalha, para **dar uma enxugadela** ao pelo e o cão não ficar molhando tudo por onde se encostam»⁴⁹
- f. «Creio que devamos, **dar uma estudada** em quais artigos foram vetados e quais não foram»⁵⁰
- g. «... sobre baterias, não precisas de te assustar e saber tudo já de rajada, mas ajuda de vez em quando **dar uma estudadela** sobre o assunto»⁵¹
- h. «Gostaria que entrasse em contato com o José, meu mecânico, para ele **dar uma avaliada** e verificar o que ocorreu»⁵²
- i. «O pessoal importa-se de **dar uma avaliadela** nisto sff?»⁵³
- j. «Agora o ideal é **dar uma cortada** nas pontas, o Gui (cabeleireiro) daqui já esta puxando minha orelha»⁵⁴
- k. «Já pensou em **dar uma cortadela**?! O seu cabelo vai adorar»⁵⁵
- l. «Eis que ontem cedo descí até a garagem de casa, munido de algumas flanelas, algodões e cera para **dar uma encerada** na vespa!»⁵⁶
- m. «Mas se calhar vou retirá-las, até porque kero **dar uma enceradela** valente ao carro»⁵⁷

Estes dados encontram-se sistematizados no Quadro 14.

| Verbo leve <i>dar</i> + deverbais em <i>-da</i> (PB) | Verbo leve <i>dar</i> + deverbais em <i>-dela</i> (PE) |
|--|--|
| <i>dar uma pesquisada</i> | <i>dar uma pesquisadela</i> |
| <i>dar uma enxugada</i> ‘diminuir; emagrecer’ | <i>dar uma enxugadela</i> ‘secar’ |
| <i>dar uma estudada</i> | <i>dar uma estudadela</i> |
| <i>dar uma avaliada</i> | <i>dar uma avaliadela</i> |
| <i>dar uma cortada</i> | <i>dar uma cortadela</i> |
| <i>dar uma encerada</i> | <i>dar uma enceradela</i> |

Quadro 14. Deverbais em *-da* e em *-dela* com verbo leve *dar*

⁴⁹ <https://groups.google.com/d/msg/caes-guia/.../igoDL7EqNUkJ>

⁵⁰ <https://www.facebook.com/vetatudodilma/.../390926450943639?...>

⁵¹ www.rccrawler.pt/forum/viewtopic.php?f=65&t=221

⁵² <https://books.google.pt/books?id=2AhMBQAAQBAJLaÉrcio PÉrico>

⁵³ forum.nutribody.pt/viewtopic.php?p=123709

⁵⁴ biancaquagliato.com.br/looks/minhas-luzes/

⁵⁵ <https://pt-br.facebook.com/pages/Mshow-oficinade.../62742605064968...>

⁵⁶ www.motosclassicas80.com.br/2014/09/a-pane-seca.html

⁵⁷ www.tdi.pt/forum/viewtopic.php?f=31&t=937&start=10

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

Em suma, assumimos, com Plag (1999, 2000) e contra a hipótese separacionista defendida por Beard (1995)⁵⁸, que os sufixos possuem traços semânticos. Esta visão é suportada por estudos psicolinguísticos (Feldman; O'Connor & Moscoso del Prado Martín (2009); Kuperman; Bertram & Baayen (2010)), que evidenciam que, na leitura, a informação morfossemântica, e não apenas morfo-ortográfica, se revela determinante para o processamento lexical.

Os semantismos dos afixos não são observáveis de modo direto, mas através da comparação de deverbais com sufixos diferentes e com a mesma base pertencentes à mesma RFP e de deverbais de bases diferentes com os mesmos sufixos.

Os sufixos *-da* e *-dela* rejeitam o subevento 1 (instigador do evento) e o subevento final (subevento 3) que encerra o efeito da mudança de estado no objeto. Assim, os sufixos *-da* e *-dela* atêm-se ao subevento 2 (causar). A acrescentar a este traço semântico, há ainda o traço avaliativo [-lento; -cuidado].

O sufixo *-mento* não se atém preferencialmente ao subevento 1 (instigador do evento) nem ao subevento final 3. Atém-se ao subevento 2. Ao contrário dos sufixos *-da* e *-dela*, não tem marca quanto à avaliação [-lento; -cuidado].

O sufixo *-ção* admite o subevento 1 (que instiga o evento), o subevento 2 (causa) e o subevento 3 (efeito da mudança de estado no objeto). O sufixo *-ção* também não é marcado em relação aos traços avaliativos [-lento; -cuidado].

6.3. Mecanismo de coindexação

Podemos agora colocar as seguintes questões como forma de refletir sobre os dados analisados:

- a) Por que motivo nomes de evento com diferentes sufixos apresentam diferenças semânticas entre si?
- b) Podemos afirmar que estes sufixos se comportam como rivais, competindo uns com os outros de modo a que apenas um fosse admitido pelo verbo?

⁵⁸ Recordemos que a hipótese separacionista (Beard 1995) advoga que os afixos são diferentes realizações fonológicas de uma derivação lexical subjacente e, como tal, são perfeitos sinónimos. Pelo contrário, a hipótese *sign-based* (Plag 1999, 2000) sustém que cada sufixo, mesmo operador no mesmo paradigma genolexical, é detentor de identidade semântica.

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

6.3.1 Por que motivo nomes de evento com diferentes sufixos apresentam diferenças semânticas entre si?

Como já observámos, os sufixos são detentores de traços semânticos. Esses traços semânticos apresentam maior ou menor compatibilidade com cada um dos traços semânticos da base. Essa compatibilidade é de tipo semântico (Rodrigues 2008, 2014; Rodrigues & Rio-Torto 2013).

Através de um processo de coindexação entre os traços do sufixo e os traços da estrutura léxico-semântica da base obtém-se o produto. O mecanismo de coindexação foi formulado por Lieber (2004). Na formulação desta autora, a coindexação opera com estruturas semânticas e sintáticas em simultâneo; ou seja, o mesmo mecanismo está dependente das duas estruturas. Em Rodrigues (2008) desenvolveu-se outra conceptualização do mecanismo de coindexação.

Nesta conceptualização, apenas os traços semânticos operam neste mecanismo, por se considerar que os elementos de cada fiada de cada estrutura de um item são mais diretamente sensíveis aos elementos da fiada correspondente da mesma estrutura de outro item do que a elementos localizados numa estrutura diferente. Por outras palavras, os traços semânticos do afixo respondem a traços semânticos da base e não a traços sintáticos, mesmo quando estão em jogo estruturas, como a estrutura temática, que possuem interface com a estrutura argumental, que faz a interface com a estrutura sintática (se seguirmos um modelo como o da *Lexical-Functional Grammar*). A correlação entre a sintaxe do produto e a sintaxe da base advém de uma ligação *a posteriori*. Mas na verdade o deverbal não herda diretamente a estrutura argumental da base, pois há uma intervenção do sufixo no resultado final (Rodrigues 2008).

Analisemos os processos de coindexação nos deverbais em foco:

- Estipulámos que os sufixos *-da* e *-dela* apresentam os traços [subevento 2] e [-lento; -cuidado]. Imaginemos que surge um verbo causativo que, recordemos, possui a seguinte estrutura léxico-semântica:

[[x FAZER-ALGO] CAUSAR [y TORNAR-SE ESTADO]].

A componente semântica da base mais compatível com a componente semântica de *-da* e *-dela* é justamente aquela que é mais semelhante a esta, neste caso o subevento [CAUSAR], coincidente com a mudança de estado.

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

O traço semântico do sufixo [causar] coindexa com o traço semântico da base [causar].

No caso do sufixo *-mento*, acontece a mesma coisa, ou seja, o traço semântico do sufixo é [causar] (subevento 2), coincidente com a mudança de estado. Coindexa, pois, com o traço subevento 2 da base verbal.

No entanto, *-mento* não se encontra marcado quanto aos traços [-lento; -cuidado], obtendo-se assim uma diferenciação entre os produtos em *-mento* e os produtos em *-da* e *-dela*.

Com o sufixo *-ção*, dado que este encerra na sua semântica os traços [_x FAZER-ALGO], [CAUSAR] e [_y TORNAR-SE *ESTADO*], cada um destes vai coindexar com os traços correspondentes da base. Assim, a leitura obtida nos derivados em *-ção* é de ‘perfectivização’ do evento.

Os diferentes matizes semânticos existentes entre os vários derivados de evento advêm das diferenças semânticas dos sufixos e da subsequente resposta em termos de mecanismo de coindexação que aquelas representam em relação às componentes da estrutura léxico-semântica das bases. O traço semântico do sufixo salienta o traço da base que é mais compatível consigo. Digamos que aquele traço sai redobrado no produto. Este tipo de análise, desenvolvido em Rodrigues (2008), é também proposto por Trips (2008) relativamente aos sufixos *-dom*, *-hood* e *-ship* do inglês (*e.g. kingdom, kingdom, kingship*), através de uma abordagem diacrónica. Os sufixos analisados por Trips decorrem de uma gramaticalização a partir de nomes do inglês antigo (*dōm* ‘autoridade, julgamento’, *hād* ‘estatuto, posto’, *scipe* ‘estado resultante, condição’), o que não se verifica nos sufixos do português em análise.

6.3.2 Notação

Como se pode representar o mecanismo de coindexação?

O mecanismo de coindexação é marcado por índices (Quadros 15, 16 e 17). Para uma explicação pormenorizada, veja-se Rodrigues (2008: 255-267).

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

| | | | | | |
|-------------------|----------------------|---|------------------|----------------------|------------------------------------|
| | | Traços do verbo [[x FAZER-ALGO] CAUSAR [y TORNAR-SE ESTADO]] | | | Traços do sufixo - <i>mento</i> |
| Verbo base | Nome deverbal | [x FAZER-ALGO] | CAUSAR | [y TORNAR-SE ESTADO] | causar |
| <i>tosquiar</i> | <i>tosquiamento</i> | E | E ^{e,s} | E | S ^s |

Quadro 15. Mecanismo de coindexação semântica do sufixo *-mento* com a base verbal

| | | | | | | |
|-------------------|--|---|------------------|----------------------|--|------------------------|
| | | Traços do verbo [[x FAZER-ALGO] CAUSAR [y TORNAR-SE ESTADO]] | | | Traços do sufixo <i>-dela</i> e <i>-da</i> | |
| Verbo base | Nomes deverbal | [x FAZER-ALGO] | CAUSAR | [y TORNAR-SE ESTADO] | [CAUSAR] | [-lento; - cuidado] |
| <i>tosquiar</i> | <i>tosquiada</i> <i>tosquiadela</i> | E | E ^{e,s} | E | S ^s | S ^s |

Quadro 16. Mecanismo de coindexação semântica dos sufixos *-dela* e *-da* com a base verbal

| | | | | | |
|-------------------|----------------------|---|------------------|----------------------|--|
| | | Traços do verbo [[x FAZER-ALGO] CAUSAR [y TORNAR-SE ESTADO]] | | | Traços do sufixo <i>-ção</i> |
| Verbo base | Nome deverbal | [x FAZER-ALGO] | CAUSAR | [y TORNAR-SE ESTADO] | [[x FAZER-ALGO] CAUSAR [y TORNAR-SE ESTADO]] |
| <i>tosquiar</i> | <i>tosquiação</i> | E ^{e,s} | E ^{e,s} | E ^{e,s} | S ^s |

Quadro 17. Mecanismo de coindexação semântica do sufixo *-ção* com a base verbal

6.3.3 Rivalidade entre os afixos?

Após esta abordagem, podemos afirmar que nestes casos de não restrição, ou seja, de multiplicidade afixal, os afixos não atuam como rivais, pois não competem entre si de modo a excluírem-se uns aos outros, ao contrário do estipulado por Plag (2003: 88). A mesma conclusão é apresentada por Trips (2008). Cada afixo aproveita da base os componentes com que é compatível. Significa que, se os sufixos têm traços

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

diferentes, vão aproveitar elementos diferentes das bases, gerando deverbais com matizes semânticos. Como refere Trips (2008: 146),

«[...] although they share meaning, they are semantically different enough to coexist.».

Essa perspectiva está de acordo com a proposta de Lindsay (2012), Lindsay & Aronoff (2013) Aronoff (2013, 2015) e Aronoff & Lindsay (2014, 2015), que consideram uma explicação darwinista, alicerçada na seleção natural, para a manutenção no sistema de afixos aparente e potencialmente rivais. Os autores não trabalham a afixação múltipla paradigmática da mesma base. Contudo, debruçam-se sobre a existência de diferentes afixos com a mesma funcionalidade, ou seja, que operam dentro da mesma regra, pressupondo a economia do sistema. É este o caso de *-ic* e de *-ical* do inglês. Ambos os sufixos podem prevalecer no sistema, porque ocorreu uma especialização daquele que é menos produtivo (*-ical*). Essa especialização, que se converte num ecossistema em que o afixo menos produtivo pode sobreviver, atualiza-se na preferência que *-ical* tem sobre bases terminadas em *-olog-*. De outro modo, o menos produtivo perderia dimensão genolexical, deixando de atuar na geração de lexemas.⁵⁹

Em consequência desta especialização, os deverbais apresentam variação contextual. Para além dos co-textos que foram sendo explanados a propósito da compatibilidade com cada subevento e da semântica de [lento, cuidado], os deverbais apresentam disponibilidade diversa em relação a verbos leves (cf. Duarte; Gonçalves & Miguel (2006) e Duarte et aliae (2009)), tal como focado no capítulo 5 deste livro.

Assim, são possíveis enunciados como (73):

- (73) a. *O João deu uma tosquiada/dela nas ovelhas.*
b. *O João deu uma varrida/edela na sala.*
c. *O João deu uma envernizada/dela na porta.*

Contudo, não são possíveis enunciados como (74):

⁵⁹ Para uma visão continuada desta perspectiva darwinista em relação à morfologia, veja-se Aronoff (2015).

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

- (74) a. **O João deu um tosquiamento nas ovelhas.*
b. **O João deu um varrimento na sala.*
c. **O João deu um envernizamento na porta.*

6.4. Súmula

Que conclusões podem ser retiradas desta abordagem?

- A formação de palavras é um domínio dinâmico dependente de padrões que os falantes extraem implicitamente da língua.

- Existem restrições que impedem a adjunção de afixos às bases. Essas restrições são de vários domínios estruturais.

- Essas restrições operam em paralelo, o que mostra que a formação de palavras é uma interface entre as várias estruturas da linguagem.

- Essas restrições não explicam, no entanto, por que motivo a mesma base admite vários sufixos.

- Diferentes sufixos aparente ou potencialmente rivais podem ser selecionados pela mesma base, se se verificar uma especialização de cada afixo, que descondiciona a aparente rivalidade entre eles. É neste sentido explicativo que ancoramos a multiplicidade afixal, indo ao encontro de Lindsay & Aronoff (2013), Aronoff (2013) e Aronoff & Lindsay (2014, 2015), que propõem que o comportamento dos afixos pode ser explicado através da seleção natural. Significa isto que afixos aparentemente em competição mútua, que levaria à anulação de um deles, podem manter-se na língua se um deles encontrar um ecossistema, ou seja, uma especialização, que lhe permita a sobrevivência.

- Essa especialização decorre da compatibilidade entre traços semânticos da base e dos sufixos e advém do facto de os afixos conterem material semântico. Esta visão está de acordo com dados psicolinguísticos que mostram existir um papel importante da semântica morfológica nos níveis mais básicos do processamento lexical (Feldman; O'Connor & Moscoso del Prado Martín (2009); Kuperman; Bertram & Baayen (2010)).

- O traço semântico do afixo coindexa com traço semântico da base, resultando um produto em cujo semantismo sai enfatizado o traço ou conjunto de traços coindexados.

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

- A admissão de afixos far-se-á do seguinte modo: primeiro verifica-se se há restrições que impeçam a admissão de um afixo. Não havendo restrições, verifica-se a compatibilidade entre os traços semânticos. São escolhidos os sufixos que têm maior compatibilidade com os traços do verbo.
- Esse processo de coindexação tem resultados no semantismo do produto que modeliza a aspetualidade da base, no caso dos deverbais.
- Essa modelização tem consequências ao nível da realização em co-texto.

Capítulo 7. Lexicalizações: a formação de unidades multilexicais

As lexicalizações, entendendo-se sob esta designação a formação de unidades multilexicais, ou, para usar a terminologia de Wray (2002), as unidades formulaicas, como as fraseologias, as colocações, entre outras, são objeto de indagação sobre a sua integração no léxico, como já debatemos na secção 1.2.1. Para clarificarmos o objeto desta secção, avançamos a definição que Wray (2003: 9) constrói para *formulaic sequences*:

«a sequence, continuous or discontinuous, of words or other elements, which is, or appears to be, prefabricated: that is, stored and retrieved whole from memory at the time of use, rather than being subject to generation or analysis by the language grammar.».

Ainda que as sequências formulaicas possam parecer marginais à luz das perspetivas linguísticas da competência, na verdade, elas revelam-se essenciais na clarificação de aspetos concernentes ao processamento da linguagem, como demonstra o estudo levado a cabo por Wray (2003). O interesse destas ocorrências linguísticas para o processamento da linguagem encontra-se já evidente num estudo seiscentista do médico alemão Peter Rommel, mencionado em Benton & Joynt (1960). Rommel relata o caso de uma doente afásica que manteve a capacidade de enunciar orações e que perdeu a capacidade de produzir enunciados novos, como pode ler-se na tradução efetuada por Benton & Joint (1960: 210):

«After a fairly strenuous walk which she took after dinner, she suffered a mild delirium and apoplexy with paralysis of the right side. She lost all speech with the exception of the words “yes” and “and”. She could say no other word, not even a syllable, with these exceptions; the Lord's Prayer, the Apostles' Creed, some Biblical verses and other prayers, which she could recite verbatim and without hesitation but somewhat precipitously. [...] Nevertheless, her memory was excellent. She grasped and understood everthing that she saw and heard and she answered questions, even about events in the remote past, by affirmative or negative nods of the head.».

Como destaca Jackendoff (1997: cap. 7), numa análise baseada num *corpus* construído a partir do programa televisivo *The wheel of fortune*, estas expressões existem num número demasiado elevado e são usadas com uma frequência

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

demasiadamente alta para poderem ser marginalizadas pela linguística. Pelo facto de conterem material fonológico, sintático e semântico, salienta Jackendoff (1997: 157) que

«[...] fixed expressions such as clichés, names, and idioms necessarily are part of language: they are built up out of linguistic levels of representation. There is no other faculty of the mind in which they can be located.».

Em Wray (2003) e em Jackendoff (1997), advoga-se uma análise das lexicalizações com base na desconstrução da gramática generativa standard (Chomsky 1965), uma vez que esta é a teoria que mais radicalmente se alicerça em postulados teóricos que vão contra a tomada das unidades formulaicas como objetos plenamente linguísticos, nomeadamente naqueles que se ausentam de descrições pragmático-processuais. Em Chomsky estipula-se a produtividade da linguagem e não a repetitividade de construções rigidamente fixas como imo da linguagem. Não se esqueça, porém, que Chomsky alicerça os seus postulados na visão do falante ideal e não na análise de enunciados realmente produzidos por falantes reais (cf. secção 1.1). Contudo, como Wray salienta, quotidianamente, a produção de enunciados encontra-se crivada de expressões formulaicas, pelo que uma ciência que pretenda estudar a linguagem não pode olvidar este tipo de ocorrências.

Este interesse, por parte de Wray, pelas expressões pré-construídas não equivale a uma negação da produtividade da linguagem. Antes resulta na assunção de que ambos os procedimentos coexistem no uso real da mesma (Wray 2003: 12). Assim, assumindo o legado de Sinclair (1991), Wray defende a existência de dois sistemas para o processamento da linguagem:

- i) um sistema analítico, que opera ao nível da combinatoriedade entre itens e que se apoia no princípio da produtividade;
- ii) um sistema holístico, que se rege pelo aproveitamento de materiais pré-construídos armazenados na memória.

A plausabilidade para a existência destes dois sistemas, não obstante o golpe na economia do modelo que tal acarreta, radica-se nos constrangimentos que o processamento pode infligir na gramática. Um exemplo clássico provém dos limites processuais atinentes à memória de trabalho e à atenção inculcados à produção recursiva

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

de orações relativas (cf. 2.1.1). Como tal, a utilização de um processamento holístico pode obviar dificuldades no processamento que se prendem com a fluidez do discurso, necessária para que a atenção não fique encapsulada em segmentos do enunciado, em vez de abarcar o todo, de modo a apreender o seu sentido (Wray 2003:17).

Segundo o modelo de Wray (2003: 17-18), as expressões formulaicas atêm-se ao sistema holístico, não recorrendo ao processamento gramatical ou analítico, que se envolve dificultado em situações em que, por exemplo, o indivíduo necessita de estar a prestar atenção a outra tarefa em simultâneo. Sob o ponto de vista da compreensão, também o sistema holístico se revela versátil, obviando a necessidade de se preencher informação obliterada por *lapsi linguae*, ruídos, agramaticalidades e assemanticalidades, etc.

Wray (2003) demonstra que as expressões formulaicas servem propósitos comunicativos moldados pelo locutor. Assim, por *comunicativo* entende-se não apenas o sentido de ‘transmitir enunciado a alguém’, mas também o sentido de ‘estabelecer comunidade’, com todas as implicações pragmáticas que tal acarreta, especificamente aquelas que se prendem com a promoção do indivíduo. Essa promoção é otimizada através da produção de um discurso mais fluído, o acesso facilitado a informação – uma vez que as fórmulas funcionam como mnemónicas –, a captação da atenção do interlocutor – que não tem de focar tantos esforços quantos seriam necessários para a captação de enunciados compostos por unidades geradas produtivamente –, a facilitação da expressão de emoções e sensações, a salientação do indivíduo enquanto membro de um grupo, etc. Na verdade, Wray especifica que o uso de fórmulas permite a inserção do indivíduo numa comunidade, uma vez que estes produtos linguísticos funcionam como marcadores de grupos sociais, sendo que o seu uso manifesta a pertença a esse grupo e fomenta a integração nele do indivíduo.

Por todas estas implicações pragmático-processuais, Wray (2008: 69) preconiza que

«formulaic language can – and must – be viewed from all of the perspectives... psychological, social, neurological, acquisitional, grammatical, and textual (as reveled in corpora).»,

como ficará mais claro nas secções seguintes.

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

7.1 Propriedades das lexicalizações

Não obstante a sua extensão sintagmática, à luz de uma conceção passiva de léxico, como uma esfera inativa ou como listagem de unidades lexicais sem produtividade, as fórmulas estão bem situadas no léxico.

Contudo, no entendimento de que o léxico é produtivo, dinâmico e organizado em padrões, essa decisão parece errónea. Por outro lado, a extensão das fórmulas e a possibilidade de alteração da sua orgânica fazem pender estas unidades para fora do léxico, mesmo sob uma visão dinâmica deste. Podemos ainda aduzir que um dos critérios para atestar uma lexicalização advém da certificação do carácter não composicional do seu significado (Hohenhaus 2005: 353). No entanto, o próprio termo *lexicalização* mostra que mesmo na afixação ocorrem processos que não são semanticamente composicionais (Recordem-se as aceções de *lexicalização* analisadas em 1.2, propostas por diversos autores.).

Estamos, pois, perante vários traços conflitantes que levam ao questionar da localização das lexicalizações no seio da linguagem. Para Bacelar do Nascimento (2013: 215) *lexicalização* é:

«[...] um processo gradual de fixação de sequências de palavras em grupos formal e semanticamente coesos, com um comportamento semelhante ao de uma unidade do léxico.»

No sentido usado por Bacelar do Nascimento (2013: 215-217), cabem nesta aceção unidades como compostos sintáticos (*desportos radicais*, *condomínio fechado*), produtos de siglação (PS), acrónimos (ONU), idiomatismos (*esticar o pernil*, *de se lhe tirar o chapéu*), aforismos (*mais vale prevenir do que remediar*), mas também associações menos coesas do que aquelas, como *bens de consumo*, *sociedade de consumo*, designadas por *colocações* ou *coocorrentes privilegiados* ou ainda *combinatórias* (Bacelar do Nascimento 2013: 217), que estão dependentes de um processo de rotinização e, eventualmente, de institucionalização (Bacelar do Nascimento 2013: 216) (exemplos de Bacelar do Nascimento).

Nas unidades multilexicais, ocorre um processo de dessintatização (as unidades constituintes da unidade multilexical perdem a sua autonomia sintática) e de semantização (o significado da unidade multilexical deixa de ser composicional). No

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

polo mais elevado da lexicalização, situa-se a idiomatização, processo pelo qual a unidade perde qualquer carácter de composicionalidade, não havendo, para o falante de uma certa sincronia, elementos na unidade lexical que façam prever qualquer traço do seu significado (Bacelar do Nascimento (2013: 218)). É este o caso de *ter a faca e o queijo na mão*.

O processo de dessintatização é demonstrado pela impossibilidade de variação sintática através de construção de topicalização, construção interrogativa e construção passiva, como nos exemplos (75), como demonstrado por Bacelar do Nascimento (2013: 220):

- (75) a. *O Rui fez das tripas coração.*
b. **O coração, o Rui fê-lo das tripas.*
c. **Que coração é que o Rui fez das tripas?*
d. **O coração foi feito pelo Rui.*

Podemos ainda acrescentar a impossibilidade de colocação de relativa:

- (75) e. **O coração que o Rui fez das tripas...*

Contudo, noutras fórmulas, algumas destas ocorrências sintáticas são possíveis (exemplos 76):

- (76) a. *O Rui teve que engolir sapos no emprego.*
b. *?Os sapos, o Rui teve que engoli-los.*
c. *Que sapos é que o Rui teve que engolir?*
d. *«Já não há quem queira exercer o papel de estraga-festas. Todos os sapos foram engolidos e digeridos.»⁶⁰*
e. *«Guardiola explodiu pelos sapos que engoliu.»⁶¹*

⁶⁰ <http://www.gterra.com.br/blog-pelo-maranhao/6> (Devolvido pelo Google, acedido em 5/5/2015).

⁶¹ http://www.record.xl.pt/Futebol/Internacional/espanha/interior_premium.aspx?content_id=832996 (Devolvido pelo Google, acedido em 5/5/2015).

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

A coesão entre os elementos da unidade multilexical também se observa na perda de liberdade de coocorrência que caracteriza as unidades livres. Assim, se é possível escolher entre *comer e engolir* para combinar com *sapo* ou *rã*, no caso de estes funcionarem como unidades livres (exemplos 77), tal não se verifica na situação de unidade multilexical (exemplos 78) (cf. Bacelar do Nascimento (2013: 219-220)):

- (77) a. *O crocodilo comeu os sapos.*
b. *O crocodilo engoliu os sapos.*
c. *O crocodilo comeu as rãs.*
d. *O crocodilo engoliu as rãs.*
- (78) a. *O Rui engoliu os sapos e calou-se para manter o emprego.*
b. **O Rui comeu os sapos e calou-se para manter o emprego.*
c. **O Rui engoliu as rãs e calou-se para manter o emprego.*
d. **O Rui comeu as rãs e calou-se para manter o emprego.*

A substituição lexical é, pois, um critério a usar na determinação das unidades multilexicais. Observa-se, contudo, que existem graus variáveis de fixidez nas coocorrências entre os elementos que constituem a unidade multilexical. Bacelar do Nascimento mostra que existem unidades multilexicais fixas, semifixas e coocorrentes privilegiados.

Para as unidades multilexicais fixas, podemos oferecer exemplos como *dizer coisas do arco da velha* vs. **dizer coisas do arco-íris*; *fino como um alho* vs. **fino como uma cebola*.

As unidades multilexicais semifixas são exemplificáveis com *amor de mãe/amor maternal*; *viver uma vida cor-de-rosa/viver num mar de rosas*, entre outros. Ressalve-se que mesmo as unidades multilexicais semifixas apresentam restrições de coocorrência, não podendo aceitar-se qualquer unidade no seu corpo (cf. Bacelar do Nascimento (2013: 228), como **viver num oceano de rosas*).

Como exemplo de coocorrentes privilegiados (Bacelar do Nascimento 2013: 229-230), destacam-se unidades como *alegado autor do crime*, *resposta ao problema*, *hotel de charme*, etc.

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

A ordem dos constituintes também varia num polo mais fixo para menos fixo (Bacelar do Nascimento 2013), assim como as possibilidades de introduzir outras unidades no meio da unidade multilexical, de reduzir e de aumentar a sua extensão (*vai dar uma volta ao bilhar grande* ou *vai dar uma volta*). Quanto à possibilidade de pronominalização, Bacelar do Nascimento (2013: 236) propõe que esta é possível no seio de coocorrentes privilegiados, mas não com unidades fixas. No entanto, parecem-nos possíveis pronominalizações como aquelas que surgem em (79).

- (79) a. *Fez-lhe a cama e fez-lha bem feita.*
b. *Vendeu o gato por lebre e vendeu-o bem vendido.*

A criatividade pode alterar a constância de uma fórmula, como no enunciado proferido por Catarina Martins (deputada pelo Bloco de Esquerda) a 9 de maio de 2014, em debate parlamentar (exemplo 80):

- (80) *«mais depressa se apanha um primeiro-ministro do que um coxo».*

O efeito pragmático desta alteração só é eficaz se o interlocutor tiver conhecimento da fórmula na versão original.

Como salienta Wray (2003: 34),

«We are so accustomed to playing with language, both formulaic and nonformulaic, that the dividing line between what does, and does not, offend the integrity of a sequence may not always be clear, particularly as what is a novel and jokey adaptation one day can be formulaic the next, if it is picked up and repeated a few times.».

Significa isto que a fixidez das fórmulas não pode ser critério absoluto para a sua determinação. É essa não fixidez absoluta que pode colocar em causa a decisão de considerar estes objetos linguísticos como pertencentes ao domínio lexical. Contudo, à luz de uma visão dinâmica do léxico, tal variação nas expressões formulaicas não emerge como condição negadora do carácter lexical destas unidades. Assim, em Booij (2010), advoga-se que estas unidades que admitem variação são explicáveis através da visão construcional do léxico (cf. secção 2.2.2.1 deste trabalho). Uma dada expressão

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

formulaica que apresenta variação é a instanciação de uma construção formulaica que, necessariamente, admite diferentes instanciações. (Booij (2010: 19-22) utiliza a designação ‘multi-word expression’ para referir este tipo de objeto.) A mesma análise é estendida a numerais e a perífrases de tempos verbais (*e.g.* os tempos compostos do português).

Outras características que se prendem com o uso oral das expressões formulaicas têm sido indicadas como pertinentes para a sua delimitação. Estudos de Pawley & Syder (2000), Van Lancker & Canter (1981) e Van Lancker; Canter & Terbeek (1981) apontam a fluência do discurso, os padrões entoacionais e a velocidade de débito do discurso como indiciadores de fórmulas. Assim, de acordo com os estudos mencionados, em enunciados contendo segmentos literais, ocorre maior duração no seu débito, pois apresentam maior número de pausas e os itens lexicais que funcionam como chaves discursivas são produzidos numa velocidade mais reduzida e com maior precisão articulatória.

Um dos critérios que soem ser apontados para a distinção entre compostos e unidades multilexicais de carácter idiomático consiste na integridade lexical, que pode ser observada na impossibilidade de segmentar sintaticamente um composto (Giegerich 2006), como nas construções (81) e (82):

(81) a. *Estamos a ver duas coisas diferentes: isto é um dente de leão e isto um dente-de-leão.*

b. *Estamos a comparar duas coisas semelhantes: isto é um dente de urso e isto um de leão.*

c. *Estamos a comparar duas flores: isto é um dente-de-leão e isto *um de-urso.*

(82) a. *Estamos a observar duas coisas diferentes: isto é um amor perfeito e isto um amor-perfeito.*

b. *Estamos a comparar duas relações: isto é um amor perfeito e isto um imperfeito.*

c. *Estamos a mostrar duas flores: isto é um amor-perfeito e isto *um imperfeito.*

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

As mesmas distinções de atualização sintática podem estender-se à distinção entre compostos e colocações. Assim, o composto *pé-de-atleta* e a colocação *pé de atleta* diferem na aceitação de segmentação (83):

- (83) a. *O João corre velozmente; tem mesmo pé de atleta. Mas o Rui é lento, tem pé sedentário. O rui tem um pé sedentário, mas o João tem um de atleta.*
- b. *Nos balneários, o Rui adquiriu pé-de-atleta. *O João adquiriu um sedentário.*

Para além desta propriedade, a composto designa uma categoria, enquanto a colocação não designa uma categoria, mas uma instanciação de uma categoria Schlücker & Hüning (2009) Bücking (2009). Assim, um *dente-de-leão* designa uma categoria (uma flor); mas um *dente de leão* designa uma instanciação ou especificação de uma categoria (um *dente*). Um *pé de cabra* designa um instrumento, mas na frase *A Dama tinha pé de cabra, pé de cabra* especifica como eram os pés da dama e não uma categoria.

7.2 Lexicalizações: no léxico ou na sintaxe?

Do exposto em cima, deduz-se que as fórmulas ou lexicalizações apresentam propriedades sujeitas a um grau de variabilidade que não permite a sua delimitação de forma linear. Essa variabilidade é também responsável pela ambiguidade em relação à intrusão das fórmulas no léxico ou na sintaxe.

Como apontávamos na introdução a esta secção, as afasias evidenciam a importância dos textos formulaicos para a compreensão do processamento da linguagem. Como revela Wray (2003), este tipo de distúrbio da linguagem pode oferecer pistas para a inserção teórica das fórmulas no léxico ou não.

Na afasia de Broca, caracterizada pela incapacidade de geração de enunciados através da via da produtividade, havendo articulação de palavras isoladas, de modo hesitante, e de preenchedores de pausa, as fórmulas podem ser também emitidas. Tal facto demonstra o carácter lexical das fórmulas, na medida em que se comportam como

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

palavras isoladas. Nestas situações de afasia, a criatividade e a permissividade que podem sofrer as fórmulas em falantes normais não se verificam (Wray 2003: 220).

Na afasia de Wernicke, que é uma afasia fluente, as fórmulas semifixas são enunciadas frequentemente, havendo dificuldade no preenchimento lexical em que ocorre variação. A própria fluência que caracteriza este tipo de afasia pode advir do uso de fórmulas. Wray (2003: 222) coloca a hipótese de que aquilo que parece ser fluência gramatical pode afinal resultar da utilização de fórmulas, ou seja, de unidades pré-fabricadas, em que não ocorre necessidade de construção gramatical *online*. Sendo assim, indivíduos com afasia de Wernicke que mostrem menos erros podem sofrer de uma incapacitação mais profunda do que aqueles que mostram mais erros. Estes evidenciam maior controlo sobre a tarefa de construção gramatical, enquanto os primeiros se limitam à inserção de unidades pré-fabricadas, em que não ocorre essa construção *online*.

Por estes factores, é avisado decidir que as fórmulas se enquadram no léxico. Contudo, desta decisão emergem duas questões relevantes:

i) se tanto as fórmulas como os lexemas se encontram no léxico, por que motivo os doentes afásicos revelam dificuldades no acesso aos itens lexicais e não tanto às fórmulas? (Esta questão também é formulada por Wray (2003: 225).)

ii) de que léxico falamos quando dizemos que as fórmulas se encontram no léxico, tendo em conta que o léxico pode ser encarado como um acervo estático e, pelo contrário, como um domínio dinâmico com mecanismos gerativos (cf. secção 2.2)?

As duas questões encontram-se interligadas e podem ter resposta na observação da localização das funcionalidades linguísticas no cérebro.

Wray salienta dados experimentais concernentes a tarefas linguísticas ocorrentes no hemisfério direito. Numerosos estudos (Galloway & Krashen 1980; Joannette; Goulet & Hannequin (1990); Code (1987); Gazzaniga 1977) demonstram que o hemisfério direito possui um léxico, onde se armazenam frases formulaicas, listas seriais, palavras designadoras de entidades concretas e imagnetizáveis, sendo estas sobretudo nomes e poucos verbos. Estes dados suscitam em Wray (2003: 241) numerosas questões, dentre as quais salientamos uma: após a lesão no hemisfério esquerdo, as capacidades linguísticas da afasia mostram incapacidades do hemisfério esquerdo ou as capacidades do hemisfério direito? Não nos deteremos nesta questão, por não ser do escopo do nosso trabalho. No entanto, ela revela eficazmente o turbilhão de análise, reflexão e

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

experimentação que a neurolinguística desencadeia, para além de se suportar nas duas interrogações interligadas que estamos a analisar.

É sabido que o hemisfério direito suporta o processamento prosódico (*e.g.* Buchanan et al. (1999), Wildegruber et al. (1999)), metafórico (*e.g.* Joannette et al 1990) e inferencial do discurso (*e.g.* Brownell et alii 1986)⁶². Outros estudos (*e.g.* Code 1987) demonstram que estruturas subcorticais também estão envolvidas no processamento da linguagem.

Temos, assim, os seguintes dados (sistematizados em Wray (2003: 248)):

i) expletivos mantêm-se na generalidade das afasias; parecem ser produzidos por regiões subcorticais;

ii) listas seriais, rimas, orações e citações ocorrem fluentemente em afásicos, embora os seus constituintes não sejam utilizados para a geração gramatical. Deverão advir de armazenamento e/ou controlo no hemisfério direito;

Wray concebe, assim, um léxico distribuído heteromórfico. A sua distribuição não depende do tamanho das unidades, mas antes da sua funcionalidade (Wray 2003: 251). Dado que uma fórmula contém itens que são usados autonomamente, segundo Wray (2003: 253),

«The same unit can be stored in different lexicons for different functions, and one or more of the components of a unit may be stored in the same, or a different, lexicon, according to the purpose of their storage.».

O léxico distribuído proposto por Wray (2003: cap. 13) apresenta cinco componentes, que são delimitadas de acordo com processos funcionais, resultados linguísticos e efeitos comunicativos. Cada um deles pode conter unidades de diferentes extensões, armazenadas holisticamente. Contudo, dado que as palavras servem propósitos de construção gramatical, é natural que estas se encontrem em maior número num dos componentes que serve de *input* à construção gramatical.

De acordo com Wray (2003: 249 e 263), o léxico 1 – gramatical – contém unidades holísticas com função gramatical, sejam morfemas dependentes (*com, de, e*) ou presos (*-ção, re-, -s*), ou complexos de palavras (*para que, não obstante, por trás*

⁶² Veja-se Lindell (2006) para uma revisão dos dados respeitantes ao processamento linguístico no hemisfério direito.

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

de). O léxico 1 serve a geração gramatical e produz novos enunciados. Possui como efeito a expressão objetiva e livre de ideias.

O léxico 2 – referencial – contém lexemas básicos (*pé, ler, arco*) e construídos memorizados (*arco-íris, pé-de-atleta, declaração*), colocações (*homem ideal, ideia peregrina*), ou seja complexos holísticos de palavras com uma significação referencial unitária. Serve a alimentação da geração gramatical através de unidades referenciais. Tem como efeito a expressão objetiva e livre de ideias.

O léxico 3 – interacional – contém unidades dependentes do contexto, tais como morfemas (*sim, não, olá*), expressões (*Cumprimentos em casa!*). Serve um processo comunicativo de resposta deliberada e refletida. Resulta em expressões fixas e palavras isoladas dependentes do contexto. Tem um efeito de expressão subjetiva de mensagens delimitadas pelo contexto e suporta a compreensão.

O léxico 4 – que Wray designa por *memorizado*, se bem que todos os léxicos definidos pelo autor acarretam armazenamento na memória de longo prazo – apresenta listas seriais, mnemónicas, rimas, orações, canções e citações. Serve um processo não comunicativo de resposta deliberada e refletida. Tem como resultado a performance e a menção e como efeito a disponibilidade de textos extensos e informação a eles associada com esforço mínimo de processamento.

O léxico 5 – reflexo – inclui interjeições que podem corresponder a uma palavra isolada (*Bolas!*) ou a um complexo de palavras (*Valha-me Deus!*). O seu uso surge como uma resposta reflexa. Tem como resultado e como efeito a expressão espontânea de emoções ou sensações.

Os léxicos 1 e 2, utilizados na construção gramatical de enunciados, estão localizados no hemisfério esquerdo, sofrendo danos nas diversas afasias. Os léxicos 3 e 4 estão localizados no hemisfério direito e sobressaem na sequência de afasias.

O quinto léxico – que contém interjeições – parece estar localizado subcorticalmente, o que encontra fundamento no factor emocional do uso desse tipo de léxico.

Repare-se que em todos os cinco léxicos ocorrem morfemas isolados, palavras constituídas por vários morfemas e complexos de palavras. Por este motivo, o autor apodou o seu modelo de léxico distribuído de *heteromórfico*. Esta solução encontra corroboração no estipulado anteriormente por nós na secção 1.1, em que se prevê que o armazenamento na memória de longo prazo de uma unidade não esteja dependente das

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

características estruturais dessa unidade, mas de factores de uso por parte do falante. Como tal, o léxico mental é variável de acordo com as vivências linguísticas do indivíduo.

Esta heteromorfia das unidades formulaicas é captada por Wray (2008) sob a designação de *Morpheme Equivalent Unit*, que corresponde a uma sequência de morfemas e/ou lexemas que encerram uma significação unitária, independentemente da sua estrutura interna.

Em suma, esta proposta de Wray (2003, 2008) enfatiza que o léxico mental não é uma listagem rígida, inerte e unitária de itens.

Capítulo 8. Conclusão

Os objetivos deste volume espriam-se de um nível geral para um um nível particular que passamos a resumir. Como grandes objetivos gerais, procurámos explicitar o léxico como um domínio da linguagem estruturado gerativamente de modo dinâmico. O entendimento do léxico mental como uma organização num complexo em rede pressupõe que o seu funcionamento possa ser correlacionado com o modo de funcionamento da mente-funcional, verificando-se funcionamentos simétricos na organização da linguagem e noutras capacidades cognitivas. Entendemos, pois, que o estudo de um objeto formal não deve encapsular-se em si mesmo, mas antes deve abrir perspetivas sobre outros objetos que com o primeiro se relacionam.

Esse entendimento só pode ser consolidado através da análise de diferentes perspetivas teóricas que abordam o mesmo objeto, para além daquela(s) que enformam o pensamento e a atividade investigativa da autora. Tal multiplicidade teórica e conceptual permite uma alicerçagem do conhecimento que assim se predispõe para uma seleção crítica e analítica dos instrumentos epistemológicos de que se poderá dispor.

Assim, dedicámo-nos às diferentes concepções teóricas em torno do léxico e da sua gramática, bem como àquelas que explicam a área particular da genolexia, advindas das várias correntes da linguística. Dessa diversidade de conceptualização, advém a equação dos objetos *léxico* e *gramática* como interpenetrados um no outro ou como dois objetos opostos, dependendo do quadro teórico que os observa.

Não obstante a mostragem de diferentes conceptualizações da linguística em torno do léxico e da formação de palavras, necessariamente, a perspetiva de focalização do objeto que é o léxico e sua gramática que caracteriza o nosso trabalho de investigação e o nosso modo de conceber a linguagem conduz a que neste trabalho se entenda a organização dinâmica do léxico como uma ‘gramática’ regida por mecanismos de interface entre a fonologia, a sintaxe e a semântica.

A análise das questões teóricas em torno dos conceitos de *léxico* advindos de diferentes perspetivas teóricas dirige o leitor às capacidades de problematizar a constituição do léxico, avaliando os seus possíveis constituintes de acordo com as características prototípicas daquele, e de estruturar os principais mecanismos envolvidos no processamento desta área da linguagem.

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

Essa análise investe-se ela mesma do carácter de objeto de reflexão, pelo que o leitor é apresentado perante o delineamento do percurso diacrónico das diversas perspetivas teóricas de abordagem da formação de palavras, bem como do discernimento das vantagens e das desvantagens de cada uma dessas perspetivas.

No seio do léxico e da sua gramática, a área da genolexia emerge com especial valor para o estudo da própria organização lexical. Assim, estabelece-se que o leitor possa compreender a formação de palavras não como mera área de alimentação do léxico, mas sobretudo como domínio dinâmico localizável dentro da sua esfera, como interface entre a fonologia, a sintaxe e a semântica. Dentro deste domínio da formação de palavras, o leitor é conduzido através das conceptualizações das diferentes teorias acerca do léxico e especificamente da formação de palavras e das respetivas análises do funcionamento lexical e genolexical, nomeadamente da análise da produtividade e da criatividade e da sua organização em paradigmas mentais, como os fenómenos de flexão, alomorfia e Regras de Formação de Palavras. Neste campo, dá-se especial relevo ao estudo das restrições de seleção entre bases e afixos como reflexo da organização dinâmica e em rede do léxico, compreendendo-se as restrições de seleção como produto e produtoras da gramática do léxico. Nesta esfera, visámos analisar, identificar e estruturar as restrições de seleção, atualizáveis sob a forma de constrangimentos e de compatibilidades entre bases e afixos na construção de nomes eventivos deverbais.

A concretude dos objetivos deste trabalho cresce na análise de fenómenos particulares do léxico e da sua gramática, como são os casos de gramaticalização e de lexicalização. Para além disso, essa concretude é ainda realizável através da abordagem ao processamento na formação de palavras lexicalizáveis ou não, à interação do léxico com o co-texto, especialmente na atualização de estrutura argumental e nas construções com verbos leves, reconhecendo-se padrões semântico-sintáticos de funcionamento.

O tratamento das várias matérias aqui expostas pode resumir-se no comentário a um episódio contido no texto de Jonathan Swift, *Gulliver's travels*, que, não obstante a sua extensão, aqui se reproduz:

«The other was a scheme for entirely abolishing all words whatsoever; and this was urged as a great advantage in point of health as well as brevity. For, it is plain, that every word we speak is in some degree a diminution of our lungs by corrosion, and consequently contributes to the shortning of our lives. An expedient was therefore offered, that since words are only names for *things*, it would be more convenient for all

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

men to carry about them, such *things* as were necessary to express the particular business they are to discourse on. And this invention would certainly have taken place, to the great ease as well as health of the subject, if the women in conjunction with the vulgar and illiterate had not threatned to raise a rebellion, unless they might be allowed the liberty to speak with their tongues, after the manner of their ancestors; such constant irreconcilable enemies to science are the common people. However, many of the most learned and wise adhere to the new scheme of expressing themselves by *things*, which hath only this inconvenience attending it, that if a mans business be very great, and of various kinds, he must be obliged in proportion to carry a greater bundle of *things* upon his back, unless he can afford one or two strong servants to attend him. I have often beheld two of those sages almost sinking under the weight of their packs, like pedlars among us; who when they met in the streets would lay down their loads, open their saddles and hold conversation for an hour together; then put up their implements, help each other to resume their burthens, and take their leave. But for short conversations a man may carry implements in his pockets and under his arms, enough to supply him, and in his house he cannot be at a loss; therefore the room where company meet who practice this art, is full of all *things* ready at hand, requisite to furnish matter for this kind of artificial converse. Another great advantage proposed by this invention, was that it would serve as an universal language to be understood in all civilized nations, whose goods and utensils are generally of the same kind, or nearly resembling, so that their uses might easily be comprehended. And the ambassadors would be qualified to treat with foreign princes or ministers of state to whose tongues they were utter strangers.».

(In: Swift, Jonathan ([1735] 1992). *Gulliver's travels*. Ware: Wordsworth, p. 140.)

Ironicamente, Swift, na sua criação, coloca os sábios de Lagado a desenharem um sistema que possa substituir as línguas naturais na sua função comunicativa. A substituição das palavras pelos objetos por aquelas representados não redundava numa solução exequível para obstar aos problemas que o uso das línguas naturais provocam, sob a perspetiva dos sábios de Lagado, como a diminuição do tempo de vida devido à corrosão dos pulmões ou os obstáculos causados pela não compreensão mútua entre falantes de línguas diferentes. Uma única desvantagem é elencada pelo narrador a este sistema: o peso físico acarretado pelo transporte dos objetos. Contudo, assomam outras desvantagens igualmente graves, que advêm da própria erradez do princípio de que as palavras são *meros nomes para as coisas*. Assim, o uso de objetos em vez de palavras esbarra na inexistência de redes de esquemas perfeitas pelos próprios objetos, uma vez que os objetos existem no mundo real e não na mente, que possam abstrair as infinitas relações existentes entre as várias componentes do léxico. Duas lacunas se depreendem: i) a inexistência de redes de relações entre os objetos; ii) a inexistência de esquemas, ou seja de abstrações, que possam funcionar como categorizações de diferentes níveis encaixadas umas nas outras.

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

Bibliografia

- Ackema, Peter & Ad Neeleman (2004). *Beyond morphology: interface conditions on word formation*. Oxford: Oxford University Press.
- Ahlsén, Elisabeth (2006). *Introduction to neurolinguistics*. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, caps. 1, 2 e 14.
- Aitchison, Jean (2012). *Words in the mind: an introduction to the mental lexicon*. Oxford: John Wiley & Sons, 4th Edition.
- Allen, Margaret (1978). *Morphological investigations*. PhD. Dissertation. University of Connecticut: Storrs.
- Anderson, Stephen (1982). Where's morphology? *Linguistic Inquiry* 13: 571-612.
- Anderson, Stephen (1992). *A-morphous morphology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Arndt-Lappe, Sabine (2014). Analogy in suffix rivalry: the case of English *-ity* and *-ness*. *English Language and Linguistics* 18 /3, 497-548.
- Aronoff, Mark (1976). *Word-formation in generative grammar*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press.
- Aronoff, Mark (1988). Review of: Di Sciullo/Williams (1987). *Language* 64: 766-770.
- Aronoff, Mark (1994). *Morphology by itself*. London & Massachusetts: The MIT Press.
- Aronoff, Mark (2007). In the beginning was the word. *Language* 83: 803-830.
- Aronoff, Mark (2013) Competition and the lexicon. In: *Proceedings of the Annual Meeting of La Società di Linguistica Italiana*. (<https://linguistics.stonybrook.edu/sites/default/files/uploads/u6/publications/Competition%20and%20the%20Lexicon%20prepublication.pdf>).
- Aronoff, Mark (2015). Thoughts on morphological and cultural evolution. In: Laurie Bauer et alii (Eds.), *Semantics of complex words*. New York; Dordrecht; London: Springer International, 277-288.
- Aronoff, Mark (no prelo). A fox knows many things but a hedgehog one big thing. In: *The Cambridge Handbook of Morphology*. Draft: <https://linguistics.stonybrook.edu/sites/default/files/uploads/u6/publications/foxes%20and%20hedgehogs%20submitted%20draft.pdf>
- Aronoff, Mark & Kirsten Fudeman (2005). *What is morphology?* Oxford: Blackwell.
- Aronoff, Mark & Mark Lindsay (2014). Productivity, blocking, and lexicalization. In: Rochelle Lieber & Pavol Štekauer (Eds.), *The Oxford handbook of derivational morphology*. Oxford: Oxford University Press, 67-83.
- Aronoff, Mark & Mark Lindsay (2015). Partial organization in languages: la langue est un système où la plupart se tient. *Proceedings of Décembrettes* 8. (<https://linguistics.stonybrook.edu/faculty/mark.aronoff>)
- Aronoff, Mark & Nanna Fuhrhop (2002). Restricting suffix combinations in German and English. *Natural Language and Linguistic Theory* 20: 451-490.
- Baayen, Harald (2014). Experimental and psycholinguistics approaches. In: Rochelle Lieber & Pavol Štekauer (Eds.), *The Oxford handbook of derivational morphology*. Oxford: Oxford University Press, 95-117.

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

- Baayen, Harald & Robert Schreuder (Eds.) (2003). *Morphological structure in language processing*. Berlin: Mouton de Gruyter.
- Baker, Mark (1985). The mirror principle and morphosyntactic explanation. *Linguistic Inquiry* 16/3, 373-415.
- Baker, Mark (1988). *Incorporation: a theory of grammatical function changing*. Chicago: Chicago University Press.
- Bakker, Iske et alii (2014). Competition from unseen or unheard novel words: Lexical consolidation across modalities. *Journal of Memory and Language* 73: 116-130.
- Bartning, Inge (1996). Les nominalisations déverbiales dans les SN complexes en de envisagées sous l'angle des traits processifs et résultatifs ainsi que de l'opposition abstrait/concret. In: Nelly Flaux; Michel Glatigny & Didier Samain (Éds.), *Les noms abstraits. Histoire et théories*. Actes du Colloque de Dunkerque (15-18 septembre, 1992). Villeneuve d'Ascq: Presses Universitaires du Septentrion, 323-336.
- Bauer, Laurie (1983). *English word-formation*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Bauer, Laurie (2001). *Morphological productivity*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Bauer, Laurie (2004). *A glossary of morphology*. Edinburgh: Edinburgh University Press.
- Bauer, Laurie (2005). Conversion and the notion of lexical category. In: Laurie Bauer & Salvador Valera (Eds.), *Approaches to conversion/zero-derivation*. Munich: Waxmann, 19-30.
- Bauer, Laurie (2006). Competition in English word-formation. In Ans van Kemenade & Bettelou Los (eds), *The Oxford handbook of the history of English*. Malden, MA: Blackwell, 177-198.
- Bauer, Laurie; Rochelle Lieber & Ingo Plag (2013). *The Oxford reference guide to English morphology*. Oxford: Oxford University Press.
- Beard, Robert (1995). *Lexeme-morpheme base morphology: a general theory of inflection and word formation*. New York: State University of New York Press.
- Becker, Thomas (1993). Back-formation, cross-formation, and 'bracketing paradoxes' in paradigmatic morphology. In: Geert Booij & Van Marle (Eds.), *Yearbook of Morphology*. Dordrecht: Kluwer, 1-25.
- Benton, Arthur L. & Robert J. Joint (1960). Early descriptions of aphasia. *Archives of Neurology* 3: 205-221.
- Benveniste, Émile (1966). *Essais de linguistique générale*. Vol. I. Paris: Gallimard.
- Berko, Jean (1958). The child's learning of English morphology. *Word* 14: 150-177. (<http://anthropology.uwo.ca/faculty/creider/027/wugs.pdf>)
- Blevins, James P. (2006). Word-based morphology. *Journal of Linguistics*, 42/3, 531-573.
- Blevins, James P. (2013). Word-based morphology from Aristotle to modern WP. In: Keith Allan (Ed.), *The Oxford handbook of the history of linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 375-395.
- Bloomfield, Leonard (1933). *Language*. New York: Henry Holt.
- Bluteau, Raphael (1712-1728). *Vocabulario portuguez e latino*. Coimbra: Na Companhia de Jesu.

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

- Booij, Geert (1977). *Dutch morphology: a study of word formation in generative grammar*. Dordrecht: Foris.
- Booij, Geert (2010a). Construction morphology. *Language and Linguistics Compass* 3/1: 1-13.
- Booij, Geert (2010b). *Construction morphology*. Oxford: Oxford University Press.
- Booij, Geert & Francesca Masini (2015). The role of second order schemas in the construction of complex words. In: Laurie Bauer; Livia Kórtvélyessy & Pavol Štekauer (Eds.), *Semantics of complex words*. Cham; etc: Springer, 47-66.
- Bopp, Franz (1816). *Über das Conjugationssystem der Sanskritsprache*. Frankfurt: Andreätschen.
- Borer, Hagit (2003). Exo-skeletal vs. endo-skeletal explanations: syntactic projections and the lexicon. In: John Moore & Maria Polinsky (Eds.), *The nature of explanation in linguistic theory*. Chicago: The University of Chicago Press, 31-67.
- Brito, Ana Maria (2005). Nomes derivados de verbos inacusativos: estrutura argumental e valor aspectual. In: *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto – Línguas e Literaturas Modernas XXII*: 47-64.
- Brito, Ana Maria & Eduardo Paiva Raposo (2013). Complementos, modificadores e adjuntos no sintagma nominal. In: Eduardo Paiva Raposo et aliae (Eds.), *Gramática do português*. Vol. I Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1045-1113.
- Brito, Ana Maria & Fátima Oliveira (1997). Nominalization, aspect and argument structure. In: Gabriela Matos et alii (Eds.), *Interfaces in linguistic theory*. (Selected papers from the International Conference on Interfaces in Linguistics. Porto, November 13-17, 1995). Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística/Edições Colibri, 57-80.
- Brownell, Hiram et alii (1986). Inference deficits in right brain-damaged patients. *Brain and Language* 27: 310-321.
- Buchanan, Tony et alii (1999). Recognition of emotional prosody and verbal components of spoken language: an fMRI study. *Neuroimage* 9/6: part 2: S1017.
- Bücking, Sebastian (2009). German nominal compounds as underspecified names for kinds. *Linguistische Berichte Sonderheft* 17: 253-281.
- Burani, Cristina & Anna M. Thornton (2003). The interplay of root, suffix and whole-word frequency in processing derived words. In: Harald Baayen & Robert Schreuder (Eds.), *Morphological structure in language processing*. Berlin: Mouton de Gruyter, 157-207.
- Bybee, Joan (1995). Regular morphology and the lexicon. *Language and Cognitive Processes* 10: 425-455.
- Calvin, William & Derek Bickerton (2000). *Lingua ex machina. Reconciling Darwin and Chomsky with the human brain*. Cambridge, Massachusetts & London: The MIT Press.
- Cannon, Garland (2000). Blending. In: Geert Booij; Christian Lehman & Joachim Mugdan (Eds.), *Morphologie/Morphology. An international handbook on inflection and word-formation*. Vol. I. Berlin & New York: Walter de Gruyter, 952-956.
- Chomsky, Noam (1957). *Syntactic structures*. Den Haag: Mouton.
- Chomsky, Noam (1965). *Aspects of the theory of syntax*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press.

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

- Chomsky, Noam (1970). Remarks on nominalization. In: Noam Chomsky, *Studies on semantics in generative grammar*. Paris & New York: Mouton Publishers, 11-61.
- Chomsky, Noam (1981). *Lectures on government and binding*. New York: Foris.
- Chomsky, Noam (1995). *The minimalist program*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press.
- Chomsky, Noam (2012). *The science of language*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Chomsky, Noam & George Miller (1963). Introduction to the formal analysis of natural language. In: R. Duncan Luce; Robert Bush & Eugene Galanter (Eds.), *Handbook of mathematical psychology*. Vol. II. New York: John Wiley, 271-321.
- Clark, Eve (1978). Awareness of language: some evidence from what children say and do. In: Anne Sinclair, Robert Jarvella & Willem Levelt (Eds.), *The child's conception of language*. Berlin: Springer, 17-43.
- Clark, Eve (1993). *The lexicon in acquisition*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Clark, Eve (2014). Acquisition of derivational morphology. In: Rochelle Lieber & Pavol Štekauer (Eds.), *The Oxford handbook of derivational morphology*. Oxford: Oxford University Press, 424-439.
- Clark, Eve & B. F. Hecht (1982). Learning to coin agent and instrument nouns. *Cognition* 12: 1-24.
- Clark, Eve & Herbert Clark (1979). When nouns surface as verbs. *Language* 55: 767-811.
- Code, Chris (1987). *Language, aphasia and the right hemisphere*. Chichester: John Wiley.
- Corbin, Danielle (1987). *Morphologie dérivationnelle et structuration du lexique*. 2 vols. Tübingen: Niemeyer.
- Corbin, Danielle (1988). Une hypothèse à propos des suffixes *-ism*, *-ique*, *-ist* en français: la troncature réciproque. In: Ronald Landheer (Ed.), *Aspects de linguistique française. Hommage à Q.I.M. Mok*. Amsterdam: Rodopi, 63-76.
- Corbin, Danielle (1991). Introduction. *Lexique: La formation des mots: structures et interprétations* 10: 7-30.
- Corbin, Danielle (1997). Entre les mots possibles et les mots existants: les unités lexicales à faible probabilité d'actualisation. In: *Silexicalis 1. Mots possibles et mots existants. Forum de morphologie (I^{ères} rencontres)*. Actes du Colloque de Villeneuve d'Ascq (28-29 avril 1997), 79-91.
- Cruse, Alan et alii (Ed.) (2002). *Lexicology: International handbook on the nature and structure of words and vocabularies*. Berlin: Walter de Gruyter.
- Culicover, Peter & Ray Jackendoff (2005). *Simpler Syntax*. Oxford University Press: Oxford.
- Davies, Mark & Michael Ferreira (2006-). *O corpus do português*. <http://www.corpusdoportugues.org/>
- Davis, Henri & Hamida Demirdache 2000. On lexical verb meanings: Evidence from Salish. In: Carol Tenny & James Pustejovsky (eds.), *Events as grammatical objects: The converging perspectives of lexical semantics and syntax*. Stanford: CSLI Publications, 97-142.
- Defrancq, Bart & Dominique Willems (1996). De l'abstrait au concret. Une réflexion sur la polysémie des noms déverbaux. In: Nelly Flaux; Michel Glatigny & Didier Samain

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

- (Eds.), *Les noms abstraits. Histoire et théories*. Actes du Colloque de Dunkerque (15-18 septembre, 1992). Villeneuve d'Ascq: Presses Universitaires du Septentrion, 221-230.
- Dehaene-Lambertz et alii (2005). Neural correlates of switching from auditory to speech perception. *NeuroImage* 24/1: 21-33.
- DiSciullo, Anna-Maria (2005). *Assymetric morphology*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press.
- Di Sciullo, Anna-Maria & Edwin Williams (1987). *On the definition of word*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press.
- Diez, Friedrich (1874). *Grammaire des langues romanes*. Paris: A. Franck, 3.^a ed.
- Downing, Pamela (1977). On the creation and use of English compound nouns. *Language* 53: 810-842.
- Dowty, David (1979). *Word meaning and Montague grammar: the semantics of verbs and times in generative grammar and in Montague's PTQ*. Boston: D. Reidel.
- Dowty, David. (1991). Thematic proto-roles and argument selection. *Language* 67, 547-619.
- Duarte, Inês (2009). A "leveza" dos verbos leves. Universidade Federal do Rio de Janeiro. (http://www.clul.ul.pt/sectores/gramatica/publicacoes_preplexos/UFRJSet2009.pdf)
- Duarte, Inês et aliae (2009). Lexical and syntactic properties of complex predicates of the type <light verb + deverbal noun>. *Arena Romanistica* 4. (http://www.clul.ul.pt/sectores/gramatica/publicacoes_preplexos/Bergen.pdf)
- Duarte, Inês, Anabela Gonçalves & Matilde Miguel (2006). Verbos leves com nomes deverbais em português europeu. In: *XXI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, 315-328.
- Dubois, Jean (1968). La dérivation en linguistique descriptive et en linguistique transformationnelle. In: *Travaux de Linguistique et Littérature* VI/1: 27-53.
- Durand, Jacques (1990). *Generative and non-linear phonology*. London: Longman.
- Eco, Umberto (1999). *Kant e l'ornitorinco*. Milan, R.C.S. Libri, 1997. (Tradução portuguesa de José Colaços Barreiros, *Kant e o ornitorrinco*. Lisboa: Difel.)
- Fabb, Nigel (1998). Compounding. In: Andrew Spencer & Arnold Zwicky (Eds.), *The handbook of morphology*. Oxford: Blackwell, 66-83.
- Fábregas, Antonio (2010). A syntactic account of suffix rivalry in Spanish. In A. Alexiadou & M. Rathert (eds.), *The syntax of nominalisations across languages and frameworks*. Berlin & New York: Mouton de Gruyter, 67-91.
- Feldman, Laurie Beth, Patrick A. O'Connor, & Fermín Moscoso del Prado Martín (2009). Early morphological processing is morphosemantic and not simply morpho-orthographic: A violation of form-then-meaning accounts of word recognition. *Psychonomic Bulletin and Review* 16/4: 684-691.
- Field, John (2003). *Psycholinguistics. A resource book for students*. London & New York: Routledge.
- Fitch, W. Tecumseh; Marc D. Hauser & Noam Chomsky. (2005). The evolution of the language faculty: clarifications and implications. *Cognition* 97/2: 179-210.
- Flament-Boistrancourt, Danièle (1996). Une question abstraite: les N de la construction en Avec + ϕ + N. Un problème d'«abstrait» ou d'abs-traction? In: Nelly Flaux; Michel

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

- Glatigny & Didier Samain (Eds.), *Les noms abstraits. Histoire et théories*. Actes du Colloque de Dunkerque (15-18 septembre, 1992). Villeneuve d'Ascq: Presses Universitaires du Septentrion, 289-299.
- Flaux, Nelly (1996). Question de terminologie. In: Nelly Flaux; Michel Glatigny & Didier Samain (Eds.), *Les noms abstraits. Histoire et théories*. Actes du Colloque de Dunkerque (15-18 septembre, 1992). Villeneuve d'Ascq: Presses Universitaires du Septentrion, 76-90.
- Fodor, Jerry A. (1983). *Modularity of Mind: An Essay on Faculty Psychology*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press.
- Fradin, Bernard (2012). Sur la corrélation existant entre les suffixes *-age* et *-ment* et les distinctions sémantiques observables dans les nominalisations du français In: *Journée d'étude Nominalisations et Corpus (NOMICO)*. MSH Lorraine, Nancy: Université de Nancy 2.
- Gaeta, Livio (2015). Lexeme formation in a conscious approach to the Lexicon. In: Laurie Bauer; Livia Körtevelyessy & Pavol Štekauer (Eds.), *Semantics of complex words*. Cham; etc: Springer, 115-141.
- Galloway, Linda & Stephen Krashen (1980). Cerebral organization in bilingualism and second language. Robin Scarcella & Stephen Krashen (Eds.), *Research in second language acquisition: selected papers of the Los Angeles 2nd language acquisition research forum*. Rowley: Newbury House, 74-80.
- Garman, Michael (1990). *Psycholinguistics*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Gazzaniga, M. S. (1977). Consistency and diversity in brain organization. *Annals of the New York Academy of Sciences* 299: 415-423.
- Giegerich, Heinz (1999). *Lexical strata in English*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Giegerich, Heinz (2006). Attribution in English and the distinction between phrases and compounds. In: Petr Rösler (Ed.), *Englisch in Zeit und Raum - English in Time and Space: Forschungsbericht für Klaus Faiss*. Trier: Wissenschaftlicher Verlag Trier. (<http://www.lel.ed.ac.uk/aboutus/people/heinz/attributioninenglish.pdf>).
- Gonçalves, Anabela et alii (2009). Propriedades predicativas dos verbos leves *dar*, *ter* e *fazer*: estrutura argumental e eventiva. In: http://www.clul.ul.pt/sectores/gramatica/publicacoes_preplexos/actas_sel.pdf
- Grabar, Natalia et alii (2006). Productivité quantitative des suffixations par *-ité* et par *-able* dans un corpus journalistique moderne. In: Piet Mertens, Cédric Fairon, Anne Dister & Patrick Watrin (Éds.), *Verbum ex machina, Actes de la 13^e conférence sur le traitement automatique des langues naturelles*. Louvain-la Neuve: Presses Universitaires de Louvain, 167-177.
- Grimshaw, Jane (1996). *Argument structure*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press.
- Hale, Kenneth & Samuel Jay Keyser (1993). On argument structure and the lexical expression of syntactic relations. In: Kenneth Locke Hale; Samuel Jay Keyser & Sylvain Bromberger (Eds.), *The view from building 20: Essays in Linguistics in honour of Sylvain Bromberger*. Cambridge: Cambridge University Press, 53-110.

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

- Hall, Christopher (2000). Prefixation, suffixation and circumfixation. In: Geert Booij; Christian Lehman & Joachim Mugdan (Eds.), *Morphologie/ Morphology. An international handbook on inflection and word-formation*. Berlin & New York: Walter de Gruyter, 535-545.
- Halle, Morris (1973). *Prolegomena to a theory of word formation*. *Linguistic Inquiry* 4: 3-16.
- Halle, Morris & Alec Marantz (1993). Distributed morphology and the pieces of inflection. In: Kenneth Locke Hale; Samuel Jay Keyser & Sylvain Bromberger (Eds.), *The view from building 20: Essays in Linguistics in honour of Sylvain Bromberger*. Cambridge: Cambridge University Press, 111-176.
- Harley, Heidi & Rolf Noyer (1999). State-of-the Article: Distributed Morphology. *GLOT International* 4/4: 3-9.
- Haspelmath, Martin (2002). *Understanding morphology*. London: Arnold.
- Hauser, Marc; Noam Chomsky & Tecumseh Fitch (2002). The language faculty: What is it, who has it, and how did it evolve? *Science* 298: 1569-1579.
- Hawkins, Jeff & Sarah Blakeslee (2004). *On intelligence*. New York: Henry Holt and Company.
- Hay, Jennifer (2002). From speech perception to morphology: affix-ordering revisited. *Language* 78, 527-555.
- Hay, Jennifer B. 2003. *Causes and consequences of word structure*. New York and London: Routledge.
- Hay, Jennifer & Ingo Plag (2004). What constrains possible suffix combinations? On the interaction of grammatical and processing restrictions in derivational morphology. *Natural Language and Linguistic Theory* 22, 565-596.
- Hegedüs, Irén (2014). Affix doublets and affix rivalry in the history of English. *Argumentum* 10, 312-324. (http://argumentum.unideb.hu/2014-anyagok/angol_kotet/hegedusi.pdf)
- Hockett, Charles. (1954). Two models of grammatical description. *Word* 10: 210-234.
- Hohenhaus, Peter (2005). Lexicalization and institutionalization. In: Pavol Štekauer & Rochelle Lieber (Ed.), *Handbook of word-formation*. Dordrecht: Springer, 353-373.
- Hopper, Paul & Elizabeth Cross Traugott (1993). *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Jackendoff, Ray (1975). Morphological and semantic regularities in the lexicon. *Language* 51, 639-671.
- Jackendoff, Ray (1990). *Semantic structures*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press.
- Jackendoff, Ray (1992). *Languages of the mind. Essays on mental representation*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press.
- Jackendoff, Ray (1997). *The architecture of the language faculty*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press.
- Jackendoff, Ray (2002). *Foundations of language: brain, meaning and evolution*. Oxford: Oxford University Press.
- Jackendoff, Ray (2009). *Language, consciousness, culture: essays on mental structure*. (Jean Nicod Lectures). Oxford: Oxford University Press.

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

- Jackendoff, Ray (2010). *Meaning and the lexicon: the parallel architecture 1975-2010*. Oxford: Oxford University Press.
- Jackendoff, Ray (2012). *A user's guide to thought and meaning*. Oxford: Oxford University Press.
- Joanette, Yves; Pierre Goulet & Didier Hannequin (1990). *Right hemisphere and verbal communication*. New York: Springer.
- Kastovsky, Dieter (1968). *Old English deverbal substantives derived by means of a zero morpheme*. Esslingen/N.: B. Langer.
- Kastovsky, Dieter (1982). Word-formation: a functional view. *Folia Linguistica* 16: 181-198.
- Kastovsky, Dieter (2005). Conversion and/or zero: word-formation theory, historical linguistics, and typology. In: Laurie Bauer & Salvador Valera (Eds.), *Approaches to conversion/zero-derivation*. Munich: Waxmann: 31-49.
- Katz, Jerrold & Paul Postal (1964). *An integrated theory of linguistic descriptions*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press.
- Kazanina, Nina; Collin Phillips & William Idsardi (2006). The influence of meaning on the perception of speech sounds. *Proceedings of the National Academy of Sciences of USA* 30: 11381-11386.
- Kiparsky, Paul (1982). From cyclic phonology to lexical phonology. In: Harris van der Hulst, & Norval Smith (Eds.), *The Structure of Phonological Representations* (I). Foris Publications, 131-175.
- Kiparsky, Paul (1993). Paninian linguistics. In: R E Asher (Ed.), *Encyclopedia of languages and linguistics*. Oxford: Pergamon.
- Kiparsky, Paul (2009). On the Architecture of Pāṇini's Grammar. In: Gérard Huet; Amba Kulkarni & Peter Scharf (Eds.), *Sanskrit computational linguistics*. Springer, 33-94.
- Kiparsky, Paul (2012). Grammaticalization as optimization. In: Dianne Jonas, John Whitman & Andrew Garrett (Eds.), *Grammatical change: origins, nature, outcomes*. Oxford: Oxford University Press, 15-51.
- Krott, Andrea; Robert Schreuder & Harald Baayen (1999). Complex words in complex words. *Linguistics* 37, 905-926.
- Kuperman, Victor; Raymond Bertram & Harald Baayen (2010). Processing trade-offs in the reading of Dutch derived words. *Journal of Memory and Language* 62: 83-97.
- Leech, Geoffrey (1974). *Semantics*. Harmondsworth: Penguin.
- Lees, Robert (1960). *The grammar of English nominalizations*. The Hague: Mouton.
- Lehrer, Adrienne (2000). Are affixes signs? The semantic relationships of English derivational affixes. In: Wolfgang Dressler; Oskar Pfeiffer; Markus Pöchtrager & John Rennison (Eds.), *Morphological analysis in comparison*. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 143-154.
(<http://lehrer.faculty.arizona.edu/sites/lehrer.faculty.arizona.edu/files/Are%20affixes%20signs.pdf>)
- Levin, Beth & Malka Rappaport Hovav (1995). *Unaccusativity: at the syntax-lexical semantics interface*. Massachusetts: The MIT Press.

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

- Lieber, Rochelle (1981). *On the organization of the lexicon*. Bloomington: Indiana University Linguistic Club.
- Lieber, Rochelle (1992). *Deconstructing morphology*. Chicago: Chicago University Press.
- Lieber, Rochelle (2004). *Morphology and lexical semantics*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Lieber, Rochelle (2006). The category of roots and the roots of categories: what we learn from selection in derivation. *Morphology* 16, 247-272.
- Lieber, Rochelle (2010). *Introducing morphology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Lieber, Rochelle (2014). Theoretical approaches to derivation. In: Rochelle Lieber & Pavol Štekauer (Eds.), *The Oxford handbook of derivational morphology*. Oxford: Oxford University Press, 50-66.
- Lima, José Pinto de (2014). *Studies on grammaticalization and lexicalization. Estudos de gramaticalização e lexicalização*. Munich: Lincom.
- Lindell, Annukka (2006). In your right mind: right hemisphere contributions to language processing and production. *Neuropsychology Review* 16/3: 131-148.
- Lindsay, Mark (2012). Rival suffixes: synonymy, competition, and the emergence of productivity. In: Angela Ralli, Geert Booij, Sergio Scalise & Athanasios Karasimos (Eds.), *Morphology and the Architecture of Grammar. Proceedings of the 8th International Morphology Meeting*. Patras: University of Patras, 192-203. (<http://morbo.lingue.unibo.it/mmm>)
- Lindsay, Mark & Mark Aronoff (2013). Natural selection in self-organizing morphological systems. In: Fabio Montermini, Gilles Boyé & Jesse Tseng (Eds.), *Morphology in Toulouse: Selected Proceedings of Décembrettes 7*. München: Lincom, 133 - 153.
- Lipka, Leonhard (2002). *English lexicology: lexical structure, word semantics & word formation*. Tübingen: Narr.
- Luschützky, Hans Christian (2000). Morphem, morph und allomorph. In: Geert Booij; Christian Lehman & Joachim Mugdan (Eds.), *Morphologie/ Morphology. An international handbook on inflection and word-formation*. Vol. I. Berlin & New York: Walter de Gruyter, 451-462.
- Lyons, John (1977). *Semantics*. Vol. II. Cambridge: Cambridge University Press.
- Maat, Jaap (2013). General or universal grammar from Plato to Chomsky. In: Keith Allan (Ed.), *The Oxford handbook of the history of linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 397-417.
- Maia, Clarinda de Azevedo ([1986] 1997). *História do galego-português. Estudo linguístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian & Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica.
- Manova, Stela & Mark Aronoff (2010). Modeling affix order. *Morphology* 20, 109-131.
- Marín, R. & L. McNally (2009). From psych verbs to nouns (ms). International Workshop 'Events across Categories'. Madrid.
- Marquilhas, Rita (2013). A Mudança Linguística. In: Eduardo Paiva Raposo et aliae (Eds.), *Gramática do português*. Vol. I. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 17-45.

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

- Martin, F. (2010). The semantics of eventive suffixes in French. In A. Alexiadou & M. Rathert (eds.), *The semantics of nominalisations across languages and frameworks*, 109-139. Berlin & New York: Mouton de Gruyter.
- Matthews, Peter (1974). *Morphology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- McQueen, James M. & Anne Cutler (1998). Morphology in word recognition. In: Andrew Spencer & Arnold Zwicky (Eds.), *The handbook of morphology*. Oxford: Blackwell, 406-427.
- Mel'čuk, Igor (1982). *Towards a language of linguistics*. München: Fink.
- Mel'čuk, Igor (2000). Morphological processes. In: Geert Booij; Christian Lehman & Joachim Mugdan (Eds.), *Morphologie/Morphology. An international handbook on inflection and word-formation*. Vol. I. Berlin & New York: Walter de Gruyter, 523-535.
- Mendes, Amália (2013). Processos de gramaticalização. In: Eduardo Paiva Raposo et aliae (Eds.), *Gramática do português*. Vol. I. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 247-293.
- Meyer-Lübke, Wilhelm (1895). *Grammaire des langues romanes*. (Traduction par Auguste Doutrepont et Georges Doutrepont). Tome II *Morphologie*. Paris: H. Welter Éditeur.
- Meys, Willem (1975). *Compound adjectives in English and the ideal speaker-listener*. Amsterdam: North Holland.
- Moravcsik, Edith (2000). Infixation. In: Geert Booij et alii, *Morphologie/Morphology. An international handbook on inflection and word-formation*. Berlin, New York: Walter de Gruyter, 545-552.
- Morphology* 20.
- Narrog, Heiko & Bernd Heine (2011). Introduction. In: Heiko Narrog & Bernd Heine (Eds.), *The Oxford handbook of grammaticalization*. Oxford: Oxford University Press, 1-17.
- Nascimento, Maria Fernanda Bacelar do (2013). Processos de lexicalização. In: Eduardo Paiva Raposo et aliae (Eds.), *Gramática do português*. Vol. I Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 213-246.
- Oliveira, Fátima et alii (2009). Some remarks on the aspectual properties of complex predicates with light verbs and deverbal nouns. TABU Dag 2009, Universidade de Groningen.
- Olsen, Susan (2000). Composition. In: Geert Booij; Christian Lehman & Joachim Mugdan (Eds.), *Morphologie/Morphology. An international handbook on inflection and word-formation*. Vol. I. Berlin & New York: Walter de Gruyter, 897-915.
- Orgun, Cemil Orhan & Sharon Inkelas (2002). Reconsidering bracket erasure. In: Geert Booij & Jaap van Marle (Eds.), *Yearbook of morphology 2001*. Dordrecht: Kluwer, 115-146.
- Paul, Hermann ([1880] 1983). *Prinzipien der Sprachgeschichte*. (Tradução para português por Maria Luísa Schemann, *Princípios de história da língua*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.)
- Pawley, Andrew & Frances Syder (2000). The one-clause-at-a-time hypothesis. In: Heidi Riggensbach (Ed.), *Perspectives on fluency*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 163-199.

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

- Pereira, Isabel (2013). Processos de construção não concatenativa. In: Graça Rio-Torto et alii, *Gramática derivacional do português*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 463-491.
- Pereira, Rui (2008). *Formação de verbos em português. Formação heterocategorial*. München: Lincom.
- Pereira, Rui (2013). Formação de verbos. In: Graça Rio-Torto et alii, *Gramática derivacional do português*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 265-319.
- Pesetsky, David (1979). *Russian morphology and lexical theory*. Unpublished Manuscript. (<http://web.mit.edu/Linguistics/people/faculty/pesetsky/rusmorph.pdf>)
- Piattelli-Palmarini, Juan Uriagereka & Pello Salaburu (Eds.) (2009). *Of minds and language: a dialogue with Noam Chomsky in the Basque Country*. Oxford: Oxford University Press.
- Pinker, Steven (1994). *The language instinct*. London: Penguin.
- Pinker, Steven (1999). *Words and rules*. New York: Harper Perennial.
- Pinker, Steven (2007). *The stuff of thought: language as a window into human nature*. New York: Viking.
- Pinker, Steven & Beth Levin (1991). *Lexical and conceptual semantics*. Cambridge: The MIT Press.
- Plag, Ingo (1999). *Morphological productivity. Structural constraints in English derivation*. Berlin & New York: Mouton de Gruyter.
- Plag, Ingo (2000). On the mechanisms of morphological rivalry: A new look at competing verb-deriving affixes in English. In: Bernhard Reitz and Sigrid Rieuwerts (Eds.), *Anglistentag 1999 in Mainz Proceedings*. Trier: Wissenschaftlicher Verlag Trier, 63-76. (<http://www2.uni-siegen.de/~engspra/Papers/Morphology/Anglistentag.pdf>)
- Plag, Ingo (2002). The role of selectional restrictions, phonotactics and parsing in constraining suffix ordering in English. In: Geert Booij & Jaap van Marle (Eds.), *Yearbook of morphology 2001*. Dordrecht: Kluwer, 285-314.
- Plag, Ingo (2003). *Word-formation in English*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Plag, Ingo (2004). Syntactic category information and the semantics of derivational morphological rules. *Folia Linguistica* 38/3-4: 193-225.
- Plag, Ingo & Harald Baayen (2009). Suffix ordering and morphological processing. *Language* 85/1: 109-152.
- Plank, Franz (1981). *Morphologische (Ir-)Regularitäten: Aspekte der Wortstrukturtheorie*. Tübingen: Günter Narr.
- Pustejovsky, James (1995). *The generative lexicon*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press.
- Rainer, Franz (1988). Towards a theory of blocking. In: Geert Booij & Jaap van Marle (Eds.), *Yearbook of Morphology 1988*. Dordrecht: Foris: 155-185.
- Rainer, Franz (1993). *Spanische Wortbildungslehre*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag.
- Rainer, Franz (2005). Constraints on productivity. In: Pavol Štekauer & Rochelle Lieber (Eds.), *Handbook of word-formation*. Dordrecht: Springer, 335-352.
- Rio-Torto, Graça (1993). *Formação de palavras em português. Aspectos da construção de avaliativos*. Dissertação de Doutoramento em Linguística Portuguesa apresentada à Universidade de Coimbra. (Inédita). Coimbra.

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

- Rio-Torto, Graça (1998). *Morfologia derivacional. Teoria e aplicação ao português*. Porto: Porto Editora.
- Rio-Torto, Graça (2013a). Nomes deadjetivais. In: Graça Rio-Torto et alii, *Gramática derivacional do português*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 118-130.
- Rio-Torto, Graça (2013b). Nomes denominais. In: Graça Rio-Torto et alii, *Gramática derivacional do português*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 131-152.
- Rio-Torto, Graça (2013c). Adjetivos denominais. In: Graça Rio-Torto et alii, *Gramática derivacional do português*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 213-231.
- Rio-Torto, Graça (2013d). Prefixação. In: Graça Rio-Torto et alii, *Gramática derivacional do português*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 339-383.
- Rio-Torto, Graça et alii (2013). *Gramática derivacional do português*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Rio-Torto, Graça & Conceição Anastácio (2004). Estrutura e interpretação dos nomes depredicativos em português. In: Graça Rio-Torto (Org.), *Verbos e nomes em português*. Coimbra: Livraria Almedina, 187-220.
- Rio-Torto, Graça & Sílvia Ribeiro (2013). Composição. In: Graça Rio-Torto et alii, *Gramática derivacional do português*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 385-431.
- Rodrigues, Alexandra Soares (2001). *A construção de postverbaís em português*. Porto: Granito Editores e Livreiros.
- Rodrigues, Alexandra Soares (2002). Para compreender o mecanismo de formação dos chamados ‘derivados regressivos’. In: Isabel Duarte et alii (Eds.), *Encontro Comemorativo do 25.º Aniversário do Centro de Linguística da Universidade do Porto*. Vol 1. Porto: CLUP, FCT, FLUP, 9-19.
- Rodrigues, Alexandra Soares (2004a). Condições de formação de nomes postverbaís em português. In: Graça Rio-Torto (Org.), *Verbos e nomes em português*. Coimbra: Livraria Almedina, 129 -185.
- Rodrigues, Alexandra Soares (2004b). Aspectos da formação dos substantivos postverbaís do português. *Filologia e Lingüística Portuguesa* 6: 7-37.
- Rodrigues, Alexandra Soares (2008). *Formação de substantivos deverbaís sufixados em português*. München: Lincom.
- Rodrigues, Alexandra Soares (2009). Portuguese converted deverbal nouns: constraints on their bases. *Word Structure* 2: 69-107.
- Rodrigues, Alexandra Soares (2009). Portuguese converted deverbal nouns: constraints on their bases. *Word Structure*, Vol. 2, N.º 1, 69-107.
- Rodrigues, Alexandra Soares (2012a). What affixes reveal about word formation? In: Maria Bloch-Trojnar & Anna Bloch-Rozmej (Eds.), *Modules and interfaces*. Lublin: Wydawnictwo, 255-270.
- Rodrigues, Alexandra Soares (2012b). *Jackendoff e a arquitetura paralela. Apresentação e discussão de um modelo de linguagem*. München: Lincom.
- Rodrigues, Alexandra Soares (2013a). Nomes deverbaís. In: Graça Rio-Torto et alii, *Gramática derivacional do português*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 155-211.

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

- Rodrigues, Alexandra Soares (2013b). Adjetivos deverbais. In: Graça Rio-Torto et alii, *Gramática Derivacional do Português*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 232-363.
- Rodrigues, Alexandra Soares (2013c). Introdução. In: Graça Rio-Torto et alii, *Gramática derivacional do português*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 12-84.
- Rodrigues, Alexandra Soares (2013d). Is conversion a lexical or a syntactic process of word formation? *Linguística: Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto* 8: 89-120.
- Rodrigues, Alexandra Soares (2014). Causative eventive chains and selection of affixes in Portuguese nominalisations. *Lingue e Linguaggio* XIII/1: 159-184.
- Rodrigues, Alexandra Soares & Graça Rio-Torto (2013). Semantic coindexation: evidence from Portuguese derivation and compounding, In: Pius ten Hacken & Claire Thomas (Eds.), *The Semantics of Word Formation and Lexicalization*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 161-179.
- Rumelhart, Davis (1980). Schemata: the building blocks of cognition. In: Rand Spiro; Betram Bruce & William Brewer (Eds.), *Theoretical issues in reading comprehension perspectives from cognitive psychology, linguistics, artificial intelligence, and education*. Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 33-58.
- Ryding, Karin C. (2005). *A reference grammar of modern standard Arabic*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Saarinen, Pauliina & Jennifer Hay (2014). Affix ordering in derivation. In: Rochelle Lieber & Pavol Štekauer (Eds.), *The Oxford handbook of derivational morphology*. Oxford: Oxford University Press, 370-383.
- Sapir, Edward (1921). *Language: An introduction to the study of speech*. New York: Harcourt, Brace and Company.
- Saussure, Ferdinand de ([1916] 1995). *Cours de linguistique générale*. Publié par Charles Bally et Albert Sechehaye. Avec la collaboration de Albert Riedlinger. Édition critique préparée par Tullio de Mauro. Paris: Payot.
- Scalise, Sergio & Emilio Guevara (2005). The lexicalist approach to word-formation and the notion of the lexicon. In: Pavol Štekauer & Rochelle Lieber (Eds.), *Handbook of word-formation*. Dordrecht: Springer, 147-187.
- Scalise, Sergio (1984). *Generative morphology*. Foris: Dordrecht.
- Scharf, Peter (2013). Linguistics in India. In: Keith Allan (Ed.), *The Oxford handbook of the history of linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 227-257.
- Scher, Ana Paula (2005). As categorias aspectuais e a formação de construções com o verbo leve dar. *Revista GEL* 2, 9-38.
- Schlücker, Barbara & Matthias Hüning (2009). Compounds and phrases. Afunctional comparison between German A+N compounds and corresponding phrases. *Rivista diLinguistica* 21/1: 209-234.
- Schreuder, Robert & Harald Baayen (1997). How complex simplex words can be. *Journal of Memory and Language* 37:118-139.
- Selkirk, Elizabeth (1982). *The syntax of words*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press.

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

- Siegel, Dorothy ([1974] 1979). *Topics in English morphology*. New York: Garland Press.
- Siegel, Dorothy (1977). The Adjacency condition on the theory of morphology. In: *Proceedings of the Eighth Annual Meeting of the North East Linguistic Society*. Amherst: Massachusetts, 189-197.
- Siegel, Dorothy (1979). *Topics in English morphology*. New York: Garland Press.
- Sinclair, John (1991). *Corpus, concordance, collocation*. Oxford, Oxford University Press.
- Slobin, D. I. (1978). A case study of language awareness. In: Anne Sinclair; Robert Jarvella & Willem Levelt (Eds.), *The child's conception of language*. Berlin: Springer, 45-64.
- Smith, Carlota (1991). *The parameter of aspect*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.
- Spencer, Andrew (1991). *Morphological theory*. Oxford: Blackwell Publishers.
- Spencer, Andrew (1993). Morphophonological operations. In: Andrew Spencer & Arnold Zwicky (Eds.), *The handbook of morphology*. Oxford: Blackwell, 123-143.
- Steinberg, Danny D. & Natalia V. Sciarini (2006). *An introduction to psycholinguistics*. London: Pearson/ Longman. 2nd edition.
- Sturtevant, Edgar H. (1917). *Linguistic change*. Chicago & London: University of Chicago Press.
- Ten Hacken, Pius (2000). Derivation and compounding. In: Geert Booij; Christian Lehman & Joachim Mugdan (Eds.), *Morphologie/Morphology. An international handbook on inflection and word-formation*. Vol. I Berlin & New York: Walter de Gruyter: 349-359.
- Tenny, Carol (1994). *Aspectual roles and the syntax-semantics interface*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.
- Thorn, Annabel & Mike Page (2009). *Interactions between short-term and long-term memory in the verbal domain*. London & New York: Routledge.
- Tomasello, Michael (2000). Do young children have adult syntactic competence? *Cognition* 74: 209-253.
- Trips, Carola (2008). New insights into the rivalry of suffixes. In: Angela Ralli, Geert Booij, Sergio Scalise & Athanasios Karasimos (Eds.), *Morphology and Dialectology. Proceedings of the 6th International Morphology Meeting*. Patras: University of Patras, 132-145. (<http://morbo.lingue.unibo.it/mmm>)
- Ullman, Michael (2004). Contributions of memory circuits to language: the declarative/procedural model. *Cognition* 92: 231-270.
- Ullmann, Stephen. (1957). *Principles of semantics*. Glasgow, Jackson & Oxford: Blackwell.
- Van de Velde, Danièle (1996). La détermination des noms abstraits. In Nelly Flaux; Michel Glatigny & Didier Samain (Éds.), *Les noms abstraits. Histoire et théories*. Actes du colloque de Dunkerque (15-18 septembre, 1992). Villeneuve d'Ascq: Presses Universitaires du Septentrion, 275-287.
- Van Lancker, Diana & Gerald Canter (1981). Idiomatic versus literal interpretations of ditropically ambiguous sentences. *Journal of Speech and Hearing Research* 24/1: 64-69.
- Van Lancker, Diana; Gerald Canter & Dale Terbeek (1981). Disambiguation of ditropic sentences: acoustic and phonetic cues. *Journal of Speech and Hearing Research* 24/3: 330-335.

A Gramática do Léxico: Morfologia Derivacional e o Léxico Mental

- Vendler, Zeno (1967). *Linguistics in philosophy*. Ithaca/ London: Cornell University Press.
- Verkuyl, Henk (1972). *On the compositional nature of the aspects*. Dordrecht: D. Reidel.
- Verkuyl, Henk (1993). *A theory of aspectuality: the interaction of temporal and atemporal structure*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Wildgruber, Dirk et alii (1999). Differential activation patterns during discrimination of affective prosody: influence of acoustics, emotional valence, accuracy, sex. *Neuroimage* 9/6: part 2: S1018.
- Williams, Edwin (1981). On the notions 'Lexically related' and 'head of a word'. *Linguistic Inquiry* 12: 245-274.
- Willmet, Marc (1996). À la recherche du nom abstrait. In: Nelly Flaux; Michel Glatigny & Didier Samain (Éds.), *Les noms abstraits. Histoire et théories*. Actes du Colloque de Dunkerque (15-18 septembre, 1992). Villeneuve d'Ascq: Presses Universitaires du Septentrion, 67-75.
- Wiltshire, Caroline & Alec Marantz (2000). Reduplication In: Geert Booij; Christian Lehman & Joachim Mugdan (Eds.), *Morphologie/Morphology. An international handbook on inflection and word-formation*. Vol. I. Berlin & New York: Walter de Gruyter, 557-566.
- Wray, Alison (2002). *Formulaic language and the lexicon*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Wray, Alison (2008). *Formulaic language: pushing the boundaries*. Oxford: Oxford University Press.

Este livro oferece uma reflexão acerca do léxico como um domínio da linguagem estruturado gerativamente de modo dinâmico como uma 'gramática'. Este entendimento do léxico alicerça-se numa visão crítica de diferentes concepções teóricas em torno do léxico e da sua gramática, bem como daquelas que explicam a área particular da genolexia. Da análise dessas perspectivas, opta-se por uma conceptualização que equaciona o léxico e a formação de palavras como uma 'gramática' regida por mecanismos de interface entre a fonologia, a sintaxe e a semântica.

Dentro deste domínio da formação de palavras, analisa-se o funcionamento lexical e genolexical, nomeadamente a produtividade e a criatividade e a sua organização em paradigmas mentais, como os fenómenos de flexão, alomorfia e Regras de Formação de Palavras. Com um carácter inovador, este livro oferece uma explicação detalhada das restrições de seleção entre bases e afixos como produto e produtoras da gramática dinâmica do léxico.



LINCOM EUROPA
academic publications

ISBN 978 3 86288 650 0



9 783862 886500